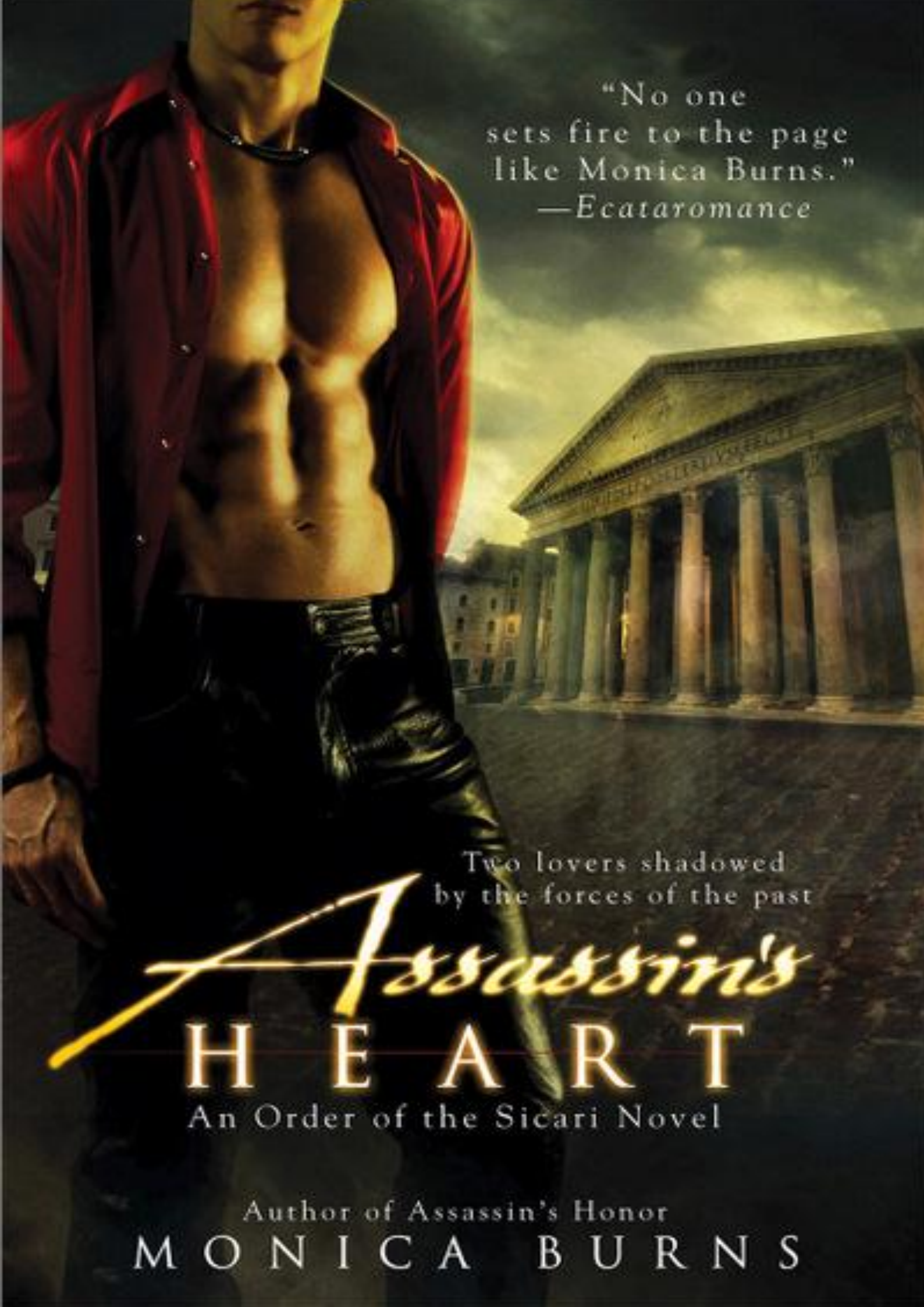




"No one
sets fire to the page
like Monica Burns."
—*Ecataromance*

Two lovers shadowed
by the forces of the past

Assassin's H E A R T

An Order of the Sicari Novel

Author of *Assassin's Honor*

MONICA BURNS



Assassin's HEART

MONICA BURNS



BERKLEY SENSATION, NEW YORK



AFTER DARK

O passado e o presente colidem em um novo romance paranormal emocionante do autor de Honra dos Assassinos.

O meio anjo, meio-demônio rosto que Lysander telepática vê no espelho é um lembrete do monstro que ele deve manter escondido para evitar a sua expulsão de uma ordem de assassinos. Seus sonhos da Roma antiga insinuam o destino com uma mulher que ele ama, mas nunca pode ter.

Quando a talentosa curadora Phaedra viaja para Roma em busca de um lendário artefato, ela trabalha ao lado de um homem que já rejeitou seu amor e seu toque de cura. Mas seus sonhos da Roma Antiga dizem sobre um futuro irreversíveis e possivelmente perigoso. Para o passado distante e presente estão prestes a colidir com o homem que ela está destinada a amar.

Para Beverly Castellano
Você amou o conceito de meus heróis Sicari.
Eu só queria que você pudesse ter visto eles ganharem vida nas páginas.
Sentimos sua falta .

Capítulo 1

CHICAGO

Um Ano Atrás....

Lysander acordou com gritos. A dor foi seguinte o sinal de que ele ainda estava vivo. O corte em sua coxa doía com a força de um touro enfiando um chifre nele. Os gritos se intensificaram. Pareciam gritinhos agudos de um animal em terror e dor. Seu intestino torceu. Dominic? Ou Pedro? Ele imediatamente estendeu sua mente, e tentou descobrir quantos *Pretorianos* estavam na outra sala. Nenhuma única emoção ou pensamento.

Christus, quanto tempo ele esteve apagado? Sua capacidade telepática nunca tinha sido tão forte, mas pelo menos deveria ter sido capaz de saber quantos dos *bastardi* estavam lá. Um gosto salgado em sua língua lhe disse que sua boca estava cheia de sangue. Ele a cuspiu no chão e abriu os olhos. A sala escura não era muito maior do que uma sala de armazenamento. Corda de nylon ligavam seus pulsos, puxando os braços por cima de sua cabeça em um estiramento doloroso. Ele puxou suas restrições suavemente.

Merda, isso machucava. Quanto tempo ele esteve pendurado aqui? Os gritos do outro lado da porta da sua prisão, se elevou, crescendo selvagem até que acabasse em um choro.

Pretorianos tinham refinado suas habilidades de tortura durante a Inquisição. Tecnologia só acabara de atualizar essas habilidades. Uma fria e viciosa mordida de uma desconhecida emoção tentou surgir através dele. Ele suprimiu. Ninguém sobrevivia a sessões de tortura *Pretoriana*, e os restos do *Sicari* que ele viu, disse que eles tinham morrido de mortes agonizantes. Ele fechou os olhos em uma tentativa desesperada de impedir a entrada de imagens horríveis. Pense em outra coisa.

Phaedra. As horríveis emoções construídas dentro dele se aliviaram um pouco. Deus, ela tinha uma boca linda. E o cabelo dela. Suave como seda. Enfiar os dedos naquela seda escura a

noite passada. . . ontem à noite. Ele estremeceu como o sofrimento passou por ele. Talvez o Campos Elísios¹ o deixaria recriar os momentos incríveis com ela tantas vezes quanto quisesse.

Ao lado dele, um gemido suave de medo forçou-o a virar a cabeça. Marta. A poucos metros de distância, ele viu sua curadora amarradas a uma parede. Louvado Júpiter², pelo menos ela ainda estava viva. No momento seguinte, ele se lembrou do que acontecia com os curadores. Culpa roía-lhe com selvagem alegria.

— Marta?

— Eu estou assustada, Lysander. — O terror em sua voz quase o fez desistir de seu próprio medo.

— Eu sei, *cara*.

— Eles pegaram Pedro primeiro.

Era uma simples afirmação, significa que era apenas para informar, mas isso enviou mais culpa, cortando-o. Isso era culpa dele. Ele devia ter o conhecimento que algo estava errado no momento em que entrou no armazém.

— Marta —

— Deixe para lá, Lysander. Você não é culpado. — O seu perdão o corroeu, mas ele ignorou.

— Nós vamos sair daqui. — Seus dedos exploraram o nó de nylon, segurando seus pulsos juntos em um aperto doloroso. Nó de marinheiro. Imediatamente, ele visualizava a corda deslizar

¹ Na mitologia romana, os Campos Elísios em Elysium eram o local de descanso das almas dos heróicos e os virtuosos enquanto que na mitologia grega eram o local de repouso de apenas a minoria privilegiada.

² Na mitologia romana, Júpiter (em latim Iuppiter) realizou o mesmo papel de Zeus na mitologia grega como a principal divindade do panteão. Iuppiter foi chamado Optimus Maximus Soter ("Júpiter melhor, mais velhos e mais sábios"), como deus patrono do Estado romano, encarregado das leis e da ordem social. Ele foi o deus chefe da Tríade Capitolina, que estava com Juno e Minerva. Júpiter era retratado como um Deus sábio e justo, mas tinha um ótimo temperamento, reinou sobre a terra e o céu e seus atributos eram a águia, raios e cetro.

distante em direções opostas até que o soltou. Nada aconteceu. Na familiar escuridão, viu Marta virar a cabeça em sua direção.

— Não vai funcionar. — As palavras eram um suspiro silencioso da derrota.

— Eles deram aos três de vocês, algum tipo de droga para suprimir a telecinese. Dominic tentou se libertar por todo o caminho até o último minuto, mas não pode. Nós vamos morrer aqui.

Não. Os *Pretorianos* não a deixaria-a morrer. Ela era um estoque de criação. Ele enterrou o pensamento e voltou sua atenção para a corda, segurando-o como refém. Fechando os olhos, os dedos ajudaram a memorizar o caminho que a corda foi amarrada. Os gritos da outra sala ganharam força novamente e, quase como se eles viessem de longe, ele ouviu os pensamentos de Dominic. Um sussurro mais do que qualquer outra coisa. Nada claro. A droga deveria estar perdendo os efeitos. Mas será que sumiriam a tempo de pegar ele e Marta para sair daqui?

O pensamento aumentou seu desespero para se soltar. Não havia nada que pudesse fazer por seu amigo, mas talvez ele poderia tirar Marta daqui. Salvá-la de um destino pior do que o ele iria acabar. Mesmo sabendo que não tornava fácil de fechar para fora os gritos.

Quase como se pudesse ler seus pensamentos, o medo dela vibrou pela sala como um instrumento sendo tocado com uma fúria selvagem. Ele reforçou sua crença de que suas habilidades estavam retornando. Ele concentrou sua atenção sobre o nó, concentrando-se duramente em desfazer mentalmente as fibras retorcidas. Os gritos de Dominic ficavam mais altos - saltando fora das paredes da sala em um nível assustador.

Um medo doentio se agarrou neles. Concentre-se. Seu amigo estava tão bem como morto. Ele tinha que se concentrar em tirar Marta para fora desta câmara de tortura. Acima, ele sentiu um ligeiro movimento da corda.

Triunfo rolou por ele. Ele queria dizer a Marta, mas ele não o fez. Seria cruel aumentar suas esperanças apenas para vê-los esmagados se ele não conseguisse a tempo. O pensamento o

fez trabalhar mais. A corda cutucou de um modo a liberar um pouquinho mais. No fundo de sua mente, ouviu a voz de Phaedra sussurando encorajamento.

Ele tinha certeza que era um produto de sua imaginação, mas reforçou sua coragem quando nada mais poderia. Ele estaria condenado se ele fosse perdê-la, justo quando ele a encontrou.

Ele voltou sua atenção para a corda, apenas para sentir o que parecia ser os medos de Phaedra por ele. Impossível. Ele sabia muito bem que era simplesmente sua mente compensando a pressão sob a que ele estava agora. A mente fazia coisas estranhas quando estava sob stress.

Mais uma vez, concentrou-se na corda, bloqueando tudo, menos o nó de nylon. Após vários minutos, a fuga mental tornou fácil sua concentração. *Christus*, isso era quase tão duro quanto quando ele tinha aceitado o desafio de Cleo quando era pequeno para destravar a cabine que mantinha os sagrados Pergaminhos de Aprovação de Trabalhos da Ordem. Desta vez, o seu fracasso não seria o Indictio³. E agora, ele aceitaria isso de bom grado. Ele visualizou o desvendar do nó da corda, quando uma súbita mudança nas emoções ecoou na parte de trás da cabeça.

Os gritos estridentes de Dominic inchou ainda mais alto na pequena prisão depois abruptamente ficou em silêncio. Uma emoção escura deslizou por suas veias.

— Lysander.

No minuto que Marta disse seu nome, ele virou a cabeça na direção dela. A resignação em seu rosto o encheu de raiva, culpa e medo. Ele falhou. Ele ia morrer, e Marta – ele fechou as imagens do que ela ia enfrentar.

— Eu ainda estou aqui, *cara*.

— Eles estão vindo.

— Eu sei, — ele disse com voz rouca.

³ Indictions originalmente se referia à reavaliação periódica de um imposto sobre terrenos agrícolas ou no final do terceiro século Egito e romano.

Ele freneticamente visualizou o nó acima de sua cabeça se abrindo, liberando-o de sua influência.

Quando isso não funcionou, o instinto animal de base tomou conta, e ele serrou ao nylon com seus pulsos em um esforço desesperado para se libertar. — Lysander? eu não vou deixá-los que se reproduzam em mim, — ela murmurou, quase como consolando-se. — Vou encontrar uma maneira de impedir que isso aconteça.

— *Fotte*, — ele bradou quando a porta de sua prisão se abriu.

Cego pela súbita luz que inundava o quarto, estendeu-se com seus pensamentos para determinar quantos *Pretorianos* estavam ali. Dois. O medo e a raiva inchou dentro dele enquanto ele continuava a serrar a corda com os punhos. Alguém correu para ele, e seu último pensamento foi Phaedra antes que a luz do quarto piscasse para fora. Ele acordou para se encontrar apoiado sobre uma superfície dura, a cabeça fixada no lugar por uma tira de couro. As vigas diretamente acima dele diziam que ele ainda estava no armazém. O tilintar suave de ferramentas de metal batendo uma contra as outras o fez querer voltar-se para o som, mas não podia. Um riso bem silencioso ecoou em sua mente, e ele instintivamente ergueu um escudo contra a sonda mental.

— Você tem um nome, inominável?

O tom de voz agradável do homem não diminuiu o medo repentino rastejando em sua pele.

Aumentando. Ele fechou os olhos e tentou conter a emoção que ameaçava afogá-lo. Não. Ele não poderia se entregar ao terror. Isso drenaria sua capacidade de manter esse bastardo fora de sua cabeça. Ele engoliu em seco e tentou se concentrar em algo agradável. Algo que o *Pretoriano* não poderia usar contra ele.

Flores. Quando foi a última vez que ele comprou flores para alguém? O pensamento era idiota, mas ele podia sentir a irritação do *Pretoriano* quando sua barreira mental mantinha o homem de um exame mais profundo.

— Vamos, Inominável. Diga-me seu nome.

— Por quê? Isso realmente não importa, não é? — Uma imagem de Phaedra conseguiu passar pelo escudo.

— Não realmente, mas isso personaliza a experiência. — Havia uma nota de divertimento na voz do homem que dizia que ele tinha visto Phaedra. Isso enviou um raio de raiva por ele.

— Eu tenho certeza que faz, — ele rosnou quando abriu os olhos para encontrar o monótono olhar do *Pretoriano*.

Ele rolou saliva e sangue em torno de sua boca e cuspi-o no homem. — Lysander Condellaire, *Primus Pilus* da Ordem dos *Sicari*, filho de Aurelia e Massimo Condellaire.

— Um *Primus pilus*. Sinto-me honrado. — O homem fingiu escovar uma mancha do espeto que nem sequer tinha chegado perto dele. — Não é sempre que tenho Primeiro Escalão para administrar a redenção. Sou Nicostratus. Seu juiz e júri. Como um herege, você pode se arrepender a qualquer momento.

Ele não respondeu. Algo dizia que este bastardo gostava de conversar com suas vítimas, e ele não ia dar o filho da puta essa satisfação. Na verdade, ele ia lutar muito para não dar ao homem qualquer tipo de resposta, não importa o quão ruim - uma vermelha e quente agulha de dor raspou o seu caminho através de sua pele. Ele quase mordeu a língua fora para não gritar em voz alta.

Em vez disso, ele enfiou os dedos nas palmas das mãos, e seu corpo estremeceu violentamente contra suas restrições. Era impossível escapar do fogo persistente da agulha ou da dor excruciante.

Quando ele parou, ele se encontrou respirando pesadamente em alívio - pronto a soluçar. Um momento depois, o corpo resistia duramente contra as tiras segurando-o para baixo.

Muito lentamente, a pele de seu rosto deu lugar ao toque cruel do homem. As terminações nervosas enviaram sinais terríveis para o seu cérebro em sua súbita exposição ao ar. Ele quase chorou de dor, mas engoliu o choro, ele queria se deixar relaxado.

— Você é um homem corajoso, Condellaire. Não é sempre que me deparo com uma capacidade inominável de reter os gritos quando eu esfolo sua pele.

Lysander abriu os olhos e se engasgou com bÍlis, quando Nicostratus mostrou-lhe um pedaço de carne pendurado em uma pequena pinça. Ele engoliu o líquido amargo na garganta, mas não antes de uma onda de desespero cair sobre ele. A emoção lhe enviou em espiral para baixo, em um lugar escuro onde ele queria esconder o que estava acontecendo com ele. Mal ele bateu no fundo desse poço infernal de pena, ele lutou de volta. Ele contrariou seu corpo contra suas restrições.

— *Fotte* você, seu bastardo *Pretoriano*, — ele murmurou, cada palavra mais angustiante do que a última quando o movimento dos seus lábios puxaram os músculos expostos em sua bochecha. Em sua mente, ele visualizava o punho se dirigindo para o rosto do homem.

Seu esforço foi recompensado pela cabeça Nicostratus voando para trás a partir do soco invisível.

Em menos de dois segundos, o homem recuperou e chegou rapidamente para algo na bandeja ao lado da mesa. Agulha na mão, o Pretoriano empurrou as mangas de Lysander e injetou-lhe algo.

— Você é mais forte do que eu pensava. Mas isso deve mantê-lo em cheque, — disse Nicostratus com apenas um toque de raiva. O homem começou a empurrar a manga de Lysander para baixo, mas parou. — Bem, agora o que temos aqui? Uma marca de nascença?

A voz do homem era gentilmente persuasiva, de uma maneira que enviou uma sensação gelada rastejando sobre a pele do Lysander. Um instante depois, as expostas terminações nervosas em seu rosto iluminaram em uma amarga explosão de ardente dor.

Christus, o *Pretoriano* estava dando batidinhas em seu músculo exposto. Ele ferozmente mordeu o gemido crescente em seu peito. Quando ele não respondeu, o homem fez um pequeno ruído que indicou curiosidade.

— Diga-me, Condellaire, sua mãe nunca lhe explicou de onde vem essa marca?

— Meu pai, bastardo.

— Seu pai. Eu vejo.

Um sussurro de som perambulava pela sua cabeça. O filho da puta estava tentando ler sua mente novamente. Desesperado, ele lutou para fortalecer o escudo em volta seus pensamentos e encheu sua cabeça com absurdas imagens. Qualquer coisa para bloquear a sondagem do homem. Ele não deixaria que sua mente traisse a assossiação ou a Ordem. Os pensamentos do Pretoriano se reforçaram em um esforço para cavar mais fundo.

Lysander escorou na frágil parede que ele construiu dentro de sua cabeça com imagens de sua mãe.

Determinação e força de vontade ajudou a puxar toda a memória de sua mãe, que poderia encontrar dentro de si. O *Pretoriano* riu. Não era um som agradável. Pelo contrário, incentivou o desamparo que se enraizou no estômago e espalhou através de cada músculo em seu corpo.

Sondagem mental do homem retirou-se e os músculos do Lysander estremeceram num estado flácido, sua capacidade quase à beira do fracasso. *Christus*, ele não poderia falhar. Ele não daria a esse bastardo essa satisfação. O som de metal contra metal lhe disse que a esfolação estava preste a começar de novo. Olhos fechados e os punhos cerrados com força, ele trancou sua mandíbula, em preparação para a agulha de fogo esfolando um caminho em sua pele novamente.

— Isto é para não me conhecer, garoto.

Intrigado com o comunicado, a tensão em seu corpo diminuiu um pouco antes do laser atingir a sua pele.

Um filete de fogo após o outro voou através de seu olho em um padrão de X. No fundo de sua mente, ele começou a soluçar pela sua incapacidade de salvar seus amigos ou a si mesmo deste inferno. Ele era impotente, e esse conhecimento o esmagou. Em algum lugar ele ouviu o

som de gritos, e percebeu que era ele quando o laser continuou o seu terrível caminho em sua bochecha. Ele afundou no buraco. Quando voltou a si, imediatamente desejou que pudesse rastejar para trás no esquecimento. Ele automaticamente abriu os olhos, e a ação disparou um raio de profundidade na parte de trás de sua cabeça, enquanto a pálpebra ergueu-se fora de seu globo ocular cauterizado. Puxou um outro rugido de dor dele. Nicostratus riu.

— Agora, meu filho. Precisamos falar, como não temos muito tempo.

— Apenas termine isso, seu *fotte*. — A dor que lhe custou falar o fez deslizar em direção à borda do abismo escuro, e ele fechou os olhos novamente.

— Eu não vou acabar com isso, Lysander. Eu não poderia matar meu próprio filho. — As palavras lhe rasgaram com a mesma força dolorosa do laser que o homem havia usado contra ele. Este filho da puta não era simplesmente insano, ele era sádico.

— *Merda di toro*.

— Não, é verdade. Estou tão surpreso quanto você. E eu acho interessante que ninguém lhe disse sobre sua mãe e eu. Nós tínhamos uma... bem, digamos que ela resistiu aos meus encantos.

Dor fez o seu pensamento lento. Resistiu. O bastardo estava dizendo que tinha estuprado sua mãe? Não é possível. O homem estava insultando-o em um esforço para quebrá-lo. O *Pretoriano* fez mais uma tentativa de quebrar o último muro defensivo que ele tinha construído em torno de informações estratégicas da Ordem. Não era possível pensar em linha reta, uma imagem de Phaedra encheu sua cabeça, e ele agarrou-se à memória da noite anterior. Nicostratus fez um barulho de insulto.

— Ah, sim, isso me lembra de como eu comi a sua mãe. Se eu soubesse que ela estava pronta para produzir, gostaria de tê-la levado comigo.

— Você é um mentiroso. — Cada palavra enviou fogo em seu cérebro, e ele levou um instante para perceber que ele estava chorando as palavras.

— Não, meu rapaz. Dê uma olhada.

Lysander tentou manter os olhos fechados, mas os dedos beliscaram sua pálpebra, forçando abrir o olho que lhe restava. Ele olhou para a marca no braço do Nicostratus. Imerso em agonia, ele não conseguia se concentrar. Apesar de sua incerteza quanto ao que ele realmente estava olhando, ele queria vomitar. Profundamente dentro dele, um pensamento vago registrou a imagem, mas ele se recusou a acreditar. Ele tentou sacudir a cabeça.

— O quê? — ele sussurrou, mal conseguindo falar.

— Olhe mais de perto, Lysander. É a prova que eu sou seu pai.

— A marca? — Ele fechou os olhos, rezando para o esquecimento. Dedos beliscaram sua pálpebra novamente.

— A águia. Você vê isso?

Ele gemeu quando piscou e focalizado sobre a marca que o homem tinha em seu braço. O Bastardo tinha perdido. Essa marca não era uma águia - era um pássaro. Sua marca era uma águia. Sua mãe havia dito que pertencia a seu pai.

— O seu ... pássaro. Não... águia. — Ele mal conseguiu pronunciar as palavras quando ele ficou à beira da consciência.

— Olhe de novo, rapaz.

De repente, havia dois braços na sua frente, combinando duas águias em quase idênticos pontos. Eles turvaram. Ele estava vendo em dobro, isso é tudo. O desamparo atingiu seu coração, desmanchando-o como um animal raivoso. Ele arregalou os olhos, a mente tentando compreender o que estava vendo.

— Não. — Ele não teve forças para gritar, e o *Pretoriano* riu.

— Mas é claro que é verdade. Eu soube na hora que sondei sua mente. Como você explica sua extraordinária capacidade de resistir as minhas repetidas sondagens de informações? Um verdadeiro *Sicari* poderia mostrar alguma resistência para mim, mas não iriam ser tão fortes como você. — Nicostratus fez um som suave de divertida desaprovação.

— Não é verdade, — respondeu asperamente, em seguida, gritou com a dor quando o bastardo *Pretoriano* bateu levemente na pele de sua bochecha.

— Você teria sido um bom *Pretoriano*, meu rapaz. Sua capacidade de desafiar a dor que está sentindo é excepcional.

O laser bateu na pele novamente da orelha até o queixo. A dor puxou um grito agudo de terror agonizante dele, e ele caiu de costas em um poço negro de nada - seu último pensamento foi da Roma antiga e Phaedra correndo para encontrá-lo. Ele estava em casa novamente.

Ele não tinha idéia de quanto tempo esteve fora, mas quando acordou, estava tudo escuro e silencioso. Era noite em Campos Elísio? Ele tentou sentar-se. O leve movimento enviou fogo cruzando todas as células de seu corpo. Ele começou a chorar. O *Pretoriano* o tinha deixado aqui para morrer. Sozinho. Seu próprio filho.

Ele grunhiu ainda em horror. Ele não era *Sicari*. Ele foi *Pretoriano*. O pensamento obsceno puxou um grito de negação dele. Sua mente pairava à beira do desespero. Impossível. Não podia ser verdade. Mas tinham a mesma marca de nascença. O sussurro da verdade enrolou em sua cabeça. Ele não iria acreditar nisso. O bastardo estava mentindo. Uma lágrima rolou na pele de seu rosto, e ele puxou um soluço de angústia.

— *Fotte. Fotte. Fotte.*

Foi um grito de medo e desamparo, bem como um grito de agonia. Mais lágrimas correram sobre seus músculos nus, até que a dor mandou de volta para aquele lugar escuro novamente.

Vozes filtravam seu caminho para dentro do poço, e ele estremeceu de terror. Eles voltaram para ele. Como um animal selvagem antecipando mais tortura, ele se puxou na sua

retenção, ignorando o fogo que consumia seu corpo. Ele não seria capaz de manter o filho da puta fora de sua cabeça neste momento. Ele ouviu pés correndo, e então ele sentiu o cheiro suave de uma mulher. Marta?

— *Dulcis matris Deus.* — Cleo se inclinou sobre ele, sua mão fria escovando sua testa.

Horror arregalando seus olhos quando ela olhou para ele. No instante seguinte, ela falou em seu microfone. — Lysandro está vivo, mas eu não sei por quanto tempo. Ele precisa de *Curavi*. Agora.

Ele não podia ouvir a resposta que ela teve, mas uma súbita imagem de Phaedra encheu sua cabeça. Ela esteve aqui. Um sutil calor o preencheu enquanto o medo e preocupação dela sussurrava docemente em sua mente. Deus, ele precisava dela agora. Precisava sentir seu toque. Sua mão na sua, ela curando-o - não.

O som de pés batendo no chão do armazém, mais e mais uma vez, e primeiro Ares então Phaedra entrou no seu campo de visão. Ele nunca tinha visto uma vista mais bonita, mas ainda terrível, em toda sua vida.

Ele não poderia tomar parte em ver seu lindo rosto marcado por ferimentos. Não poderia deixá-la ver o monstro dentro dele. Terror passou dele, quando ela pegou sua mão.

Atormentado, ele puxou para o apoio. Se ela o tocasse - tentasse curá-lo, ela veria o que ele era. Ele não podia deixar isso acontecer. Não poderia deixá-la realizar o *Curavi*.

— Não. Não *Curavi*.

Cleo segurou em seu braço. — *Christus*, ele está fora de si com a dor.

— Pelo amor de Deus, Cleo. Aperte esses apoios. — Pânico se atava a voz de Phaedra. — Eu não posso curá-lo se ele estiver lutando contra mim. Vou curar as lesões menores primeiro. Então, podemos transportá-lo. Quando estivermos em casa, eu vou... Eu vou fazer o possível para suas outras feridas.

Ele a viu engolir em seco e reconheceu o seu medo. A ideia dela ter seus ferimentos era um pesadelo, mas ele sabia, sem sombra de dúvida que, quando ela lhe tocasse seria capaz de ver toda a escuridão dentro dele. Ele estava fraco demais para mantê-la trancada fora de seus pensamentos se ela tocasse nele. Ela ia ver. Ela veria tudo, porque a dor era horrível demais para impedi-la de descobrir a verdade.

— Não, — ele rugiu. — Não *Curavi*.

A força da sua voz ecoou bem alto na sala, e ele ouviu Ares proferir uma viciosa maldição, enquanto Cleo agarrava sua mão em um aperto de morte. Medo e horror escureceram os olhos de Phaedra quando ela se curvava sobre ele. Sua boca roçou em toda a orelha e em seu rosto sem marcas.

— Deixe-me fazer isso por você, *carino*, — ela sussurrou com uma voz doce e suave. — Eu não tenho medo.

— Não. Recuso o *Curavi*.

Ele tentou sacudir a cabeça enquanto tentava passar as palavras através da dor. Não poderia deixá-la ver. Assassinato de seus pais. . . odiava os *Pretorianos*. . . não podia suportar seu ódio. Ele sentiu-se escorregar no esquecimento e escalou o penhasco de volta para a dor. Ela o curaria sem a sua autorização, se ele não protestasse.

— Olha, seu filho da puta idiota. — A voz de Cleo era dura. — Você deixa Phaedra curar você ou eu vou buscar um outro. Você está me ouvindo?

— Não... morto já. — E ele estava. Ele era *Pretoriano*, e se alguém descobrisse... ele preferiria morrer.

— Me dê suas mãos, Lysander. Com sua permissão, eu preciso te tocar para curar seus ferimentos. — Havia um desespero frenético na voz de Phaedra, mas só o fez cerrar os punhos apertados.

— Eu. Recuso. *Curavi*.

Sua voz não era alta, mas era forte e determinada. Ele ouviu alguém próximo liberar um som vicioso. Ares. Sua *Legatus* forçou Cleo para o lado para segurar seu braço.

— Aceite o maldito *Curavi*, Bastardo estúpido, — seu líder da assosiação ordenou em voz forte.

Algo molhado bateu no rosto sem cicatrizes, e seu olhar mudou de Ares para Phaedra. Na penumbra, ele podia ver as lágrimas agarradas a seus cílios. Ele não iria machucá-la. Não deixaria ela ver que ele era tudo o que ela odiava. Ele a amava muito. Ele não poderia deixá-la ver isso ou sua vergonha. Ele soltou um soluço de dor.

— É. Meu. Direito. Recusar. *Curavi*. — Cada palavra era um trabalho de esforço para dizer.

— Não, — Phaedra exclamou violentamente. — Eu não vou deixar você morrer, seu *bacciagalupe estúpido*. Ares, faça-o tomar o *Curavi*.

— Não. Meu. Direito. — Ele pairava sobre a borda de luz e escuridão.

— Eu não posso, Phaedra. Se ele tivesse ficado inconsciente, não seria um problema, mas ele recusou. Não há nada que eu possa fazer. — A voz de Ares era feroz com raiva e nojo.

— Por favor, Lysander. Não me recuse. — Seu rosto molhado cresceu quando Phaedra se inclinou sobre ele, sua boca contra a sua orelha. Sua mão agarrando em seu braço, e ele sentiu um impulso de energia, ela insistiu com ele. — Não tente me salvar da dor. Deixe-me te salvar. Eu quero fazer isso por você. Eu não quero que você morra.

O calor em sua mão ficou mais forte, e um rugido se construiu em seu peito. Com um grito selvagem, ele se debateu contra os apoios segurando-o no lugar. Os apoios que provaram que ele tinha sido impotente contra o *Pretoriano*, mas ele não estava mais desamparado. Ele tinha o direito de recusar a *Curavi*. E por causa dela, ele não estava disposto a deixá-la curá-lo.

— Se afaste de mim. Eu não quero seu maldito toque curador. Eu recuso o *Curavi*.

A explosão de palavras o fez pagar um preço caro, quando um manto de agulhas se envolveu em torno dele, cavando em cada parte de seu corpo. Ele viu o clarão de agonia em seus belos olhos castanhos, e no fundo uma voz gritou para ela. A única coisa que o impediu de tomar as suas palavras para trás era a escuridão brotando dentro dele. Ele era *Pretoriano*. Não havia nada que pudesse mudar isso. Mas era o seu segredo. Uma verdade que não podia compartilhar com ninguém, nem mesmo com a mulher que ele amava.

Capítulo 2

Demetri. Phaedra acordou com um sobressalto. Estava sonhando de novo. Não, era mais um pesadelo, porque ficou com medo. Os fragmentos do sonho eram como tentáculo escuro, percebeu, mas não pôde vê-lo realmente. A única coisa que recordava claramente é que estava na antiga Roma. Lysander estava lá também, mas como ou o porquê, não podia recordar. Não era a primeira vez que havia tido esse sonho. Mas nunca havia se sentido tão desorientada e assustada antes.

Até mesmo em sua cama se sentiu incômoda. Ela deu um pulo. Não era sua cama. Era um sofá-cama no quarto de Lysander no hospital. Deu uma rápida olhada em seu relógio, indicando que havia estado dormindo duas horas. Isso fazia um total de aproximadamente quatro horas nas últimas trinta e seis. Suas habilidades eram sempre mais fracas quando não conseguia dormir o suficiente ou bebia demais. E não estava segura de que seu toque seria suficientemente forte para ajudar Lysander se ele acordasse, e sem falar se ele realmente aceitaria realizar a *Curavi*.

Sua atenção estava ainda na cama do hospital, e no suave som do monitor cardíaco que enchia seus ouvidos como um sino de igreja. Com seus ferimentos internos, lacerações feitas pela espada, e um lado de seu rosto totalmente sem pele, teve sorte de estar vivo. Curativos cobriam a maior parte de seu rosto, dava para ver as suturas pretas em seu lábio inferior. Um lençol branco e um cobertor cobria o restante de seus ferimentos visíveis.

Uma necessidade imensa de tocá-lo passou por ela, deixou o sofá e andou em direção à cama. Ela passou os dedos pelo cabelo curto loiro. Parecia tão desamparado, algo que instintivamente sabia que ele odiaria. Ele não devia estar aqui. Devia estar completamente curado.

Fechou os olhos por um breve momento. Por que ele rejeitou a *Curavi*? O que ele tinha para querer rejeitar o seu toque de cura? A única resposta em que podia pensar era que não queria que ela sofresse o que ele sofria. Tinha medo por ela. Uma lágrima deslizou por sua bochecha. Ele não entendia que estava disposta a ir às profundezas do Tártaro por ele?

O suave ranger da porta de pesado carvalho desviou sua atenção de Lysander, vendo Ares entrar no quarto. Imediatamente virou a cabeça, e com um furtivo toque de sua mão, enxugou o rosto molhado. Uma mão forte apertou seu ombro, forçando ela a se virar.

— Acabei de falar com o médico. Vai ficar bem — disse Ares — Poderá fazer uma cirurgia plástica para retirar a maioria das lesões.

As palavras aliviaram um pouco do medo, mas não tudo. Havia passado por uma sessão de tortura Pretoriana. Algo que poucos *Sicari* haviam sobrevivido. O trauma físico era reparável, mas o trauma emocional extraído da tortura era grande. Um grande número de sobreviventes tinha deliberadamente se lançado em situações de combates onde não havia esperanças de sobreviverem. A idéia de que Lysander poderia fazer à mesma coisa a aterrorizava.

— Ei, você não tem que ficar aqui, — Ares disse gentilmente.

— Não, — ela sussurrou e olhou para o relógio na parede. — Ainda pode ter tempo. Só se passou vinte horas desde que o encontrou. Ainda temos um espaço de quatro horas. Pode ser o suficiente.

Não havia explicado suas razões para ir com Lysander à sede da Ordem em Gênova, na Itália, mas Ares havia concordado com seu pedido sem nenhuma objeção. Seu irmão provavelmente pensava que ela estava esperando convencer Lysander a aceitar a *Curavi* uma vez que acordasse. Os médicos podiam reparar seu rosto, mas ela era a única pessoa que poderia ser capaz de recuperar sua visão, e não havia qualquer garantia de que ela poderia fazer isso por ele. Mas havia uma margem de tempo para se curar feridas, e quase nunca passava de vinte e quatro horas. Quanto maior o tempo, menos provável era que a *Curavi* funcionasse. Ares franziu o cenho.

— Phae, você é a melhor curandeira que a Ordem tem, mas o mais provável é que ele já passou deste ponto, nem mesmo você pode curá-lo.

— Talvez, mais eu preciso ao menos tentar — Ela balançou a cabeça ao ver a expressão irritada de seu irmão.

— Se Lysander rejeitou a *Curavi* quando ele estava perto de morrer, o que faz você pensar que ele vai aceitá-la agora?

— Não o faço, mas se ele acordar a tempo, eu tenho que tentar. — Ela não olhou para Ares. Em vez disso, ela afastou-se da cama e foi parar frente à porta de vidro deslizante.

Desenhado pensando nas necessidades físicas e espirituais dos pacientes, o hospital isolado e fortificado da Ordem dava aos pacientes acesso a luz solar e ar fresco como parte do processo de recuperação. Um grande jardim estendia seu caminho para o exterior de um pequeno pátio contínuo ao quarto de Lysander. A luz da manhã, a beleza de fora era um duro contraste com a dor e a escuridão que sabia que Lysander estava experimentando.

Deus odiava os bastardos que haviam feito isso. Durante quase mil anos, os Pretorianos haviam caçado os *Sicari*. Em certa época, os *Sicari* foram parte da Guarda Pretoriana. Igual a seu inimigo, haviam servido de guarda-costas dos Césares da Antiga Roma, tinham riqueza, posição e poder. Mas a guarda foi dividida na época de Constantino I, e aqueles que estavam no poder expulsaram um seleto grupo de irmãos. Marcando aos *Sicari* párias. Assassinos. Chamando-os de hereges, e como vermes que eram os Pretorianos se esconderam do mundo atrás das túnicas da Igreja do Carpinteiro. Usando a bandeira da honra, procuraram exterminar os *Sicari*, causando terríveis atrocidades sobre sua gente, assim como aos inocentes. Um suave gemido flutuou no ar para atravessar seus pensamentos.

Se virou para ver Ares mover-se rapidamente para a cama, com as mãos sobre a barra de metal da cama, inclinando-se sobre seu amigo.

— Ei, como se sente, *amici*?

— Como *stronzo* — A voz de Lysander era tão suave que ela teve que se esforçar para escutar.

— Sim, podia se sentir muito pior, — brincou Ares.

De onde estava parada na porta, viu Lysander de repente se agarrar à mão de seu irmão.

— Marta?

A pergunta era pouco mais que um assobio no ar, e viu Ares lutar para chegar a uma resposta. Havião encontrado a Dominic e a Peter, mas a mulher *Sicari* havia desaparecido. Marta iria viver, mas um inferno de vida. O bastardo Pretoriano a violaria constantemente tanto para seu prazer físico como com um esforço para engravidá-la. Qualquer criança que Marta levasse seria arrancada dela. Os homens seriam educados no Colégio Pretoriano e as meninas seriam assassinadas. Teria sido melhor para a mulher morrer naquele armazém. Sem hesitar, foi para o lado oposto da cama.

— Eles a levaram, — disse, odiando-se por isso. Deveria ter mentido, mas sabia a verdade. Estendeu a mão, e tocou levemente seu ombro. Com um empurrão violento, retirou sua mão.

— Não. — O escuro rugido foi feroz e intenso.

— Fique calmo, camarada. — Ares agarrou com cuidado o braço do guerreiro. — É somente Phae. Está seguro aqui.

— Fora, agora.

Ele não disse nomes, mas sabia o que queria dizer, e a ordem lhe enviou uma dor que o atravessou fazendo oscilar sobre seus pés. Com os dedos envolvendo o frio metal das barras da cama, olhou para ele com o coração batendo loucamente em seu peito. Algo não estava certo. Quase podia sentir as ondas irregulares de suas emoções passando através da pele. Não se parecia com nada que já havia sentido antes. Nada era realmente notável exceto às escuras sombras que o consumiam. Selvagens e assustados, a intensidade era chocante. Deus, isso o comeria vivo se não o liberava. Não era incomum sentir ou ver as emoções ou imagens quando curava alguém. Se o curasse, poderia liberar algo dessa emoção escura dentro dele através dela. A idéia de assumir aquela horrível escuridão lhe enviou uma onda de terror que se deslizou por suas costas como uma serpente pronta à atacar. Estremeceu. Não importava. Podia fazer isso. Podia fazer por ele.

— Ares, deixe-nos. — A ordem sussurrada suavemente atravessou a cama, e Lysander quase se incorporou.

— Não. — Desta vez a objeção era mais forte, mais energética. Decidida a fazê-lo aceitar a *Curavi*, lhe fulminou com os olhos.

— Volte a ficar deitado, idiota *bacciagalupe*. Você vai soltar os pontos do curativo ou o que é pior, a intravenosa. — Estalou ferozmente. — Ares, saia daqui, agora.

A resposta furiosa fez calar os homens, e sem dizer uma palavra, Ares saiu do quarto. Sozinha com Lysander, pegou a barra de metal da cama como se fosse sua vida e olhou para o estranho que estava deitado nela. As palavras morreram na garganta ante sua expressão de granito. *Dulcis Matris Deus*, o que fizeram com ele, e ela aguentaria descobrir?

— Vai, Phaedra. — Frio e distante, a ordem a fez estremecer.

— Não até você me deixar curá-lo. — Lutou para manter sua voz firme, mas determinada. — Poderia ainda haver possibilidade de poder...

— Não sabe quando se dar por vencida, verdade? — Sua voz era rouca pela dor, mas havia uma estranha nota em sua voz que colocava de pé seus nervos do começo ao fim.

— Não. Não, se acredito que posso ajudar.

— Não quero tua ajuda. — Se mexeu na cama um pouco, um gemido irrompeu de seus lábios.

Teve que endurecer o corpo para não se aproximar e tocá-lo.

— Eu sei que está com a minha dor, mas faz parte do trabalho. Eu prometo, não vou me desfazer.

As palavras lhe arrancaram uma suave risada. Era um som cruel, e que a fez estremecer.

— Pare de tentar ser tão dura, Phaedra. Não há necessidade de se por sentimental por mim.
— A expressão cinzenta em seu rosto não revelava nada. — Nós sabemos que não pode me devolver meu olho.

— Não sabe, e não teremos certeza se ao menos não me deixar tentá-lo.

— Por quê?

— Por quê? — Engasgou. — Porque quero você como novo.

— Você quer me ver como novo. — Repetiu as palavras com um sarcasmo cortante. — Não é isso que quer dizer, e você sabe.

Ela agarrou o braço dele com raiva. Ele sabia muito bem o que ela estava tentando dizer. Queria apagar o horror que ele sofreu. Queria tentar aliviar a escuridão que sentiu nele. Libertá-lo da dor interior que fazia seu caminho como um cachorro louco. Uma pressão invisível ergueu os dedos do braço.

— Olha, tudo que quero é que saía desse quarto e para longe de mim. — Disse com voz de chateada.

Ela estremeceu. Ele estava ferido. Isso era tudo. Havia visto sua cara de horror na noite anterior. Ele sabia o que se passava com um curandeiro durante a *Curavi*. Tinha que saber que a primeira vista provocava medo. Por isso se havia negado ao toque. Por isso rejeitava agora. Estava buscando um motivo para se livrar dela. Mas não iria deixá-lo escapar.

— Cristo, você de verdade acredita que me importa o que acha? — Ela bateu na barra fria de aço inoxidável entre eles com uma fúria desesperada. — Eu não dou a mínima para o que você pensa, sempre e quando estiver com você.

As palavras pairaram no ar por um minuto enquanto que somente a olhava, sua expressão lentamente se relaxou para uma divertida. Enviando um medo selvagem que serpenteava através dela.

— Comigo? — O riso tinha uma nota de crueldade fria que fez com que ela se agarrasse com força a barra da cama em um esforço desesperada para parar o tremor.

— Sim, na outra noite... — A voz se desvaneceu por um segundo quando um sorriso de escárnio puxou sua boca e suas sobrancelhas se levantaram. Quando não falou nada, foi mais para frente. — Pensei que... você e eu...

— Vamos, *bambina*... — O olho verde mostrou uma centelha insolente à medida que ele arrastava o olhar de sua cara para seus seios e logo voltava outra vez. — O sexo não foi ruim, mas acreditou realmente que iria ser algo mais que somente uma noite?

As palavras bateram com força. Não podia se mover. Tudo o que podia fazer era lutar para encontrar uma maneira de absorver o golpe. O aperto sobre a barra de aço estava pressionado ao ponto que estava segura que iria dobrar o metal. Estava mentindo. Tinha que estar. Não é? Olhou para a condescendência divertida em seu rosto, seu estômago estava tremendo com as náuseas que a faziam querer vomitar.

— Se faz isso porque pensa que aquela noite mudou as coisas entre nós...

Se as palavras não foram esmagadoras o suficiente, o aborrecimento em sua voz era o mesmo que introduzir uma espada pretoriana de volta. A dor fez com que dobrasse as pernas fazendo com que a única coisa que a sustentava era o forte aperto sobre a barra de metal da cama. O desespero enredou um caminho através dela, enquanto ele a olhava.

— É um bastardo. — Sussurrou, a humilhação lhe revirou o ventre com tanta força que acreditou que vomitaria a pouca comida que tinha no estômago.

Afastou-se lentamente, sentia as pernas como se fossem de borracha. Quase havia perdido de vista seu rosto quando lhe pareceu ver um clarão de agonia cruzar seu rosto. Fez uma pausa para olhar para trás, mas se deu conta que estava enganada. Ainda portava o mesmo sorriso insignificante. Incapaz de suportar continuar a vê-lo saiu tropeçando pelo corredor do hospital. Ares estava caminhando em sua direção e tentou pará-la. Ela encolheu os ombros e se dirigiu a entrada principal. Quando antes estiver de volta a Chicago, melhor seria. Havia Pretorianos a

matar, e talvez, somente talvez, seria sortuda encontrando uma maneira de pôr fim a sua miséria. As portas de vidro da entrada do hospital se abriram com um silencioso clique, e saiu para a luz do sol sabendo que a vida que tinha planejado havia terminado antes mesmo de ter começado.

Capítulo 3

ROMA, sede do Império Romano 310 A. D.

— *Eu pretendo casar com ele. — Cassiopeia olhou fixamente através do átrio ao alto general romano conversando com o pai. Ao seu lado, Octavian Julius Valeria franziu a testa.*

— *Isso é ridículo, meu bichinho. Maximus não tem nada a oferecer em matéria de família ou fortuna. Você deve se casar comigo.*

— *Eu não te amo, Octavian. Mas eu amo Maximus.*

Seu olhar seguiu Maximus à esquerda. Ela estava grata pelo ar fresco da noite que entrava pela abertura no teto do átrio e as correntes cruzadas que puxavam uma suave brisa do peristylum⁴. Ver Maximus deixou a casa muito mais quente do que estava. A visão dele a enchia de uma dor que aquecia o seu sangue com o fogo de Apollo, até que acabava entre as pernas em uma onda de calor líquido.

— *Romanos não se casam por amor. Nós casamos para manter as casas patrícias fortes.*
— *O tom de Octavian foi afiado, dizendo-lhe que não era feliz.*

— *E Maximus vai tornar o nome mais forte quando o pai Atellus adotá-lo. Maximus Caecilius Atellus. Apenas o som do nome já mostra muita força. Nossos filhos vão garantir a continuidade do nome do meu pai, e eu vou ter Maximus. É um excelente acordo.*

— *Conheço Maximus por um longo tempo. O homem tem uma aversão ao casamento. — Octavian bufou com diversão. — O que faz você pensar que pode mudar sua mente.*

— *Porque tenho a intenção de fazê-lo se apaixonar por mim.*

⁴ *Do grego antigo se refere a um espaço aberto no interior da casa rodeado de colunas.*

No outro lado da sala, Maximus riu de alguma coisa que seu pai disse, e que levou seus familiares sentidos a aumentarem. Plebeu, sua família era originária da região norte do Império, e mostrou a influência da Gália no cabelo loiro escuro que usava curto. Embora ela não pudesse ver seus olhos verdes daqui, ela sabia que eram impressionantes e invulgares. Ele podia não ter sangue aristocrático, mas ele tinha o ar de um. Seu nariz era forte e sensual, da boca emprestou-se a impressão de que ele era um nobre. Venus não poderia ter concebido um homem mais delicioso. Normalmente, ele vestia o uniforme militar, quando ele visitava seu pai, mas hoje ele estava vestido com as vestes típicas que a posição do imperador Maxêncio tinha lhe dado no Senado. Ela preferia o uniforme. Ele mostrava sua força, as pernas musculosas e a força de seus braços. Armas que traziam a promessa de todas as maneiras de delícias. Ela queria ver tudo dele nu diante dela.

— Se isto é uma tentativa para me expressar seus sentimentos em uma reminiscência da poesia de Ovid, eu farei isso se for necessário, — Otaviano disse calmamente. Quando ela não respondeu, ele disse com sua voz afiada. — Não seja tola. Ele não é bom o suficiente para você, Cassiopeia.

Lentamente, virando a cabeça, ela estudou a raiva no rosto de Octavian. Era diferente de ele ser tão briguento com ela. Otávio tinha sido o único a apresentar Maximus para o seu pai. Ansiosa para acalmar o amigo, ela tocou em seu braço levemente.

— Octavian, como você pode dizer tal coisa? Maximus é seu amigo.

— A amizade é uma coisa. Casar em uma casa patrícia é algo completamente diferente.

Ela franziu o cenho. Era o seu amigo de infância? Como um dos estadistas, no Senado, o nome de Gaius Quinctilia Atellus foi associado com justiça e pensamento equilibrado. Mas ele iria opor-se a Maximus, como um genro? Não. Ele gostava muito do seu arrojado general romano. Tinha certeza, seu pai gostaria de receber Maximus na família de braços abertos. A única coisa que precisava fazer era convencer Maximus a cair de amor por ela. Ela balançou a cabeça.

— Você me decepcionou, Octavian. Nunca pensei que você estaria com aqueles que preferem a classe patrícia para permanecer puros. O fato de Maximus ser seu amigo só piora as coisas.

Sem permitir que o homem desse uma resposta completa, ela se afastou dele. Como anfitriã, ela achou necessário parar e cumprimentar alguns convidados ilustres que ela convidou a pedido de seu pai. Ela parecia ter uma quantidade interminável de tempo para fazer seu caminho ao redor do pátio, implúvio⁵ cheio de água resplandecente com mosaicos para chegar onde seu general e seu pai estavam. Quando ela finalmente alcançou os dois homens, ela viu crescer Maximus rígido com a tensão. Sua reação física fez surgir em seu rosto um sorriso. Ele estava consciente de sua presença mais do que ele gostaria de admitir. — Pai, — ela murmurou um cumprimento quando lhe beijou a bochecha antes dela se virar para o homem que ela pretendia conquistar. — General, eu estou feliz que você tenha se juntado a nós.

Suas mãos estendidas, ela o obrigou a tomar-lhe as mãos. Eram mãos grandes, ásperas e fortes. As mãos de um soldado. Ela queria sentir sua aspereza contra sua pele. Como ela ficou na ponta dos pés para beijar sua bochecha de um lado e depois o outro, ele não teve escolha a não ser abaixar a cabeça na direção dela. Sua bochecha roçando a sua, ela apertou sua boca contra a sua orelha.

— Não existe uma mulher nesta sala que consiga tirar os olhos de você. Incluindo a mim.

Em seu sussurro, ele se afastou abruptamente, os olhos estreitando-se enquanto ele olhava para ela. O verde vivo de seu olhar lhe estudaram por um longo momento antes que ele olhasse para seu pai. Ela olhou por cima do ombro para ver o pai mal restringindo sua diversão.

— Perdoe a minha filha, Maximus. Eu dei-lhe muita rédea por tanto tempo, que é impossível controlá-la.

— Talvez seja simplesmente uma questão de encontrar a mão certa para domá-la.

⁵ No átrio das casas romanas, espaço aberto às águas da chuva.

A nota divertida na voz de Maximus enviou uma onda de irritação espiral através dela. Isto não foi do jeito que ele deveria responder a ela. Ela suprimiu seu aborrecimento e forçou um sorriso nos lábios, pois ela convocou Adela a seu lado com um aceno de sua mão.

Com apenas um comando pequeno, a mulher correu para encontrar os bailarinos contratados para o entretenimento da noite. Como a música enchia a sala, ela olhou para Maximus e ofereceu-lhe seu sorriso mais encantador. Seus olhos verdes escuros, e ela rapidamente virou seu olhar para a dança erótica que estava sendo executada na frente deles. De repente, ela percebeu poderia ser difícil fazê-lo dançar à sua música.

Outro senador elogiou seu pai na sala, e ele desculpou-se, deixando-a sozinha com o Maximus. A tensão finalmente tão esticada como uma teia de aranha através dela, enquanto observava os dançarinos. Depois de um longo momento, ela atirou um rápido olhar para ele. Para sua surpresa, ele estava estudando-a abertamente, e ela podia sentir o calor subir sobre as bochechas.

— Você está corada como uma virgem vestal, minha senhora. — O sussurro era quase uma carícia contra sua pele, e o som de sua voz fez o sangue pulsar em suas veias.

— Eu? — ela engasgou.

— Certamente, — ele disse com um riso suave que fez suas pernas fraquejarem. — Isso melhora a sua beleza.

— Você acha que eu sou bonita? — Assustada, ela olhou para ele com surpresa.

Ninguém, nem mesmo seu pai jamais disse que ela era bonita. Um olhar de fome varreu seu rosto e ela enviou uma emoção que girava através dela. Pousando os dedos fortes em seu braço ele calmamente a puxou para longe das festividades, através da peristylum, e em direção a um dos quartos vazios reservados para uso da família.

O cheiro das flores no jardim de grandes dimensões que era o peristylum flutuava para o pequeno quarto onde ele puxou a cortina de privacidade fechando atrás deles. Seu coração deu um pulso, e ela respirava o perfume de Maximus. Como macho ele avançou sobre ela até suas

costas baterem contra uma coluna de mármore frio. Ela estava certa de que era sua imaginação, mas ela quase podia sentir seus dedos acariciando sua garganta antes de seguir o seu caminho até o vale entre seus seios. A sensação fantástica fez crescer os mamilos duros como cerejas maduras.

— Você está brincando com fogo por várias semanas agora, mea mellis⁶, — ele rosnou. — Exatamente qual é o seu jogo?

Ela calculou mal a sua atração por ele. Ele era muito mais devastador sozinho. Ela engoliu em seco e balançou a cabeça. — Eu não jogo.

— Então o que é que você quer de mim, Cassiopeia? — O lampejo de emoção em seu olhar penetrante fez seu pulso acelerar.

— Você. Eu quero você como meu amante. — O que não disse carregou de emoção o ar, e ela sabia melhor do que a elaboração de qualquer outra.

Ele deu um aceno de cabeça. — Você é filha de um senador.

— E esses números entram na equação como? — ela disse em um tom irritado. Ela esperava que ele zombasse de um relacionamento, não apontar suas diferenças sociais.

— Eu sou um simples soldado.

— Você está dizendo que servir o Império lhe lesa de alguma forma, que o impede de...

Em uma fração de segundo, braços sólidos como carvalho a puxaram para o calor de seu corpo. Sentia-se tão bem quanto ela sempre imaginou que seria. Duro, musculoso, e tudo do sexo masculino. Seu corpo doía com a necessidade de sua ereção sob seu manto pressionado no ápice de suas coxas. Desejo espiral através dela e ela mudou seus quadris para frente, desejando que não houvesse nada entre eles para impedir que ele escorregasse para dentro dela. Sua boca saqueou a dela, e ela suspirou quando sua língua forçou seu caminho passado por seus lábios em um beijo cheio de paixão. Ele era dela. Ela sabia com certeza ainda mais agora. Quase como se

⁶ Minha querida

pudesse ler sua mente, ele se afastou e colocou vários metros entre eles. Sua respiração era irregular enquanto ele a estudava à luz baixa.

— Você está brincando com fogo, mea dulce.

— Não. — Ela balançou a cabeça e diminuiu a distância entre eles. Ela enrolou a mão em seu pescoço, em seguida, puxou a cabeça e roçou os lábios dela contra o dele. — Eu sei o que quero. E eu quero você.

Ele beijou sua boca dura antes trilhando um caminho quente sobre a mandíbula e para baixo ao lado de seu pescoço. Deus, tocar o homem era tudo que ela tinha imaginado. Ela estremeceu em seus braços, em antecipação. O enorme desejo dentro dela forçou seus quadris para frente a esfregar contra o seu comprimento duro debaixo da túnica. Calor se agrupando entre as suas pernas. Ela bebeu o cheiro áspero, masculino dele. Se isto era o que o amor faz sentir, a que alturas o seu desejo para ele a levaria?

O pensamento enviou um arrepio através dela. Era ainda possível perdê-lo. Ele a desejava, mas ela poderia fazê-lo amá-la? E se ela falhasse? Ela se recusou a considerar a possibilidade. Ela ganharia. Ela teria o coração deste homem. Não havia outra opção para ela.

Suas mãos chegaram aos seus braços para dar um puxão no material frágil que era seu vestido. Ele cedeu embaixo dos seus dedos ásperos até o corpete caiu para revelar uma mama. Sempre tão lentamente, sua boca acariciava seu ombro descendo para o mamilo tenso. Ele sugou por um momento delicioso, em seguida, deslizou seus lábios de volta até sua garganta.

— Por favor, Maximus.

— Não haverá como voltar atrás, mea dulce.

— Eu decidi. Você não tem escolha, — ela sussurrou.

Ela estava flutuando e percebeu que ele estava carregando-a para um dos sofás. Pelos deuses, ele estava indo para torná-la o seu direito agora. Seu coração apertado com amor e

alegria. Agora, ele podia sentir apenas desejo, mas o amor não ficaria muito para trás. As almofadas do sofá pressionado contra suas costas. Com uma gentileza que estava em desacordo com as mãos de um soldado, ele puxou seu vestido até a cintura.

O calor espalhou o seu caminho através de sua coxa, enquanto seus dedos ocuparam o lugar do pano escondendo seu núcleo. Um ruído gutural saiu dele quando ela ficou exposta aos olhos dele. Sua garganta sacudiu violentamente quando ele engoliu. Contra sua pele, sentiu os dedos tremerem. Espantado percorreu-a como seu olhar e encontrou o dela. Não havia outra coisa além de paixão incandescente lá. Ele assegurou-lhe que ela tinha tomado a decisão certa para forçar a mão. Seu toque a separou, e ela arqueou-se contra seus dedos. . .

ROMA, ITÁLIA DIAS ATUAIS

A campainha do despertador acabou com o sonho, e Phaedra gemeu com a decepção que ela bateu a tecla da soneca para eliminar o som irritante. Ela queria desesperadamente voltar a dormir. Tinha sido um sonho tão deliciosamente perverso. O único problema era que o seu corpo doía pelo homem em seus sonhos. Lysander.

Porra, tinha transcorrido mais de um ano desde que ele brutalmente a rejeitou naquela noite no centro da Ordem Médica Genova. Por que o homem ainda assombrava seus sonhos? Ela estremeceu. Ela sabia por quê. Só porque ele havia esmagado o seu coração, não a impediu de amá-lo. Ela era uma grande tola. Por que não podia tirar o homem de seu coração e sua cabeça? O pensamento gerou um gemido dela. E esses sonhos. Eles não faziam nenhum sentido em tudo. Por que ela estaria sonhando com o primeiro *Senhor Sicari* e sua esposa, Cassiopeia?

Sobre este assunto, porque Maximus se parece com Lysander antes do Pretoriano torturá-lo? Ela esfregou os olhos com a palma da mão para espantar o sono. Qualquer que seja, o sonho estava tentando lhe dizer alguma coisa e sonhos sempre significavam algo, tudo que ela queria era o homem por quem ela tinha caído de amor a mais de um ano atrás. Um suspiro de resignação sussurrou fora dela. O que quer que os bastardos *Pretorianos* lhe tenham feito, eles destruíram o homem. O homem na cama do hospital não tinha sido o mesmo homem que tinha feito amor com ela. Seus pensamentos se voltaram para aquela manhã horrível. Dor forçou seus olhos a fecharem.

Ouvindo essas palavras cruéis com ele tinha sido o momento mais humilhante de sua vida. Mas o pior foi a dor que tinha vindo com ele. Ela deixou o hospital anestesiada para tudo, mas seu desejo de atacar. Para fazê-lo sofrer tanto quanto ele a fez sofrer.

E ela trabalhou duro para fazer isso a partir do momento em que ele voltou para Chicago. A cada chance que tinha, ela atirou farpas para ele como se fossem dardos. Mas ele nunca agiu como se nenhum de seus golpes afiados tivessem atingido a sua marca. Isso é, até a noite do *Rogalis* de Julian, seu funeral. No mesmo momento em que ela culpou Lysander pela morte de seu amigo ela queria retirar as palavras de volta. Suas palavras tinham finalmente encontrado a sua marca, a angústia no rosto de Lysander tinha torcido suas entranhas de uma forma que disse que tinha ido longe demais. Fora da pequena sala de estar, o som da abertura da porta do apartamento e fechada com um estrondo ecoou no quarto.

— Phae, você está acordada?

Ela gemeu. Cleo. Não era a mulher que nunca dorme? A amiga dela a tinha pego no hangar privado da Ordem em Roma, do Aeroporto Internacional quando ela tinha chegado ontem à noite, e agora estava diante dela. Ela ajustou a alcinhas de sua camisola e deslizou para fora da cama. Sua amiga não estava disposta a deixá-la dormir por mais tempo. Não que ela fosse capaz. Ela estava caminhando sobre brasas, até que ela falasse com Lysander e perguntasse por que ele a chamou para Roma. Ainda mais importante, ela ia fazer algo que ela nunca fez. Pedir desculpas.

Ela fez uma careta com o pensamento. Desculpas significavam que ela errou. E mesmo que as palavras tenham sido ditas no auge da sua própria dor e remorso, ele não merecia a culpa que tinha sido jogada aos seus pés. Limpar o clima entre eles faria a diferença entre essa atribuição ser tolerável ou insuportável. O ar frio da sala a fez tremer, e ela pegou o roupão e foi em direção ao salão. A visão de Cleo sentada no sofá, mastigando uma cenoura, trouxe um sorriso aos seus lábios.

— Trouxe alguma coisa para eu comer? — Sua pergunta fez a lutadora *Sicari* virar a cabeça para olhar para ela, um sorriso em seus traços encantadores.

— Absolutamente. — Cleo apontou para uma pequena bandeja de frutas e queijo. — Tudo que eu poderia encontrar no frigorífico foi um queijo romano. É um pouco salgado, mas a fruta deve compensar.

Linda o suficiente para ser um modelo de capa, a amiga era uma prova tangível de sua herança romana. Misteriosos olhos escuros, cabelos da meia-noite negra, e um sorriso que poderia encantar até mesmo um Pretoriano. Mas, então, Cleo estava mais interessada em matar um inimigo jurado do *Sicari* do que encantar eles. Na opinião de Phaedra realizada com veemência ainda mais do que seu amigo fez. Os bastardos tinham roubado sua infância e ferido o homem que ela amava. Até onde ela acreditava, o único Pretoriano bom era um morto.

Phaedra se enrolou na extremidade oposta do sofá e pegou uma maçã. Depois de algumas mordidas, ela se inclinou para frente para tirar alguns romanos fora do prato. O queijo tinha um pontapé para ele e foi um pouco salgado, como Cleo tinha dito. Ainda assim, o queijo italiano foi um dos seus favoritos, especificamente para a sua mordida afiada.

— Então, o que você acha disso tudo? — Cleo lhe enviou um olhar enviesado.

— Que tipo de pergunta é essa? Estamos em Roma, porque Atia acha que o *Tyet de Ísis* está aqui.

— A mãe sempre achou que o *Tyet de Ísis* estava aqui em Roma, e você sabe muito bem que não é o que eu estou falando. — Sua amiga bufou. — Durante o ano passado Lysander foi enfático sobre a não tê-la em qualquer de suas equipes, de repente, poof, você está no seu time aqui em Roma.

— Você terá que fazer-lhe essa pergunta. — Ela deu de ombros e deu outra mordida da sua maçã.

A última coisa que ela pretendia fazer era deixar Cleo saber como ela foi confundida por esta mudança nele. Mas se ele tivesse realmente mudado? Quando olhou para trás ao longo do ano passado, sem raiva abastecendo suas percepções, ela estava começando a perceber que ele sempre estava de costas.

Nas três ocasiões, eles na verdade, atuaram na equipe de reconhecimento mesmo, sua espada, e não seu parceiro, sempre tinha sido a única para salvá-la no último segundo. Em seguida, houve a noite onde ocorreu o desafio do Ares.

Executado através de um corredor de guerreiros *Sicari* armados, não foi supostamente indolor. A punição brutal por quebrar uma das principais leis da Ordem quase matou seu irmão. Para um curador poder tocar um sobrevivente, tinha que esperar as primeiras 24 horas, este foi mais um delito punível também. Mas a quebra das regras correu na família. Depois de curar as feridas internas de Ares, que tinha ficado fraco como um gatinho.

Lysander foi o único a ver que ela voltou para seu quarto. O homem tinha realmente a visto lá. Um momento que tinha se entregado para os Campos Elísios só deve ser puxado de volta para o Tártaro rápido demais quando ele a deixou sozinha. E ele não havia traído a Atia, a *Prima Consul*. Ele manteve seu segredo quando a líder da Ordem questionou-os sobre o incidente.

Se ele não se importava com ela, por que ele faria tudo isso? Era porque ele era amigo de Ares, ou havia algo mais no seu comportamento que ela não percebeu. Deus, ela realmente era uma idiota para pensar assim. Ela de repente percebeu que Cleo tinha feito uma pergunta e estava olhando para ela como um falcão. Ela franziu a testa enquanto reconhecia o olhar intenso de sua amiga.

— O quê?

— Eu perguntei se você estava bem com tudo isso?

Sem nem mesmo tentar, ela poderia facilmente ler preocupação em Cleo. Enquanto sua habilidade de cura foi o mais forte de suas habilidades *Sicari*, Phaedra também tinha a capacidade de sentir as emoções nos outros. Era como um radar emocional. Às vezes, deu-lhe apenas um senso de intenções de alguém, enquanto que em outros tempos ela podia ler emoções enterradas abaixo da superfície.

Cleo não era de sondagem, ela estava apenas se preocupando com ela como qualquer amigo faria, e que elas tinham sido amigas há muito tempo. Tinha sido a mãe de Cleo, Atia, que

tinha levado ela e Ares após os *Pretorianos* terem massacrado seus pais. A lembrança daqueles momentos terríveis passavam na frente de seus olhos.

O armário do sacerdote que sua mãe a tinha empurrado com Ares e em como ela rezou aos deuses. O som dos gritos de sua mãe enquanto ela estava sendo massacrada. O olho mágico que ela espreitou para ver o assassino de sua mãe. O rosto do Pretoriano que havia assombrado ela todos estes anos. Seu riso cruel como ele tinha chegado com sua mente, tentando ler seus pensamentos e descobrir o seu esconderijo.

A partir de seis anos de idade, ela aprendeu a proteger-se de pensamentos *Pretorianos*, mas suas habilidades e de Ares não tinham sido totalmente desenvolvida em seguida. O homem tinha reconhecido. Ele sabia que era simplesmente uma questão de tempo antes que ele os encontrasse. A única coisa que os salvou foi outro Pretoriano ordenar ao assassino a sair.

— Essa coisa toda tem realmente lhe abalado, não é? — Sua amiga franziu a testa com preocupação.

— É um trabalho, Cleo. Nada mais.

— Se isso é verdade, então porque é que você mantém o zoneamento em mim? — Cleo disse com um suspiro de incredulidade.

— Eu só tenho um monte em minha mente.

— Certo. Então o que você vai fazer sobre isso?

— Não sobre isso? — Ela sabia exatamente o que Cleo estava se referindo, mas se recusou a ir para lá.

— Você precisa conversar com ele sobre isso.

— Sobre o *Rogalis* de Julian? — Ela fez uma careta e esquivou-se da verdadeira intenção da observação de Cleo.

— Eu não estou falando sobre isso, e você sabe disso. — A amiga olhou para ela. — Eu estou falando sobre aquela noite no armazém.

A declaração imediatamente jogou Phaedra de volta ao passado, a dor dele varrendo-a como um incêndio. A visão de Lysander, estendido na cama do hospital, o seu corpo inteiro refletindo um homem à beira da morte. Quando ela chegou até ele, ela esperava que ele estivesse inconsciente, mas ao vê-lo alerta e em agonia tinha sido devastador. Então, quando ele recusou o *Curavi*, ela varreu as lembranças de lado.

— Não há nada para dizer.

Ela reconheceu a nota oca em sua voz. Representava aquele pedaço dela que estava faltando. Cleo estava certa. Havia muito mais do que ela queria dizer. Mas Lysander não queria ouvi-la, porque ele simplesmente não ligava. Seu coração contraído como se lembrou de sua crueldade aquela noite no hospital.

— Oh, por favor. — Cleo lançou um ronco suave de desgosto. — Eu conheço você muito bem. Melhor que você. Aquele homem não se recusou a *Curavi* para o inferno do mesmo. Ele estava protegendo você naquela noite.

A maçã triturada de Phaedra era pouco para ele. O som lembrava coisa moída e quebrada, que sentira pela manhã quando ela saiu do quarto de hospital de Lysander. A dor havia diminuído, mas a dormência ainda estava lá depois de todos esses meses. Um sinal de dor que ela ainda estava apaixonada por ele.

— Mesmo se o que você está dizendo é verdade, ele não está disposto a discutir o que aconteceu, e nem estou eu, disse ela com um olhar para a amiga.

— Oh, realmente? — Cleo estalou.

— Sim, é verdade. Não sei o que te faz pensar que há mais para isso do que o que estou lhe dizendo.

— Bem, deixe-me pensar... Oh, bem, vocês dois estiveram em gargantas uns dos outros desde então... Desde aquela noite em Englewood. Não espere... você tem estado constantemente maltratando o homem, enquanto o filho da puta idiota tem aceitado sem pestanejar.

— Nós sempre defendemos. Vocês sabem disso.

— Mas agora é diferente.

— Diferente como? — Ela tentou parecer indiferente, mas sua amiga estreitou seus belos olhos para ela.

— Há algo sob a superfície de tudo. Não é algo que eu possa colocar em palavras. — A observação perspicaz de Cleo lhe fez sentir frio e pânico.

— A razão que você não pode colocar em palavras é que não há nada diferente.

— Isso é besteira, — Cleo estalou quando ela enviou-lhe um olhar frio. Desde aquela noite no *Rogalis* de Julians, foi como assistir a duas onças rosnando seu caminho através de algum tipo de ritual de acasalamento.

— Você tem um inferno de uma imaginação, — ela pouco fora com os dentes cerrados. A analogia só tinha servido para aumentar seu nível de ansiedade. Se Cleo viu, Lysander fez? — Agora, se você não se importa, eu preciso tomar banho, em seguida, me apresentar para o *Primus Pilus*.

— Va Bene, — Cleo disse com uma careta teimosa quando ela se levantou. — Mas estou certa sobre tudo isto, e você sabe disso.

— Vou deixá-la com sua ilusão, — ela mentiu quando olhou para cima para sua amiga.

— *Christus*, você é tão teimosa como Lysander. Eu estou apostando que no minuto em que vocês dois se encontrarem vocês estarão indo para a cama juntos mais rápido do que alguém

pode dizer *fotte*. — Muda, Phaedra assistiu Cleo sorrindo de satisfação. — Interessante. Phaedra DeLuca não tem uma contra-resposta.

— Eu não tenho uma reposta, porque você soa como uma lunática.

— Na verdade não. Caso você não tenha notado, sempre que o homem pensa que ninguém o está observando, ele não consegue tirar os olhos de você. — Cleo arqueou as sobrancelhas e colocou outra uva em sua boca.

Phaedra congelou diante da declaração da outra mulher, seu coração palpitava. Seria possível que Cleo estivesse certa? Mas se ele se importava, por que não fazer algo sobre isso? Por que ele teria fechado o caminho que ele tinha? Isso não faz sentido.

— Você já pensou em seduzir o homem? — A voz de Cleo filtrava através de seus pensamentos.

— Quê? — Ela ficou boquiaberta ao ver a expressão travessa da amiga. Preocupada com a direção da conversa, ela balançou a cabeça com veemência. — Não. Absolutamente não.

— Não estamos dispostos a risco de falha, hein?

Chocada pelo comentário, ela segurou seu queixo antes que caísse e ela dissesse outra coisa que ela ia se arrepender. A noção de seduzir Lysander era muito tentadora um pensamento para não mencionar uma questão insolúvel. O fato era que ela não estava disposta a correr risco de falha. Fracasso significaria uma mágoa ainda maior do que ela estava experimentando agora. Ela balançou a cabeça.

— Eu não vou deixar você me provocar para fazer algo estúpido. Então deixe morrer o assunto.

Claramente desapontada, Cleo fez uma careta para o relógio de mesa pequeno que despertou, e ela imediatamente saltou de pés. — Merda, eu tenho que correr. *Ciao, bambola*.

Com este tiro de partida final, a sua amiga se foi, deixando-a num estado de confusão. Deixada sozinha, Phaedra olhou ao seu redor com uma sensação de medo. Ela poderia fazer o que Cassiopeia tinha feito em seus sonhos? O que aconteceria se ela tentasse seduzi Lysander como Cleo tinha sugerido. Ela teria a coragem de ao menos tentar? Ela soltou um suspiro irritado de desgosto.

Ela estava louca. Não, Cleo que era louca. Cair na cama com Lysander era algo que ela fez apenas em seus sonhos agora. Sonhos, como foi com Maximus, e ele a amava. Mas isso é tudo o que eles eram, apenas sonhos.

Capítulo 4

ROMA, SEDE DO IMPÉRIO ROMANO - 310 d.C

Ele olhou para ela. Da porta aberta do pequeno spa, ele estudou as curvas voluptuosas de seu corpo quando ela saiu do banheiro de mármore. Um escravo tentou cobri-la em um imaculado pano branco, mas com uma onda elegante de mão, ela pegou a toalha e mandou o servo para longe. Cachos de cabelos cor de um céu da meia-noite escapavam do nó improvisado em cima de sua cabeça para acariciar a nuca.

Lá fora, o calor final do dia havia diminuído, deixando Roma fria. Mas aqui, seu corpo ardia mais quente do que o carro de Apolo em chamas em seu caminho para o oeste⁷. Marble esfriou seu ombro enquanto encostou-se a dura coluna de entrada do banheiro. A lisura da pedra fria não fez nada para apagar o fogo em seu sangue ou parar seu pênis de crescer duro ante a visão dela. Braços cruzados sobre o peito, ele bebeu na beleza de suas cheias curvas.

O bronze de oliveira de sua pele cintilava debaixo da camada de água, que deslizava pelas costas antes que dançasse fora das nádegas suavemente arredondadas. A exuberância de seu corpo disparou uma dor familiar por meio dele. Cassiopéia, filha de Gaius Quinctilia Atellus, senador romano, era dele.

Sempre houve mulheres em sua vida, mas a ideia de deixar para trás uma esposa, se morresse na batalha, não era uma preocupação que estava disposto a aceitar. Claro, isso foi antes dela o escolher. O que a fez escolhê-lo sobre todos os outros? Ele era um soldado. Um plebeu de nascimento. Longe do clã patrício⁸ que ela pertencia. Era uma dúvida que jamais saberia o motivo. Ele só podia agradecer aos deuses que ela o havia escolhido.

*

⁷ Apolo – considerado o Deus do Sol, ele puxava o sol em uma carruagem, iluminando o dia. Mais ou menos isso.. para mais informações <http://pt.wikipedia.org/wiki/Apolo>

⁸

Seu olhar avidamente tomou conta dela, seu corpo reagia como sempre acontecia quando ele estava perto dela. Ele reprimiu um grunhido súbito de desejo enquanto ela se inclinou para secar as pernas com a toalha de linho. A vista desse ângulo era mais do que sedutora - era erótico. Ele permaneceu onde estava. Ele não tinha vontade de se apressar esse noite. Se ele fizesse isso, ela saberia que iria ter ido ao amanhecer.

— Realmente, marido. Devo lhe implorar para se deitar comigo?

Cassiopéia se virou para ele, sua expressão sensual de diversões fazendo sua ereção ainda mais dura. Ele cruzou os braços sobre o peitoral do seu uniforme militar e balançou a cabeça enquanto ele sorriu brincando.

— Nunca, *mea amor*. Eu simplesmente queria te ver e ter o prazer em saber que você é minha, e de nenhum outro homem.

O tecido de linho que ela mantinha, escorregou de sua mão e se reuniu a seus pés. Com a graça de uma gazela que tinha visto na África, ela caminhou em sua direção. No momento em que chegou a ele, ela apertou a mão em seu antebraço. O toque enviou um pulso de emoção angustiante correndo através dele diretamente ao seu coração. Como ele amava essa mulher. Um olhar sombrio cruzou suas feições. Ele tentou não ouvir, mas seus pensamentos correram para ele com a velocidade de um leão. O primeiro de seus pensamentos chegaram até ele. Ela sabia que ele estava indo embora. Sua mente gritava um protesto, mas ela se manteve calma e composta na parte externa. A coisa mais difícil para ele, era as imagens que viu na sua cabeça. Ela imaginando-o sendo ferido ou morto no campo de batalha.

— Quando?

Sua voz era quase tranquila, mas ele ouviu a nota de medo na simples pergunta de uma única palavra.

Ele suspirou. Mesmo que ela nunca tivesse suas habilidades especiais, ela teria sido capaz de lê-lo quase tão bem quanto ele podia ler as mentes dos outros.

— Amanhã, — ele murmurou enquanto tocava seu rosto. No momento em que ela empalideceu,

ele balançou a cabeça. — É só por algumas semanas. Maxentius⁹ quer que eu visite uma das províncias, para garantir que o governador está fazendo o seu trabalho.

— O imperador depende de você demasiado. Ele esquece que você e eu estamos casados a menos de um ano.

— A maioria dos soldados estão prontos para deixar suas noivas muito mais cedo do que tenho sido dispostos a partilhar com você. — Ele riu quando lhe deu um beijo rápido. — Além disso, ambos sabemos que o meu retorno será ainda mais prazeroso do que esta noite vai ser.

Ele imaginou as mãos segurando a cintura dela e depois deslizando para cima para os polegares roçaram as pontas de seus seios. O ronronar suave que rolou para fora da garganta dela o fez sorrir, enquanto seu olhar encontrou o dele. Prazer fez seus encantadores lábios se abrirem, num convite sensual quando seu toque mental deslizou para baixo, para sua fenda, e sua carícia invisível acariciou através das macias dobras aveludadas entre as pernas.

Quando seus olhos se fecharão, ela gemeu de sua carícia invisível. Ansioso para amá-la, ele rapidamente tirou o uniforme. O manto vermelho ligado ao seu peitoral caiu no chão onde ela amorteceu o som da armadura no peito. Seus dedos rapidamente desfizeram os cordões de couro da saia de couro cravejada de bronze que vestia, e seguiu o peitoral para o chão. O couro foi um contraste gritante com o manto colorido. Ela abriu os olhos quando a sua concentração escorregou. Em silêncio, ela ajoelhou-se para ajudá-lo a terminar despir. Mãos quentes acariciavam a panturrilha quando ela tirou as sandálias que cobrim os pés e as panturrilhas. O último de seu uniforme, uma túnica vermelha, voou de sua cabeça, deixando-o nu para ela.

Com um toque suave, ela acariciou-lhe com uma reverência que poderia se esperar de uma sacerdotisa de Vesta¹⁰. Ela olhou para ele, e a profundidade do amor em sua expressão sugou lhe o ar. Um segundo depois, ela o tinha em sua boca. O prazer e a necessidade se misturavam em uma emoção crua que o engolia como fogo. Com habilidade requintada, sua língua e boca o amava até que cada carícia o puxaram para mais perto da borda, que só ela poderia levá-lo. Seu saco se apertou debaixo dele e soltou um grito agudo. . .

⁹ Marcus Aurelius Valerius Maxentius (c. 278-28 outubro 312) era imperador romano ocidental 306-312. Era o imperador Maximiano Filho do ex e do filho-de-lei de Galério, também um imperador.

¹⁰ Vesta era a deusa virgem da lareira, casa, família e na religião romana. Presença de Vesta era simbolizada pelo fogo sagrado que ardia em seu coração e templos. Seu mais próximo equivalente grego é Héstia.

Lysander Condellaire deu um pulo na cama. A realidade viva do sonho ainda assombrava seus sentidos, ele sacudiu a cabeça em uma direção e depois para outra, procurando por qualquer sinal de que poderia não estar onde ele esperava estar. O sol da manhã e o som do tráfego fora de sua janela garantiu que ainda estava na instalação *Sicari* em Roma.

Ele olhou para baixo e fez uma careta para a piscina de líquido branco em seu estômago.

— Fotte.

Ele saiu da cama e foi até o banheiro para limpar-se. Quando terminou, ele agarrou os lados da pia olhou para o grotesco reflexo no espelho. Ele não tinha tido um sonho tão intenso desde a última vez que esteve em Roma, na semana anterior. . . Ele levantou uma parede para lutar contra as memórias ameaçando tomar conta sobre ele. Com uma habilidade que se tornou adepto, ele empurrou seus pensamentos de volta para o buraco escuro onde havia enterrado. O único olho verde da metade homem, metade monstro no espelho olhou de volta para ele. Com um assobio baixo de raiva, ele empurrou uma mão pelo cabelo loiro escuro, se empurrando para longe da pia e ligando o chuveiro.

Por enquanto ele se lembrava que tinha tido sonhos da Roma antiga e da plebe romana, que tinha trabalhado a sua maneira para subir nas fileiras para o posto de *Legatus*. Ele já tinha tido lampejos da mulher antes, mas nunca desta forma. Nunca tão vivas. Este despondimento. E não até agora, a mulher tinha sido uma campainha inoperante para Phaedra DeLuca. Sua mente abraçou a imagem da mulher romana novamente, e ele estremeceu.

Ele entrou no jato do chuveiro de água quente. Olhos fechados, deixando a água picar o rosto. Foi apenas um sonho. Foi a forma de sua mente de compensar o seu desejo de ter Phaedra de volta em sua cama. Aquela única noite de incrível sexo entre os dois ia ter que ser suficiente para durar o resto da vida. Com um rosnado profundo, ele pegou o sabonete e esfregou em seu corpo. Qualquer coisa para livrar sua mente do sonho erótico e o papel de Phaedra nele.

Quando ele saiu do banheiro um pouco mais tarde, puxou a calça padrão de couro preta e camisa escura, que sempre usava em serviço. Durante os meses de verão, seria necessário repensar

o seu vestuário, tendo em conta o fator do calor. Mas o ar ainda tinha um pouquinho do final de fevereiro - mesmo em Roma. Ele saiu do pequeno quarto para a sala de estar. Concebida como uma residência temporária, o apartamento oferecia apenas a quantidade certa de amenidades para descansar, trabalhar e relaxar.

— Entre, — ele ordenou bruscamente, ao som de uma batida em sua porta.

Uma jovem mulher entrou na sala com uma bandeja de comida. Embora ele não tivesse pedido o pequeno almoço, o *Vigilavi* eram excelentes na antecipação das necessidades dos seus empregadores. A maioria dos *Vigilavi* tinha servido os *Sicari* por gerações. Seus antepassados eram pessoas que os *Sicari* tinham salvado de diferentes situações de vida ou morte. Eles eram parte integrante da estrutura da Ordem, e suas contribuições nas aplicações das leis, acadêmicos, medicina e outras áreas foram inestimáveis.

Com um gesto brusco, ele silenciosamente ordenou que ela deixasse a bandeja sobre a mesa na varanda. O sol tornou quente o suficiente para comer fora como ele gostava. A mulher apressou-se a fazer como ele instruiu. A velocidade com que seus pensamentos se estenderam para alcançá-la não o surpreendeu. Era uma habilidade natural. Uma habilidade que sua mãe havia lhe avisado para nunca revelar a ninguém. Ela morreu no seu sexto aniversário, depois do dia que lhe dera o aviso, e que tinha reforçado o seu conselho.

O que o irritava era que sua involuntária sondagem mostrava que ele não estava no controle, e sublinhou o carácter intrusivo de sua ação. Uma onda de aversão navegou através dele, assim logo quebrou o link. A ligação não tinha sido forte, mas tinha sido suficiente para ele ver a forte imagem da garota com seu amante.

Ele costumava achar isso fácil, impedir a sua capacidade telepática de peneirar os pensamentos dos outros. Mas desde aquela noite mais de um ano atrás - merda, essa foi a última coisa que ele queria pensar no momento. Enfurecido pela sua falta de controle, ele balançou sua mão e observava como vários arquivos voavam da mesa próxima e em suas mãos. Ainda irritado com seus pensamentos, ele seguiu a moça até a varanda. Quando ela apontou para a bandeja, Lysander acenou com agradecimentos.

— Posso trazer-lhe qualquer outra coisa, *il mio signore*? — Sua deferência formal o fez fazer uma careta.

O título do *Legatus* não era algo que ele pediu. Atia o fizera *Legatus* estritamente para liderar uma equipe *Sicari* escolhida a dedo em busca do Tyet de Ísis. Ele tentou convencer a mulher que Ares era mais adequado para a tarefa, mas ela rejeitou enfaticamente a idéia. Lysander sabia que a *Cônsul Prima* eventualmente colocaria Ares de volta no comando da associação de Chicago. Ele apenas manteria o local de seu amigo quente até que o líder da Ordem reintegrasse Ares como *Legatus*. Na verdade, ele preferia ser o *Primus pilus* de Ares. A vida era muito mais fácil, como seu amigo e o segundo em comando.

— Não, *grazie*.

— *Molto bene*. Meu nome é Irini. Se você mudar de idéia, por favor, apenas chame. — Com essa resposta alegre, a menina saiu da sala. Estômago rugindo, ele puxou uma cadeira e sentou-se. O Coliseu era visível de onde estava sentado, e havia uma familiaridade sobre o monumento que o chamou com uma força que parecia mais do que simples reconhecimento. Merda. Ele estava imaginando coisas. Ele tinha um gosto especial para a história da Roma antiga, e sua mente estava manipulando esse fato. Assim como em seu sonho.

A imagem de Phaedra, nua a seus pés, mal tinha se formado quando ele fechou a porta sobre a vívida imagem mental. Ele pegou um paninho¹¹ e espalhou geléia sobre ele. Foco. Ele precisava manter a frente da missão e no centro de seus pensamentos.

O restante de sua equipe chegou à noite passada depois que ele foi para a cama, e amanhã, teria todos trabalhando para isolar o possível esconderijo da Tyet de Ísis. A *Cônsul Prima* sempre brincava com suas cartas perto do peito, mas Atia estava convencida de que o artefato estava aqui. Ela ainda disse a Lysander que estava razoavelmente certa de que o artefato era uma pequena caixa decorada com esculturas e pinturas de um nó egípcio chamado Tyet de Isis, daí o nome do artefato. Fora isso, não havia muito para ir, mas quando ele ligou para Emma para perguntar sobre a busca de duas noites atrás, mesmo ela estava muito convencida de que o artefato estava aqui em

¹¹ Panini tipo de sanduíche. De origem italiana, mas agora internacional.
[http://en.wikipedia.org/wiki/Panini_\(sandwich\)](http://en.wikipedia.org/wiki/Panini_(sandwich))

Roma.

Ele olhou para o arquivo no topo da pilha que deixara sobre a mesa. Ele nem mesmo precisou abri-lo. O guarda-costas pessoal da *Consul Prima*, Ignácio Firmani, tinha treinado Cleo Vorenius. Foi uma das razões por que ele a pedira especificamente. Atia não tinha ficado feliz que ele tinha escolhido a filha para a missão, mas não tinha rejeitado. Quando chegasse a hora do combate, eles trabalharam juntos há tanto tempo que sabiam exatamente onde e quando o outro necessitava de ajuda em uma situação apertada. Ela não era apenas como uma irmã para ele. Ela era o tipo de companheiro que sempre cuidava das suas costas. Ele deu outra mordida em seu paninho, seguida de uma bebida de cacau resfriada rapidamente.

Cleo tinha sido a primeiro a encontrá-lo naquela noite no armazém, e semanas depois, ela foi a única a ordenar-lhe que vivesse ou simplesmente morresse assim todo mundo pode seguir com suas vidas. Ele tinha escolhido viver, apesar de perder Phaedra. A imagem de seu bonito rosto empurrou um caminho em seus pensamentos. Tinha ido há um instante, quando uma batida forte anunciou a chegada de Marco Campanella. O homem atravessou rapidamente a pequena sala para se juntar a ele na varanda.

— *Scusi, il mio signore*, mas você queria ver os arquivos dos últimos membros da equipe, quando eles chegaram.

Lysander acenou para o homem que escolheu para seu *Primus Pilus*. Não tinha escapado do seu conhecimento que o jovem tinha o temperamento de Julian sem a natural erupção. Teria sido por isso que ele tinha dado a ele o papel de *Primus Pilus*? Sua primeira lança? Era sua maneira de tentar se redimir da morte de Julian? Ele cerrou os dentes com o pensamento. Não. A escolha de Marco para atuar como seu segundo em comando não tinha sido feito por culpa. O homem tinha conquistado o direito de ser *Primus Pilus* nesta missão.

Sua expressão solene, Marco entregou os arquivos que carregava antes de recuar para esperar em silêncio, enquanto Lysander analisá-os. Lysander tinha consultado a *Cônsul Prima* para potenciais membros para sua equipe, e todos que ele tinha pedido tinham chegado há duas noites.

Os recém chegados tinham sido escolhidos a dedo por Atia sem a sua consulta. Ele não gostou, mas como *Consul Prima* ela estava bem dentro do seu direito de fazê-lo. Ele teve a sorte de sua carreira anterior ter sido como um lutador. Deu-lhe uma melhor visão sobre como construir uma equipa equilibrada, ao contrário de um gordo político como Cato. O verme. Abriu o primeiro arquivo.

— Você reviu estes já? — Ele já sabia a resposta.

— Sim, *il mio signore*. Violetta Molinaro é uma lutadora habilidosa com fortes capacidades intuitivas. Ela tem capacidade limitada de cura, mas tem um talento para fechar seus pensamentos deixando os *Pretorianos* de fora.

Lysander concordou com a avaliação do homem sobre as competências da mulher *Sicari*. Até seu amigo, Ares, não conseguia igualar o talento da mulher para evitar a detecção *Pretoriana*. O que incomodava era que suas habilidades de cura eram muito limitadas. Atia sabia que eles estavam no coração do país *Pretoriano*. Ele precisava de um médico em sua equipe. Um bom.

Ele abriu o arquivo seguinte. Luciano Pasquale. Ele lançou um ruído de satisfação. A reputação do homem era excelente. Ele tinha uma maneira de ter o trabalho feito. Silenciosamente. Lysander abriu o último arquivo e seu coração bateu em seu peito.

— *Il omnipotentia Christi*. A mulher enlouqueceu, — ele exclamou, enquanto olhava para arquivo de Phaedra.

— *Il mio signore?* — Curiosidade enchia a voz de Marco, e Lysander disparou uma rápida olhada contra o outro homem.

— Não é nada. — Ele balançou a cabeça. — As atribuições da equipe. Ângelo e Maria Atellus ficam juntos, mas eles não podem fazer qualquer reconhecimento noturno sem backup. Partner Pasquale com Cleo. Você vai trabalhar com Molinaro. DeLuca vai trabalhar comigo. Eu quero todos reunidos na sala de conferências em duas horas. Isso deve ser tempo suficiente para a chegada tardia superar o cansaço da viagem.

Com o canto do seu único olho, Lysander viu seu *Primus Pilus* hesitar. Ele virou a cabeça e mandou ao jovem homem um olhar duro. Um erro em sua carreira não significa que ele iria permitir que seu *Primus Pilus* questionassem até mesmo as menores decisões que ele fizesse. Com um afiado aceno de sua cabeça, Marco o deixou sozinho na varanda.

Lysander voltou para o arquivo na mão. O que, em nome de Júpiter Atia estava pensando ao enviar a curandeira mais valioso da Ordem para coração do território *Pretoriano*? Claro, ele deveria ter perguntado o que estava pensando no momento em que ela o colocou no comando dessa missão.

A última tarefa que ele levou tinha terminado em dois lutadores torturados até a morte e uma mulher *Sicari* tomadas para fins de reprodução, deixando-o único sobrevivente. No recesso distante de sua mente, ele ouviu os gritos de seu amigo Dominic ou era o som de seus próprios gritos? Ele severamente silenciou os gritos. A lembrança dessa fracassada tarefa o fez inalar um grande gole de ar antes que lançasse em um alto *whoosh*.

Com base somente nessa informação, ele estava começando a questionar a sanidade de Atia. Algo que poderia comprometer o papel da mulher como *Prima Consul*. O trabalho era para uma vida a menos que o líder do Conselho *Sicari* aposentasse ou se alguém se provasse impróprios para o serviço. Agora, ele estava pensando que talvez alguém precisasse no mínimo questionar o julgamento de Atia, se não sua sanidade.

Os papéis na sua frente detalhavam experiência de Phaedra, sua capacidade, e seus pontos fracos. Ele mordeu a parte interna da bochecha quando ele olhou para a informação.

Ele não teve que ler as qualificações de Phaedra. Ele as conhecia bem. Com um forte soco de sua mão, ele bateu o arquivo fechado contra a mesa de ferro forjado. — Porra, eu não preciso dela aqui.

Isso não era verdade e ele sabia disso. De todos os curandeiros na Ordem, Phaedra era a melhor, e alguém com suas habilidades seria um ativo valioso para a equipe. Seus dedos escovaram todo o tecido devastado que mal cobria os músculos do seu rosto. Ela tinha estado

realmente disposta a curá-lo naquela noite, naquele inferno de um ano atrás, mas ele rejeitou a tentativa dela.

Phaedra tinha acreditado que ele estava com medo de vê-la sofrer ferimentos durante o processo de cicatrização. Isso foi parcialmente verdadeiro, mas mesmo se tivesse cedido a seus pedidos, naquela noite, nem mesmo suas habilidades poderia ter destruído o monstro escondido abaixo da superfície.

Pior, ela o teria visto durante o processo de cicatrização. Muitos curandeiros experimentavam não só a dor física do ferimento, mas o trauma emocional do evento também. Ele não estava disposto a arriscar isso com ela. Ele fechou os olhos, bem consciente do vazio e deformado espaço no outro lado do nariz.

A Ordem tinha-lhe oferecido uma cirurgia plástica, mas ele sabia que não teria mudado nada. Ele sabia o que era. O que via no espelho todos os dias servia como um lembrete constante da feiúra nele. Um monstro que nunca tinha conhecido até que tinha se revelado naquela noite. Ele se fez vigilante contra deixar que a escuridão ferisse seus amigos ou da própria Ordem.

Ele se empurrou para fora de sua cadeira, que tombou para trás, ele saiu da luz solar e dentro da pequena sala de estar. Basta. Ele não ia deixar o passado, ou Phaedra DeLuca, ficar no caminho dele em cumprir a sua tarefa. Um riso provocante apareceu na parte de trás de sua mente.

Com um grunhido de raiva, ele voltou para o quarto para pegar seu tapa-olho fora da mesa de cabeceira. Não era uma necessidade, mas ele tinha descoberto que isso ajudava a minimizar o impacto inicial que seu rosto marcado tinha na maioria das pessoas. Então, houve ocasiões em que serviu para fazer personagens desagradáveis desconfortáveis. A peça de couro circular assentada no lugar sobre a sua órbita afundada, e ele voltou para a sala de estar quando uma afiada batida soou na porta do pequeno apartamento.

— Entre, — ordenou, esperando que Irini havia retornado para pegar sua bandeja de café da manhã.

No momento seguinte, todo o seu corpo ficou rígido com surpresa, quando Phaedra entrou na suíte.

Desesperado, ele tentou ignorar o fato de que cada nervo de seu corpo estava em chamas com a tensão.

Ela tinha os cabelos cor de ébano¹² em uma trança que corria no meio das costas até um local de uma polegada ou mais de seus ombros. A memória do cabelo escuro derramado em torno dela em um travesseiro fez um nó na garganta que crescia, expandia e apertava. Sua aparência era impecável, e sua pele era marrom dourado típico dos nativos do sul da Itália. Assim como ele, usava o uniforme padrão de trabalho da Ordem *Sicari*, apenas nela, agarravam-se na curvas que despertaram imagens sensuais, que ele sabia que era melhor deixar enterradas.

Mas foi com os olhos que sempre conseguiu atraí-lo e mantê-lo paralisado. Eles eram de um castanho quente, com manchas douradas que brilhavam sempre que ela estava com raiva ou animado.

Inclinados apenas o suficiente para dar-lhe um olhar exótico, eles estavam estreitados para ele agora. Um sinal de que estava avaliando a situação. Ele imediatamente reconheceu o fato de que a qualquer momento ele estaria se afogando em águas profundas.

¹² O termo **ébano** também é muito aplicado em referência à raridade da cor negra que possua grande valor. Assim como também é usado como elogio a pessoas afro-descendentes.

Capítulo 5

Phaedra ainda estava remoendo as palavras de Cleo, quando foi na direção do apartamento de Lysander na casa segura de Roma. Em alguns aspectos, Cleo tinha razão sobre a tensão subjacente entre ela e Lysander. Essa tensão se intensificou no momento ela o condenou no *Rogalis* de Julian.

Ela estava na frente daquela pira funerária furiosa com Julian e havia permitido que sua dor anulasse seu julgamento. Seu amigo tinha ido à procura de problemas por causa dela.

Observando as chamas da cremação de Julian, sua culpa e raiva, tinha destruído a sua capacidade para pensar direito. Tudo tinha batido nela como um trem de carga. Sua culpa pela morte de Julian, a dor da rejeição de Lysander, e sua própria incapacidade de seguir com a vida.

Isso a tinha feito querer atacar qualquer um que entrasse em sua linha de visão. E no minuto que Lysander pisou em sua direção na pira funerária ela explodiu de raiva. Sua pena era a última coisa que ela queria, e ele a fez lançar-se quão selvagem possível. No instante em que ela o culpou pela morte de Julian, ela lamentou suas palavras amargas.

A angústia no rosto tinha dito que ele estava culpando-se não apenas pela morte de Julian, mas pelos dois guerreiros que morreram naquele armazém em Englewood, Chicago. Mas a morte de Julian não tinha sido a sua responsabilidade. Havia sido dela. Aquele momento tinha mudado. Pela primeira vez, ela teve uma compreensão sobre o que Lysander tinha de estar vivendo a cada dia.

A raiva acumulada dentro dela havia sido lavada até que a única coisa que restou foi o sofrimento que vinha com o fato de amá-lo. A partir desse ponto, ela parou de sempre insultá-lo. Se ele tivesse sido confundido por sua nova restrição, ele nunca permitiu que isso se mostrasse.

E agora ele tinha pedido por ela. Esperava que não fosse algo que pudesse arcar com Lysander, mas que não parava de crescer em seu coração.

O fato de que ele a queria na sua equipe para a tarefa de Roma foi o suficiente para fazer que floresçam emoção como uma frágil flor. Ela não entendia o porquê, mas ele de repente mudou

de idéia sobre tê-la na mesma equipe com ele. Foi uma volta completa em relação ao ano passado, quando ele saía do seu caminho para evitar que ela fosse atribuída a alguma de suas missões.

Seus dedos bateram na porta do apartamento de Lysander. Se o homem tinha a intenção de jogá-la depois de trazê-la a Roma, ele conseguiu. Ela não conseguia se lembrar da última vez que tinha estado tão malditamente nervosa. Sua voz profunda ordenou que ela entrasse. Engolindo o medo, ela moveu-se através da porta.

A visão dele de pé no meio da sala mandou sua pulsação derrapando fora do controle. Como se ela fosse um carro de corrida de repente se deslocando em alta velocidade, seu coração não poderia ter ido mais rápido. Havia um olhar estranho em seu rosto que ela poderia ter jurado que era medo antes de sua expressão congelar em granito. O que possivelmente poderia ser o que o homem estava com medo? Cada terminação nervosa em seu corpo puxou-a para chegar o mais próximo a ele quanto podia. Ela resistiu à força quando ele cruzou os braços sobre o peito.

O movimento destacou os músculos do ombro musculoso, ondulando sob a camiseta preta que ele usava. Uma corrida de fogo acelerou por sua espinha até o pescoço, que estava quente sob os cabelos trançados.

Incapaz de ajudar a si mesma, seu olhar deslizou para baixo da linha contínua de suas poderosas pernas envolta em couro preto apertado. A memória dessas pernas fortes deslizando contra as dela a fez erguer seu olhar de volta para seu rosto. Isso não a fez se sentir melhor, porque aquele lindo olho verde dele estava olhando para ela como um falcão.

Ele enfrentou o rosto erguido dela, seus traços opostos um do outro. Um perfil de uma horrível massa de tecidos cicatrizados e de músculo, o outro lado era a de um lindo anjo capaz de seduzir uma mulher com apenas um relance do verde de seu olhar penetrante. Algo que ele tinha conseguido fazer muito facilmente um ano atrás. O tapa-olho sobre o olho marcado adicionada à dura e escura emoção que ele exalava, enquanto olhava para ela em silêncio, esperando que falasse. Deus, o homem a deixava nervosa como o inferno. Ela lutou para obter o seu ritmo cardíaco sob controle.

— Precisamos conversar, — ela retrucou. *Christus*, não foi um bom começo.

— Sobre? — Seu tom de voz a fez apertar os lábios.

— Droga, por que você sempre tem que ser tão enigmático? — O homem era mais do que isso. Ele era irritante.

— Você é pior do que Ares.

— Estou lisonjeado.

— Não foi um elogio.

Ele arqueou a sobrancelha de uma forma arrogante em sua observação frustrada, mas manteve-se silencioso. Ela respirou fundo, em seguida, expirou. Isso não estava indo muito bem. Ela deveria estar pedindo desculpas a ele, não o contrariando. Ela centrou-se em uma tentativa de criar alguma calma dentro dela.

— Ok, deixe-me começar de novo. Temos... Uma história, você e eu. Isto não é Chicago, e desde que você pediu por mim nessa missão, achei melhor que limpar o ar entre nós.

— Eu não pedi por você, — ele disse duramente.

Se ele batesse nela, ela não poderia ter estado mais atordoada. Como ele poderia dizer que não tinha pedido por ela? Ela estava aqui. Ela recebeu o e-mail, e seu nome estava na lista de passageiros do Learjet da Ordem, que tinha voado para cá.

— Eu não entendo... Como *Legatus*, você escolhe a sua própria equipe. Disseram-me para reportar aqui.

— A *Prima Consul* acrescentou lutadores à lista que eu fiz. Eu não coloquei seu nome na minha lista.

A pele do seu rosto tornou-se frio quando o sangue foi drenado. Ele não tinha solicitado por ela. Deus, ela poderia ser mais tola do que isso? Sua cabeça estava girando, e ela não sabia que caminho tomar. Rejeição estava se tornando um hábito que ela poderia viver sem. Ele a tinha deixado vir até aqui só para dizer que não era requerida? Ela ficou rígida com o pensamento.

— Então por que não dizer a Atia para me tirar da lista? — Ela falou.

— Eu não sabia que ela tinha atribuído você à minha equipe até que meu *Primus Pilus* me deu o arquivo a pouco tempo atrás, — ele disse calmamente.

Por um momento, ela poderia ter jurado que havia uma suave nota de desculpas em sua voz. Ela imediatamente descartou a idéia. Foi apenas um desejo por parte dela. O homem estava a ser nada mais que educado. Mas ela não queria que ele fosse educado. Ela queria que ele dissesse que o ano passado havia sido nada mais do que um grande erro. Queria ouvi-lo dizer que ele se preocupava com ela e tinha a empurrado para longe porque não queria vê-la magoada. Isso é o que ela queria que ele fizesse.

Ele não fez nada disso.

Em vez disso, ele esfregou as costas do seu pescoço e olhou para o chão em uma contemplação. Sua imaginação teve a audácia de sugerir que a sua presença, tirava-lhe o equilíbrio. Ela tentou descartar a idéia, mas não conseguiu. O homem estava quase como uma pedra dura com a tensão, e tinha que ser, porque ela estava aqui. Se eles estavam indo andar em cascas de ovos em torno um do outro, então ela precisava voltar para casa. Mas a verdade era que não queria ir para casa.

— Mande-me de volta a Chicago, então. — Ela ouviu a reticência de sua voz, mas ele não pareceu notar.

— Atia teve suas razões para enviar-lhe aqui. Ela não gostará de te enviar para casa, — ele disse suavemente, mas ela podia ver que ele estava inquieto sobre ela estar aqui. — Quanto ao passado. É só, o passado.

Ela se encolheu ante suas palavras. Não era apenas o passado. Era tão real e vívido para ela como se tivesse acontecido ontem. Apenas um homem que não se importava com ela poderia usar essas palavras. Ela respirou afiado quando inclinou a cabeça para evitar olhar para ele. A última coisa que ela precisava era ver o quão vulnerável ela era onde ele estava preocupado.

— Então eu acho que eu vou ficar.

— Se você está preocupada que eu vá te tratar de forma diferente do que os outros... não precisa.

Suas palavras tinham uma borda afiada nelas que disse que ele tinha sido ofendido de alguma forma pelo comentário dela. Ela ergueu a cabeça para ver seus olhos verdes estudando-a com uma emoção que fez seu coração saltar uma batida. Ele piscou e não estava mais lá. Isso tinha sido um flash de desejo em seu olhar ou ela estava imaginando coisas?

O nó na garganta inchou. Ela era uma idiota. Quando iria aprender que as coisas não estavam caminhando para uma mudança? Ela ficava procurando por tudo o que possa dar-lhe esperança, mas ela continuava vindo de mãos vazias. Era hora de seguir em frente, mas ela não sabia como. Talvez a melhor maneira de fazer isso era fazer o que ela tinha vindo aqui. Desculpar-se.

— Eu não vim aqui apenas para limpar o ar entre nós. — Ela hesitou, sem saber como proceder.

— Não é preciso que você se segure, Phaedra, — ele disse com um traço de diversão cínica. — Basta dizer o que você tem a dizer.

Christus, o homem não estava facilitando as coisas. Ela não o culpava por estar desconfiando dela.

Os cabos verbais que ela lhe dera no ano passado não eram algo que estivesse orgulhosa, mas não podia levá-los de volta. Ao mesmo tempo, ela sabia que ele não era completamente inocente. Ele tinha sido um bastardo em deixá-la ir naquela manhã pensando que tinham partilhado algo especial. E ela foi uma idiota por continuar orando que ele tivesse mentido.

— Eu queria agradecer... Você foi bom para mim quando Julian morreu. — Ela o viu endurecer com surpresa. Evidentemente, suas palavras não eram o que ele esperava.

— Eu sei o quanto ele significava para você.

Lá estava ela novamente, a nota dura em sua voz. Quase como se lhe doesse falar sobre Julian. Talvez doesse. Ele definitivamente não era um tema fácil para ela.

— Julian era meu amigo. Você fez o que pôde para tornar as coisas mais fáceis para mim, e eu estou grata. — Seu olhar encontrou o dele, e ela mordeu o lábio inferior com a expressão

impassível no rosto. — E eu estou especialmente grata por você não dizer a Atia que eu curei Ares depois que ocorreu o desafio.

— Foi fácil de fazer. Eu não vi você curá-lo, — ele rosnou.

A expressão escura no rosto dele fez a sua boca ficar seca. A tensão vibrava entre eles de uma forma que era tangível. Podia senti-lo deslizar sobre sua pele até que ela queria correr da sala. Mas ela já tinha começado.

— Mas você sabia, você me viu depois do fato. Você ainda me levou de volta para o meu quarto —

— Aonde você quer chegar Phaedra? Eu tenho trabalho a fazer.

— Eu queria falar sobre a noite do *Rogalis* de Julian.

— Não há nada a dizer, — ele falou por entre os dentes cerrados quando seu corpo ficou ainda mais rígido de tensão. — Você falou a verdade.

— Não. — A veemência na voz dela foi impressionante quando ela se virou e passou por ele para ficar na porta que dava para a varanda. — Eu sou a culpada pelo que aconteceu com ele, não você. Ele não teria desobedecido a suas ordens, se eu não tivesse rejeitado a sua oferta de vínculo de sangue na noite anterior.

Suas palavras foram um duro golpe. Julian tinha pedido para ela ser sua esposa. É isso que eles estavam discutindo sobre quando ele os encontrou no ginásio na véspera que Julian morreu? Por que ela rejeitou o lutador *Sicari*? *Il omnipotentia Christi*, era possível que ela ainda se preocupava com ele, apesar do modo perverso que ele tinha a rejeitado no hospital?

Seu coração parou ante o pensamento. Os músculos do seu rosto ficaram tensos, o que causou um protesto no seu lado demoníaco como um agulhão afiado. Ele não tinha o direito de solicitar essa pergunta. Além disso, as farpas ácidas dela no ano passado tinham ilustrado o quanto ela o desprezava.

— Naquela noite não foi a primeira vez que Julian desobedeceu as ordens. Ele era impulsivo. — Ele grunhiu as palavras.

— Mas eu acusei... Culpando você, e eu... — Agitando as mãos na bochecha.

Dulcis Jesus, ela estava chorando. Phaedra nunca chorou. Ela nem tinha chorado no *Rogalis* de Julian. Ele estava certo de que seus braços iriam mostrar contusões de seus dedos que estavam cravando-se profundamente em sua pele, ele lutou contra o impulso de ir até ela. Um segundo depois, ela inalou uma respiração profunda. — Eu estava errada em culpá-lo naquela noite, e eu sinto muito.

No instante seguinte, ela estava correndo em direção à porta. Atordoado pelo seu pedido de desculpas, ele ficou congelado. Phaedra odiava estar errada, e odiava se desculpar ainda mais. Dizendo que sentia muito a ele tinha que ter lhe custado muito caro. O fato de que ela estava saindo, de repente perfurou sua consciência. Ele saltou para a frente e interceptou-a quando ela chegou à porta.

No minuto que sua mão agarrou o braço dela, ela virou de costas em uma postura defensiva, a sua palma batendo em seu peito. Sua reação inesperada o pegou desprevenido, mas ele rapidamente bloqueou seu próximo golpe. Em um movimento experiente, seu pé chutou para frente em um gancho em torno de suas pernas. No momento em que começou a cair para trás, ele a seguiu e puxou-a em seu peito.

Segurando-a perto, ele torceu o corpo e imaginou bater em um colchão macio. Quando eles atingiram o chão debaixo dos estofos invisível, ela estava em cima dele. Seu primeiro pensamento foi a lembrança da última vez que tinha estado tão próxima a ele. Então não havia nada entre eles, apenas a pele quente. Fogo correu pelo seu sangue até que ele podia sentir o início de uma ereção. Merda, ele deveria tê-la deixado cair.

Ela era especializada em combate mão-a-mão e teria facilmente se recuperado. O som suave de sua respiração irregular comandava os seus sentidos até que o seu batimento cardíaco acompanhou o ritmo de sua respiração frenética.

Surpreendeu-lhe que não lutou para longe dele. Em vez disso, ela ficou exatamente onde estava. Um peso de prazer em seu corpo. O cheiro dela era um afrodisíaco para os seus sentidos. Ela cheirava como uma brisa quente de verão, com apenas um toque de maçã, afiada e doce.

Seu olhar encontrou o dela, e houve um flash de consciência no líquido calor de seus olhos que criou uma resposta primária por todo o corpo. O rosa suave de sua exuberante boca o puxava

para ele, e sem querer, ele imaginou beijá-la. Um suspiro de necessidade sussurrou fora dela, e ele endureceu quando ela abaixou a cabeça timidamente escovando a boca sobre a dele. A carícia quebrou uma parede dentro dele, e sua mão em concha na parte de trás do seu pescoço puxou-a mais perto.

Ela veio por vontade própria, e no instante seguinte desejo o envolveu em uma explosão de calor que só ela poderia matar. Seus lábios se separaram contra o seu, dando-lhe carta branca para explorar a doçura interior da boca. Ele não conseguia se lembrar da última vez que tinha provado nada como esta, maravilhosa. Doce e quente, sua língua girava em torno ante a sua demanda silenciosa por mais.

Segundos depois, seus lábios estavam montando pelo seu corpo em chamas e ela arrastou a boca para baixo da sua garganta. Seus dentes mordiscavam levemente em sua pele, puxando um grunhido de prazer dele. Deus, ele a queria pior do que a última vez que ele tinha feito amor com ela. Tudo voltou correndo para ele enquanto sua mão acariciava cada centímetro dela que podia alcançar.

Ele não tinha esquecido como era bom entre eles, mas não se lembrava de ser tão intenso. Não havia uma coisa nela que não desejasse mais. O cheiro dela encheu suas narinas quando lembrou o quão boa ela se sentiu quando ele deslizou em seu calor de veludo. Ela suspirou, e ele percebeu que ela o sentiu acariciando-lhe o núcleo com seus pensamentos.

Ela imediatamente levantou a cabeça para olhar para ele. Paixão acesa naqueles lindos olhos marrons enquanto esfregava seus quadris em sua ereção dura como pedra em um erótico movimento sugestivo. Ele arrastou um gemido torturado, e ela esfregou contra ele novamente, fazendo seu pênis doer por ela. Ele extraiu um silvo agudo do ar e revirou mais em suas costas.

Com o desejo furioso em seu sangue, ele abaixou a cabeça para beijá-la duramente. Seu sangue espesso rugia em suas veias quando ela encontrou suas carícias exigentes com igual fervor. *Christus*, ele precisava encontrar uma maneira de recuperar o controle da situação. Seus sentidos imediatamente desligaram o pensamento quando o perfume, paladar e tato dela o puxaram de volta para um lugar que ele não queria sair. Sua boca deixou a sua e levemente arrastou por toda a sua carne danificada. Ele endureceu com o toque. Havia uma ternura no carinho que apertou em torno de seu coração.

— Lysander, por favor. — Seu sussurro era quase como uma oração e isso bateu nele com uma força que sugou o ar de seus pulmões.

Porra. Ele estava louco. Ele tinha estado à beira de fazer dela sua de novo. Com um grunhido de raiva feroz, ele rapidamente rolou para longe dela. Em um único movimento fluido, ele estava em seus pés. Surpresa arregalou os olhos dela depois um olhar assombrado varreu seu rosto. Era a mesma expressão que usara quando ele a mandou embora do hospital.

Incapaz de suportar olhar para a dor em seu rosto, ele se virou para longe dela. Uma mão correndo através do seu cabelo curto, seu cérebro agitando freneticamente para surgir com alguma lógica explicação para beijá-la. Ele havia tentado no ano passado fazê-la acreditar que ele não se importava com ela, e agora ele chegou perto de fazer amor com ela.

Como, em nome de Júpiter, ele estaria fazendo-a acreditar que as coisas não tinham mudado sem ela odiá-lo? Esse era o ponto, não era? Não, ele não queria machucá-la novamente. E ele estava certo de que estava prestes a fazer exatamente isso quando ele se virou para encará-la. Droga.

Uma expressão impassível em seu rosto, ela subiu para seus pés e ficou ereta, olhando fixamente para um ponto sobre seu ombro. Exceto para o pulso selvagem esvoaçando no pescoço, ninguém teria pensado que estava composta. Ele sabia melhor. Mas a sua resposta a ele segundos atrás ainda surpreendeu. Durante o ano passado, ele trabalhou duro para fazê-la desprezá-lo. Ele pensou que tinha conseguido, mas agora ele não estava certo, e o conhecimento assustou o inferno fora dele.

— *Peço Indulgentia, il mio signore.* Eu não tenho nenhuma desculpa por bater em você.

— *Christus,* — ele murmurou. Ela soou como se esperasse que ele a sentenciasse à *Castigatio* por golpear um *Legatus*. Com um gesto afiado, ele dispensou a sua declaração.

— Esqueça isso. Eu fiz.

Ela se encolheu, e ele imediatamente lamentou o tom afiado. Ele fez soar como se tivesse já se esquecido que tinha tocado-a novamente. Nada coerente, formava em sua mente para dizer-lhe, e ele apenas olhou para ela em silêncio. A tensão entre eles era como um fio invisível esticado, e no minuto em que bati, isso estava indo para acertá-lo como um taco de beisebol.

— Sobre agora

— Esqueça isso. Eu fiz. — Ela friamente atirou suas palavras de volta para ele.

Sua amargura era uma lâmina afiada eviscerando-o com uma delicada precisão. Ele foi direto ao seu meio, em seguida, deslizou para cima para o coração e cortou-o fora dele. Merda, ele merecia a sua ira. Ele conseguiu feri-la novamente. Se isto iria ser como trabalhar com ela todos os dias, ele estava em apuros.

Talvez ele precisasse colocá-la como par com Pasquale. Não. A única pessoa que ele confiava para manter sua segurança era ele mesmo. A pergunta a ser respondida era se lhe dissesse agora ou mais tarde que eles iriam ser parceiros durante a missão. Ele olhou para as características impassíveis dela. De alguma forma, ele não achava que ela iria reagir bem à notícia.

Mais tarde. Ele lhe diria mais tarde.

— Posso ir?

A inesperada nota ferida em sua rouca voz fez seus músculos se apertarem. *Christus*, ela estava à beira das lágrimas novamente? Ele não poderia deixá-la ir assim. Tinha que haver algum tipo de explicação que ele pudesse dar para o seu comportamento. A única coisa que conseguia pensar era a única coisa que ele não estava prestes a dizer. Ele ignorou a tentação para negar o seu pedido. Em vez disso, ele deu-lhe um aceno de cabeça para a permissão e observou em silêncio enquanto ela se lançava para fora da porta. Ele ia ter a cabeça de Atia por isso. A *Prima Consul* estava brincando não só com a sua vida, mas de Phaedra também.

Capítulo 6

Atia Vorenius entrou pela porta principal de Santa Maria sopra Minerva¹³ e parou logo na entrada. A igreja repousava no local de um dos templos antigos – Minerva, deusa da sabedoria. A ironia de sua presença aqui não foi perdida por ela. Ela havia dado seu guarda-costas um deslize algum tempo atrás, e se Ignacio sabia onde ela estava o homem teria um ataque cardíaco. Mesmo tão recente quanto vinte anos atrás, sua presença nessa igreja teria colocado sua vida em perigo. Ela ainda estava em risco se ela realmente pensasse sobre isso. A captura da Prima Consul da Ordem significaria uma promoção para qualquer *Pretoriano*.

Algo em Ignacio iria zumbir quando ele finalmente encontrasse com ela. A Santa Maria sopra Minerva era a mais alarmante de todas simplesmente por causa do que tinha sido há muito tempo. Mascarados como homens santos, os *Pretorianos* tinham usado esse lugar particular como um terreno fértil para sua limpeza étnica dos *Sicari*. Os bastardos abusaram dos ensinamentos do carpinteiro por séculos, convencendo outros que isso era uma tarefa divina para acabar com o mal. Um mal que eles tinham rotulado *Sicari*. Esta igreja tinha produzido alguns dos mais zelosos inquisidores durante a Idade Média, todos eles *Pretorianos*. Mesmo o grande Galileu não escapou da sua ira, como seu julgamento teve lugar aqui.

Ela ficou tensa quando viu um padre entrar na nave e se mover até a frente do altar. Imediatamente, ela fechou os pensamentos, mas não antes do homem virar-se para estudar o local do culto. Ela inalou uma respiração afiada de ansiedade. Captura significava sua morte. Ela era muito velha para ser usada como reprodutora, mas os *Pretorianos* tentariam abater cada pedaço dela de conhecimento que eles pudessem antes de matá-la.

¹³ A Igreja de Santa Maria Sopra Minerva é o primeiro e o único templo gótico de Roma. A construção do edifício foi iniciada em 1280, no sítio de antigo templo de Isis, erradamente identificado como templo de Minerva, donde o nome que significa «acima de Minerva». Localizada, como era, bem no centro da cidade, e pertencendo a uma ordem de pregadores, a igreja era muito popular entre os romanos. Numerosas capelas laterais foram acrescentadas, e há muitos sepulcros onde estão papas, o pintor Fra Angelico, que pertencia à Ordem, e Santa Catarina de Siena. A capela mais famosa é a Carafa, no final do transepto direito, construída para o Cardeal Oliviero Carafa e consagrada em 1493. É uma das mais belas decorações de capela em toda Roma. Outra grande atração da igreja, seu maior tesouro, é a grande estátua do Cristo Ressuscitado por Michelangelo, esculpida em mármore desde 1519 e desvendada a 27 de dezembro de 1521.

Apesar de sua aversão à Carpenter mostrando o desrespeito com o pretexto de adoração penitente, ela parou na fonte ornamentada a uma curta distância para a nave para evitar estabelecer qualquer atenção para si mesma. Melhor fingir do que ser encontrada e, eventualmente, perder sua vida.

Mergulhando seus dedos na água, ela ajoelhou em direção ao altar com um pedido de desculpas não ditas. De alguma forma, ela não achou que a Carpenter se importaria. O fingimento feito, ela rapidamente contornou a fileira traseira de bancos para seguir o corredor ao longo da parede norte. Ela se moveu com a velocidade e silêncio que ela aprendeu na infância. A partir do momento que eles pudessem andar, os *Sicari* aprendiam a se mover com grande discrição e rapidez. Não era só por causa do que eles faziam – era como eles tinham sobrevivido ao longo dos séculos.

Embora ela estivesse entre cinquenta e sessenta anos, ela ainda estava em excelente forma, que teve a seu favor quando veio para evitar ser descoberta ou capturada na fortaleza *Pretoriana*.

Marcus sempre gostou de se esconder bem debaixo do nariz do inimigo. Era um jogo para ele. Um mortal. Particularmente nesse lugar. Mas ela tinha pouco a dizer sobre o assunto. Como Marcos era o Rei *Sicari*, ela tinha que obedecê-lo. Pelo menos ele não havia ordenado que se encontrassem na área do circo de Nero. Isso teria significado entrada valente para o que era um terreno sagrado para muitos fiéis da Igreja. Teria sido muito mais perigoso. Os *Pretorianos* eram em um grande número na casa do homem que havia negado o Carpenter. Como ela correu pelo corredor norte, viu um grupo pequeno de turistas admirando a arquitetura ondeante do pilar no lado oposto da igreja. Em um dos bancos da frente, uma mulher velha e uma criança estavam ajoelhadas sobre as bancadas de oração. Consciente da ameaça potencial no altar, ela calmamente disparou para a esquerda e passou pelo belo Cristo ressuscitado feito por Michelangelo séculos atrás.

Passado a estátua e a área do coro atrás do altar, ela encontrou a escada em espiral para dentro das criptas. Sempre que ela encontrou Marcus em um desses locais, esta parte da viagem era a que ela menos gostava. Ela detestava toda a morte e podridão por trás dos muros. A limpeza ardente de um ritual de enterro *Sicari* era de longe mais aprazível do que colocar um corpo no chão para alimentar os vermes.

No final do corredor da cripta, ela parou. Nada diferente do que sua própria respiração encheu o silêncio na passagem escura. Reassegurando que ninguém a tinha seguido, ela deslizou os dedos ao longo da borda superior da crista de pedra que margeava a cripta que ela encarava. Assim como a mensagem de Marcus tinha dito, ela encontrou o ligeiro solavanco na pedra diretamente acima da interseção em P e o X do símbolo Chi-Rho.

No momento em que ela apertou o gatilho de pedra acima do antigo símbolo da Igreja de Carpenter, a fachada talhada da cripta rolou bruscamente para um lado com um estrondo calmo. Ela rapidamente deslizou pela abertura estreita e puxou a alavanca de ferro no interior. A areia sob seus dedos foi um reflexo de quanto tempo fazia que alguém tinha usado esse esconderijo secreto *Sicari*. Ainda assim, a pedra deslizou suavemente de volta no lugar atrás dela como se o tempo não tivesse envelhecido apesar de tudo.

Toda essa a intriga e perigo. Porque Marcus não escolheu um local aberto, onde o risco seria muito menos confuso para ela. Ela se perguntava se ele fez isso como uma forma de punição por transgressões passadas. Dele ou dela, ela não podia ter certeza. Cega, ela alcançou à esquerda, seus dedos tateando para encontrar a vela e a caixa de fósforos na prateleira. Menos de um minuto depois, Atia usou a vela acesa para iluminar seu caminho por um corredor curto até uma escadaria de pedra. Ela olhou para baixo e viu o brilho tênue de luz.

Maldição, ele já estava aqui. Sua mão na parede fria para acalmá-la, ela correu escada abaixo. Ela esperava estar aqui quando ele chegasse. Ela fez uma careta. Marcus parecia estar sempre um passo a frente dela. Era irritante. Ela quase chegou ao seu destino quando o som de um riso masculino profundo ecoou para fora da escada. Assim como ele sempre teve, ele poderia facilmente dizer o que ela estava pensando. Desgostosa com sua incapacidade de proteger melhor seus pensamentos dele, ela entrou no pequeno santuário e esperou em silêncio apenas dentro da soleira da porta.

O único ocupante da sala pequena se ajoelhou em frente a um antigo altar de Minerva. Marcus era um dos poucos *Sicari* que ela conhecia que manteve seus velhos modos. Mas os Lordes *Sicari* eram treinados para seguir o caminho da justiça e da sabedoria. E sua sabedoria tinha guiado cada Prima Consul que viria antes dela. Com um leve toque para os ícones

*lararium*¹⁴, ele apagou a vela de cada lado da tela pequena e se levantou. Mesmo sem suas vestes de monge, a sua altura teria feito dele uma figura imponente. Empurrando o capuz de sua cabeça, Marcus se virou para encará-la. Tinha sido mais de cinco anos desde sua última reunião, e ele tinha mudado. Seu rosto ainda era jovem, mas seus vívidos olhos azuis refletiam uma mudança de espírito.

— Não muita mudança, eu espero.

— Certamente não quando se trata de sondar meus pensamentos. — Ela enviou-lhe um olhar irritado.

— Você nunca se importou com esse meu talento especial, — ele disse com uma risada. — Você está tão linda como sempre.

— Você precisa de óculos.

— Você sempre estará linda para mim, Atia.

A sinceridade em sua voz fez o coração dela saltar uma batida, e os anos que se desvaneceram quando ambos eram jovens. Ela franziu a testa enquanto a tristeza da idade lançou por ela, e ela chegou até a tocar seu cabelo prata. Era impossível voltar atrás. Ele mudou de assunto, dando a ela a chance de empurrar o doloroso passado de lado.

— Eu entendo que Ares tomou a *domina*.

— Sim, eles estão desfrutando de uma lua-de-mel prolongada na propriedade de Rennes le Chateau. Emma encontrou alguns indícios interessantes em uma das ruínas próximas.

¹⁴ O *lararium* (pl. *lararia*) altar é o lugar sagrado da casa onde oferendas e preces são feitas aos deuses. Em casas mais abastadas romanas, tais como vivendas privadas, o altar *Lararium* principal era normalmente fixado no Átrio (sala de recepção da frente, perto da porta da frente). Na época romana casas mais pequenas, *Lararium* foi mais freqüentemente localizados perto da lareira (a cozinha ou o local de um fogo central). Mas uma casa pode ter várias *Lararia* menores, bem como, dentro de casa (especialmente nos quartos) ou no exterior. A *lararium* propriamente falando, é um santuário para lares.

— Eu vejo. — Seu olhar se estreitou quando seus olhos se encontraram. — Pelo que me lembro, aquela parte da França é muito bonita nesta época do ano.

— Sim, — ela disse com um gesto brusco e arrastou os olhos longe dele. Ela não queria lembrar o quão felizes eles foram naqueles primeiros quatro anos em Rennes le Chateau.

— Ares é um excelente lutador. Ele vai mantê-la segura.

— Você diz isso como se... — Ela chupou em uma respiração afiada. — Você. Foi você no beco na noite que Ares conheceu Emma. Foi com você que Ares lutou naquela noite.

— Agora porque você pensaria isso? — Uma nota de divertimento flutuou sob suas palavras.

— Porque não houve relatos de um *Sicari* em qualquer lugar do país. O lutador apareceu do nada e desapareceu tão rapidamente. — Atia estreitou os olhos para ele.

— E nenhum *Sicari* correria de uma briga.

— Há uma diferença entre rendição e benevolência, — ele rosnou. — Você sabe tão bem quanto eu que Ares não é páreo para minhas capacidades e habilidades. Se eu soubesse que o garoto tinha planejado atuar como protetor de Emma Zale, eu não teria interferido.

A indignação em seu rosto o fez ainda mais imponente, mas ela enfrentou sua raiva com a mesma provocação que ela sempre teve. No minuto em que ele se inclinou para ela, todo o poder de sua presença a envolveu em uma tempestade de sensações que ela pensou que tinha esquecido há muito tempo. Uma expressão estranha atravessou seu rosto quando ele se inclinou ainda mais perto.

O cheiro dele encheu suas narinas, um cheiro limpo de bosque. Ele enviou um pulso de consciência através dela, e os anos se desvaneceram na primeira vez em que ela o irritou. Um momento que irrompeu em uma noite de paixão que tinha mudado tudo. A memória desses

momentos há muito tempo a encheu de um anseio que ela pensou ter esquecido. Ela afastou-se de lado. Ela era mais velha agora, muito mais sábia, e certamente não cederia ao impulso ou paixão.

— Seus pensamentos revelam um grande negócio, meu amor.

— Revelam, Eminência? — ela disse em um tom pomposo.

Marcus ergueu seu queixo com uma mão, um sorriso gentil em seus lábios firmes. Uma boca que tinha dado prazer a ela tão requintadamente muitos anos atrás.

— Tão formal. Você esqueceu o que houve entre nós?

— Não. O passado está sempre comigo, — ela disse calmamente. — Mas eu pensei que você me chamou aqui para discutir o Tyet de Ísis e alguma informação nova que você descobriu.

O azul celeste do seu olhar vigilante a fez se fechar para ele. O incômodo em sua expressão disse a ela que seus esforços para mantê-lo fora de sua cabeça haviam sido bem sucedidos. Ele fez uma carranca para ela, em seguida, soltou um juramento macio e acenou com a cabeça fortemente.

— Eu recebi uma análise das mutilações nos corpos dos pais de Emma e seu mentor. Meus recursos acreditam que as marcas esculpidas nas bochechas de Zales e Russwin são simbólicas para o assassino. Eles acreditam que o símbolo é de origem *Pretoriana*.

— Porque em nome de Juno¹⁵ eles achariam que é *Pretoriano*?

— Porque se você adicionar duas linhas para a marca, forma a sigla.

— O Chi-Rho, — ela disse quando ela exalou em uma respiração rápida. Ela lembrou do símbolo P e X na pedra que cobria a entrada para este antigo templo. Era tão simples. Embora seus pesquisadores notaram as semelhanças entre o símbolo Chi-Rho usado por Constantino I, na

¹⁵ Juno (romano), Hera (grego). São nomes da deusa esposa de Júpiter (Zeus) e rainha dos deuses.

Batalha de Mílvia ¹⁶ e a marca deixada nas vítimas, eles não tinham feito a ligação. Mas então ela não tinha um psicólogo forense para rever os símbolos, algo que agora ela estava certa que Marcus tinha feito. Ela não podia acreditar que tinha cometido um erro tão estúpido. Ela deveria ter feito isso sozinha.

— Mas por que não completar a mutilação? — ela murmurou e franziu a testa. — Isso significaria que a justiça tenha sido administrada.

— Eu tenho dito que o indivíduo fazendo a marca é mais provável ser um fanático que acha que seria um sacrilégio marcar suas vítimas com o símbolo de Carpenter. Um símbolo de laços profundos com o nascimento da presença *Pretoriana* na igreja. — Um tique na bochecha de Marcus a fez perceber quão profundamente essa informação o preocupava. — Ao invés disso, o assassino usa o símbolo parcial como uma forma de marcar as vítimas como hereges que são uma ameaça para os *Pretorianos*.

— Mas os Zales e Russwin não foram *Vigilavi*. — Atia franziu o cenho. Os *Vigilavi* eram *alieni* que serviam a Ordem em diferentes capacidades. Muitos deles descendentes de *alieni* que os *Sicari* tinham guardado séculos atrás. Ela balançou a cabeça em perplexidade.

— Eles não estavam sequer na folha de pagamento da Ordem como consultores.

— Não, mas eles tinham uma coisa em comum. Eles estavam procurando pelo Tyet de Ísis, e quem quer que os matou estava interessado em poder encontrá-lo.

— *Pretorianos* são sempre perigosos, mas um fanático é duas vezes mais. Eu informarei o Conselho sobre a ameaça e alertarei a corporação. — Ela experimentou uma súbita onda de medo por ele.

— Eu suponho que você terá Dante na tentativa de lidar com essa ameaça?

¹⁶ A Batalha da Ponte Mílvia teve lugar a 28 de outubro de 312 d.C., entre os imperadores romanos Constantino I, o Grande, e Maxêncio. Com a vitória de Constantino, o rumo da história da Europa e, por extensão, do Ocidente, foi alterado radicalmente. Com o imperador como patrono, o Cristianismo, que já era muito difundido no império, explodiu em conversões e poder. O símbolo está nesse site <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Labarum.svg>

— Infelizmente, eu acho que isso é uma ameaça que terei de lidar sozinho. — A resignação calma alinhada abaixo de sua declaração a fez olhar para ele com medo. Ele não desviou o olhar, e terror varreu por ela.

— Você acha que é ele, — ela ofegou.

— Sim. — Ele assentiu, uma expressão sinistra cruzando suas feições ainda lindas. Ela balançou um pouco, e suas mãos fortes agarraram seus ombros. — Perdoe-me, caríssima. Eu rezei para que este dia nunca chegasse.

— Como você pode estar tão certo? Poderia ser qualquer *Pretoriano*. — Ela estremeceu.

— Não, — ele disse com firmeza. — Estou convencido de que é Gabriel.

— Mas você não pode ter certeza que é ele. Poderia ser outra pessoa.

— Não, — ele balançou a cabeça. — Gregori não esconde os nomes dos *Pretorianos Dominus* que ele treina. Silvestro e Alessandro foram responsáveis por mais mortes na minha corporação do que eu gostaria de contar. Mas eles não marcavam suas vítimas como hereges, e eles só caçam *Sicari*.

— Ainda não significa que é ele. Nós nem mesmo sabemos se ele está vivo.

— Você viu os relatórios. Foram quase dez *Sicari* mortos em Roma, Veneza, e Genova nos últimos dois anos. O que aqueles relatórios não explicaram era que todos eles foram assassinados da mesma maneira como os Zales e Russwin. Estes guerreiros estavam todos olhando para o artefato, também. Aqueles que sobreviveram ao encontro por tempo suficiente para nos fornecer informações, disseram que seu atacante tinha ambas as habilidades telepáticas e telecinéticas.

— Porque essa informação não foi reportada a mim? — ela exigiu.

— O homem e mulher que morreram estavam na minha guarda pessoal. Eles me respondem, antes de qualquer outra pessoa. Eu ordenei que os relatórios fossem modificados.

— Eu não me importo que o *Absconditus* é a sua guarda ou que você é o Lord reinante *Sicari*.

— Só porque a *Prima Consul* responde a você não significa que você pode escolher o tipo de informação que você libera para mim. — A boca dela apertou quando ela fez cara feia para ele. — A Ordem sempre serviu ao prazer dos Lordes *Sicari*, mas como *Prima Consul*, eu tenho o direito de ver todas as informações que o *Absconditus* possui quando se trata de assuntos de interesse geral para o Conselho. Foi feito dessa forma por séculos.

— Era minha intenção proteger você. — A voz dele tornou-se firme e afetada.

— Me proteger, — ela estalou quando as memórias dolorosas voltaram correndo. — Do quê? O conhecimento que o bastardo que levou nosso filho o transformou em um assassino? Você tentou protegê-lo, também, lembra?

No minuto que as palavras deixaram sua boca, ela se arrependeu. A acusação era infundada, e ambos sabiam disso. O olhar pálido no rosto de Marcus a encheu de remorso. Mesmo a dor chicoteando através dela não era um pretexto para acusá-lo de deixar de salvar seu filho.

— A proteção dele não era apenas meu dever sagrado. Era minha responsabilidade como um pai, — ele disse em um tom selvagem. Era uma afirmação, uma declaração inflexível, mas ela ouviu a angústia em sua voz. Sua culpa era uma sensação tangível, e seu coração doeu por ele, apesar de sua amargura. Apesar de tudo o que havia acontecido entre eles, seu amor por ele era tão forte hoje como havia sido há mais de trinta anos atrás. Ela sabia que ele tinha feito o que achava necessário para proteger o filho deles.

A Ordem sempre teve seus espiões, e alguém soube que ela tinha dado à luz a um Lord *Sicari*. Marcus tentou proteger seu filho levando-o embora. Mas mesmo essa precaução falhou. O resultado teria sido o mesmo, não importa onde eles tentassem esconder Gabriel. Os *Pretorianos* tinham recebido ajuda de dentro da Ordem, e se ela descobrisse quem era, ela mesma cortaria sua garganta. Para o inferno com as conseqüências. Ela tocou a manga do manto de Marcus.

— Me perdoe. Eu falei com raiva. Foi injustificada. Ambos sabemos que os *Pretorianos* tiveram ajuda de dentro da Ordem. Eles teriam encontrado Gabriel não importa o que fizéssemos, — ela disse calmamente.

— Eu fui muito arrogante, — ele respondeu asperamente. — Isso me cegou. Fez-me menos vigilante.

— Você é um Lord Sicari. Arrogância sempre foi uma parte de você, — ela murmurou com um sorriso tranqüilo. — Mas você ainda é humano, e mesmo você comete erros.

— Você me defende, caríssima?

Espanto ecoou em sua voz quando ele virou a cabeça para olhar para ela. A tristeza em seus vívidos olhos azuis fez sua garganta apertar com lágrimas que ela mal conseguiu segurar. Deus, se ela permitisse a ele vê-la chorar, ele saberia que ainda tinha poder sobre ela. Perder Gabriel os separou, e ela não tinha nenhuma dúvida de que o que havia entre eles agora pode facilmente destruir ambos. Não havia lugar para emoção ou sentimento entre eles agora. Só levaria mais dor. O minuto que a mão dele tocou seu ombro, auto-preservação a assumiu, e ela rapidamente colocou uma distância razoável entre eles. Havia muita dor naquele toque. E saudade. Um desejo de que as coisas tivessem sido diferentes.

— Você chegou a uma decisão? — ela perguntou em um tom afetado.

— Ele deve morrer.

Marcus falou sem emoção. Era apenas uma declaração simples. Mas seu impacto sobre ela era como correr para dentro de uma parede. Ele soou como se estivesse falando de alguém que não o seu filho. Gabriel não era mais seu filho. Os *Pretorianos* o tinham levado quando ele tinha só dois anos. Era improvável que ele sequer lembrasse deles. Silêncio estabeleceu entre eles enquanto contemplavam o que havia de vir. Como é que se mata o próprio filho? A questão a adoeceu, e ela se afastou de Marcus. A dor era muito fresca e crua.

— Está tudo bem, meu amor. Nós faremos o que devemos. — Apenas uma vez ele entrou em seus pensamentos como isso. A intrusão gentil então tinha sido para confortá-la, assim como foi agora.

A carícia de sua mão invisível tocou o lado de seu rosto, e ela tremeu. Um segundo depois, ela estava envolvida em seus braços fortes e ele a segurou em silêncio. — Chore, *inamorato*. Chore pelo o que nós dois perdemos. — A ternura de seus pensamentos e da maneira como ele a ninava contra si provou a sua ruína. As lágrimas vieram quentes e rápidas enquanto ela chorava em seus braços.

Ela já não era a *Prima Consul*, e ele já não era o Lord *Sicari* reinante. Eles eram simplesmente duas pessoas que lutavam contra uma tristeza profunda. Vários momentos longos se passaram antes que as lágrimas finalmente parassem. Gentilmente, ela empurrou-se livre de seus braços. Seu olhar encontrou o dele por um momento e seus dedos pressionaram em sua testa. Sua cabeça doía com todo o choro.

— Então, depois de todo esse tempo você ainda tem dor de cabeça quando chora, — ele disse com um sorriso pequeno.

— Eu não choro com muita frequência. — Sua resposta calma puxou uma risada baixa dele.

— Porque eu não estou surpreso?

O afago familiar dos dedos invisíveis em sua testa sentia bem. Em segundos, eles facilitaram algumas de suas tensões. Ele não tinha perdido o toque. Novamente o riso macio. Ele não tinha deixado seus pensamentos depois de tudo. Ela fez uma careta para ele.

— Eu não estava lendo seus pensamentos, Atia. — Ele se inclinou para ela. — Eu estava lendo a sua expressão.

— Então pare, — ela falou agudamente. Era uma afirmação ridícula. Ela sabia disso. Mas tudo o que ela queria era terminar seus negócios e sair. Estar aqui com ele a estava afetando de

maneira que ela não experimentava em anos. Ela abriu deliberadamente seus pensamentos para ele, enquanto enterrava seus mais profundos sentimentos por trás de uma fachada que ele não podia penetrar. A mandíbula dele cresceu firmemente com tensão, dizendo a ela que ela teve sucesso em deixá-lo ver apenas o que ela queria que ele visse.

— *Va bene.* — Sua cabeça sacudiu em um assento afiado. — O incidente na casa de Zale nos custou uma soma considerável para manter a calma.

— Não poderia ser ajudado. A casa tinha sido observada por mais de uma semana. Os *Pretorianos* não deveriam ter estado lá. Considerando todas as coisas, nós fomos sortudos de perder somente um homem. Nós poderíamos ter perdido Emma, também, e ela é um recurso valioso para a Ordem.

— Obviamente, a capacidade de Ares de desafiar as regras salvou sua vida.

Houve apenas uma sugestão de censura na voz dele quando ele se referiu a Ares se vinculando com Emma Zale sem a permissão da Ordem. O vínculo de sangue que Ares havia trocado com sua nova esposa tinha dado a ela habilidade *Sicari*, a qual ela usou para se proteger na noite que Ares e seu time tinham procurado a casa de Zale. Marcus estaria bem dentro de seu direito de arrancar um castigo de Ares de alguma forma. Sua aparente falta de raiva a enchia de alívio.

— Ele aprendeu essa característica particular de mim, eu temo.

— Então eu não posso puni-lo pelo o que sua *Prima Consul* defende. — Ele sacudiu sua cabeça em uma exasperação divertida antes de sua expressão se tornar sombria. — O relatório diz que a única coisa encontrada foi o notebook de David Zale. Há alguma coisa útil nisso?

— Emma cruzou as referências dos itens em nossa base de dados com o notebook de seu pai em uma tentativa de coordenar a nossa busca pelo Tyet de Ísis. Com a pista que a Ordem já tinha há algum tempo, e o que encontramos no notebook de seu pai, eu acredito que há uma possibilidade forte do nosso sucesso.

— E os artefatos que você a enviou?

— As observações dela sobre a moeda confirmam as suas. É a moeda do Lord *Sicari* Baldassare.

— Mas ela não viu nada que nos ajudaria a encontrar o Tyet de Ísis. — Não era uma pergunta, simplesmente uma declaração de frustração.

— Não, Eminência, — ela murmurou. Ele fez uma carranca quando ela usou seu título formal.

— Há mais?

— A moeda do Lord *Sicari* não foi o único objeto que Emma leu quando Ares a trouxe para a propriedade de White Cloud para o *rogalis* de Julian. Ela tocou a Adaga de Cassiopeia.

— E o significado? — ele respondeu, seu rosto esticado com uma tensão que ela não entendeu.

— Quando ela tocou a adaga, ela viu um homem que se parecia com Lysander Condellaire, cicatriz e tudo. — As palavras dela o fizeram enviar um olhar enojado.

— Você está tentando seriamente sugerir que ele é a reencarnação de Maximus?

— Eu não sei o que pensar. Mas a descrição de Emma foi muito viva.

— É uma lenda transmitida de uma *Prima Consul* para a próxima. Nada mais. — A linha rígida de sua postura enfatizou sua tensão. Era diferente de ele ser tão resistente à idéia da reencarnação ou profecia.

— Pode ser simplesmente uma lenda. Mas e se isso for verdade? O momento é estranho. Lysander lidera a equipe aqui em Roma, em busca do artefato. A visão de Emma. E se Maximus voltou para reivindicar o Tyet de Ísis?

— Condellaire não pode ser confiável. — A voz de Marcus era tão fria e inflexível como o seu olhar era. — Ele tem sangue *Pretoriano* nele.

— *Christus*, sua mãe foi estuprada. Lysander não teve a escolha de quem era seu pai, mais do que Aurelia teve a escolha de recusar aquele *Pretoriano* bastado, — ela retrucou.

— Nada disso muda o fato de que Condellaire é meio *Pretoriano*. — Ele olhou para ela. — E ele está lutando com sua metade escura por pouco mais de um ano. Segurando-a na borda, fingindo que nada está errado, ou estou enganado?

— Lysander não manteve isso dentro. — Ela agitou as mãos em um protesto veemente.

— Nós conversamos muito sobre o seu calvário.

— Tudo bem, mas ele irá para a tarefa quando vidas estiverem em jogo. — Marcus fez uma careta.

— Eu não interferei quando você nomeou-o *Legatus* para essa missão, mas se ele se tornar instável, Campanella irá substituí-lo.

— Sua preocupação é equivocada. Há poucos homens do calibre de Lysander entre nosso povo. Ele não vai deixar você ou a Ordem. Suas habilidades são o que o fazem um excelente *Legatus*. Você o subestima, Marcus.

— Veremos, — ele disse com condescendência. — A habilidade telecinética dele é forte, suas habilidades telepáticas são incertas e instáveis. Se ele tivesse mostrado suas habilidades antes, talvez ele pudesse ter sido treinado, mas agora é tarde demais.

— Ele pode não ser um verdadeiro Lord *Sicari*, mas sofrer como ele sofreu e sobreviver sem dizer nada àqueles bastardos, mostra que seu coração é *Sicari*. Ele não vai trair seus amigos ou a Ordem, mesmo apesar da maneira horrível que ele aprendeu a verdade sobre sua linhagem.

As palavras pairaram no ar como pingentes quando ela defendeu Lysander. Aurelia teria ficado orgulhosa de seu filho mais novo. Lysander se tornou um homem que qualquer mulher ficaria orgulhosa de chamar de filho. Ele havia mostrado o seu valor por sobreviver como poucos tinham. Uma sessão de tortura *Pretoriana*. E ela não deixaria ninguém, incluindo Marcus, esquecer a fidelidade de Lysander à Ordem.

— Você fala como se ele fosse seu filho. — Havia um tom amargo na voz dele, e ela balançou a cabeça em negação.

— Lysander. Ares. Phaedra— ela pegou-se quando quase disse o nome de Cleo. — Eles ajudaram a preencher o vazio em minha vida. Você não estava lá, e eles precisavam de mim, tanto quanto eu precisava deles. Mas eles nunca poderiam preencher o buraco em meu coração que a perda de Gabriel deixou dentro de mim.

— Você sabe porque eu não estava lá, — Marcus rosnou com raiva.

— Sim, eu sei. — O tremor em sua voz a fez pausar enquanto a dor do passado voltou a envolvê-la mais uma vez. Ela balançou a cabeça. — Seneca precisava da sua orientação na liderança do Conselho, e você tinha que honrar sua promessa para Aurelia.

— Uma promessa que eu nunca deveria ter feito. Eu poderia facilmente ter tido Tito ou Placido para treinar o garoto. — Minúsculas linhas fraturaram a pele ao redor dos lábios, quando sua boca cresceu esticada com a tensão. — Eu teria dado isso a você. Tudo isso.

— Como você poderia? Você era o Lord *Sicari* escolhido para liderar o *Absconditus*. Você teve muita honra então, e agora, vira as costas para a Ordem ou a promessa que você fez.

— Honra é uma amante fria, — ele disse amargamente.

— Você fez o seu dever. Assim como eu fiz o meu. Eu queria dizer a Lysander a verdade. Tudo. Quem seu pai realmente era. Que ele tinha um meio-irmão. Mas a preocupação de Aurelia para a segurança de Lysander, bem como Dante se tornou minha. Talvez fossem medos

infundados, mas eu honrei os desejos de meu amigo, como você fez. Era importante para ela que você e nenhum outro Lord *Sicari* treinasse Dante. Ela conhecia você. Confiava em você.

— E quando ao meu dever com você – minha responsabilidade de encontrar nosso filho?
— Seus olhos azuis estudaram o rosto dela de perto.

— Gabriel se foi. Nós dois sabemos que você fez o seu melhor. Não havia mais nada que você poderia ter feito.

— E você. E quanto a você, caríssima? — Ele se inclinou em sua direção, sua voz caindo a um sussurro. — Você nunca me chamou. Nem mesmo depois daquela noite no La Terrazza Del Ninfeo.

— Como eu poderia? — ela disse calmamente. — Eu sabia onde estava o seu dever. Dante precisava de você mais do que eu ou – a segurança do garoto e bem-estar eram mais importante do que a minha felicidade ou a sua.

As palavras espremeram em seu coração como uma máscara de cravos. Ele nunca soube o quão difícil foi não chamá-lo mais de uma dúzia de vezes. Não para dizê-lo – ela empurrou a memória de lado. Ela nunca disse uma palavra para ele, porque no fundo ela esperava e rezava que ele encontraria Gabriel e o traria para casa. Então, eles poderiam ter tido a chance de ser uma família que ela sempre desejou. Mas Marcus não tinha encontrado Gabriel.

— Mas se eu tivesse ido embora por isso, você teria vindo comigo? — ele perguntou com uma voz cheia de emoção.

Ela respirou um suspiro profundo e liberou enquanto considerava a questão. Se ele tivesse abdicado de seu papel como Lord reinante *Sicari*, o carros teria irrompido no *Absconditus*. Tito e Placido teriam sido poderosos, mas eles serviriam a seu tempo. Eles eram muito velhos para liderar o *Absconditus* para garantir sua solidez e viabilidade. E com a morte prematura de Orlando, Marcus tinha sido o único capaz de liderar. Ela sabia disso quando ela teve seu vínculo de sangue com ele.

— Não. — Ela balançou a cabeça enquanto olhava para longe dele. — O desaparecimento de Gabriel tornou isso difícil o suficiente. Se você tivesse abdicado, você teria que vir se ressentir por isso. Nossos caminhos separados foi o melhor.

Uma nota escura de fúria explodiu fora dele como ele se virou para longe dela. As emoções e poder absoluto de suas habilidades enviaram uma sensação de zumbido através do corpo dela. Sua ira era por Gabriel ou pelo o que eles tinham significado um ao outro e tinham perdido? Ele sacudiu a cabeça para olhá-la por cima do ombro. A expressão dele disse que ela não tinha blindado seus pensamentos muito bem.

— Ambos, caríssima. Ambos. Eu deveria ter sido mais vigilante. Eu deveria ter tomado precauções extras. *Fotte*, nada disso teria acontecido se eu-

— Você se dá muito crédito pelo o que você pode ou não pode controlar, — ela retrucou. — Suas responsabilidades como um Lord *Sicari* teriam eventualmente nos separado. A perda de Gabriel não teria mudado isso. Culpar a si mesmo é inútil. Os *Pretorianos* são os que transformaram nosso filho em um mostro. Não você.

— Um monstro que precisa ser destruído, — ele disse enquanto se virava para encará-la novamente.

As palavras duras foram como um soco em seu corpo, e enviou um tremor através dela. — Então peça a Dante para fazer isso. Certamente ele está pronto. Não deixe sua arrogância cegar-lhe para o que poderia acontecer se você enfrentar Gabriel no campo de batalha.

Marcus respirou fundo, então exalou lentamente, seus olhos fechando enquanto ele parecia estar absorvendo as palavras dela. Quando ele olhou para ela de novo, ele lhe deu um aceno brusco. — Vou pensar sobre isso.

O silêncio era tenso e embaraçoso entre eles, fazendo-a desejar que ele nunca tivesse chamado por ela. Não, foram as notícias que ele lhe deu que a fez desejar isso. Estar aqui com ele foi uma pequena amostra de Elysium Field, apesar de saber que não duraria. De repente, ansiosa para escapar da emoção crua pendurada entre eles, ela curvou-se em respeito a ele.

— Há algo mais, Eminência?

Ele não lhe respondeu por um longo momento, e ela esperou em silêncio para ele dizer alguma coisa. Ela olhou para cima para ele, e seu coração bateu forte no peito com o desejo ardente no rosto dele.

— Um dia, em breve, Dante assumirá o papel de Lord reinante *Sicari*. Quando ele fizer, eu pretendo voltar para você. — A nota profunda de convicção em sua voz fez o coração dela saltar uma batida antes de começar a correr a uma velocidade assustadora.

— Eu disse que sua arrogância era esperada de um Lord *Sicari*, mas eu esqueci o quão arrogante você realmente é, — ela colocou para fora em um tom acentuado.

— É a minha arrogância que você acha tão irritante, ou existe mais alguma coisa que te incomoda?

A determinação e a luxúria de emoção em sua voz enviou um tremor através dela. Esse era o Marcus que ela tinha se apaixonado. Forte, determinado, e insistente em ficar do jeito dele. Ela estava definitivamente em problemas quando Dante se tornasse o Lord reinante *Sicari*. Melhor ignorar sua declaração despótica. Sobretudo quando a apavorava que ele quisesse dizer cada palavra. Ela não tinha certeza se poderia correr o risco de dar seu coração a ele mais uma vez.

— Tenho a sua permissão para sair, Eminência? — Ela deliberadamente manteve a sua voz neutra, seus pensamentos fechados para ele.

— Sim. — Ele deu a ela um aceno brusco. — Mas não confunda minhas palavras, Atia. Eu virei para você. Só que desta vez eu não vou deixar ninguém, ou qualquer coisa, me fazer desistir de você.

Desta vez, seu controle mental vacilou, e o sorriso lento ondulando em sua boca, disse a ela que seus pensamentos foram revelados mais do que ela desejaria. Não é uma coisa boa quando se tratava de um Lord *Sicari*.

Capítulo 6

Lysander entrou na pequena biblioteca do escritório satélite da Associação de Roma para encontrar Atia sentada a uma mesa da biblioteca. A *Prima Consul* viera por ele um tempo atrás, e ele deliberadamente a deixou esperando por raiva. Não é uma coisa prudente a fazer, mas se ela tivesse vindo mais cedo, ele poderia ter sido propenso a lhe fazer mal. Na sua frente, um grande livro colocado aberto sobre a mesa. Ele lutou contra o impulso de sondar seus pensamentos e descobrir o que ela queria. Em vez disso, decidiu ler a sua linguagem corporal. Ela estava chateada com alguma coisa. Alguém tinha feito ou dito algo para lhe tirar de seu habitual comportamento controlado.

Bom. Queria agradecer-lhes por abalar a *Prima Consul*. A mulher merecia ter alguém que destruísse aquela sua reserva calma pelo que ela lhe fizera. Ele parou ao lado da mesa e esperou em silêncio que ela falasse.

— Você está com raiva de mim. — Ela não levantou os olhos do livro que ela arrastava o dedo pela página. Quando ele não respondeu, ela levantou a cabeça e encontrou seu olhar com exasperação. — Diga o que pensa, Lysander.

Ele cruzou as mãos atrás das costas e franziu o cenho para ela. — A presença do DeLuca aqui apresenta não só um perigo grave para ela, mas para o resto da equipe.

— Perigo é uma forma de vida para nós, Lysander. Estamos sempre olhando por cima dos ombros em algum nível.

— Ela é uma habilidade muito valiosa para a Ordem para atirá-la no ninho dessa víbora. Sua segurança aqui é muito mais precária do que se estivesse em Chicago.

— Hmm, talvez. — Atia assentiu como se estivesse pensando as palavras seriamente antes de dar de ombros. — Mas você precisava de um bom curador, e Phaedra é a mais adequada para a

tarefa. Marco me diz que você é o seu parceiro para esta missão. Eu não consigo pensar em ninguém melhor qualificado para assegurar que ela permaneça segura.

Ele respirou fundo e soltou lentamente. A mulher deveria ser grata que ele tinha um controle firme sobre o monstro dentro dele. Se ele fosse soltá-lo... ele engoliu em seco, mas não respondeu ao seu comentário de desprezo. Ela olhou-o com cuidado.

— O fato de você ter o sangue *Pretoriano* correndo em suas veias não te faz menos *Sicari*, Lysander. — A *Prima Consul* franziu o cenho quando ele não reagiu às suas palavras. — Você é um dos nossos melhores guerreiros. É hora de você chegar a um acordo com quem você é e o que foi feito para você.

— Eu não estava ciente de que eu já não tivesse feito isso, — disse ele friamente. Atrás dele, ele apertou o aperto em seu pulso e fechou a mão livre em punho apertado.

— Não me tome por tola, Lysander. Muitos têm feito a seu pesar. — Ela franziu o cenho para ele, mas ele se recusava em mostrar qualquer emoção diante seu aviso.

— Eu não sou tão imprudente para tomá-la por tola, *Consul*.

— *Christus*, você é muito teimoso para seu próprio bem. Você anseia por uma mulher que acha que não pode ter, tudo por causa das circunstâncias do seu nascimento. Você realmente é incerto assim de sua capacidade de controlar o seu lado sombrio?

As palavras de Atia o atingiram como um golpe do lado da cabeça. *Merda*, a mulher era tão boa intuitiva assim? Não. Cleo. Ele iria pegar a cabeça da mulher em uma bandeja por isso. O lado cicatrizado de seu rosto doía quando os músculos puxavam contra a fina camada de pele. Ele esforçou-se para suprimir o demônio dentro dele que ele respondeu com uma sacudida brusca de cabeça.

— Eu estou em completo controle das minhas habilidades.

— Mas *não* das emoções que vieram com a descoberta de quem você é.

— E o ponto é?

— Meu ponto, seu idiota teimoso, é que é hora de você aceitar que o que aconteceu naquela noite estava fora de seu controle.

— Ela *estava* dentro do meu controle, — ele soltou com os dentes cerrados. — *Eu* tomei a decisão de entrar naquele edifício com apenas três lutadores. Como líder da equipe, *eu* era responsável pela segurança deles.

— Você tomou uma decisão de liderança, — retrucou ela. — E é um milagre que você sobreviveu.

— Um milagre? — Ele esfregou o pulso doído pelo do modo como seus dedos escavaram na carne. — Dois lutadores foram torturados até a morte, uma mulher foi levada para ser uma égua de cria para aqueles *bastardi*, e aquele *Pretoriano* filho da puta que dizia ser meu pai me deixou viver porque ele sabia que seria um castigo muito pior que a morte.

— Não, ele reconheceu que você tinha o coração de sua mãe, e não o dele, — disse ela com calma determinação. — Ao permitir que você vivesse, Nicostratus espera que você entregue para a escuridão dentro de você. Por que mais ele diria a você quem ele era? É um jogo para ele.

— Esta é uma conversa sem sentido, — disse sem emoção.

— *Va Bene*. Basta lembrar que você *não* é filho do seu pai. — Ela direcionou aquele seu olhar cinzento penetrante para ele. Era uma ordem direta da *Prima Consul*. — O sangue *Pretoriano* pode correr em suas veias, mas seu coração é completamente *Sicari*.

O lembrete não era de conforto algum. Atia estava enganada. A cada dia que passa, o sangue sombrio estava rugindo por vingança. A sua metade sinistra sussurrava palavras constantes de encorajamento, incitando-o a caçar Nicostratus e retaliar. No que se dizia a respeito dos *Pretorianos*, não havia nenhum código *Sicari* para aderir, e seus amigos estariam dispostos a ir atrás do homem com ele. Mas Nicostratus anunciaria seu orgulho paterno no minuto eles

chegassem a uma distância auditiva do homem. Tensão passou por ele com o pensamento. Uma imagem de Nicostratus sorrindo para ele por diversão fria o gelou até que ele tinha reprimido um arrepio de medo. Ele empurrou a memória de volta para o buraco que ele a tinha enterrado mais de um ano atrás.

— Sua mensagem dizia que você queria me perguntar alguma coisa. — Ele lhe enviou um olhar de aço para sinalizar que o assunto estava concluído. Frustração apertou os lábios dela numa linha fina, e ela assentiu.

— Sim, eu queria saber se você já teve algum sonho estranho ultimamente? Momentos de forte *deja vu*?

Droga, a mulher era metade *Pretoriana* como ele? A *Prima Consul* sabia que ele sempre gostara de história Romana antiga, mas ele nunca mencionou nada sobre seus sonhos. Ele dançou em torno da questão com uma resposta ambígua.

— Se você está preocupado que eu ainda estou tendo pesadelos relacionados ao meu... àquela noite—não.

— Não, eu estava apenas interessada em saber se você esteve sonhando com a Roma Antiga.

A observação o fez ficar rígido. Pelo que em nome de Júpiter a mulher estava pescando por fazer tal pergunta? Ele sabia melhor do que mentir. Atia tinha essa estranha capacidade de localizar uma mentira mais rápido do que a maioria das pessoas poderia contar uma. Ele se esquivou mais uma vez.

— Eu não vejo como sonhos assim poderiam significar qualquer coisa. — Ele deu de ombros.

— Uma velha lenda que eu conheço pode convencê-lo do contrário.

Ela retomou sua leitura do livro a sua frente, uma carranca de concentração fazendo vincos em sua testa. Quando ela não falou, ele cruzou os braços sobre o peito e franziu o cenho para a mulher. Não era a primeira vez que Atia tinha despertado a curiosidade dele com alguns comentários misteriosos.

A mulher era mestre nisso no que lhe dizia respeito. Ela sabia o quanto ele gostava de vasculhar os livros de história. Se havia algo que ela queria que ele pesquisasse para ela, ela apenas lançava-lhe um petisco para despertar seu interesse antes que ela o enrolasse. Bem, ele não mordeu dessa vez. Ele poderia jogar o jogo de espera tanto quanto ela podia.

Ela viveu mais que ele.

— Que lenda? — ele rosnou com exasperação.

Mais uma vez, ele permitiu que a mulher jogasse com ele, e isso o irritou regamente. Ela não olhava para ele, mas ele viu sua luta para esconder um sorriso. Seu olhar ainda focado no livro, ela acenou com a mão levemente.

— Ele gira em torno de Maximus e Cassiopeia.

— Isso não é uma nova história, — disse ele com desgosto. A cenoura não fora nada mais do que um ardil. Por que motivo, ele *não* tinha idéia. Talvez por nenhuma outra razão de que ela gostava de provocá-lo. Ela levantou a cabeça e virou aqueles seus olhos cinza penetrantes para ele.

— É uma história antiga, e poucos além dos *Prima Consuls* conhecem o conto. Diz a lenda que Maximus retornará para encontrar o *Tyet de Ísis*.

— E o que te faz pensar que esta lenda é verdadeira?

Ele não tinha certeza de onde ela estava indo com essa história e ele estava começando a se perguntar se realmente queria saber. *Christus*, ele era um idiota por ter pego sua isca. Com seu olhar ainda sobre ele, Atia levantou-se para encará-lo, um brilho de excitação nos olhos.

— Uma série de coisas aconteceram durante o ano passado que me fazem pensar que a lenda tem seu mérito. Talvez o mérito mais importante é o que Emma viu quando ela tocou a Adaga de Cassiopéia.

— Ela me disse que tinha lido a moeda do Senhor *Sicari*, não a adaga. — Ele sacudiu a cabeça ligeiramente em perplexidade.

— Ela não disse nada porque ela viu algo que a incomodou profundamente.

Algo sobre a expressão de Atia acionou um sinal de alerta em sua cabeça. A *Prima Consul* tinha o olhar de alguém a ponto de saltar de uma armadilha. Ele fez uma careta quando tentou formar um plano que o permitiria sair da sala sem ser apanhado na teia da mulher. Ele não conseguiu. Ele era um otário por um mistério histórico.

E não ajudava que Atia tinha um jeito de tornar a mais artificial possibilidade parecer quase realista. Ele era mais do que familiarizado com Emma e sua habilidade. Desde que formalmente selou seu vínculo de sangue com Ares na frente da Ordem, ela tinha lido uma série de artefatos em posse da Ordem, em um esforço para encontrar o *Tyet de Ísis*. Suas visões foram bastante precisas, com base em relatos gravados de primeira mão da biblioteca da Ordem. Seja o que for que Emma que tenha visto, Atia estava convencida de que tinha tudo a ver com essa história de que Maximus voltaria dos mortos para encontrar a *Tyet de Ísis*.

— *Va Bene*, — ele rosnou para sua incapacidade de conter a sua curiosidade. — Eu vou morder pela segunda vez. O que Emma viu?

— Ela viu Maximus Caecilius Atellus, cicatrizes e tudo. — A *Prima Consul* arqueou as sobrancelhas para ele quando ofereceu-lhe um sorriso misterioso.

— Como ela sabe que foi o primeiro Senhor *Sicari*?

Ele sabia que o dom de Emma era extraordinário, mas ele não tinha certeza se estava disposto a ir tão longe a ponto de acreditar que ela tinha visto o próprio Maximus. Imagens de

seus próprios sonhos empurraram seu caminho para frente de seus pensamentos, e ele empurrou-os de lado. Eles eram irrelevantes para a discussão atual.

— Ela sabe, porque ela o viu matar Cassiopeia.

— *Il omnipotentia Christi*¹⁷, — ele sussurrou. As visões de Emma frequentemente incluíam uma grande quantidade de violência, e ele sabia que às vezes ela achava as imagens traumáticas de assistir. Ver Maximus matar sua esposa não podia ter sido uma coisa fácil para ela.

— Eu acho que foi muito complicado para ela, — Atia disse calmamente. — Na verdade, acho que ela viu uma grande quantidade a mais do que ela compartilhou comigo. No entanto, ela me contou sobre uma imagem extraordinária que pode lhe interessar.

Ela tinha toda a sua atenção, e ela sabia disso. Ele cerrou os dentes quando ele engoliu o desejo de lhe perguntar o que mais Emma tinha visto. Atia arqueou as sobrancelhas para ele e esperou. Pacientemente. Desta vez ele não cederia. Ele olhou para ela, e ela enviou-lhe um sorriso conciliador.

— Emma disse que viu você.

— Eu? — Ele encontrou o olhar dela com uma carranca de assombro. — Por que ela me veria?

— Ela viu você como Maximus. — O calmo anúncio foi ainda mais dramático porque Atia não levantou sua voz. Ele bufou com o riso quando encontrou o olhar calmo da *Prima Consul*.

— Eu sei que dom de Emma é forte, mas acho que é altamente duvidoso que era eu que ela realmente viu em sua visão.

— Talvez, mas então como você explica os seus sonhos da Roma antiga?

¹⁷ N/T: a tradução literal seria ‘A onipotência de Cristo’. É uma mistura de italiano e latim.

— Meus sonhos não têm nada -- — *Merda*, a bruxa o havia enganado. Ele olhou para suas feições presunçosas. — O jogo acabou, *Madame Consul*.

— Isso está longe de ser um jogo. — Atia rapidamente se levantou e atravessou o chão para agarrar seu braço. — Estou convencida de que é uma questão de vida ou morte, quando se trata do *Tyet de Ísis*. Acredito que Emma viu a verdade, *Lysander*.

— Que verdade?

— Eu acho que você já sabe a resposta para isso, — disse suavemente a *Prima Consul*. — Por que mais você estaria sonhando com a Roma antiga?

Dulcis Jesus, como diabos a mulher soubera até mesmo para lhe perguntar sobre seus sonhos? Ele não contara a ninguém sobre eles. Como algumas mulheres na Ordem, a habilidade mais forte da mulher era o seu poder de telecinese, mas ele sabia que ela era intuitiva também. Como ela descobrira sobre seus sonhos, ele não sabia, e para dizer a verdade, ele não se importava. A mulher já o tinha enganado para admitir que tivera os sonhos, mas era um inferno de um trecho entre aqueles sonhos e que ela estava sugerindo. E ele realmente não queria contemplar o que ela estava sugerindo.

— Você está fumando crack novamente, não está? — O comentário sarcástico lhe rendeu um tapa em seu braço.

— Droga, isso não é um assunto de brincadeira.

— Eu não estava brincando. Estou falando sério, — disse ele asperamente. Ele tirou a mão dela com um grunhido de frustração. — Você está brincando de ligar os pontos. Você está tentando fazer uma lenda sobre um homem morto há dois mil anos, os meus sonhos, e a imagem de Emma do passado todos acrescentados em um pacote pequeno. Isso não é verdade. Isso não vai levar a nada.

— Então me responda esta pergunta. Quando você sonha com Maximus, você é o Maximus ou você é um membro da platéia assistindo a um jogo. Você *vivencia* o sonho?

— Que diferença isso faz? — ele vociferou.

— É a diferença entre uma experiência de vida passada e apenas um sonho.

O comentário da *Prima Consul* bateu nele quando ele se lembrava da requintada sensação de que ele gostava quando Phaedra tinha chupado-- *não*. Aquela não era Phaedra, e com certeza não era a sua memória de uma mulher morta chamada Cassiopéia. Era seu cérebro ansiando por algo que ele não poderia ter.

— Reencarnação? — Ele bufou novamente, só que desta vez de desgosto. Balançando a cabeça veementemente, ele olhou para ela. — Caso você tenha esquecido, eu sou um mestiço *não* um *Sicari*.

— Maximus era um general da Guarda *Pretoriana* antes de seus inimigos tentarem matá-lo. E como você, tinha a habilidade de telecinese e telepatia.

— Eu *não* sou ele, Atia. — Ele ouviu a ameaça em sua voz, mas isso não a perturbou. Aqueles olhos cinza dela somente o estudaram com curiosidade antes que ela abaixasse a cabeça ligeiramente em aceitação.

— Como quiser, — disse ela com resignação silenciosa quando ela se afastou dele. — Mas da próxima vez que você sonhar com Maximus e Cassiopeia, pense no que eu disse aqui hoje.

Ele esperou que ela dissesse algo mais, mas ela não o fez. Ela só caminhou de volta para a mesa onde o livro estava aberto, sentou-se e retomou a leitura. As chances eram que ela estava desapontada com ele. Incerto, ele permaneceu onde estava, na esperança de que ela repreendesse-o por não acreditar. Seu silêncio só foi o argumento decisivo.

Atia sempre evitava você quando a decepçionava. Frustrado, ele saiu da biblioteca. A instalação desta unidade *Sicari* era muito menor do que em Chicago, e ele tomou as escadas até o próximo andar de baixo. O que a mulher esperava dele? Ela estava lhe pedindo para acreditar em algo que não podia ver ou tocar. E sua sugestão de que seus sonhos eram de uma vida passada -- *Christus* -- aquilo não se ajustava bem para ele afinal.

Sua primeira avaliação sobre a possibilidade de que alguém precisava verificar a sanidade da mulher voltou a assombrá-lo. Seria possível que ela realmente a *estava* perdendo? Seja qual for o *fotte* que estava acontecendo, seus sonhos estavam fora dos limites. Eles eram sagrados. Porque em seus sonhos, Phaedra era dele, e ele não estava prestes a compartilhar o prazer simples que tinha deixado com ninguém.

O som das vozes flutuaram para fora da sala de conferências, enquanto ele passava pelo corredor. Ele ouviu as risadas amigáveis de Cleo, seguido por uma série de palavrões que quase conseguiram fazê-lo sorrir. A mulher tinha a habilidade de roubar a respiração das pessoas com sua beleza, então chocá-los em falta de ar no momento em que ela abrisse a boca.

No momento em que cruzou o limiar da sala de conferência, todos os presentes ficaram em silêncio, exceto pelo ruído suave de pessoas se deslocando em seus assentos. Ele nem sequer tem que olhar para Phaedra. Seu corpo inteiro era uma varinha de condão puxando com força em sua direção. Ela tinha tomado o assento imediatamente à esquerda da sua cadeira na cabeceira da mesa de conferência. Seu lado cego. Um movimento deliberado da parte dela. Muito provavelmente para evitar o seu olhar, dada sua troca deles mais cedo.

Seu humor sombrio, ele caminhou lentamente para sua cadeira, onde um arquivo estava na mesa. A maioria da equipe tinha laptops na frente deles, mas tinha pouca paciência quando se tratava de computadores. Com um movimento imperceptível dos dedos, a pasta em seu assento abriu na página que ele marcara na noite anterior. As notas de Emma eram extensas, mas é tudo o que elas eram. Notas. Eles estavam à procura de uma agulha num palheiro. Uma agulha que estava desaparecida há quase dois mil anos.

Quando ele chegou à mesa, ele olhou para o topo do arquivo, em seguida, elevou-o para rever a próxima página. Não era uma ação necessária. Ele analisou o arquivo extensivamente ao longo dos últimos três dias. Mas brincar com o papel serviu para aliviar a sua tensão, trazendo a missão à frente e para o centro para que ele pudesse empurrar o resto de suas emoções para os alcances mais escuros de sua mente.

— Eu acredito que todo mundo se apresentará, e Marco apresentará a vocês para acelerar o que a Ordem espera de nós nesta missão? — ele perguntou.

Mantendo os olhos no arquivo à sua frente, ele arrastou o dedo pela página que ele estava olhando. Reconhecimentos baixos flutuavam pelo ar de todos sentados à mesa. A voz de Phaedra era uma carícia suave contra seus sentidos apesar da nota fria em sua voz. Estava claro que ela não queria estar aqui. O silêncio no ar não o incomodava, mas ele sabia que todos estavam desconfortáveis. Nada mais do que ele esperara. Metade da equipe não tinha se encontrado até hoje.

— Então, ninguém tem nenhuma pergunta. — Lentamente, ele levantou a cabeça, e seu olhar deslizou de um rosto para o outro.

— Que droga, Lysander, é claro que temos perguntas. — A voz de Cleo sustentava uma nota de irritação beligerante.

Desavergonhada e firme como uma unha, ela falou o que pensava e como sempre foi direto ao cerne da questão sem se importar com o que alguém pensaria. Foi por isso que ele a havia escolhido para a equipe. Ela serviria como sua consciência. Por isso é que ela o perseguiria a respeito de Phaedra a cada chance que tivesse. Ele reprimiu uma careta.

— Então a primeira coisa a entender é que qualquer um pode fazer uma pergunta ou expressar uma opinião diferente. Aqui falamos livremente e honestamente uns com os outros. — Com seu olhar de um olho só, ele estudou os rostos ao redor da mesa, e fez uma pausa breve. — Vou ouvir qualquer coisa que vocês têm a dizer, e eu os encorajo a falar. A única coisa a lembrar é que quando eu tomar uma decisão -- é final.

— *Il mio signore.* — Angelo Atellus acenou com a cabeça em sua direção. — Maria e eu temos revisto os indícios que Emma DeLuca nos forneceu, e nós temos uma teoria que gostaríamos de sugerir.

Com um aceno para o homem, Lysander sentou em sua cadeira. Braços cruzados sobre o peito, ele se recostou na cadeira e esperou que o lutador *Sicari* continuasse. A incerteza passou pelo rosto do homem antes que ele desse de ombros de uma forma que muitos nativos da Itália exibiam rotineiramente.

— Nós pensamos que é perfeitamente possível que estamos lidando com um mapa de migalhas de pão.

— Migalhas de pão? — Cleo perguntou com uma nota curiosa em sua voz.

— Sim. Um mapa onde nossas pistas são como migalhas de pão espalhadas ao redor de Roma. Nós apenas temos que encontrar um ponto de partida. — Ângelo batia no teclado do seu laptop. A conexão sem fio do computador permitiu-lhe usar a tela da parede como seu monitor. Em segundos, um grande mapa de Roma brilhava na parede. O ponteiro do mouse desenhou uma linha amarela ao longo de uma faixa larga e azul representando o rio Tibre, que balançava do oeste ao extremo norte da cidade.

— Se começarmos com a nossa primeira pista, nós estamos procurando um lugar junto do rio, aproximadamente por aqui. — Angelo usou seu cursor para apontar um local perto de uma das pontes do rio. — A segunda pista menciona o pai de Antonino Pius, Hadrian. Isso sugere que nós estamos procurando um monumento de Hadrian. Aquele que aponta em direção à muralha da cidade. Um palpite diz que nós estamos falando das muralhas Aurelian, que foram construídas por volta de 270 D.C.

Cleo apontou para o mapa. — Você tem uma sobreposição da cidade antiga que mostra as muralhas e outros monumentos?

Com um sorriso, Angelo assentiu com a cabeça. — Na realidade, eu tenho. Eu pesquisei algumas coisas na noite passada, e eu tracei os sítios que ainda estão acessíveis e não enterrados sob a Roma atual.

— E se o que estamos procurando estiver embaixo da cidade? — Cleo arqueou as sobrancelhas para o homem.

— Vamos esperar que isso não seja o caso, porque tornará a nossa tarefa muito mais difícil.

— Difícil? Acho que a palavra é que estamos ferrados. — Cleo bufou com diversão. Lysander franziu o cenho para ela. Ele não queria que a equipe fosse desencorajada desde o início. Ela deu de ombros. — Ok, difícil.

— E sobre os monumentos ligados a Hadrian? Quantos existem? — Marco Campanella perguntou baixinho. Seu *Primus Pilus* estava fazendo as mesmas perguntas que Lysander teria perguntado como o segundo em comando de Ares. Ele fez uma boa escolha na seleção de Marco como seu tenente.

— Há pelo menos três que me vem à cabeça, mas eu teria que pesquisar mais para lhe dar uma resposta precisa, pois ele também reconstruiu certos monumentos, — disse Angelo. — Acho que vamos precisar incluir aquelas como possibilidades também.

— Alguém acha que estamos provavelmente perdendo o nosso tempo aqui? — Luciano Pasquale rosnou. — Nós temos um trecho do rio a caminhar e alguns monumentos antigos para visitar. Não um começo auspicioso.

— Na verdade, isso não é verdade. Angelo nos deu uma área específica para procurar. — Maria Atellus sacudiu a cabeça enquanto defendia o marido.

— Procurar o quê? — Violetta Molinaro falou, sua expressão duvidosa.

— Por qualquer coisa que coincida com as pistas, — Phaedra respondeu. — Angelo, você fez algumas triangulações usando o rio como a base e um ou dois dos monumentos atribuídos a Hadrian?

Claramente em seu elemento, o lutador *Sicari* acenou com a cabeça e sorriu. — Sim. Baseado em meus cálculos, temos uma área de pesquisa que é de cerca de duas milhas quadradas¹⁸ de imóveis reais."

— Novamente, o que estamos procurando especificamente? — Violetta reclamou.

¹⁸ N/T: aproximadamente de 5 km².

— Eu imagino que deveríamos estar procurando o ícone *Sicari*, — Cleo meditou em silêncio. — Quem quer que seja que escondeu o *Tyet de Ísis* provavelmente usou o nosso símbolo da mesma forma que os seguidores do Carpinteiro usaram o peixe para reconhecer uns aos outros ou designar uma casa segura.

Como de costume, a lógica de Cleo era sólida. O símbolo *Sicari* datado antes do Império Romano da época de Ptolomeu, quando a Guarda ainda estava unida. Fazia sentido que o esconderijo do *Tyet de Ísis* seria marcado com o ícone familiar da Ordem, uma espada interligada a um chakram. Lysander assentiu para a amiga.

— Eu acho que você está certa, Cleo. Eu também acredito que a marca será relativamente pequena. — Ele olhou em volta para as carrancas nos rostos de todos. — Quem quer que escondeu o artefato não queria chamar a atenção para o monumento como um esconderijo em potencial, então é duvidoso que vai estar proeminente.

— Merda, isso não será uma agulha em um palheiro. Estamos caçando micróbios, — disse Luciano, em tom resignado.

— Não necessariamente. — Phaedra sacudiu a cabeça e franziu o cenho. — Precisamos de uma história de cobertura, para evitar levantar qualquer suspeita mais que o necessário. Brincar de turistas serve para isso enquanto nos permite fotografar tanto a cidade quanto nós queremos. Podemos enviar as fotos e deixar o computador buscar as imagens digitais para qualquer sinal do ícone.

Admiração cruzou o rosto de Pasquale, enquanto ele se inclinou para frente, os braços apoiados sobre a mesa. — Inteligente e bonita. Onde você esteve toda a minha vida, *cara*?

Fúria bruta corria nas veias de Lysander para a maneira do flerte do outro homem. Não ajudou em nada quando Phaedra riu do tom de provocação do homem. Socando a sua ira, ele fechou os arquivos sobre a mesa com um movimento brusco.

— A idéia de Phaedra parece ser a melhor que temos, a menos que alguém tenha uma sugestão melhor. — Ele parou por um momento, e quando ninguém falou, ele acenou com a

cabeça fortemente. — Parece que temos um plano então. Vamos cobrir a área que Angelo reduziu para nós em seções transversais. Precisaremos de equipamento de câmera. Cleo, desde que fotografia é um hobby seu, você será a líder na expedição de compras esta tarde. Marco, você informou a todos a respeito de quem está trabalhando com quem?

— Eu estava prestes a cobrir isso quando você chegou, *il mio signore*.

— Tudo bem, — disse ele com um gesto para Marco continuar.

O *Primus Pilus* assentiu enquanto pegava um caderno pequeno e rapidamente leu as atribuições e os setores a abranger. Ao lado dele, Phaedra ficou imóvel como uma estátua no minuto que seu nome foi ligado ao dele. Sua tensão era palpável, deslocando-se ao longo de seus sentidos, como o laser que descascara sua pele um pequeno pedaço de cada vez. Ele engoliu em seco ao lembrar. Num gesto brusco, ele se levantou e se virou para ela. Não havia um traço de emoção em seu rosto, mas seus olhos brilhavam de raiva. Ela estava furiosa, e ele sabia melhor do que dar a ela uma chance de falar.

— Eu tenho a papelada para lidar esta tarde, então pegue nossa grade de seções com Marco e estude-os. Eu encontrarei você amanhã de manhã no hall de entrada às oito e meia.

Ele pegou sua pasta na mesa e saiu da sala de conferências, impedindo-a de manifestar qualquer protesto. Quando chegou ao santuário do salão, ele passou a mão pelo cabelo curto, num gesto de frustração. De alguma forma, ele tinha certeza que acabara de cometer um erro enorme, aceitando Phaedra como sua parceira. Um erro que poderia custar-lhe mais do que apenas a sua sanidade.

Capítulo 8

Através das barras no topo da escada, Phaedra viu Lysander de pé na entrada esperando por ela. O ar vibrava com a tensão, e ela não tinha certeza qual deles estava criando a sensação de desconforto. Mordiscando os lábios, ela se debate para tentar ler o seu estado emocional.

Nunca tinha sido fácil ler Lysander, mas desde seu encontro com o *Pretoriano*, apenas ser capaz de ler suas emoções básicas tinha sido um desafio. Foi como se tivesse erguido um muro, impedindo-a ou qualquer outra pessoa de sondar muito profundo. Mas hoje era diferente. Ele parecia distraído, e ela tinha um sentido de que as cruas emoções corriam dentro dele.

Quando ela abriu-se para os seus sentimentos, a intensidade deles a oprimiu. A força disso era uma sensação física e ameaçava deixá-la cair de joelhos. Enrolou os dedos firmemente ao redor dos trilhos do corrimão, lutando para permanecer em seus pés. Um instante depois, um arrepio passou por ela enquanto uma escuridão emanava dele. O que quer que estivesse criando a malevolência, ela sabia que ele estava preocupado que poderia consumi-lo.

Desespero raspou em todos seus sentidos como vidro afiado e ela gritou pela angústia mental enviada através dela. *Care Deus*, era isso que ele sentia todos os dias? Como alguém desligando uma torneira, suas emoções, já não fluíam por ela. Lysander estava na metade da escada antes que ela percebesse, e ela rapidamente saiu de sua mente. Deliberadamente esfregando o material de camurça cobrindo o tornozelo, ela optou por um falso tornozelo torcido para explicar o porque ela quer chorar. No minuto em que ela o viu rodando o pequeno patamar da escada, ela parou de alisar seu tornozelo e acenou com a mão.

— Eu estou bem, eu torci o tornozelo, — mentiu quando ele parou a dois passos para baixo dela.

Seu penetrante olhar verde deslizava lentamente seu caminho ao longo dela, até os pés. Será que ele percebeu que estava mentindo? A tensão entre eles dançava, e ela pegou um sussurro de emoção, antes que ele socasse-o até que ele não existisse.

Ela suprimiu um suspiro. Ele estava de guarda de novo, e a oportunidade de continuar destruindo o muro que ele construiu em torno de suas emoções se foi. E no momento, ela não tinha certeza se tinha a força para lidar com o que ele mantinha dentro dele.

— Eu estou surpreso que você não *quebrou* seu tornozelo com o salto dessas botas, retrucou ele. — Nós não estamos indo para um desfile de moda em Milão.

— Não, mas nós supostamente devemos estar agindo como turistas. — Irritada, ela franziu o cenho. — Um fato que mantive em mente quando me vestia. E você? Em couro preto que as pessoas vão pensar que você é um Soprano¹⁹. — O que ela não lhe disse foi que ele parecia sexy como o inferno do jeito que estava vestido. Deus, mesmo com a sua horrível desfiguração, ele ainda estava esplêndido. O poder bruto emanava dele, puxando-a como um ímã. Ele usava uma jaqueta de couro preta sobre uma camisa de gola alta preta, enquanto macias calça de couro preta abraçavam as pernas musculosas. Seus dedos formigavam enquanto ela se lembrava de como tinha sido quando passava suas mãos sobre seu corpo musculoso. O ar em seus pulmões desapareceu enquanto ela respirava seu delicioso aroma.

Era o cheiro de sabão misturado com algo escuro e sensual. Isso envolveu o seu caminho em volta de seus sentidos, amarrando-a com nós. Ele parecia em cada polegada um guerreiro experiente, e seu tapa-olho preto só aumentava a sensação de perigo sobre ele. Ele era um convite aberto para ser má. E com ele, queria ser tão má quanto poderia. Qualquer coisa para fazê-lo responder a ela.

Deus, ela estava louca. Inconscientemente, tinha realmente ouvido a ultrajante sugestão de Cleo. Era a única explicação para as botas e o resto da sua roupa. Sua roupa não era muito provocante, mas também não era sério. O cabelo na parte de trás do pescoço levantou e seu estômago embrulhou com a fome que, de repente, brilhou em seu olhar verde. O olhar era suficiente para ela saber que não tinha necessidade de ler suas emoções para saber o que estava sentindo. Ela conhecia o desejo quando o via.

¹⁹ Soprano foi uma premiada série da tv americana. A série acompanhava a vida de Tony Soprano, um mafioso ítalo-americano de Nova Jersey que procura ajuda de um psiquiatra para conseguir lidar com sua vida familiar e com os negócios da máfia.

Seu olhar caolho derivou lentamente para cima sobre o seu jeans dobrado em sua Dal Co' originais até a jaqueta jeans que ela usava sobre um suéter vermelho. De repente, percebeu que o suéter agarrava um pouco demais nos seios porque o seu olhar permanecia lá. *Care Deus*, ele tinha apenas usado sua habilidade mental para acariciá-la ou seus mamilos ficaram duros só porque ela o queria tanto?

Ela engoliu em seco ao lembrar-se da última vez que ele tinha feito amor com ela. Seus corpos tinham se fundido perfeitamente enquanto ele acariciou-lhe com cada centímetro de seu corpo. Calor agrupou entre as suas pernas com o pensamento. Ela desejou que estivessem em um ponto isolado. Ela queria a chance de seduzi-lo. Ela quis fazer-lhe ver que não importa o que tinha acontecido no passado, eles eram bons juntos.

Seus olhares travaram, e o desejo em seu rosto marcava os tensos músculos do seu rosto. Ela instintivamente avançou para ele, e ele endureceu. Outra parede se ergueu entre eles, e frustração chicoteou por ela. Porra, o homem a deixaria louca, se esta era a maneira como as coisas estariam entre eles, enquanto trabalhavam juntos.

Ela respirou afiadamente, então, soltou duramente.

— É este o caminho que vai ser então? — Ela olhou para ele. — Porque se for, eu quero um novo parceiro.

— Do que você está falando? — Sua tensão ainda estava presente, mas ele habilmente cobriu com uma atitude indiferente.

— Você sabe exatamente o que quero dizer. — Suas palavras afiadas o fez estreitar seus olhos para ela. — Eu acho que nós precisamos trabalhar com outras pessoas. Ex-namorados nunca fazem grandes parceiros.

O *Pretoriano* tinha arrancado o lado do rosto em tiras recortadas, mas havia deixado sua bonita boca intacta e era agora uma linha fina de determinação.

— Como eu disse na sala de reunião, ontem, eu estou disposto a escutar ideias, mas tenho a palavra final. Eu emparelho todos com base em suas forças e fraquezas.

— E *exatamente* como podemos equilibrar um ao outro? — ela retrucou, irritada com sua calma e tom racional.

— Você é um bem valioso para a equipe. Eu não tenho nenhuma dúvida que o *Pretoriano* vai descobrir que você está aqui, e eu sou o mais qualificado para garantir a sua proteção.

Sua resposta a deixou de boca aberta, quando olhou para ele primeiro com espanto e em seguida, uma raiva que lentamente se espalhou por ela até que estava rígida com indignação. Ela estreitou seu olhar para ele e deu um passo na escada para trazê-la para mais perto dele. Mesmo quando estava furiosa com ele, seu corpo ainda respondia ao seu em um nível primitivo. Isso elevou a ira muito mais.

— Esse é o motivo mais *estúpido* que eu já ouvi em toda minha vida, — ela disse com um silvo agudo. — Eu posso ser uma simples curandeira, mas eu tenho chutado sua bunda no ginásio antes.

— Uma vez não se qualifica, — ele demorou. Era raro vê-lo divertido, mas podia jurar que viu um lampejo de humor em seus olhos verdes.

— Você está rindo de mim? — perguntou ela secamente. O fato de que ele parecia pensar tão pouco de suas habilidades de combate a feriam. Ela era uma muito boa lutadora.

— Não. — Ele balançou a cabeça. — Mas minhas habilidades de luta é a melhor de todos na equipe. Você é um bem valioso para a Ordem, Phaedra. Eu não posso deixar nada acontecer com você.

Ela notou que ele não disse que não queria que nada aconteça com ela, apenas a sua preocupação para a Ordem. Ela queria bater nele. Ela passou por ele com um ruído áspero de fúria e a desceu as escadas para o saguão. Quando ela chegou ao pé da escada, ela parou lá. O homem precisava de alguém para chutar sua bunda de volta para Chicago.

Atrás dela, ouviu o som de Lysander descendo lentamente as escadas de mármore. O homem a deixou tão furiosa que estava pronta para lutar contra um grupo de *Pretorianos*. Ela endureceu quando ele passou por ela e pegou uma câmera de aparência cara, da mesa estreita contra a parede entrada. Ele brincava com um par de configurações, em seguida, colocou os equipamentos digitais em uma maleta. Ela observou em silêncio enquanto ele se movia em direção à porta interior e abriu-a.

Ainda zangada, ela seguiu em direção ao sol. Quando estava na varanda, o sólido carvalho da porta da casa segura fechou-se atrás dela com um clique alto. O ar estava mais quente do que ela esperava, mas o seu sueter e casaco eram leves suficiente para que estivesse muito confortável. Sua raiva diminuiu um pouco enquanto o dia ensolarado atenuava o seu humor. Várias motos pretas estavam estacionadas em frente da casa, e Lysander mudou-se para a moto mais distante da porta. Ele guardou a bolsa da câmera no cofre da moto, e pegou dois capacetes, ao mesmo tempo.

Seus dedos se enroscaram em torno da borda do capacete, ele entregou-lhe enquanto ela olhava para a moto. Pressionada em todo o couro preto e o calor do sexo masculino, equivaleria a pouco mais que uma sessão de tortura. Tensão ecoava quando ela mudou o olhar da moto para o capacete na mão.

— Nós não podemos simplesmente pegar um táxi? — ela disse em uma voz firme.

— Não. — Lysander não olhava para ela quando passou a perna por cima da moto, ficando em cima dela. — Eu não quero pegar um lugar travado sem qualquer meio de escapar.

— Bem, você nem mesmo sabe para onde estamos indo?

— Eu acredito que você está prestes a me dizer.

A nota destacada em sua voz dizia que ele já mergulhara em sua função de *Primus pilus*. Não. Ele era o *Legatus* para esta missão. E como *Legatus*, tinha direito a obediência e respeito por parte dela. O mapa que ela tinha escondido no bolso da jaqueta jeans estalava suavemente quando ela puxou-o para fora para olhar.

— Marco atribuiu-nos o setor junto ao Templo de Adriano. — Segurando o mapa para que ele pudesse vê-lo, ela apontou para o círculo, que o *Primus pilus* tinha feito no mapa. — Estamos a cobrir esta seção da grade. Não há um monte de lugares antigos na área, então devemos ser capazes de cobrir tudo antes de meados da tarde. Sugiro começar pelo templo.

— Ótimo. — Deu-lhe um aceno. — O que eu quero que você se lembre é que estamos no coração do país *Pretoriano*. Se você sentir qualquer coisa, mesmo o menor sinal de perigo, eu quero saber. Entendido?

As nítidas palavras afiadas espertaram a borda de seus nervos ao vê-lo puxar pelo seu capacete. Ele estava certo, mas ela não gostava de admitir isso.

Relutante, ela puxou seu próprio capacete no lugar quando Lysander deu o pontapé inicial na máquina. O motor em funcionamento, ele virou a cabeça na direção dela. Ao contrário de seu capacete, o de Lysander tinha uma viseira que escondia seu rosto inteiro. Com a viseira para baixo, ela não conseguia ler sua expressão, mas sua rígida linguagem corporal dizia que não estava ansioso pelo passeio mais do que ela.

Ela respirou fundo e levantou a perna por cima da moto. No minuto em que ela sentou no seu assento na moto, um demônio dentro dela a fez envolver os braços ao redor dele e se pressionar em suas costas. Ele ficou duro como pedra, e ela sorriu com satisfação. Serviu-lhe bem por se recusar a tomar um táxi. No entanto, era um requintado tormento ter os braços em volta dele novamente. Sob o braço esquerdo, ela sentiu a bainha de couro sob o paletó que segurava sua curta espada. Era um lembrete silencioso que um *Sicari* raramente era capaz de relaxar a guarda.

Lysander passou em marcha, e com apenas um olhar em qualquer direção, ele foi para a rua. A forma como ele entrava e saía do tráfego a fez pensar que ele estava deliberadamente tentando enervar-la. Ele estava fazendo um bom trabalho. Ela apertou sua cintura e tentou pegar um vislumbre da cidade, enquanto ele corria por ela. A única coisa que ela queria fazer era ver um pouco da cidade. O *Sicari* havia deixado Roma centenas de anos atrás, mas tinha sido o lar de seus ancestrais. Ela queria visitar pelo menos um ou dois locais históricos, enquanto estava aqui. Roma podia ser a sede global dos *Pretorianos*, mas ela estaria segura o suficiente durante o período diurno, desde que ficasse em lugares lotados.

Havia também o estilete na bainha ao lado de sua bota. Ao contrário de Lysander, era difícil para ela carregar uma espada durante o dia, mas a lâmina que ela carregava aprimorava suas habilidades no combate corpo-a-corpo. Buzinas tocavam em seus ouvidos quando Lysander passou os últimos dois carros para sair na frente. Ele navegou por um semáforo que ficou vermelho enquanto eles entraram no meio do cruzamento. O resultado foi o som de mais buzinas de carro enchendo o ar.

— *Il omnipotentia Christi*, vai nos matar, — gritou nas proximidades de sua orelha, duvidando mesmo que ele pudesse ouvi-la através de seu capacete, para não falar do barulho da manhã de tráfego. Se ele a ouviu, ele não deu nenhuma indicação, mas ele parecia como se tivesse desacelerando. Moveram-se pelas ruas da cidade rapidamente, e ela só podia esperar que Lysander soubessem onde estavam indo.

Após o carro na frente deles, eles fizeram uma curva acentuada à direita, e ela prendeu a respiração quando o carro parou abruptamente no meio da estrada sem qualquer aviso. Com a facilidade de alguém que andava de moto há muito tempo, reflexos rápidos, Lysander permitiu-lhe habilmente que parasse a roda da moto ao redor do veículo. Sua estreita parada fez sua pressão arterial aumentar, e ela estava pronta para bater no outro motorista pelo ato estúpido. A medida que passava por outro carro, ela teve de se contentar com um olhar fulminante para o homem.

Vários minutos depois, eles chegaram a uma parada em uma rua estreita. Se deu conta que Lysander estava esperando ela descer da moto, e ela rapidamente colocou vários metros entre ela e a moto. Puxando o capacete da cabeça, ela olhou-o para baixo no assento da bicicleta.

Sem falar, ele puxou a câmera digital a partir da caixa na parte de trás da moto, em seguida, empurrou a câmera na bolsa preta de nylon com os capacetes. No minuto em que ele garantiu a segurança da moto, Lysander apontou para um brilhante quadrado várias centenas de metros de distância.

— O Templo de Adriano.

Com um movimento da sua mão, ele apontou-a para o caminho. Ainda irritada com ele, ela caminhou em direção à praça em silêncio. Não que ela esperasse que seu silêncio o irritasse, mas

fazer uma cena chamaria atenção indesejada para eles, e ela sabia disso. Enquanto virava a esquina, um calafrio de emoção deslizou através dela, à vista do templo. Sólidas colunas elevavam-se, para encontrar o teto que elas apoiavam. Em outros tempos, os romanos teriam atravessado as colunas para chegar ao santuário interno do templo. Agora, um moderno edifício ocupava o interior do templo com as colunas de pedra exterior que serviam de fachada para uma instituição financeira.

As pessoas enchiam a praça, e ela imediatamente abriu-se para as emoções rodopiando no ar ao seu redor. Após mais de um minuto, ela soltou um suspiro de alívio. A única coisa que ela sentia eram as emoções de pessoas preocupadas com coisas comuns. Lysander ficou quietinho ao lado dela, e ela podia senti-lo olhando-a. Ela virou a cabeça para olhar para ele na esperança de ver alguma emoção em seu rosto que podia decifrar. A expressão em seu rosto se fechou em um instante, e viu a emoção indo rápido demais para definir. Com um olhar silencioso, ele enviou-lhe um exigido relatório, e ela mordeu o desejo de alcançá-lo e sondar suas emoções.

— Bem?

— Nada incomum, — ela disse. — Pessoas preocupadas com empregos, famílias, amantes...

Ele nem sequer vacilou quando ela lhe permitiu que sua frase falhasse. Desgostosa com ela mesma por pensar que poderia ter uma reação dele, ela estendeu a mão.

— Deixe-me pegar a câmera. Vou tirar algumas fotos, e você pode brincar de guarda-costas.

Desta vez, ela conseguiu uma reação dele. O brilho que ele mandou a fez sorrir para ele docemente quando pegou a câmera da sua mão. Ele não gostou da maneira como ela o rebaixou.

Com uma careta, ela tentou se reacostumar com o básico da câmara. A aula que Cleo tinha lhe dado ontem tinha sido curta, e esta câmera não era igual a que a amiga tinha comprado para todos.

Esta tinha uma aparência gasta. Ela não se lembrava de Lysander sempre tirando fotos. Naquele momento, ele soltou um suspiro de irritação e inclinou-se para pressionar em suas costas para que ele pudesse olhar por cima do ombro. Seu peito roçou seu corpo quando ele apontou para um botão de prata no topo da câmera. Seu toque enviou um rastro de fogo por toda a sua pele.

— Pressione o botão prateado para tirar a foto. Possui um foco automático, por isso tudo que você precisa fazer é pressionar este botão para ampliar ou reduzir. — Ele apontou para um botão preto perto do botão de capturar foto da câmara. Ela engoliu o nó na garganta e acenou com a cabeça enquanto colocava o seu olho contra o visor e tirava uma foto. Com uma volta rápida de um seletor, ela estava olhando para a foto que ela tinha tirado do nível superior do templo. Arrumando as configurações da câmera para que ela pudesse tirar fotos de novo, caminhou para frente e disparou várias fotos da fachada do templo de diferentes ângulos. Ciente de Lysander sempre ao seu lado baixou a câmera e virou a cabeça para olhar para ele.

— Vá ficar na grade, bem ali — ela disse enquanto balançava a cabeça na direção do cerco que mantinham as pessoas de caírem em uma escarpa de pedra. — Eu vou tirar uma foto sua. Faça com que pareça que realmente somos turistas, e é suposto estarmos brincando.

Juntos, eles atravessaram a *praça*, onde ela fez várias fotos de Lysander contra a grade antes de se juntar a ele e começasse a disparar rapidamente uma seção da fachada de pedra atrás da outra. Enquanto ela se movia ao longo da lateral do prédio, tirando fotos, ela percebeu que Lysander tinha parado de estudar as colunas. Quando ela chegou ao fim da parede lateral do templo, ela virou a esquina para continuar fotografando o prédio.

Tão logo ela perdeu Lysander de vista, ele estava lá novamente. Com as mãos fechadas, pronto para protegê-la se a ocasião exigisse isso dele. Mesmo que ele não tivesse interesse pessoal em sua segurança, ela ainda gostava de saber que ele estava lá. Não era que tinha medo de andar por Roma durante o dia, mas estar perto dele em qualquer circunstância era melhor do que não vê-lo em tudo. E isso lhe deu a oportunidade – ela fechou a porta sobre o pensamento, barrando contra a tentativa da persistente ideia.

Determinada a não ouvir a voz em sua cabeça, ela virou a lente da câmera para a pedra fundamental da estrutura e ampliou sobre as pedras exteriores apoiando o templo. O disparador se

soltou com um zumbido suave enquanto ela sistematicamente traçava uma trajetória visual ao longo das pedras. Tentou chegar o mais próximo que pôde, ao mesmo tempo assegurando que a imagem englobasse a maior quantidade possível de pedra.

Ontem, quando Cleo tinha entregue o equipamento de câmera, sua amiga tinha dado a todos uma lição de fotografia. Breve e básico, as instruções tinham confirmado suas próprias observações na reunião da equipe naquela manhã. O que eles precisavam fazer para ter um zoom ao tirar fotos, eles tinham que ser sistemáticos o suficiente para permitir que o computador formasse uma imagem completa do edifício.

O mais rapidamente possível, ela continuou a fotografar cada seção da fachada de pedra. Era uma coisa de turistas, tirarem muitas fotos, mas é totalmente outra coisa alguém fotografar um edifício polegada por polegada. Ela sempre se protegeu do constante bombardeio de emoções alheias, não sentia nada fora do comum, e não tinha vontade de despertar a curiosidade de ninguém.

Ela ampliou outra seção de pedra, seus olhos pressionados no visor. A visão de uma marca fraca em uma pedra que margeava a seção que estava fotografando a fez franzir a testa. Era um recuo de sombra que não se parecia como se pertencesse ali. Resistiu à vontade de mudar a lente da câmera na direção da marca, ela terminou de fotografar os setores restantes.

Ansiosa para obter um olhar mais atento ao ponto, ela mudou de posição ao longo da grade de ferro em torno do edifício, até que estava de pé diretamente sobre a pedra. A trincheira em torno da estrutura tornava difícil obter uma boa visão da pedra. Uma vez que a marca estava em uma das pedras da estrutura da fundação, o ângulo não permitia um nível de análise do bloco de granito. Ainda pior, a face da pedra estava desgastada. Como uma grande parte do templo de pedra, o tempo tinha danificado o grande bloco de granito. Mas ainda parecia que alguém tinha deliberadamente gravado uma marca na rocha. Ela ampliou o local com a lente e clicou no botão do obturador. Apesar do sol, as sombras na vala impediam de ver claramente a marca. Ela virou a cabeça para Lysander, cuja postura era de cautela rígida.

Um segundo depois, um formigamento súbito na volta de seu pescoço fez seu coração saltar. Eles estavam sendo vigiados. O indivíduo era mais que poderoso. Era malevolente. Ela estremeceu.

Respondendo às sensações que sentia só alertaria o inimigo que estava consciente de sua presença. Pavor deslizou para baixo de sua coluna como gelo. Ele já sabia. O *bastardo* sabia que ela estava ciente de sua presença e se divertia. E estava excitado. De repente, o medo inchou dentro dela, ameaçando dominar a sua capacidade de pensar.

Corra.

Se ela colocasse distância entre - o seu coração bateu no peito quando uma mão invisível agarrou o tornozelo, segurando-a no lugar. O toque mental acendeu uma ira dentro dela. Ela suprimiu seu medo, e imaginou o último *Pretoriano* que tinha matado. Foi o que ela faria a este *bastardo* quando ele saísse do esconderijo.

Ela quase podia ouvir o seu riso zombeteiro, e ela engasgou quando a pressão das mãos invisíveis deslizaram lentamente pelas suas pernas. Era uma carícia insidiosa que enviou choque através de seu corpo. Ela tentou recuar de novo, mas os dedos invisíveis do homem cavaram dolorosamente em suas nádegas antes de deslizar para baixo sobre as costas de suas pernas para forçar as pernas ligeiramente distante. Um momento depois seus dedos escovaram em sua coxa.

Tremendo de horror e nojo, ela tentou chamar Lysander, mas uma firme pressão cobriu a boca, impedindo-a de gritar. *Oh Deus*, isso não poderia estar acontecendo. Intoxicada pelo violador toque, ela lutou para se libertar de seu invisível ataque mais uma vez. Sua tentativa encontrou-se com uma resposta que a aterrorizava.

Implacável e inflexível, uma firme pressão arrastou o seu caminho em cada centímetro do seu corpo até ela ser incapaz de se mover. Ele não apenas a manteve no lugar. Ele enfatizou o quanto ela era impotente para detê-lo. O *bastardo* estava em completo controle, e ela nunca se sentiu tão impotente em sua vida inteira. A cobiça do homem inundou seus sentidos, e ela lançou um suave suspiro quando mãos invisíveis deslizaram por cima da cintura para acariciar levemente o curso inferior dos seios. Ela gemeu ao toque enjoativo.

Onde estava o Lysander, que ele não podia ver que algo estava errado? A sensação de sua risada passando através de sua pele, da mesma forma revoltante que as mãos invisíveis do seu atacante. Ele podia sentir o seu terror, e ele gostou. Ela engoliu as lágrimas. O homem poderia fazer o que ele quisesse com ela, e ela não poderia detê-lo.

Atordoada, ela tentou negar o que estava acontecendo com ela, mas o traço invisível avançando seu caminho lentamente até sua coxa interna lhe disse o contrário. Repulsa enviou bile pela garganta, e com uma força nascida do medo, ela se libertou parcialmente da aderência de seu agressor invisível. Ela se virou para Lysander e deu dois passos antes de uma incrível pressão cair em seu corpo. Acuada novamente, viu Lysander correr em direção a ela.

Ele estava ao lado dela em segundos, e ela imediatamente percebeu uma mudança no seu agressor. A presença invisível de repente pareceu surpreso, em seguida, irritado, quase como se tivesse feito uma descoberta inesperada. O ataque mental diminuiu ligeiramente em seguida, reforçou.

— Você vai ter que passar por mim primeiro, seu filho da puta. — Lysander rosnou em voz baixa.

Se ela não soubesse, ela teria pensado que Lysander estava realmente se comunicando telepaticamente com seu agressor. Ela sufocou um grito quando o toque invisível escorregou e então agarrou sua coxa em um aperto impiedoso. Ela quase podia ouvir o riso do homem. Dizia que ele poderia facilmente ter mantido o seu movimento, e havia a promessa tácita que iria encontrá-la novamente.

De repente, ela estava livre e tropeçou de volta para a praça com o braço de Lysander apoiando-a na cintura. Ela cambaleou até uma parada, mas Lysander impiedosamente agarrou seu braço no cotovelo e correu para a frente novamente.

— Não, — ele rosnou. — Nós estamos indo. Agora.

Ela sabia que não adiantava argumentar com ele, e ela não queria. Um arrepio atravessou-a

enquanto ela permitia que Lysander apressasse sua volta ao local onde tinha estacionado a moto. Ela lançou um olhar para trás e se encolheu quando Lysander apertou seu cotovelo.

— Não olhe para trás, — ele ordenou bruscamente. — Se ele estiver vendo, ele saberá que você está com medo.

— Medo? Ele já sabe que eu tenho medo dele. Eu não tenho esse medo desde que eu matei o meu primeiro *Pretoriano*, — ela estalou quando outra onda de raiva a varreu. Ela queria matar o *bastardo* que tinha acabado de aterrorizá-la. — Eu não podia vê-lo, mas ele poderia muito bem me ver. É a única explicação que eu posso pensar pelas vibrações que eu estava sentindo. O filho da puta gostava do que fazia a mim.

A memória do jeito que ele a tocou fez seu estômago começa a se agitar. *Deus*, ela se sentia tão impotente. O pensamento do que poderia ter acontecido com ela se Lysander não tivesse estado com ela, apenas aumentou sua náusea. No momento que eles chegaram à moto estacionada, ela empurrou o apoio de Lysander. Apoiando-se contra a parede com uma mão, jogou o que sobrou de seu almoço. Quando ela terminou, Lysander ofereceu-lhe um pacote de lenços. Ela pegou vários lenços brancos e limpou a boca.

— Desde quando você carrega lenços? — ela perguntou asperamente.

— Eu não carrego. — Ele balançou a cabeça em direção à loja do outro lado da rua, ela olhou para ele. — Agradeça o lojista do outro lado da rua.

Ela olhou em volta e viu a mulher idosa em pé na soleira da porta de uma pequena loja de recordações. Com um sorriso tímido, ela acenou agradecida para a mulher que os observava com um olhar preocupado. Quando ela olhou para Lysander, ela viu uma expressão preocupada, testa franzinda. No instante em que percebeu que ela estava olhando para ele, o rosto voltou ao seu aspecto habitual estóico.

Ela fechou os olhos enquanto lutava com o horror do que tinha acontecido. Uma mão tocou seu braço, e ela recuou. Olhos abertos piscando, ela encontrou o incansável olhar de Lysander.

— Eu sei, — ela murmurou. — Nós temos que ir.

Lysander entregou seu capacete para ela em silêncio, e em menos de um minuto, saíram para longe do sítio histórico. Braços apertados em volta da cintura de Lysander, ela não se importava para onde estava indo. Ela apenas sabia que queria ficar longe do templo. Olhos fechados, ela tentou não pensar sobre o que tinha acontecido.

Mas foi impossível. Ela estremeceu quando se lembrou de como o homem a havia tocado. Tinha que ter sido um *Sicari* renegado que tinha a agredido. Ela não poderia pensar em qualquer outra explicação. *Pretorianos* eram telepatas. Eles não tinham habilidades de telecinese.

Isso não era inteiramente verdade. Seu estômago embrulhou com uma sensação nauseante quando ela considerou os sussurros de sua infância. Ela imediatamente descartou a ideia. O *Pretoriano Dominus* é um mito. O homem deve ter sido um criminoso, mas mesmo eles geralmente não se escondem como este tinha.

Ela tinha esperado o confronto aberto, algo onde pudesse revidar. Não esse tipo de assalto, onde era impotente para fazer qualquer coisa para salvar a si mesma. Ainda pior foi a forma estranha que o *Bastardo* reagiu a seu terror. Era quase como se pudesse ler o seu medo. Isso significava que ele tinha que ter estado suficientemente perto para vê-la. Ver como ela estava assustada. *Deus*, houve apenas outra vez quando ela tinha ficado aterrorizada - impotente - em toda sua vida. Ela mentiu para Lysander. À noite em que ela tinha matado seu primeiro *Pretoriano* não tinha sido tão assustadora. Até hoje, nada superou o terror que sentira na noite que os *Pretorianos* haviam assassinado seus pais. Ela sufocou as lágrimas. Ela não ia chorar na frente de Lysander dois dias seguidos.

Momentos depois, a moto ficou mais lenta e desviou-se ligeiramente. Quando ela abriu os olhos, viu que haviam retornado para a casa segura. Ela pulou da moto e saiu em torno de Lysander para bater em seu visor. Ele empurrou-a para olhá-la em silêncio.

— Por que paramos aqui? — ela estalou em reação ao pensamento de que ele pretendia deixá-la aqui. Sozinha. — Há pelo menos quatro outros monumentos que precisam de fotografia.

— Nós acabamos por hoje. — Ele disse um braço pendendo sobre o punho da bicicleta, descansando o outro em seu quadril enquanto ele estudava-a. — Eu acho que você precisa de algum espaço para respirar.

— Eu estou bem. — Ela balançou a cabeça em sinal de protesto. Se ela voltasse para dentro, estaria sozinha, e não queria ficar sozinha. Ela não queria que ele a deixasse. — Nós precisamos completar a nossa parte da grade.

— Pode esperar.

— Não, — ela exclamou com veemência. — Você não vai me deixar aqui sozinha. Recuso-me a deixe que o *bastardo* ganhe, e se eu entrar e me esconder, ele ganha.

Ele puxou o capacete da cabeça e correu a mão pelo cabelo curto e recortado. Ela poderia dizer que ele estava irritado, mas também desconfortável. Obviamente, ele não sabia como lidar com algo assim, mas nem ela. Será que ele tinha esperado que ela se retirasse para a casa segura como um rato manso? Seu maxilar ficou rígido com a tensão, ele sacudiu a cabeça.

— Eu não tenho nenhuma intenção de deixá-la sozinha, phaedra, — ele disse calmamente.

Havia uma qualidade, feroz, protetora sobre seu comportamento, que fez seu coração saltar uma batida. Isso a fez se sentir segura. Como se protegê-la não fosse apenas um negócio, mas que sua segurança era importante para ele, porque se preocupava com ela. Ela imediatamente esmagou a esperança que tentava crescer dentro dela. Ela era uma tola em pensar que ele sentia alguma coisa para com ela, que não seja um senso de responsabilidade.

— Então pare de discutir comigo, e vamos terminar a nossa grade, — ela disse com firmeza. — Eu vou ficar bem.

Ela olhou para longe e lutou para controlar o sentimento doentio, que estava na boca do estômago, ela se lembrou daqueles poucos momentos curtos de vulnerabilidade. Ela sabia do renegado *Sicari*, que muitas vezes chegou a odiar sua própria espécie, mas este homem tinha sido

diferente. Seu ódio pelo *Sicari* igualava ao feroz ódio que ela sentiu no *Pretoriano* com o qual lutou. Tinha sido malévolo e cruel.

O frio ainda persistia em sua pele. Ela estremeceu com a lembrança do toque invisível deslizando sobre seu corpo. Pareceu levar uma eternidade para Lysander alcançá-la. Todo o tempo, ela foi impotente para parar o toque invasivo do *bastardo* doente. Foi o que tinha sido para Lysander quando o *Pretoriano* o tinha torturado? Esse sentimento de desamparo?

— Você precisa falar sobre isso com alguém, Phaedra. — Havia uma suavidade em sua voz que firmou os seus nervos. — Ele a violou, e você não pode trancar isso dentro de você.

— Você é bom para falar, — ela disse bruscamente. — Você não se importou de falar com alguém sobre o que aconteceu com você.

— Eu conversei com Atia. — Atordoada pelo seu depoimento, ela o encarou em silêncio. Os braços apoiados no guidão da moto, ele encolheu os ombros. — Eu sabia que precisava falar com alguém.

Você poderia ter falado comigo. Ela ignorou o pequeno dardo de alívio que ele não havia conversado com Cleo. Em vez disso, ela apenas reafirmou.

— Tudo o que ele fez foi apalpar-me. Eu vou ficar bem. — Sua resposta abrupta fez ele estreitar seus olhos.

— Eu poderia ordenar que você fique aqui.

— Você poderia, mas você não vai, — ela disse em uma voz dura.

— *Christus*, e Atia chama Ares de demônio obstinado. — Com um tremor leve de cabeça, ele lançou uma respiração áspera. — Eu sei que vou me arrepender disso, mas vamos continuar, com uma condição.

— O quê?

— Você não vai sair do meu lado por um segundo. Entendido?

— Sim.

Não havia qualquer jeito que ela iria admitir isso a ele, mas era uma condição que estava mais do que feliz em seguir. Ele olhou-a atentamente por um momento antes que ele acenasse com a cabeça. Ela adiantou-se para voltar na moto, e sua mão se atirou para pegar a dela em um aperto suave.

— Vou encontrá-lo, Phaedra, e quando eu fizer, eu vou fazê-lo pagar. — A nota áspera em sua voz a fez sacudir a cabeça enquanto olhava para aquele vívido olho verde dele.

— Como no inferno você acha que pode encontrar um *Sicari* renegado? Você não é um telepata.

— *Sicari* renegado ou não. Eu vou encontrá-lo.

Sua declaração enfática a fez engolir em seco quando balançou a cabeça. Um segundo depois, ele virou, e ela jogou a perna sobre o assento de couro da moto. Quando ela se estabeleceu no assento em curva, colocou os braços ao redor de sua cintura. O homem não poderia nem pensar que o seu assaltante tinha sido *Pretoriano*, não é? Não. Isso não era possível. Lysander não tem a habilidade de ler mentes nem que ele tenha poderes intuitivos como ela. Assim como em nome da Pedra de Júpiter ele pensava que poderia encontrar seu agressor?

O verdadeiro problema era saber se o assaltante iria encontrá-la, e ela estava convencida que o filho da puta não teria qualquer dificuldade em encontrá-la. E se a sua habilidade telecinética era tão forte como ela achava que era, não ficaria segura, quando ele a encontrasse. Ela colocou os braços ao redor da cintura de Lysander, e um calafrio percorreu sua pele quando a moto se lançou para a rua novamente. De repente, ela desejou estar de volta em casa, em Chicago.

Capítulo 9

No minuto em que ela entrou na sala de estar da casa segura, ela ouviu a risada entrando através do estreito corredor que dava para a cozinha. O doce aroma de ervas e especiarias enchia as narinas, fazendo com que seu estômago roncasse de fome. Isso a surpreendeu. Ela não percebeu que estava realmente com fome.

Lysander tinha oferecido parar para comer várias vezes ao longo do dia, mas a idéia de comida tinha simplesmente agitado seu estômago. O fato dela não querer nada para comer enfatizou o quanto estava abalada pelo seu encontro com o *Sicari* desonesto. Ela afastou a memória sombria, recusando-se a ceder ao inquietante desespero que continuava a crescer dentro dela.

Seu pescoço formigava quando Lysander entrou pela porta da frente depois dela. Não importa onde ela estava, sempre sabia quando ele estava por perto. Era como um radar interno definido apenas para seu sinal. Com um rápido olhar sobre o ombro, ela fez um gesto em direção à cozinha.

— Sons e cheiro de jantar. — Ela se afastou dele, mas sua mão parou de se mover.

— Se você não for comer com todo mundo, eu posso ter a sua refeição enviada para seu quarto.

Ela olhou para ele de cima de seu ombro com uma mistura de emoções. Desde esta manhã, ele havia estado a tratando com luvas de pelica. Enquanto ela apreciava a sua preocupação pelo seu bem-estar, isso foi fazendo estragos com o seu coração. O pior foi saber que a qualquer momento eles vão voltar à forma que tinha estado no ano passado. Palavras frias e insensível desrespeito que sempre estava por perto. Ela balançou a cabeça.

— Eu estou bem. — Ela forçou um sorriso nos lábios. — Eu estou realmente com fome, e cheira como se você tivesse alguma séria competição na cozinha.

Quando ela se dirigiu para o corredor estreito, com Lysander atrás dela, ela o ouviu murmurar algo em voz baixa. Mas quando olhou para ele, sua feição era ilegível. Um momento depois, ela entrou na brilhante e acolhedora cozinha. Cleo foi a primeira a perceber sua chegada e ela arqueou as sobrancelhas para eles.

— Salve os heróis conquistadores, — sua amiga disse com um sorriso quando eles entraram na cozinha e na área de jantar adjacente. — Estávamos começando a pensar que teríamos de enviar uma equipe de busca e salvamento. Se meteram em apuros?

— Nada que não pudéssemos lidar. — Ela forçou uma nota de bravata em sua voz para afastar quaisquer dúvidas indesejadas. — Nós tivemos um monte de fotos para tirar.

— Você está pálida, bella. — Luciano Pasquale olhou para ela de toda a vasta extensão do balcão, onde foi pegar porções de canelone de dois grandes pratos de caçarola.

— Você está se sentindo bem?

Seu radar chutou novamente quando Lysander endureceu seu lado. Sua tensão era um sinal claro que ele ainda estava de plantão como seu protetor. Ela suprimiu um suspiro. Se apenas o seu comportamento fosse porque se preocupava com ela. Ignorando o guardião silencioso a seu lado, ela sorriu para Luciano.

— Honestamente? Estou fraca de fome, — ela disse. — Cheira maravilhosamente. Quem é o cozinheiro? E não diga Cleo, porque eu sei que não.

Maria Atellus, prato na mão, apontou com a outra em direção a Pasquale. — Luciano fez isso porque Cleo apostou que ele não poderia vencer a receita de cannelloni do *Legatus*.

Angelo Atellus levantou uma grande tigela de salada por cima da cabeça de sua mulher e levou-a através das largas portas francesas que se abriam para um grande pátio com paredes de vidro. Sobre seu ombro, ele ordenou a sua esposa para lhe trazer um prato de comida e procedeu em colocar a taça de prata sobre a grande mesa, sentando debaixo de uma treliça de madeira

coberta com videiras. De onde Phae estava no balcão, ela podia ver Atia falar com Marco, o *Primus pilus*.

— Angelo, onde está o azeite e vinagre? — Violetta gritou por cima de Cleo, que estava castigando Luciano por ter derrubado molho em cima do balcão.

Pasquale não se incomodou em responder aos comentários exasperados de sua amiga. Em vez disso, ele gesticulou para que ela pegasse um prato. — Vamos, Phae, pegue um prato e deixe-me apresentar-lhe minha celeste comida.

— Ego não é um problema para você, não é, Luciano, — ela disse com uma risada.

— Nunca, Caríssima. Também não deixo nada ficar no meu caminho quando eu vejo algo que eu quero.

Havia uma brincadeira sobre sua arrogância que o fez charmoso ao invés de irritar. Rindo, ela pegou um prato, mas Lysander apontou para os pratos amarelos comum de desenho de videira circundando as bordas. Um prato em cada mão, ele estendeu sobre o balcão e esperou em silêncio para Luciano encher os pratos. O olhar na cara de Pasquale foi de um flerte jovial para uma de cuidadosa

apreciação.

A tensão de Lysander se mostrava na forma como o tecido cicatrizado que cobria seu rosto estava desenhado apertado sobre o osso. A mancha negra que cobria o olho faltando, apenas enfatizava a atitude ameaçadora refletida em sua postura. Ela não podia ver seus olhos, de onde estava, mas estava certa que seria a fria cor verde que sempre se transformava quando ele estava tentando intimidar alguém.

Alertada por sua ação, ela endureceu um pouco quando Cleo ergueu as sobrancelhas e inclinou a cabeça para Phaetra. *Christus*, a mulher iria atormentá-la na primeira chance que tiver.

Ignorando o olhar especulativo da amiga, ela aceitou o prato de comida que Lysander lhe entregou e saiu para o terraço.

Em nome de Júpiter, isso tinha que ser sobre proteção. Lysander estava pensando que as atenções de Luciano poderiam fazê-la se sentir ameaçada. Ela suprimiu um suspiro. A última coisa que queria era um guarda-costas *Sicari*, especialmente se ele não estivesse apaixonado por ela. Quando cruzou o limiar para o pátio, Atia apontou para ela.

— Venha sentar ao meu lado, Phaedra.

Músculos se torceram com a tensão, ela lentamente obedeceu à ordem. Atia tinha chamado Lysander mais cedo, e sua conversa com a *Cônsul Prima* tinha sido em sua maioria unilateral.

Mas, a partir das poucas palavras que ela ouviu, ela sabia que a conversa tinha sido sobre ela.

Isso a convenceu de que Lysander tinha avisado o líder *Sicari* sobre seu ataque. Atia não mencionou o incidente na frente de ninguém, mas não estava tão certa de que a mulher não iria encontrar algum pretexto para arrastar os dois para longe em algum assunto urgente da associação para discutir o que tinha acontecido. Tudo o que ela queria no momento era comer e ter um par de taças de vinho, na esperança de se distanciar de todo o caso.

Obedecendo a ordem da *Prima Cônsul*, ela se sentou ao lado da mulher, enquanto Lysander sentou-se no lado oposto. Ela soltou um suave barulho de irritação. Era como se alguém tivesse colocado ela em prisão preventiva. O resto da equipe se conformou em suas cadeiras, uma garrafa de Lambrusco vermelho escuro fez o seu caminho ao redor da mesa. Ela derramou uma porção saudável em seu copo, ignorando o olhar arqueado que Atia enviava em seu caminho.

O olhar a irritava. Primeiro, um guarda-costas, agora uma mãe superprotetora. Ela sabia o quanto poderia beber antes de sua capacidade de cura ficar diminuída. Um segundo depois, ela deu uma mordida nos cannellonis no prato. O sabor do prato estourou sobre a língua, numa deliciosa sinfonia de queijo Cavallo, espinafre, massas e uma marinada à base de tomate. Ela imediatamente virou a cabeça para Lysander ao vê-lo tomar uma mordida do prato.

Surpresa varreu seu rosto, antes de um olhar calculado endurecesse sua sombria feição. Em um movimento controlado, medido, ele cuidadosamente pôs o grafo para baixo, na mesa e os

longos dedos se estenderam levemente para a haste da sua taça de vinho. Era óbvio que ele tinha percebido que Luciano era uma ameaça a sua reputação gastronômica.

Conhecido por sua maneira imperturbável, as poucas vezes que Lysander exibiu qualquer emoção foi na cozinha, e ele guardava os louros de sua comida zelosamente. Ele gostava de cozinhar, mas agora havia um novo rosto na cidade, quando se tratava de habilidades na cozinha. E o homem definitivamente não estava feliz com isso. Aqueles que não o conheciam assumiriam que ele estava relaxado, mas ela sabia que não.

Ele estava olhando mortalmente para Luciano na cozinha. Ela poderia ver no olhar duro de seus olhos verdes e a tensão em seu corpo. O homem não desistiria de seu cargo sem uma difícil luta. Ele ia usar todas as habilidades que aprendeu na escola de culinária na Toscana. Do outro lado da mesa, a expressão de Cleo era uma contemplação dolorosa. Claramente, sua amiga estava em um grande dilema. Ela tinha elogiado a habilidade de Lysander, e aqui estava um prato que se igualou senão ultrapassou a capacidade de seu amigo. Luciano virou a cabeça e sorriu para Cleo.

— Bem, Bella, como está?

— Está delicioso, — disse Cleo em voz cautelosa. Seu olhar se deslocou para Lysander, que se reuniu ao olhar de Cleo com calma aceitação.

— É mais do que isso, Cleo, e você sabe disso. É excepcional, — Lysander disse calmamente. Ele ergueu a taça de vinho para Luciano. — Bem feito. *Salute*.

Todos ao redor da mesa reconheceram o brinde com entusiasmo e um coro de cumprimentos. Phaedra inclinou a cabeça para Lysander.

— Então, qual o prato que você vai fazer para mostrar a ele? — ela murmurou.

— Eu não vou. — Ele virou a cabeça na direção dela e encontrou seu olhar.

— Oh, por favor, — ela disse quando olhou para ele com descrença. — Você estava tramando algo no momento em que deu uma mordida nesse cannelloni.

Ele ergueu o copo à boca e tomou um gole. Quando retornou o copo a mesa, ele se mexeu na cadeira e se virou para ela. Um cotovelo na mesa, ele colocou o outro braço sobre o encosto da cadeira. Ele estava perto o suficiente para tocar, e o seu perfume masculino inundou seus sentidos até que seu sangue corresse lento em suas veias. Deus, ela queria beijá-lo. Tocá-lo, fazê-lo gritar seu nome com a necessidade. Ela engoliu em seco quando seus olhos estreitaram-na.

— Espanta-me que você pense que pode ler minha mente tão bem, mas você não pode ler as intenções de Pasquale. — A observação inesperada a fez fazer uma careta.

— Do que você está falando?

— O homem quer você.

Havia um tom afiado em suas palavras, mas nem isso realmente foi registrado enquanto ela se esforçava para entender por que ele notou uma coisa dessas. Quando ela olhou para ele com espanto, os olhos dele se fecharam parcialmente. Com um aceno de cabeça, ela revirou os olhos para ele.

— Não seja ridículo, — ela disse com uma nota de desgosto.

— Você só não quer admitir que o homem pode igualar sua habilidade na cozinha.

— E você odeia estar errada. — Ele acenou com a cabeça na direção do outro homem. — Ele tinha os olhos em você nos últimos minutos, querendo saber se há alguma coisa entre nós.

Seu coração bateu em seu peito com a forma que a boca de Lysander se diluiu como que parecia ser a raiva. Ele estava chateado que Luciano estava flertando com ela? Ela pegou a taça de vinho e tomou um longo gole da fruta Lambrusco. O que em nome de Júpiter, ela estava pensando? O homem não tinha mudado da noite para o dia.

Mas era impossível não notar que algo havia mudado entre eles. Ela não sabia se o incidente com o *Sicari* traidor tinha algo a ver com sua mudança de comportamento ou ela simplesmente estava olhando para ele de forma diferente. Ela franziu o cenho. Mesmo se houvesse

uma pequena mudança na tensão entre eles, ela precisava se lembrar do cruel caminho que ele terminou seu relacionamento antes mesmo de ter realmente começado.

Ele brutalmente disse que tinha sido nada mais do que uma noite para ele. Suas cruéis palavras feriam até mesmo um ano depois, ainda estava cru. Ironicamente, foi nesse momento que percebeu que ela estava apaixonada por ele. A realização só aumentou a dor de sua rejeição e sua reação natural foi insultá-lo em cada oportunidade. Ele nunca revidou nem uma vez, e ela sempre tinha tido muito medo de perguntar porquê. Medo, porque amá-lo do jeito que ela amava, ela não queria saber como ele era indiferente a ela. Em vez disso, era mais fácil insultá-lo, numa tentativa de machucá-lo tanto quanto ela estava sofrendo.

Mas ela estava cansada de estar com raiva. Cansada de tentar ter uma reação dele quando ela sabia, no fundo, nada do que ela fizesse ou dissesse ia mudar a maneira como as coisas estavam entre eles. Lysander olhou novamente para ela e arqueou a sobrancelha. Rezando para que sua expressão não revelasse seus sentimentos, ela lentamente virou a cabeça em resposta ao comando silencioso de Lysander. O momento em que ela fez, ela viu Luciano observá-los com um olhar estreitado. Quando seu olhar encontrou o dele, ele ergueu a taça de vinho em sua direção e mandou-lhe um sorriso travesso.

A maneira graciosa do homem era impossível de resistir, e ela sorriu de volta. No minuto em que ela fez, sentiu uma mudança em Lysander. A tensão nele subiu um nível.

Ela endureceu quando o sussurro de uma mão invisível embalou em volta de seu pescoço em um toque possessivo. Tinha ido embora tão rápido, que ela não tinha certeza se tinha sido real ou imaginário. Lysander a tinha acariciado? Seu coração bateu em seu peito, em uma batida frenética ante ao pensamento. Ela espiou um olhar em sua direção. Apesar de seu braço ainda repousar sobre as costas da cadeira, ele estava no processo de tomar um gole de vinho.

Se ela não soubesse, poderia jurar que ele estava lutando arduamente para manter a calma imperturbável dele. Não, ela estava lendo mais em seu comportamento do que havia. Mas se ele não tivesse tocado nela, então - ela tremeu quando um arrepio gelado deslizou pelas costas. Seria possível o *Sicari* traidor ter a encontrado? Não. Ela não iria por esse caminho. Foi uma loucura pensar que o bastardo estava ao alcance dela.

A Ordem possuía quase um quarteirão inteiro em torno da casa segura, e apesar de sua aparência envelhecida, o complexo era bem fortificado. O equipamento de segurança no local era o melhor que o dinheiro podia comprar. De portas de aço nas entradas principais a ferros de defesas em todas as janelas e varanda, a casa era quase impenetrável. Ela olhou para Luciano, e viu-o a observando atentamente.

Ele tivesse sido quem a tocou? *Deus*, ela nem mesmo estava certa que alguém a havia tocado.

Ela mordeu o lábio. O fato de que ainda estava obcecada com isso mostrou quão tenso seu encontro com aquele traidor tinha feito a ela. Ela se ressentia com isso. E se odiava por ter deixado o incidente afetá-la em tudo. Ao lado dela, Atia riu. Assustada, ela olhou para a *Prima Cônsul*, que acenou com a mão para Angelo sentado à sua frente.

— Posso assegurar-vos, Atellus, eu acho que prefiro voltar como uma rocha na próxima vida do que explorar as catacumbas com você.

— Mas elas são fascinantes, Madame *Consul*. — Angelo riu quando se inclinou para frente e balançou o dedo para Atia. — Por que, por tudo o que você sabe, os ossos da pessoa que você estava em uma vida passada podem estar em repouso lá.

— Impossível. *Sicari* nunca enterram seus mortos. Nós deixamos esta terra em uma chama de fogo purificador. — Atia inalou seu desdém antes de sorrir para o homem à sua frente. — Todas as minhas vidas passadas têm sido como um *Sicari*. Eu sinto isso em *meus* ossos. Você, Angelo Atellus, você é um historiador que não aprecia os aspectos românticos da história. Ossos secos *não* são românticos.

— Não são, *il miasignora*. Acho que a história pode ser muito romântica, mesmo assim tragicamente. Por exemplo, acho que a história de Maximus e Cassiopeia *mais* atraente. Ali estava um homem que tinha acabado de perder a maioria de seus homens na batalha da Ponte Mílvia²⁰.

²⁰ A **Batalha da Ponte Mílvia** teve lugar a 28 de outubro de 312 d.C., entre os imperadores romanos Constantino I, o Grande, e Maxêncio. Com a vitória de Constantino, o rumo da história da Europa e, por extensão, do Ocidente, foi alterado radicalmente. A causa subjacente da batalha era a disputa que já durava cinco anos entre Constantino e Maxêncio sobre o controle da metade ocidental do império.

Ele está fugindo de Constantino I, quando descobre que a sua esposa ainda está em Roma, prestes a ser entregue aos fanáticos seguidores da Igreja. — A expressão de Angelo era de pensativa tristeza quando encontrou o olhar de Atia do outro lado da mesa. Ele fez um ruído que era uma mistura de espanto e incredulidade.

— Eu não posso imaginar o que Maximus deve ter pensado, sentido, quando ele correu de volta para Roma apenas para chegar demasiado tarde para salvar Cassiopeia. O homem deve ter nervos de aço para fazer o punhal atingir sua marca quando a multidão estava queimando sua esposa viva. — Atellus pegou a mão da mulher e mandou-lhe um olhar amoroso. — Eu ficaria feliz em dar minha vida por Maria, mas eu não sei se teria tido uma mão firme como Maximus teve.

Ouvindo a conversa, Phaedra lembrou seus sonhos e teve vontade de chutar a si mesma. Seus sonhos não eram nada mais que uma lembrança de uma história que ouvira desde a infância. Bem, talvez não uma história, mas pelo menos pedaços da legenda. Ela simplesmente tinha feito o primeiro Lord *Sicari* parecer como Lysander em seus sonhos. Ela era uma idiota.

Atia roçou o ombro dela quando a *Prima Cônsul* inclinou-se para descansar os cotovelos sobre a mesa. Um olhar contemplativo em seu rosto, a mulher mais velha dobrou as mãos e formou um campanário com o seu dedo indicador.

— Eu sempre vi Maximus como o padrão pelo qual todos os *Sicari* são julgados. Para colocar um punhal através do coração de sua esposa enquanto ela estava sendo queimada viva tinha que ter requerido uma imensa coragem. Ele deve ter sido um homem extraordinário, — disse a *Prima Cônsul*. Com um aceno de concordância, Angelo cruzou os braços e descansou em cima da mesa quando ele enviou à *Prima Cônsul* um olhar interrogativo.

— Recentemente, me deparei com os escritos do *Prima Cônsul* Júlio Marchio de meados do século desesseis, que tenho estado a ler antes de dormir.

— Claramente um sedativo se você estiver lendo isso tarde da noite, — Atia disse com uma risada.

— Às vezes, mas noite passada eu li que cada *Prima Cônsul* é encarregado de prestar atenção para os sinais de que Maximus voltou ao *Sicari*. — O olhar de Angelo nunca deixou o rosto de Atia, enquanto ele continuou. — Marchio estava convencido que o *Sicari* nunca iria encontrar o *Tyet de Ísis* até Maximus renascer. Você já ouviu falar desta profecia?

— Há um grande número de histórias, até mesmo segredos, que é entregue quando a pessoa toma o manto do Cônsul. — Sua expressão protegida, a *Prima Cônsul* encolheu os ombros. — A história que Marchio se refere está aos redores por séculos.

— Então você não acredita na história? — Angelo franziu o cenho. — Marchio parecia convencido de que a história era verdadeira, e ele mesmo assina detalhes da procura.

— Como eu disse, existem muitos contos passados de um Cônsul para outro. Algumas são mais plausíveis que outras. — Não havia a menor nota cortada na voz de Atia, enquanto ela endireitou-se e empurrou seu prato de jantar em direção ao centro da mesa. — Eu acho que é possível que Maximus e Cassiopeia vão reencarnar? Sim. Eu sempre acreditei que a jornada da alma não termina com apenas uma vida.

— Mas e sobre os sinais, *il mia signora*? Em seus escritos, Marchio disse que uma *alieni* lerá a moeda do Senhor *Sicari*. Não é a domina²¹ do *Legatus DeLuca* que leu a moeda?

A palavra de Angelo trouxe toda a conversa a um impasse, pois todos se viraram em direção a Atia. Sua expressão fechada e evasiva, a *Prima Cônsul* deu ao homem um aceno imperceptível.

— Sim, Emma leu a moeda, mas mostrou-lhe nada sobre o retorno de Maximus.

— Então talvez estejamos mais perto de encontrar o *Tyet de Ísis* do que imaginávamos, porque há outros sinais também.

— Tais como? — Como um político, Atia era excelente em manter seus pensamentos bem escondido, mas a tensão decorrente dela tinha uma qualidade quase palpável para ele.

²¹ Esposa.

— Marchio diz que o *Primus pilus*, que é mestiço vai encontrar o Tyet de Ísis.

A declaração de Angelo foi como um trovão na sala, e Phaedra engasgou com a possibilidade de alguém, mesmo que com uma pouca de sangue *Pretoriano* encontrasse o artefato. O pensamento a horrorizava. O tremor ondulando através Atia era tangível, mas sua reação não foi nada comparado a de Lysander quando o copo de vinho que ele segurava se quebrou.

Vinho tinto e sangue espalharam na superfície da mesa enquanto um juramento voou de seus lábios.

O instinto a fez chegar a ele, mas uma mão invisível rodeou seu pulso em um aperto doloroso. Ele não se preocupou em olhar para ela, enquanto olhava para Ângelo, que estava com falta de ar, com o rosto branco de medo, enquanto seus olhos se encontraram com o sombrio olhar de Lysander.

— Eu não tenho necessidade do *Curavi*, Phaedra, — Lysander disse em uma voz gelada enquanto seu olho verde escurecia com fúria. — Atellus, se você está questionando a lealdade do meu *Primus Pilus*, você está questionando não só a minha escolha para o segundo no comando, mas a minha liderança também-, e isso é algo que não vou permitir na minha associação, por pequena que seja.

— Deixe ele ir, Lysander. — A voz de Atia era firme, mas gentil. — Ele estava simplesmente repetindo o que tinha lido.

Lysander hesitou ante as palavras da *Prima Cônsul*, em seguida, com um afiado aceno de cabeça, ele liberou o seu poder sobre o outro homem. Um segundo depois o aperto no pulso de Phaedra desapareceu enquanto Lysander empurrou sua cadeira para trás num movimento rancoroso, enquanto se levantava. Angelo inalou várias respirações profundas enquanto se recuperava do aperto invisível de Lysander.

Maria, com o braço em volta dos ombros do marido, parecia assustada, mas não tanto que não conseguiu reunir coragem para encarar Lysander. Suas feições eram como uma estátua de pedra, fria e sem emoção quando ele encontrou o olhar de raiva da mulher.

— Tenho toda a confiança em Marco Campanella. Ninguém nem mesmo insinuou a possibilidade de que ele não é *Sicari* ou leal à Ordem para desafiar a minha autoridade como *Legatus*. Um desafio que eu não vou deixar ficar sem resposta.

As palavras silenciosas, traziam uma mensagem letal que dizia que qualquer desafio à autoridade de Lysander não acabaria favorável para o desafiante. A promessa tácita foi reforçada enquanto inspecionava os rostos que olhavam para ele, com uma calma mortal. Satisfeito que tinha feito o seu ponto, Lysander deixou a mesa e desapareceu na cozinha. Phaedra assistiu-o ir com uma sensação de confusão. Sua reação foi completamente fora do personagem para ele. Com sua saída, o clima alegre havia evaporado, deixando todo mundo sombrio e desconfortável. Ainda cinza pelo seu castigo, Angelo voltou a cabeça para o *PrimusPilus*.

— Peço *Indulgentia*, Campanella. Não era minha intenção colocar em causa nem o seu nascimento ou sua lealdade para com a Ordem.

— Certo. — Marco franziu a testa enquanto ele concordou rapidamente. — Foi a implicação na sua declaração que irritou o *Legatus* Condellaire. O *Legatus* é um homem honrado que valoriza a vida e a reputação de cada um na sua assossiação, mesmo você, Atellus. É algo para se manter em mente.

Angelo acenou com compreensão enquanto Cleo quebrava a tensão levantando-se da mesa e recolhendo os pratos sujos. Um suspiro de alívio silencioso alastrou-se pelo grupo ante sua ação, e todos rapidamente seguiram o seu exemplo na limpeza do jantar. Alcançando seu prato, Phaedra saltou quando Atia pegou sua mão com um leve toque.

— Deixe-o, — disse a *Prima Cônsul* calmamente. — Quero falar com você.

— Sobre o quê?

— Lysander me enviou uma mensagem de texto sobre o assalto. É por isso que eu o chamei anteriormente. Eu queria saber como você estava sentindo. — A preocupação na voz de Atia fez ela morder o lábio. A mulher tinha sido boa para ela e Ares desde que seus pais haviam morrido.

— Eu estou bem.

— Ele me disse que você acha que era um *Sicari* traidor. Você tem certeza?

— Eu não tenho certeza do que mais ele poderia ser. — Ela encolheu os ombros, rejeitando as noções fantásticas que tinha considerado anteriormente.

— Quando falei com Lysander, ele disse que estava muito chateada.

— Eu estou bem agora.

— Você tem certeza? Não é saudável mantê-lo trancado dentro, *piccola mia*.

— Quando eu estiver pronta para falar, eu vou, mas não antes disso.

— *Va Bene*, — Atia disse com um suspiro de frustração. Grata à mulher ter parado de questioná-la, pegou seu prato, juntamente com de Lysander e retirou-se para a cozinha para ajudar a limpar o jantar. Em menos de quinze minutos, a cozinha estava impecável com todos vagueando para fora, para gastar seu tempo livre como desejassem. Recusando-se a ir para seu quarto onde ela ficaria sozinha com seus pensamentos, ela puxou uma garrafa fechada de Lambrusco da geladeira e levantou-o no ar com um movimento de cabeça para Cleo.

— Quer se juntar a mim para um par de bebidas no pátio?

Sobrancelhas erguidas, sua amiga deu de ombros a aquiescência. — Claro.

O ar da noite estava excepcionalmente quente para Roma, mas era a temperatura ideal para relaxar sob o luar. O jardim estava suavemente iluminado com as luzes do jardim colocadas estrategicamente ao longo da grande área. Ela abriu o vinho e colocou a garrafa sobre a mesa depois de encher o copo. Cleo acomodou um copo e, em seguida, pulou-se para baixo em uma cadeira próxima. Suas pernas balançando para cima sobre as almofadas, ela enviou a Phaedra um olhar curioso.

— Parece que você aceitou o meu conselho.

— Que conselho?

— Não jogue esse jogo comigo. Você sabe exatamente o conselho que eu estou me referindo.

Cleo estreitou o olhar sobre ela. Phaedra evitou o olhar de sua amiga, tomando um gole de vinho.

Tinha um gosto doce na língua, e ela estava finalmente começando a sentir calor, nebulosa, e relaxada.

— Se você está me perguntando se eu tentei seduzi-lo, a resposta é não.

— Então o que aconteceu entre vocês dois?

— Nada. — Ela encolheu os ombros e segurou o copo para estudá-lo na penumbra do pátio.

— Como diabos nada. Lysander estava colado ao seu lado pronto para rasgar qualquer um que se aproximasse de você. — Cleo aspirou com uma risada debochada.

— Então, pare com isso.

— Eu não quero falar sobre isso. — Ela enviou a sua amiga um olhar suplicante. — Eu estou me sentindo bem quente e nebulosa, e eu quero ficar desse jeito.

— Em outras palavras, você está embriagada, e parece que você está pronta para chorar. — Cleo suspirou. — Você sabe que beber enfraquece a sua capacidade. Se alguém tropeçar aqui sangrando como um porco, provavelmente iria morrer, porque você não seria capaz de fazer uma merda para ele.

O comentário de sua amiga a fez estremecer. Cleo estava certa. Neste ponto, ela duvidava de sua capacidade de curar. Aquele *Sicari* traidor conseguiu abalar-lhe mais do que queria admitir. E enquanto a bebida tinha entorpecido a tensão que a deixou o dia todo nervosa, ela sabia que não devia ter mais do que um par de taças de álcool durante uma missão. Ela deixou seu copo para baixo e esfregou a mão na testa. *Deus*, ela era uma idiota. Se Atia percebesse quão fora de si ela estava. . . não vá por aí. Ela tropeçou em seus pés.

— Tudo bem. Estou embriagada. Mas eu estou indo para a cama.

— Você precisa de mim para ir com você?

— Estou mais do que capaz de chegar ao meu quarto sem ajuda.

Cleo arqueou as sobrancelhas, mas não se levantou de sua cadeira. Tomando um gole de vinho, a lutadora *Sicari* assentiu. — *Va bene!* Espero que você tenha uma ressaca amanhã. Isso irá lhe cair bem.

— Você ser empatia é incrível, você sabe disso?

— Você não merece isso. Vocês sabem melhor.

— Eu precisava relaxar, tudo bem. — Ela viu a amiga inclinar para frente pronta para fazer perguntas, e ela acenou com a mão. — Hoje não. Eu vou chorar e eu não quero chorar.

— Então vá para a cama. Falaremos manhã.

Com um aceno de cabeça, ela foi em direção à cozinha. Dentro da sala grande, ela tropeçou em uma das praças no chão de pedra e quase caiu na ilha da cozinha. Lentamente, e com cautela, ela fez seu caminho através do corredor e, em seguida, na sala de estar. A escadaria parecia gigantesca quando ficou ao pé da escadaria. Com uma careta, ela pegou o corrimão e o puxou para cima. Atrás dela, um riso suave encheu seus ouvidos, e medo varreu-la. Ele a encontrou. Quando ela virou de costas, ela perdeu o equilíbrio, mas os braços fortes estavam lá para impedi-la de cair.

— Você está se sentindo bem agora, não é? — Luciano disse com uma risada. A visão dele a encheu de alívio. Ela balançou a cabeça.

— Eu estou indo muito bem, obrigada.

Ela virou a cabeça de volta para acima das escadas, quando um braço forte envolveu seu caminho em torno de sua cintura. O toque inesperado a fez recuar quando tentou empurrá-lo para longe.

Surpresa e preocupação varreu seu rosto, e ele ergueu as mãos em um gesto de confiança.

— Eu só estava tentando ajudar. Você não está em condições de subir as escadas sozinha, e você sabe disso.

Com um aceno de cabeça, ela permitiu que Luciano a puxasse para o lado dele e a ajudasse a subir os degraus. Quando chegaram ao topo da escada e viraram a esquina, Luciano a soltou delicadamente guiando-a com uma mão em seu cotovelo. Ela balançou um pouco e se inclinou para ele. Ele cheirava bem, mas não como Lysander. Ela suspirou.

— Você é um homem agradável, Pasquale.

— Ai, isso é um insulto, — ele disse com uma risada suave.

— Não. Não é um insulto.

Ela parou e inclinou-se para ele e beijou sua bochecha. No momento em que ela fez, ele ficou rígido, e ela viu o seu olhar fixar em alguma coisa atrás dela. Ela virou a cabeça e viu Lysander caminhando na direção deles. *Fotte*, ele ia ralar seu ato descuidado para se embriagar. Não. Ela estava embriagada. É uma grande diferença.

— Eu assumirei a partir daqui, Pasquale. — A voz de Lysander voz era baixa e quase ameaçadora.

Ele não estava apenas chateado com ela, ele estava furioso. Ótimo, outro ponto contra ela. O homem acabaria odiando-a antes que esta missão estivesse terminada. Um aperto firme capturou seu cotovelo e guiou-a de volta pelo corredor. Olhando por cima do ombro, ela sorriu para Luciano.

— Vejo você na parte da manhã, Pasquale.

O homem sorriu, e com um aceno de cabeça, ele entrou em uma sala perto de onde ele estava. Um momento depois, Lysander a empurrou não muito gentilmente através da porta de sua suíte. Ela golpeou sua mão e o ouviu emitir um pequeno ruído. Imediatamente, ela se virou e viu o curativo em sua mão. Ela agarrou seu pulso e olhou para a atadura branca por um instante antes de olhar para ele.

— Deixe-me curar disto.

— Você está muito bêbada para curar qualquer coisa.

— Não este pequeno corte. — Ela balançou a cabeça em sua mão e apertou, em seguida, fechou os olhos.

— É insignificante, Phaedra, — ele disse baixinho enquanto tirava os dedos de sua mão.

— Eu tenho vivido por coisas piores.

A suavidade de sua voz disse que ela não seria capaz de curá-lo, mesmo que ele aceitasse sua oferta. Suas feridas emocionais não eram algo que ela poderia curar, não importa o quanto ela tentasse. Essas ele tinha que cuidar por si mesmo. Ela de repente se afastou dele para esconder o fato de que havia lágrimas nos olhos. Embora ela não tivesse certeza se estava chorando por ele ou por ela mesma. Balançando em seus pés, ela saiu do alcance de seu toque e tirou o casaco, em seguida, tentou caminhar rumo ao seu quarto.

O bastardo poderia ir se fuder. Ela era a melhor curandeira na Ordem, mas se ele queria ser um mártir e viver com a dor, tudo bem. Não era como se ela se importasse. Mentirosa. Ela tropeçou em seus pés ante o pensamento. Deus, ela deveria ter retirado as botas há muito tempo.

Os saltos eram a razão pela qual era tão difícil de andar em linha reta, e não o fato de que seu coração estava se quebrando e ela estava pronta para romper em lágrimas.

Ela parou e sentou-se no chão e tirou o ofensor calçado. Com uma mão na cadeira mais próxima a ela, ela puxou-se de pé, e puxou sua camisa por cima da cabeça. Atrás dela, ouviu Lysander soltar em uma respiração afiada e ela se virou para encará-lo.

— O que há de errado?

— Você está pensando em fazer um striper ao longo do caminho para o quarto?

— Eu não sei. Não é como se você ainda não viu isso antes, — ela disse amargamente com uma nota de desaprovação em sua voz. — Você está pensando em assistir?

Uma emoção estranha passou pelo rosto dele, mas desapareceu antes que ela pudesse nomeá-lo.

Braços cruzados sobre o peito, ele balançou a cabeça. — Eu estou aqui para ter certeza que você vai estar na cama sem se machucar. Você teve um dia difícil, e está mais que um pouco bêbada.

— Eu estou embriagada. Não bêbada, — ela retrucou.

Talvez ela estivesse um pouco bêbada. Ele poderia culpá-la? Ela virou-se, com a intenção de ir para seu quarto, só para tropeçar e cair para trás. O calor dele penetrou a sua carne enquanto ele parava sua queda e a embalava em seus braços. Sua palma pressionada em seu peito, onde a rápida batida de seu coração trovejava sob seus dedos. Ela suspirou. Ele estava certo.

Ela teve um dia difícil, mas quando ele a abraçou assim ,ela se sentia segura, e nada mais importava. No momento em que entrou no seu quarto, a tensão inundou seu corpo. Quase imediatamente, ele a colocou no chão e acenou para a cama.

— Na cama Phaedra. Agora.

Ela olhou para ele. O homem a fazia louca. Mesmo que ele tivesse recusado o seu toque de cura, não muda o fato de que estava lá para ela hoje. Ela ainda não queria que ele fosse. A verdade é que ela não queria ficar sozinha. Se ele simplesmente ficasse com ela, ela se sentiria segura.

Ela estendeu a mão e apertou os dedos em seu peito enquanto ela estudava sua inabalável expressão ainda sombria.

— Não me deixe, ela sussurrou. — Eu preciso...você me faz sentir segura.

Tensão agravou suas características em uma máscara apertada, e ele inalou uma respiração profunda. — Deixe-me buscar Cleo para vir ficar com você.

— *Não.* Esqueça que eu pedi. — Determinada a não deixar que ele soubesse como ela estava se sentindo impotente no momento, ela se afastou dele e tropeçou em direção à cama. — Só vai.

Ela se atrapalhou com o botão e o zíper da calça jeans antes de mancar seu caminho para fora da calça. Atrás dela, Lysander fez um barulho sufocado antes do calor de sua grande mão se acomodar em seu ombro.

Capítulo 10

No minuto em que a tocou, Lysander sabia que ele estava em uma situação precária. *Il omnipotentia Christi*. Ele nunca a tinha visto tão frágel antes. Ele engoliu em seco quando ela virou a cabeça para olhar para ele por cima do ombro. No minuto em que seu olhar encontrou os olhos lacrimejados dela. Naquele momento, ele sabia que tinha perdido a batalha para deixá-la.

— Vou ficar até adormecer — ele murmurou enquanto escovava uma lágrima fora de seu rosto.

Um silencioso soluço passou por seus lábios antes que ela se virasse completamente e pressionasse seu calor nele. A felicidade e tormento que inundou seu corpo por tê-la em seus braços novamente foi o suficiente para levá-lo louco. E não era apenas o desejo que o fez puxar seu corpo apertado contra o seu. Os braços dele ao seu redor, o calor de sua pele sedosa aquecendo as pontas dos dedos. Apoiando o queixo sobre o topo de sua cabeça, ele esperou que ela parasse de chorar. Ele ia matar o *bastardo* que tinha agredido-a. Seu choro finalmente foi para longe, ela inclinou a cabeça para trás para olhar para ele.

— Eu me sinto mais segura com você aqui.

O fato de que ela confiava nele tão completamente, apesar de sua rejeição brutal de um ano atrás, era suficiente para fazê-lo sentir como se alguém estivesse estripando-o com uma espada. Era humilde, de muitas formas.

— Ele não pode chegar aqui, Phaedra.

— Realisticamente, eu sei disso, — ela sussurrou. — Eu só acho que não posso esquecer.

— Você não vai esquecer, mas o medo vai aliviar.

No minuto em que chegou a tocar levemente as cicatrizes em seu rosto, ele endureceu. Ela piscou as lágrimas fora de seus longos cílios enquanto ela delicadamente traçava os dedos sobre o lado grotesco de seu rosto.

— Você teve medo?

A pergunta falada mansamente lhe assustou, e ele engoliu em seco. Atia nem sequer se atreveu a perguntar-lhe isso, e nem tinha se permitido lembrar o que aquelas horas terrível foram, antes de Cleo estar pairando sobre ele. Um arrepio passou por ele quando as memórias o engolfaram com uma fúria selvagem. Sua mandíbula travou com uma tensão dolorosa, ele assentiu.

— Sim, — ele falou entre os dentes cerrados.

Medo? *Merda*, ele estava apavorado, consumido pela raiva e culpa de como ele era impotente enquanto ouvia os gritos de agonia de Dominic ou sentia o terror vibrando de Marta. Mesmo agora, ele podia sentir a corda mordendo os pulsos, enquanto tentava libertar-se. A droga que o *Pretoriano* lhe dera havia suprimido suas habilidades, mas não havia eliminado a dor. As mortes de seus amigos estariam sempre em sua consciência apesar de todos dizendo que ele não poderia ter sabido que estavam entrando em um reduto *Pretoriano*.

— Lysander?

A pergunta de uma só palavra o afastou das escuras memórias quando a mão de Phaedra pousou do lado das cicatrizes de seu rosto. De repente ele percebeu que estava tremendo. Enquanto seu olhar focava em suas doces feições, ele viu lá uma aceitação suave que o convidava para contar tudo a ela. Ele imediatamente fechou-se para a possibilidade de revelar o seu interior atormentado. A última coisa que precisava era deixar esta mulher dentro de sua cabeça, porque se ele fizer, acabaria mostrando-lhe coisas que não podia suportar que ela soubesse. Ele pegou a sua mão e puxou-a suavemente para longe de seu rosto.

— Você precisa dormir. — Ele balançou a cabeça em direção à cama. — Você vai se sentir melhor quando acordar.

Ela assentiu com a cabeça e permitiu que ele a orientasse para a cama como um cordeiro dócil. O único problema foi que ela não se parecia com um cordeiro. Ele achava que nunca tinha visto uma mulher tão malditamente tentadora em toda sua vida. Os fragmentos de material vermelho cobrindo seu bumbum arredondado testavam sua força de vontade, como nada mais que ele tivesse experimentado. Um pouco fora do equilíbrio, ela balançava ligeiramente enquanto puxava os cabelos da sua trança até que caísse em seus macios ombros. Ele enterrou o impulso de puxá-la em seus braços.

Ela escorregou sob as cobertas e enrolou em posição fetal na cama. O desesperado olhar sobre ela fez seu coração doer, e seus instintos protetores se sobressaltaram. Ele a manteria segura, mesmo que isso significasse dar sua vida pela dela.

Ele nunca iria dizer a ela, mas ela era a coisa mais valiosa na sua vida. Ele estendeu a mão e mentalmente puxou uma das cadeiras mais perto da cama do quarto. O ruído de raspagem a fez ereta com um empurrão na cama. Ele imediatamente se arrependeu de não pegar o móvel para movê-lo mais perto da cabeceira. Quando ela o viu se estabelecer na cadeira, ela lentamente deitou e fechou os olhos. Quando estava sentado ali olhando para ela, ele foi novamente surpreendido por quão vulnerável ela parecia.

Um suspiro suave se aliviou dela, e em um par de minutos, ela estava dormindo. Seu cotovelo descansando sobre o braço da cadeira, ele esfregou a ponta do queixo sem cicatrizes enquanto a observava. Ele não tinha perdido apenas três membros da equipe naquele armazém em Chicago no ano passado. Perdera Phaetra e a vida que ele poderia ter tido com ela.

O pensamento fez seus músculos ficarem rígidos com a tensão. Ele pode ter perdido Phaetra, mas ele não ia deixar ninguém machucá-la. Ela pensou que um *Sicari* renegado atacou-lhe esta manhã, mas ela estava errada. O *bastardo* tinha que ter sido um *Pretoriano*. Lysander teve vislumbres do homem, vestido como um sacerdote, rezando em um altar da Igreja. Pior, ele viu o homem parado enquanto homens vestindo o emblema *Pretoriano* em seus ombros abatiam uma família inteira. *Sicari* eram misericordiosos quando matavam, e eles não matavam as crianças. Não só isso, mas o *Pretoriano* podia fazer mais do que ler mentes. Ele tinha telecinese, também, e isso o deixava desconfortável.

Seu intestino se torcia quando se lembrava de como o *Pretoriano* tinha insultado-o em sua cabeça enquanto o filho da puta continuava a tocar Phaedra. Apesar de levantar um escudo mental contra os pensamentos sondagem do homem, o *bastardo* tinha visto como Phaedra significava muito para ele. O *Pretoriano* havia se divertido e regozijado em dar detalhes do que ele ia fazer com Phaedra no minuto que estivesse sozinho com ela. A raiva dentro dele ainda ardia.

Ele teria de matar o homem. Não por vingança, mesmo que ele quisesse muito isso. Mas isto não era sobre retaliação. Era sobre a proteção de Phaedra e outros *Sicari*. Acima de tudo, tratava-se de justiça. O Código *Sicari* não permitia mortes por vingança, mas ela lhe permitia proteger os interesses da Ordem.

O problema era que as habilidades deste *bastardo* se igualavam a sua própria. Talvez até mesmo superasse o seu? E ele tinha visto o suficiente do pensamento do homem para saber que esse filho da puta jogaria tão desagradável como podia. Não ia ser uma luta justa, e os *Pretorianos* usariam seu sentimento por Phaedra contra ele. Ele sabia que era provavelmente seria um erro ir atrás do homem sem apoio. Mas como no inferno, ele deveria explicar que tinha lido a mente do *Pretoriano* ou mentalmente desafiado ao canalha para uma luta? Tinha sido angustiante vê-la tentando lutar contra o toque invisível do homem. A ideia de um homem acariciando Phaedra era enlouquecedora. Mas ver alguém tocá-la contra sua vontade o fazia se sentir impotente-e ele tinha mais do que sua parte de não ter controle sobre as coisas. A memória atacou-o com a picada de um chicote.

Ele esmagou as memórias escuras e tentou lembrar de cada detalhe que pudesse ser capaz de usar contra o *Pretoriano*. Havia apenas algumas horas para ele formar uma estratégia antes de seu encontro com o atacante de Phaedra. Quando ele desafiou o homem, o *Pretoriano* tinha enchido sua cabeça com golpes de riso antes de finalmente concordar. Não tinha sido um dos seus momentos mais lúcidos, mas não havia muita coisa que podia fazer. Ele só tinha que encontrar uma maneira de vencer o *bastardo*.

Ele se inclinou em sua cadeira e cruzou as mãos atrás da cabeça. Tal como Phaedra, pensara que um *Sicari* renegado era seu atacante, e ele automaticamente estendeu seus pensamentos para ver se conseguia descobrir onde o homem estava escondido. Ele tinha estado tão surpreso quanto o *Pretoriano* ao saber que eles podiam ler os pensamentos um do outro.

Ele nunca tinha encontrado um *Pretoriano* como este antes. O homem não só tem habilidades telepática. Também tinha poderes telecinéticos. Preocupava-lhe que o *Pretoriano* poderia ser mais forte do que ele. Mais uma razão pela qual não poderia sobreviver para ver o nascer do sol.

A força das habilidades do homem havia sido surpreendente. Aquele desgraçado tinha atormentado Phaedra sem esforço enquanto que ao mesmo tempo, zombava dele, disse que o *Pretoriano* tinha estado a brincar com eles. O homem, provavelmente, poderia ter feito os dois caírem de joelhos.

É o que o fez pensar que talvez as lendas eram verdadeiras. Como um menino que crescera na casa de Atia, ele ouviu muitas conversas e pensamentos que os outros não tinham. Aqueles que ele provavelmente não deveria ter ouvido. *Senhores Sicari* eram lenda entre os *Sicari*, mas também se lembrou os murmúrios sobre o *Pretoriano Dominus*, cujas habilidades eram semelhantes aos de um *Senhor Sicari*. Tudo o que já tinha ouvido, ele tinha tomado com reserva, e até hoje, sempre descartou a possibilidade de um *Dominus*. Agora ele não tinha tanta certeza.

Phaedra fez um suave barulho e começou a se contorcer na cama. Um momento depois, ele ficou de pé quando ela gritou e deu um pulo na cama. Ele chegou a ela em dois passos rápidos e afundou-se na cama, em seguida, puxou-a em seus braços. Ela estava tremendo tanto que seus dentes batiam. Ele não disse nada, apenas a abraçou. Assim que seu tremor lentamente diminuiu, ela levantou a cabeça do peito dele para olhá-lo.

— Melhor? — Ele olhou-a com cuidado, enquanto ela passava os dedos pelos cabelos e concordava. — Então, de volta na cama.

— Você vai ficar?

— Eu não vou a lugar algum no momento.

Ela escorregou para trás sob as cobertas e virou as costas para ele. Discretamente, ele voltou para sua cadeira e esperou ela adormecer. A cada minuto ou dois, ela virava na cama, em

um esforço para alcançar uma posição mais confortável. Após cerca de quinze minutos, sentou-se e mandou-lhe um olhar suplicante.

— Eu sei que é pedir muito... considerando a maneira como as coisas estão entre nós, mas você se incomodaria de me abraçar até eu dormir? — O pedido o fez ficar imóvel como uma estátua, e ela imediatamente se encolheu de vergonha. Ela acenou com a mão para ele esquecer. — Está tudo bem. Não importa.

Congelado em sua cadeira, ele viu sua queda de volta para o colchão e virou as costas para ele.

Christus, ele precisava ter sua cabeça examinada pelo que estava prestes a fazer. Apesar do aviso saindo no fundo de sua mente, ele tirou as botas e foi acompanhá-la na cama. Ela virou a cabeça para olhar por cima do ombro quando o seu peso mudou o colchão, e a gratidão em seus lindos olhos castanhos inchou seu coração.

Cautelosamente, ele estendeu ao seu lado e puxou sua parte traseira em seu peito. No minuto em que seus braços estavam em volta dela, era como se ela nunca tivesse saído do seu lado. Seu calor empurrou o seu caminho através de suas roupas até que penetraram na pele dele. Segurando ela assim era como andar em um prédio em chamas. Não havia nenhuma maneira que ele fosse sair ileso.

Ela não falou, e por isso, ele estava agradecido. Sua tensão reverberou por ele por alguns longos minutos até que ela lentamente relaxou. No minuto em que ela adormeceu, ele foi capaz de relaxar-se. Merda, e ele teve a coragem de pensar que Atia estava com questionável julgamento em trazer Phaedra aqui. Que diabos ele estava fazendo? Por mais de um ano, ele conseguiu manter distância dela e, em 48 horas, cada pedacinho daquela parede, que tinha construído entre eles estava à beira do colapso. Ele fechou os olhos.

Deus, estava cansado. Hoje foi um dreno mental diferente de qualquer outro na memória recente. O atacante de Phaedra, sua insistência em continuar com sua tarefa, o medo por sua segurança, a atração óbvia de Pasquale por ela - tudo isso veio à tona quando Angelo começou a falar dos ridículos escritos do *Consul* Júlio.

O homem já estava morto havia mais de 200 anos, e ele não queria ouvir alguns disparates sobre uma profecia. Ele sabia que sua reação ao discutir com o homem e com Atia fez-lhe parecer como um louco. Talvez ele estivesse. Ele tinha estado escondendo o seu sangue misturado por mais de um ano, e a conversa de hoje à noite no jantar tinha o enervado.

O som suave da respiração de Phaedra lembrou sua imediata resposta quando ele quebrou o copo de vinho que estava segurando. Ela não teria hesitado em alcançá-lo. Seu generoso ato tinha o assustado mais do que qualquer outra coisa que podia. O lado *Pretoriano* dele tinha estado alimentando a sua ira, e ele instintivamente sabia que não seria capaz de mantê-la de descobrir seu segredo se ela o tivesse tocado. A escuridão tinha estado muito perto da superfície.

Tinha sido uma resposta incomum dele, e ao mesmo tempo lamentável, que tinha reforçado o fato de que, como *Legatus* ele não tolerava deslealdade ou desobediência. Ele franziu a testa enquanto reconheceu uma das forças motrizes por trás de sua reação a conversa de Angelo.

Tecnicamente, ele ainda era um *Primus Pilus*. Quando aceitou a missão, tinha conseguido a promessa de Atia de que ele poderia retornar a Chicago como primeiro Oficial de Ares. E o fato de que ele era um mestiço *Pretoriano* procurando pelo *Tyet de Ísis* o incomodou como a profecia do *Consul Júlio*. Ele nunca acreditou realmente em profecias ou vidas passadas, mas a conversa de hoje à noite no jantar tinha tirado tudo junto de uma maneira que o fez desejar desesperadamente que nunca tivesse aceitado esta missão.

Aceitar? Ele bufou baixinho com a ideia. Atia tinha literalmente forçado a missão para ele. Ela tinha sido insistente ao ponto de ameaçá-lo com um rebaixamento se recusasse. Olhando para o teto, ele se lembrou dos sonhos que tinha tido durante tanto tempo. Ele não gostava, mas era demasiado fácil lembrar como a mulher de seus sonhos o tinha chamado de Maximus.

Ele gemia com o pensamento, e Phaedra mudou ao lado dele no som. Com medo de que pudesse acordá-la, mordeu a parte interna da bochecha. Agora que ela estava dormindo, talvez a melhor coisa a fazer fosse pegar um descanso de algumas horas em seu próprio quarto, antes de ir procurar o inimigo.

O suave perfume floral do cabelo de Phaedra preencheu suas narinas. Talvez ele pudesse abraçá-la apenas um pouco mais. Não havia nenhum mal nisso. Na verdade, ele estava louco para

ficar aqui. Isso só iria aumentar a dor de deixá-la. Bocejando, ele ignorou o pensamento. Ele simplesmente não estava pronto para deixá-la ir. Foi a última coisa que se lembrava quando caiu no sono. Isso e a suavidade da mulher enrolada contra ele.

Ela estava ainda úmida do banho e tinha cheiro de lótus azul. A intensa fragrância floral era um cheiro inebriante. Não foi surpresa para ele que seu pau endurecesse na visão dela. Ela era bonita. Ele estendeu a mão para ela enquanto ela se aproximava da cama. A visão de seu malicioso sorriso provocou um baixo rosnado nele enquanto ela passava a pequena mão nele. E, obviamente, se divertia ao vê-lo excitado. Ele fez uma careta e ela riu.

— Apenas algumas semanas mais mea amor. — Cassiopeia pressionou a palma em sua grande barriga. — Tenho saudades de te amar tanto quanto você tem.

Ele gentilmente a puxou para a cama. Ela soltou um grunhido de desconforto suave quando se estabeleceu e rolou para o lado para encará-lo. Seu toque macio, ele tirou um fio de cabelo sedoso preto dos olhos dela. Havia um brilho sobre ela que a acendia a partir de dentro. Ele nunca a tinha visto mais bonita, e isso fez ansiar por ela.

O bebê era esperado em breve, mas foram seis longas semanas desde que ele tinha se deitado com ela. Ele sentia sua falta. Embora ela o satisfizesse com a boca quando ela sentiu a necessidade dele, não era o mesmo que enterrar-se dentro dela. Ainda assim, ele não estava disposto a arriscar a vida de seu filho.

Ela até mesmo sugeriu que ele usasse uma das escravas, mas tinha sido fácil de ler seus pensamentos e sabia que ela queria que ele se recusasse. Tinha sido mais fácil dizer não. Nem tanto por que ela queria isso, mas porque ele não queria outra mulher, só ela. Sua mão acariciou a barriga arredondada, e ele riu quando a criança dentro dela chutou forte.

— Ele é forte, não é? — Ele riu de sua careta irritada.

— Você ri porque você não está carregando esse agitado menino, — ela disse com uma voz irritada. — E como você pode estar tão certo que ele não é ela?

— Porque minha esposa é respeitosa e obediente. — Ele pegou a mão dela nas suas e beijou os dedos antes de sorrir para ela. — Ela não pensa em nada mais que me dar filhos.

— Agora, você está agindo como um qualificado e confiante general que espera que todos estejam de acordo com seu plano e nenhum outro. — A travessura na sua afirmação o fez rir.

— Você exagera nas habilidades de um simples soldado, mea amor.

— Nunca. Maximus Caecilius Atellus, filho adotivo de Caio Quinctilia Atellus, é o maior General de Roma, — ela disse confiante. — Afinal, como sua esposa, eu sei que é verdade.

— Uma mulher que, como qualquer outro bom legionário, vai fazer o seu dever e gerar um filho saudável para seu senhor e dominus. — Ele riu alto quando ela bateu-lhe no ombro ante a sua provocação.

— Então, se você está tão certo de que deve ter um filho, como propõe que o chamamos?

— Demetri. — O nome veio a ele sem hesitação.

— Demetri? Mas isso é um nome grego. Porque não algo como Augustus ou Tiberius? — Gostaria de homenagear o homem que nos uniu.

— Mas Octavian foi quem nos apresentou quando ele trouxe você para conhecer meu pai.

— Sim, mas era na tribuna com o nome de Demetri Septímio que você apontou para mim quando nós estávamos no Coliseu para ver as corridas de bigas. Você era a criatura mais bela que eu já vi. — Suas palavras suaves trouxe um sorriso de alegria em seu rosto enquanto ela tocava seu rosto. Não foi preciso dizer mais nada. Ele sabia que poderia facilmente ler o seu coração.

— Então Demetri deve ser, — ela sussurrou. Uma expressão sombria cruzou suas bonitas características quando ela levantou a mão para estudar a longa cicatriz na palma da mão. —

Você acha que ele vai ter a sua capacidade? Eu nunca recebi nenhum poder especial de nossa união.

— Talvez não, mas o seu sangue vai correr nas veias do nosso filho. Esse é um poder especial de seu próprio destino. — Ele rolou de costas e olhou para o afresco no teto. — E confesso que não tenho certeza se quero isso para ele. Minhas habilidades são mais frequentemente uma maldição do que uma habilidade.

— Não é uma maldição cor mea. Faz-o mais forte que seus inimigos.

— Você — ele virou a cabeça e colocou seu braço ao redor de seus ombros para puxá-la para perto enquanto sorriu para ela — está predisposta.

— Sim, eu estou. Mas isso é porque eu te amo tanto. — A emoção na sua voz o fez apertar o abraço.

— E eu a você, dulcis mea, — ele murmurou quando ela bocejou e fechou os olhos.

Momentos depois, ouviu a respiração suave de Cass quando ela adormeceu. Ela era tudo o que precisava na vida, e o pensamento o assustava. Se alguma coisa acontecesse a ela e ao bebê — ele empurrou o pensamento de sua cabeça e beijou sua testa. Ele não iria pedir problemas. Ele faria uma oferta amanhã para Vesta pedindo pela proteção de Cass e seus filhos. Ele bocejou. Vesta sempre respondeu a todas as suas orações. Seu último pensamento quando ele adormeceu foi que não tinha necessidade de acreditar que a deusa iria fazer o contrário agora.

O toque dela o fez agitar, quando sua boca roçou a dele. Deliciosa e sedutora, a ponta da língua atada contra os lábios, provocando-o a abrir a boca e dar-lhe a entrada. Ainda meio adormecido, ele não resistiu. Foi um beijo de tentação, e ele gemia baixinho enquanto sua língua dançava com ele. Ela era doce e muito tentadora. A sua essência varreu seus sentidos até que seu corpo estava duro com a necessidade.

Deus, ele sentia saudades. Seus dedos deslizaram para baixo de um braço suave como a seda para o pulso que ele apertou com sua habilidade telecinética. Com um toque suave de seu braço, ela soltou-se de suas mãos e estendeu a mão para tocar o lado demoníaco do seu rosto. Ele endureceu na carícia, mas ela aprofundou seu beijo e pressionou seu corpo contra o dele com uma insistência que não era capaz de rejeitar. Ele cresceu duro como pedra, dolorido pelo o calor dela. Necessidade passou através dele, quando ele a rolou em suas costas, sem quebrar o beijo deles. Esmagando a boca contra a dela, ele exigiu uma resposta que se combinasse com a dele. Ela respondeu ao seu chamado com uma paixão que o tornou mais quente do que jamais imaginou ser possível. Desejo chicoteou por meio dele, puxando cada célula do seu corpo.

Ele quis tocá-la em toda parte, enterrar-se dentro dela até que não poderia dizer onde ele terminava e ela começava. A cegante necessidade o envolveu, fazendo-o deslizar sua boca fora dela e para o lado do pescoço até os ombros. Beliscando a sua pele, ele a ouviu chupar uma respiração afiada de prazer quando o polegar circundou um mamilo duro debaixo do material acetinado.

Ansioso para chegar ao tenso bico, ele pegou a cinta estreita de seu sutiã com os dentes e arrastou-o fora de seu ombro até que a taça da lingerie lançasse o cheio peito que embalava. Conteve-se de levá-lo a boca no instante em que estava livre. Ele queria algum sinal de que seu sangue estava correndo tão quente quanto o dele. Lentamente, ele escovou a boca em sua pele, esperando que ela insistisse para ele chupá-la.

— Por favor. — O sussurro dela estava rouco de desejo. — Por favor, não me provoque.

— Eu estou provocando você, *Caríssima*? — Ele afiou sua estreita língua pela a pele escurecida perto de seu bico, então, tocou levemente contra sua pele úmida. Outro choro sussurrou fora dela.

— Você sabe que está. Pelo amor de Deus, Lysander, por favor.

O grito suave enviou uma satisfação através dele. Ela o queria tanto como ele a queria. Ele respondeu-lhe a sua súplica, mordiscando suavemente a ponta de seu peito até que suas mãos foram

para trás de sua cabeça pedindo-lhe para levá-la em sua boca completamente. Ele agradeceu, saboreando o sabor incrivelmente doce dela contra a sua língua.

A cada golpe de sua língua, ela se contorcia contra ele, seus quadris empurrando contra sua ereção em uma demanda silenciosa para o prazer final. O cheiro de seu desejo derivou-se para provocar o seu nariz, e ainda chupando, ele deslizou a mão até o fio de material que mal cobria. Seus dedos deslizaram sob a borda de tecido marrom para o núcleo dela.

Calor cumprimentou seus dedos quando ele separou as dobras aveludadas e tocou a carne pequena de seu sexo. Um choro baixo de prazer escapou-lhe no momento que esfregou seu polegar em toda a sensível protuberância. *Christus*, ele a queria. De repente, ela empurrou-se contra ele até que ele, obedientemente, rolou de costas. Ela o seguiu, até estar sentada nele, balançando para frente e para trás sobre a extensão de seu pênis.

A ação disparou uma rajada de desejo por ele, seu corpo tenso com a necessidade de se explodir dentro dela. Suas mãos fizeram o curto trabalho de remover o sutiã, e ele chupou em uma respiração rápida ante a beleza de seus seios. No momento em que ela se curvou sobre ele, ele instintivamente estendeu a mão para tocar a cortina de seda preta que escovava os lados do rosto. O ar frio roçou sua barriga quando ela levantou a camisola de malha para cima, para dar a acesso de sua boca à sua cintura e depois o peito.

Todo o tempo sua boca acariciava, seus quadris continuaram a mover-se em cima dele, provocando seu pênis até que ele estava pronto para romper a calças de couro que usava. Cego para tudo ao seu redor, ele visualizou acariciando seu peito enquanto suas mãos empurraram em sua calça. Nesse caso, o seu grito agudo encheu o ar, e viu um olhar de pânico em seus olhos arregalados. Foda-se, o seu toque telecinéticos trouxe de volta o trauma que ela sofreu apenas algumas horas atrás.

— Merda. Eu devo estar fora da minha mente, — respondeu asperamente. Suas palavras eram um eufemismo, e ele sabia disso.

— Não, Lysander. Não é culpa sua. Você só me surpreendeu isso é tudo.

Ele ignorou a nota articulada em sua voz. *Christus*, ele nunca deveria ter deixado isso chegar tão longe. Não. Seu primeiro erro foi ir para a cama com ela. Quão delicadamente quanto pôde, ele a empurrou de cima dele. Ela estava simplesmente reagindo ao que tinha acontecido com ela no templo de Adriano. Ao iniciar o sexo, era uma maneira dela estar no controle. Algo que ela não teve quando esse *bastardo Pretoriano* a havia tocado.

— Não, — ele rosnou quando sentou-se. — Isso nunca deveria ter acontecido. Você colocou sua confiança em mim para mantê-la segura, e eu aproveitei dessa confiança.

— *Deus*, você vai ouvir a si mesmo. Você é como um mártir disposto a aceitar o fato de que o que aconteceu não teve nada a ver com aquele idiota.

— Não. — Ele puxou o braço para fora do seu alcance e ficou fora da cama. Sua mão agarrou uma bota e puxou-a para o pé. — Você é incapaz de enfrentar a verdade, Phaedra. Você não tinha controle sobre o que foi forçada a resistir. Agora você está compensando.

Ele puxou outra bota sobre o seu pé, então se levantou e se dirigiu para a porta. Ele não acreditou por um minuto que ela não estava tentando reconquistar algum senso de controle sobre seu corpo. Sobre sua mente, mesmo a sua alma. E mesmo que a sua carícia mental possa ter acabado assustando-a, o momento foi sóbrio o suficiente para trazê-lo para seus sentidos. Ele não podia acreditar o quão perto chegou de render-se a sua necessidade por ela.

Atrás dele, ouviu-a correndo para fora da cama. Porra, se ela o parasse agora, ele iria ter que machucá-la. Algo que ele desesperadamente não queria fazer. Ela falou com ele antes que estivesse do outro lado da sala e agarrou seu braço com uma força que o surpreendeu. Encolheu-se quando sentiu a raiva que fluía por entre os dedos para seu corpo. Ele reconheceu essa raiva. Era o mesmo tipo de fúria que estava com ele todo dia, e não tinha certeza de que jamais iria deixá-lo. Ele esperava que ela encontrasse alguma maneira de deixar sua raiva passar.

— Eu não estou compensando o que aconteceu comigo. Eu não estou prestes a dar a esse filho da puta essa satisfação. Você está usando o que aconteceu comigo como uma desculpa.

— Uma desculpa para o quê?

— Você está fugindo de mim. O que aconteceu entre nós agora — Suas palavras foram um banho de água gelada no rosto.

— Eu não sei o que diabos você está falando, — ele disse em uma voz fria.

— Sim, você sabe, quando você estava me tocando. Você sentiu alguma coisa.

Houve uma confiança em suas palavras que fizeram outra parte do muro que ele construiu entre eles desmoronar. Ela enviou um raio de medo através dele. Ele evitou o olhar e balançou a cabeça.

— Não, o que aconteceu aqui foi que você me acordou e me lembrou que eu não tenho transado faz um tempo. — Seu tom era intencionalmente cruel quando ele se separava de seu aperto e começou a andar em direção à porta.

— Seu *porco*, — ela disse ferozmente. — Vire-se e diga isso na minha cara.

Parando abruptamente, ele preparou-se para o que estava prestes a fazer. Lentamente, ele virou-se para ela, disposto a negar qualquer culpa no assunto. Foi um erro virar-se. Ela estava lá olhando para ele com nada mais que esse pedaço de seda de roupas íntimas, e ela estava excelente em sua raiva.

Dedos abertos em torno de seu exuberante quadril arredondado parecia uma virgem vestal pronta para defender o templo de todo o exército *Pretoriano*. Seu coração afundou-se e limpou a garganta numa tentativa de dizer às palavras que precisava dizer. Ele falhou. Um olhar de triunfo iluminava seu rosto, e em dois passos, ela se jogou para ele e puxou sua cabeça para baixo para atender seu exigente beijo.

O gosto e o cheiro dela tornaram impossível afastá-la, e ele se rendeu a ela por um breve momento. Foi um beijo de desespero da parte dele tanto quanto da dela, e ele sabia que as apostas eram altas, se permitisse que ela o dobrasse à sua vontade. Por mais que ele a quisesse neste minuto, também sabia que suas motivações não eram nada mais do que uma necessidade de recuperar um pouco de si mesma do que tinha acontecido com ela.

Trauma estava dirigindo sua necessidade, e mesmo se não fosse não podia tomar esse caminho com ela. O resultado final seria desastroso, e ele se recusou a tirar vantagem de seu desejo de fazer o incidente desta manhã insignificante, quando foi exatamente o oposto. Ela tinha que encontrar uma maneira de lidar com o que tinha acontecido de outra maneira, não importa quanto ele queria levá-la de volta para sua cama e passar a noite deslizando no liso calor aveludado dela. Suas mãos agarraram seus braços e empurraram-na para longe dele.

— Não, Phaedra. Isso não vai acontecer.

— Pelo amor de Deus, Lysander. Isto não é sobre o que aconteceu esta manhã. Eu preciso de você, — ela sussurrou em voz rouca que dançou sua maneira através de cada um dos seus sentidos.

O olhar que ela lhe enviou esticou os nervos finos como um fio. *Christus*, a mulher estava determinada a conseguir o que queria. Normalmente, a sua disciplina lhe permitia manter-se em completo controle. Mas hoje à noite. . . hoje, ela estava testando-o como nunca tinha estado antes. Ele queria sucumbir ao apelo em sua voz. Oferecer o consolo de que precisava, a certeza de que ela estaria bem.

Mesmo que tentasse explicar a ela, ela não iria acreditar nele, mas entendia o que ela necessitava melhor do que ninguém. Testemunhar seu ataque tinha sido uma das coisas mais difíceis que ele já tinha sofrido. Tão duro como a tortura que mal conseguiu sobreviver nas mãos de Nicostratus. E ele reconheceu o sentimento de desamparo nela.

Esse sentimento de não ter nenhum poder e da necessidade desesperada de encontrar uma maneira de recuperar o sentido de controle. Ele sabia o que estar fora de controle significava. Era a diferença entre manter o demônio dentro dele trancado ou soltá-lo para causar estragos em sua vida e naqueles que ele amava. Era a diferença entre salvação e a morte de sua alma. O demônio acotovelava-se diante dele. Ela não tinha ideia do que estava em jogo, mas precisava de alguma forma fazê-la compreender que o que ela estava pedindo não era possível.

— Confie em mim, Phaedra. — Ele balançou a cabeça quando ela protestou com uma exclamação afiada. — Eu sei do que estou falando. Você está tentando retomar o controle, e esse não é o caminho para fazê-lo.

— Pô, — retrucou ela. — Eu sei a diferença entre o que o *bastardo* me fez esta manhã, e como me sinto quando você me toca. Eu não sou a única aqui correndo com medo.

O demônio riu com alegria enquanto sua raiva aumentava. Ele desenhrou um silvo agudo do ar ante sua acusação. Se foi porque ela mirou tão perto ou que estava começando a desgastar sua resistência, ele não sabia, mas ela o enfureceu. Sua mão serpenteava em torno da nuca de seu pescoço e quase a puxou na direção dele. Surpresa, os olhos dela se arregalaram quando ela encontrou seu olhar.

— Com medo? Olhe para esse rosto, Phaedra. É este o rosto de um homem que não sabe o que é o medo? — Ele se inclinou para ela e de seu couro cabeludo para o queixo, a carne torcida estava lá para ela ver em toda sua glória. — Acorde e dê uma olhada em si mesma no espelho, *cara*. Você é a única correndo com medo aqui.

— Lysander, eu não-

— Sem desculpas. — No minuto em sua mão tocou seu perfil demoníaco, ele empurrou-a dele.

— Me fodendo não vai apagar o que aconteceu esta manhã, Phaedra. Você provou na hora que eu acariciava-lhe com a minha capacidade. Você gritou. E se alguém entende o que você está passando, sou eu.

Seu olhar encontrou o marrom escuro dele, e ele reconheceu a dor em seus olhos. Ele fez querer ceder a sua necessidade, mas não podia. Deliberadamente, ele se afastou dela. Ela soltou um protesto, mas ele brutalmente esmagou o seu desejo de atender o seu choro. Em vez disso, ele saiu da sala.

Capítulo 11

Lysander caminhava de forma suave pela rua escura perto do Templo de Hadrian. A lua minguante no céu, e quando houve o feixe ocasional de luz que iluminava o seu caminho, sua caça era predominantemente no escuro.

Ele não tinha certeza se o atacante de Phaedra tinha sequer ouvido falar do desafio mental que ele tinha emitido enquanto deixava o templo ontem de manhã.

Não, ele tinha certeza que o Pretoriano tinha ouvido falar dele, ele simplesmente não estava certo de que ele estava indo para mostrar-se quando e onde ele era esperado. Mas a lógica dizia que era mais importante encontrar o atacante de Phaedra, antes de o filho da puta doente o encontrasse.

Atia estaria lívida que ele estava fazendo isso por conta própria, mas ultimamente, a escuridão dentro dele havia sido difícil de controlar. A melhor maneira de lidar com ele era deixá-lo solto em combate aberto, e o homem que estava procurando lhe daria a oportunidade de divertir-se um pouco a valer antes que ele explodisse em más condições.

A *Prima Consul* teria de se contentar com ele, tendo Marco que dizia para onde estava indo. Seu *Primus Pilus* não tinha ficado feliz com Lysander por sair para um lugar desconhecido, mas seu *Primus Pilus* tinha concordado em esperar duas horas antes de vir procurá-lo. Desde que seu celular não fosse danificado, Marco seria capaz de usar o módulo GPS para encontrá-lo. Provavelmente não era uma de sua mais brilhante jogada, mas proteger Phaedra era tudo que importava.

Seu corpo ficou tenso com a memória de tocá-la, segurando-a em seus braços novamente. Ele nunca deveria ter se permitido tocá-la. Inferno, ele deveria ter deixado aquele maldito quarto no minuto em que a colocou na cama. Ele respirou fundo e aspirou. Ele tinha feito nada além de complicar as coisas esta noite. Merda, ele fez mais do que isso. Ele colocou-se em risco se ela

desconfiasse da verdade. Se ela achava que ele estava escondendo algo dela, a mulher não iria desistir até que ela descobrisse o que era o seu segredo. Então, o que seria dele?

O som de uma porta se abrindo foi ouvida de um lado do beco. Com suas costas pressionadas contra a parede, ele viu uma faixa de luz na rua escura, uma pessoa saiu antes de girar para trancar a porta atrás dele. Mesmo sugerindo uma conexão Pretoriana, não havia nada nos pensamentos do estranho. Momentos depois o homem partiu em uma Scooter, deixando-o mais uma vez sozinho no beco.

Quando o beco ficou novamente no escuro e no silêncio, seus pensamentos voaram novamente para Phaedra e o evento no Templo mais cedo. A raiva que ele sentiu mais cedo lhe percorreu mais uma vez. Um gato miou no escuro atrás dele, e seu corpo ficou tenso como uma mola que se estica ao seu limite. *Christus*, ele estava pensando muito. Mas era difícil não pensar. Seria possível os mitos serem verdadeiros? Talvez, mas se sim, como? Como poderia um *Pretoriano Dominus* surgir do nada assim? Alguém deveria saber alguma coisa sobre isso.

Seria fácil a um *Pretoriano Dominus* se esconder dentro de uma igreja, até mesmo em si. Ainda assim, a idéia de um *Dominus* era extraordinária, levando em conta a cultura Pretoriana. Enquanto os *Pretorianos* usavam a Igreja para servir a seus próprios objetivos na erradicação dos *Sicari*, o fizeram sob determinadas restrições. Os votos consagrados e outros códigos dentro da Igreja eram difíceis para eles abertamente assegurar a sua linhagem a não morrer. Seu estilo de vida os impedia de reconhecer qualquer filho que procriasse, e os homens só podiam entrar no sacerdócio. Se o seu desprezo pelas mulheres era profundamente enraizado na sua cultura ou eles estavam preocupados com a endogamia, eles matavam suas filhas ao nascer.

Foi uma provável explicação para o porquê de eles parecerem estar em menor número, no século passado. Sem descendência feminina para exercer a sua linhagem, os *Pretorianos* necessitavam de mulheres para fins de reprodução. Foi por isso que as mulheres mais jovens *Sicari* nunca foram torturadas. Elas eram reprodutoras dos *Pretorianos*. As poucas mulheres *Sicari* que tinham escapado contaram histórias de horror sobre suas vidas entre os *Pretorianos*. Uma imagem de Marta passou pela sua cabeça e seu estômago se agitou. Phaedra não era valiosa para os *Pretorianos* simplesmente por seu dom extraordinário. Os bastardos iriam vê-la como uma

reprodutora de gado com o de ter acrescentado mais uma habilidade valiosa que ela poderia passar para uma criança do sexo masculino.

A capacidade de Phaedra era tão forte que, se fosse para ter um filho de um Pretoriano, a criança poderia facilmente ter as habilidades de um *Senhor Sicari*.

Mas seria criado como um Pretoriano, a criança seria treinada como um *Dominus*. Ensinada a odiar os *Sicari*. A idéia de Phaedra sendo usado desta forma, endurecia seus músculos enquanto ele continuava a caminhar pelas sombras. O provérbio popular, o seu corpo morto, assumiu um novo significado, onde ela estava o preocupava.

Estendendo-se por seus sentidos, ele bloqueou o mundano e escutou o sussurro dos pensamentos Pretoriano. Nada. Ele realmente achava que seria tão fácil assim? Suas habilidades telepáticas nem sempre eram confiáveis, e se o Pretoriano era mais forte que ele, o homem poderia facilmente esconder seus pensamentos. Ele sacudiu os ombros levemente, o peso de sua espada pressionando suas costas. Foi formado no estilo usado por seus antepassados, que tinham sido generais sob as ordens de Júlio César, Augusto e Marco Aurélio.

A espada deu-lhe uma sensação de segurança. Particularmente a segurança de um *Sicari* em uma das ruas escuras de Roma era uma ilusão. A única proteção que ele tinha era a espada em suas costas e suas habilidades. Seus amigos o chamariam de louco por estar ali sozinho em território Pretoriano. Marco tinha certeza usou a palavra, e alguns outros. Atia não iria chamá-lo de louco. Ela simplesmente lhe arrancaria o rabo e, em seguida, alguma outra coisa por violar as regras.

Todos os *Sicari* eram obrigados a trabalhar em equipes de dois ou mais, não importava onde eles estivessem. Mas o que ninguém entendia era que ele não estava sozinho no ano passado. Ele tinha uma equipe de *Sicari* qualificados com ele no ano passado, em Chicago, e ele levou todos eles para uma armadilha. Em sua arrogância, ele ignorou vários sinais de que algo não estava certo.

Ele tinha feito a escolha errada, e isso custou a três lutadores suas vidas, deixando-o o único sobrevivente. E a única razão de ele sobreviver foi porque o homem que o torturava havia descoberto quem ele era.

Nicostratus tinha sentido um grande prazer em lhe esfolar. Sua mão tocou a pele em seu rosto mutilado. Logicamente, ele sabia que teria sido impossível resistir e reagir à dor. Mas saber que ele tinha se rendido e havia pedido pelo alívio, era algo que ele nunca esqueceria. Para recuperar o poder, a dignidade, mesmo a sua humanidade, ele resmungou com uma emoção feroz sobre pensamento.

Sua dor tinha servido como uma barreira natural contra Nicostratus aprender qualquer informação estratégica. Mas ele lutou desesperadamente para manter o escudo, até mesmo pensando em pessoas que amava. Quando o bastardo tinha lido os seus pensamentos sobre sua mãe, que é quando a verdadeira tortura tinha começado. O filho da puta tinha rido dele.

Nicostratus tinha encontrado a tortura emocional que lhe causou muito mais diversão do que o físico. Atia estava errada. Seu pai não estava esperando que ele venha depois dele. Nicostratus sabia muito bem que ele provavelmente se tornaria um pária, se a sua filiação se tornasse de conhecimento comum. Isto já havia acontecido com outras pessoas no passado distante. Ele não seria diferente.

O carrasco teve maior prazer em atormentá-lo emocionalmente do que em lhe infligir dor física. Ela havia sido a principal razão do bastardo ter terminado a tortura física. Seu pai havia sentido um enorme prazer em andar longe dele enquanto estava vivo. O homem tinha feito isso com a convicção de que a devastação interna que ele causou seria a pior tortura.

O pior que o Pretoriano estava certo. Teria sido muito melhor lidar com a agonia física de tortura e morte do que a angústia mental que ele sofreu no ano passado. Era por isso que esta noite ele não tinha nada a perder, porque ele já tinha perdido tudo. Abraçar a Phaedra esta noite, tendo-a tão perto, não tinha ajudado. Se sobrevivesse, ela ia continuar a fazer perguntas. Com um grunhido, ele empurrou o seu pensamento para os recessos de sua mente. Foco. Ele tinha que ficar focado e encontrar o atacante de Phaedra. Ele precisava ter a certeza que o Pretoriano não chegaria perto dela novamente.

O sussurro de um riso tocou a borda de seus sentidos. Músculos tencionados com a tensão, ele imediatamente olhou para cima. *Pretorianos* eram notórios por pular de um telhado para surpreender o inimigo. Não vendo nada, ele olhou para a escuridão, procurando em cada sentido. Mais uma vez, o riso soou em sua cabeça. Desta vez foi mais alto.

— Mostre-se você, desculpe Stronzo, — ele murmurou.

“Como você quiser.”

As palavras do homem ecoaram em sua cabeça com uma facilidade que era inquietante. Ele havia conhecido um Pretoriano de habilidades iguais a sua, mas havia algo completamente diferente sobre este bastardo. Talvez ele tenha cometido um erro ao não trazer o Marco como reforço.

“É que eu não tenho nenhuma dúvida, inominável,” os pensamentos de seu oponente ecoaram em sua cabeça. O Pretoriano era, obviamente, divertido. *“Você é do tipo que sempre corre para lugares onde até mesmo os anjos não ousam pisar.”*

Uma figura alta saiu de uma porta para o corredor. Lysander jogou instintivamente um escudo contra a invasão mental do homem e concentrou sua atenção no Pretoriano se movendo lentamente em direção a ele. Havia apenas luz suficiente para ver que o homem usava a vestimenta de capuz de um monge guerreiro. O bastardo parecia um dos fanáticos que a Igreja havia empregado durante a Idade Média para eliminar os oponentes que ameaçavam à autoridade da Igreja.

“Vá se foder.” Lysander tentou pegar sua espada, mas uma mão invisível o deteve.

“Vamos, não seja tão apressado em seu desejo de morrer. Proponho que resolvamos esta questão com honra.”

— *Pretorianos não têm honra.* — Fez um grande esforço mental para desfazer o aperto de ferro em seu pulso, enquanto observava o homem a pé vindo em direção a ele em um ritmo, deliberadamente indiferente.

“Ah, mas eu não sou apenas um Pretoriano. Tenho algumas honra.”

— Mentira. Se você tivesse alguma honra, você não teria violado a mulher que estava comigo hoje.

“Ah, sim, Phaedra.” Os pensamentos do Pretoriano revelaram o quanto o homem estava encantado por ela. *“Phaedra é especial. Eu não posso pensar em qualquer mulher mais bem qualificada para ter meus filhos.”*

Fúria brilhou através dele. O homem não ia chegar perto dela. Com um golpe de sua mão, ele visualizou o Pretoriano voar para trás. Imediatamente o controle sobre ele quebrou. O homem cambaleou para trás alguns metros, e ele facilmente percebeu espanto do outro homem.

“Mais uma vez você me surpreende, inominável. Você é mais forte do que eu esperava.”

— Há mais de onde isso veio. — Ele puxou a espada da bainha e ele fez um gesto com os dedos para o outro lutador vir para frente.

— Eu vejo. — Pela primeira vez, ouviu a voz real do homem. Agradável e baixa, revelando nenhuma malícia que ele podia sentir na cabeça do pretoriano.

O homem de repente começou a correr duro, o manto de monge usado fluindo para trás dele quando ele se lançou para frente. À luz baixa, Lysander viu o brilho do aço na mão do Pretoriano, e com uma calma que surpreendeu até mesmo ele, se preparou para o primeiro golpe. Quando menos de três metros os separava, o outro lutador de repente se lançou para o ar e utilizou o prédio como um trampolim para enviar a si mesmo para cima da cabeça de Lysander.

O movimento inesperado do Pretoriano o surpreendeu, e ele quase teve uma espada cortando-lhe a parte de trás de sua cabeça para baixo, porque ele tinha sido pego de surpresa. Ele rapidamente visualizou a espada do Pretoriano nele, e ele ouviu o seu adversário proferir um juramento suave com a espada, olhou sobre seu ombro, sem deixar um arranhão. Sem hesitar, Lysander virou e arrastou a ponta de sua espada através da seção mestra do homem em um curso rápido.

Lysander pegou um aroma mineral leve no ar. Ele tinha tirado sangue primeiro.

Era pouco mais do que um arranhão, mas a ira do Pretoriano foi instantânea. Assim, o bastardo não estava mais tão confiante. Ele podia ouvir os juramentos furiosos voando pela cabeça do homem. Ele curvou os lábios de volta num sorriso malicioso de satisfação.

— As minhas desculpas, — ele zombou. — Minha espada escorregou. Espero que você ainda esteja apto a continuar?

Com um rugido baixo de raiva, e um movimento da mão do Pretoriano, em um instante, Lysander estava de joelhos, ofegando por ar. Sua espada caiu para a rua com um bum como ele instintivamente sentiu garras invisíveis em volta de sua garganta. A mão invisível em torno de sua garganta apertou mais forte, o ar em seus pulmões lentamente desaparecendo. Em algum lugar no fundo da sua mente, uma voz gritou-lhe que não podia soltar os dedos invisíveis do pescoço. Ele tinha que fazer alguma coisa para se libertar do Pretoriano.

Febrilmente, os dedos arranharam toda a calçada para a alça de couro de sua espada. Esforçando-se por ar, ele tentou ver seu agressor através de sua visão turva. O outro lutador estava em uma posição relaxada, com a espada ao seu lado e um sorriso de desprezo em seu rosto. Seu ar quase no fim, Lysander lentamente visualizou o Pretoriano largar a lâmina em seu pé.

Segundos depois, o seu adversário gritou de dor, e ele estava livre. Pulou para trás aconchegam-se contra a parede, desesperadamente arrastando respirações profundas do ar em seus pulmões. A raiva que emanava do outro lutador disse que não havia mais tempo para se recuperar. Uma das mãos pressionadas contra a formação de pedra empurrou-se a seus pés e cambaleou para o lado do Pretoriano.

Sua respiração ainda irregular girou sua espada em um arco baixo varrendo a coxa de seu oponente. Ele perdeu. Um instante depois, ele teve para balançar sua espada para cima para bloquear a lâmina Pretoriana. Faíscas voaram de aço, e ele deixou cair sua guarda, como ele lutou para estabilizar o pé. Um instante depois, a espada do Pretoriano cortava a parte carnosa do seu braço. Grunhindo de dor, ele cambaleou para trás em um movimento lateral, sua espada caiu de sua mão.

Tarde demais, ele percebeu que o movimento colocou o seu inimigo em seu lado cego. O som de uma espada cortando o ar o obrigou a saltar para a calçada. Usando a última das suas reservas, ele quebrou a queda com um colchão de energia invisível, em seguida, rolou de costas. Diretamente acima dele, o Pretoriano capotou sua espada em um movimento de perito e conduziu-o para baixo.

Batendo palmas, Lysander prendeu a lâmina Pretoriana entre as palmas das mãos, mantendo a espada apenas a milímetros de seu peito. Embora sua habilidade telecinética tenha drenado, ele ainda podia ler os pensamentos do Pretoriano. O humor alegre do homem o enfureceu. O filho da puta precisava aprender a não contar suas galinhas antes que eles chocassem. Ele não estava a ponto de chamá-la ainda. Com o aço frio da espada de seu inimigo ainda entre suas mãos, ele usou toda a sua força para tirar a arma das mãos do homem. Voou pelo ar até atingir a rua com um barulho alto.

O rugido escuro Pretoriano de raiva tornou-se um rugido de dor quando Lysander simultaneamente chutou sua perna para cima e enfiou o pé na virilha do bastardo. Uma mão segurando a virilha, o homem caiu de joelhos e atraiu um silvo de ar antes de ele encontrar o olhar de Lysander.

— Muitos desses jogos, inominável, — ele rosnou. — Hora de morrer.

Uma vez mais, uma mão invisível envolveu-se em torno de sua garganta. Sufocando e ofegando sob a pressão em volta do pescoço, a mão de Lysander foi levada ao seu lado em uma busca desesperada para a espada. Ainda segurando a virilha, o Pretoriano enviou-lhe um sorriso frio como ele apertou seu aperto em volta do pescoço do Lysander.

— Adeus, inominável. Tenho certeza que sua mulher vai ser uma merda inacreditavelmente boa.

Nem mesmo o insultar o homem era o suficiente para ajudá-lo a se livrar do aperto no pescoço. Incapaz de respirar, ele lutou para não desmaiar enquanto seus dedos arranharam desesperadamente em paralelepípedos úmidos. Onde diabos estava a sua espada? A pressão em

sua garganta aumentou novamente. Nauseado de falta de ar, ele afundou lentamente em uma escuridão onde Phaedra corria em direção a ele com um sorriso acolhedor.

Ele a pegou em seus braços, sua boca procurando a dela em um beijo profundo. Deus, ela tinha gosto dos Campos Elísios, quente e doce. Ele tinha saudades dela mais do que ele alguma vez tinha imaginado que fosse possível ter saudade de alguém. Tinha sido mais de dois meses desde que ele sentiu o aquecimento do seu corpo. Sua tenda no campo de batalha era bastante confortável, mas sem ela a se enroscar ao seu lado, às noites eram sempre frias, não importa a época do ano. Ele estava cansado da guerra.

Cansado de ficar tão longe dela. O minuto que ele conseguisse convencer Maxêncio para libertá-lo das suas funções, ele iria levá-la para a fazenda que seu pai lhes tinha dado. Lá viveria o resto de seus dias em paz. Levantando a cabeça, olhava para baixo em seus olhos com uma sensação de pavor. Era fácil ver o medo em seu olhar.

— O que aconteceu?

— Nada. — Seu sorriso forçado disse que ela estava mentindo. — Eu simplesmente estou feliz por vê-lo. Eu odeio quando você fica fora por um longo tempo.

— Então eu estou feliz que tenha saudades de mim, — ele permitiu a ela para ajudar a remover sua armadura de couro. — Nós dois sabemos que não é porque você está franzindo a testa.

— É de nenhuma consequência.

— Como esposa de um general, eu deveria saber que a preocupação é um esforço inútil.

Seu suspiro mole ilustrava que tudo o que estava incomodando ela claramente tinha-a ainda mais preocupada do que o habitual.

— Estou aliviada de ouvir que você se preocupa comigo, — brincou ele com uma risada silenciosa.

A observação a fez estremecer, e ele franziu a testa. Havia um ar de vulnerabilidade sobre ela que o incomodava. Foi incomum. Cassiopeia era destemida. Tanto assim, que o perturbavam, às vezes. Ela enfrentou senadores mais do que ele gostaria de admitir. Ela até mesmo colocou Maxêncio em seu lugar, em mais de uma ocasião, que, felizmente para ambos divertia o imperador. Quando ela virou a cabeça, ele pegou o queixo dela e a forçou a olhar para ele como ele arqueou as sobrancelhas para ela.

— Diga-me o que está incomodando você.

— É Octavian, — ela sussurrou. Eu... Ele veio me visitar.

— Octavian? — Ele balançou a cabeça em perplexidade. — Ele é um velho amigo. Por que sua visita te incomoda?

— Isso é o que eu pensava... — A voz dela desapareceu em silêncio.

— Damno Abyssus ut, Cass. Diga-me o que está errado.

— Ele disse que você era um idiota para servir Maxêncio, — ela disse em uma corrida. — Ele disse que Constantine irá executar a Guarda Pretoriana, quando ele tomar Roma.

Seu medo era tangível como ela rapidamente colocou os braços ao redor de sua cintura para tocar profundamente em seu peito. O calor dela penetrou na túnica e ele beijou o topo de sua cabeça. Dulcis matris Deus, ele sabia que Octavian tinha sido infeliz com a maneira que Maxêncio tinha corrido a campanha contra Constantine, mas a Guarda Pretoriana tinha prometido a sua lealdade ao imperador. Certamente, seu velho amigo não tivesse quebrado o juramento.

— A Guarda nunca irá dar o seu apoio a Constantine. Octavian está falando de traição.

Ela levantou a cabeça, e o medo em seu rosto despertou sua ira. Não foi apenas o homem falando como um traidor, o puttana figlio di tinha assustado Cass. Raiva cortou por meio dele. Olhando bem em seu rosto, ela pressionou a palma da mão contra o seu coração.

— *Ele sabe onde Maxêncio mantém o Tyet de Ísis.*

As palavras correram como uma lâmina com sangue frio e lento em suas veias. Se Constantine adquiriu a Tyet de Ísis, a poção de Alexandre o Grande daria ao usurpador a capacidade para criar a sua própria guarda pretoriana. As possíveis ramificações das intenções traidoras de Octavian fez sua trilha de sangue com medo. O homem tinha que ser impedido.

— *O que mais ele disse? — Ele perguntou baixinho, e ela olhou para longe dele. — Cass?*

— *Ele disse que Constantine vai montar triunfal em Roma no tempo de 30 dias, porque ele vai usar o Tyet de Ísis para se tornar um Pretoriano.*

— *Fotte, respondeu asperamente. Ele não apenas declarou uma traição contra o imperador, ele está traindo seu juramento para a Guarda.*

— *O que você vai fazer?*

— *Eu vou caçar o bastardo baixo e cortar sua garganta, — ele rosnou. Ela empalideceu com suas palavras duras, e ele acariciou sua bochecha. — Vai dar tudo certo mea amor. Vou convencer Maxêncio a me deixar ter a caixa para a custódia. Ele sabe que pode confiar em mim, embora se soubesse que você estava ciente de que, bem, ele pode não estar tão confiante.*

— *Eu estou assustada, Maximus, — disse ela numa voz rouca. — Eu te amo tanto. Se eu fosse te perder, eu não gostaria de viver.*

Com cada palavra, sua voz ficou mais fraca, e ele protestava contra o conhecimento de que estava perdendo ela. Ele ligou para ela, mas ela era pouco mais que um fantasma em seus braços. Sem tempo, a fúria rugia através dele. Phaedra estava perdida para ele novamente. O que ele tinha feito para merecer a ira do destino? O mundo correu por ele, o passado e o presente fundiram-se em um fluxo constante de imagens tremidas, até que, com um ruído de engasgo, ele estava de volta ao presente lutando para o ar.

No instante seguinte, ele estava livre, e o Pretoriano estava deitado de costas, com um olhar surpreso no rosto. Aspirando em goles de ar, os dedos de Lysander encontraram o aço da sua espada, sua mão estava em volta do punho de sua espada. Que diabos aconteceu? Ele não tinha quebrado o domínio do pretório sobre ele. Ainda ofegante, ele viu um vulto escuro sair da escuridão. A visão do manto de monge do homem o fez lançar um gemido silencioso.

— Deus. Não é outro, — disse com voz áspera quando o homem parou a poucos metros de distância.

— Posso lhe assegurar Condellaire, eu não sou o inimigo, — o desconhecido sem sequer olhar para ele. Merda, o homem sabia o seu nome.

O Pretoriano tinha ficado de pé e olhava fixamente para o recém-chegado com uma expressão de desconfiança, que rapidamente mudou para ódio. Com um movimento de seu pulso, o Pretoriano chamou sua arma para ele, a espada voou do chão para sua mão. Em resposta, o desconhecido mostrou a espada que ele carregava sob o manto longo e esvoaçante. Com uma ligeira reverência, o Pretoriano balançou a cabeça.

— Você vai me perdoar, Eminência, se eu acabar com este encontro á muito tempo esperado. Gostaria de dar toda a minha atenção a sua execução.

— A confiança é boa, mas muito do que a oportunidade oferece pode ser um passo em falso.

Lysander endureceu ao ouvir o título que o Pretoriano tinha usado. Esse foi o título honorífico usado com um *Senhor Sicari*. Para um Pretoriano usá-lo mesmo com um *Senhor Sicari* era impensável. Para seu inimigo, o *Sicari* era imencionável. Os pagãos que ameaçavam a ordem sagrada. Por que o Pretoriano seria tão respeitoso? Tão silenciosamente quanto pôde, com os dedos em volta sua espada. O movimento desencadeou dor em suas terminações nervosas que lhe lembrou o quanto seu braço estava machucado. Ele resmungou. Seu braço não era a única coisa que doía.

O interior de sua garganta estava pegando fogo, e seu pescoço latejava de onde o Pretoriano usou sua força mental para sufocá-lo brutalmente. Teve sorte do desgraçado não ter realmente esmagado sua traquéia. Inferno, ele teve sorte pelo estranho ter aparecido. Ele não entendia como, mas o homem conseguiu impedir o Pretoriano de matá-lo. O esforço físico e mental que ele exerceu o deixou exausto, mas com a espada na mão, ele conseguiu se levantar para ver o pequeno drama que se desenrolava perante ele.

— Eu fui avisado sobre sua propensão para a sabedoria. — O sarcasmo na voz do Pretoriano fez o outro homem se empertigar com o que parecia ser a raiva.

Era impossível ter certeza do porque do homem ser tão contido e digno. Ele não conseguia nem ler os pensamentos do homem. Na verdade, agora que ele pensava sobre isso, ele não tinha recebido qualquer pensamento do homem. O indivíduo que só ele conhecia com esse tipo de habilidade e controle era um *Senhor Sicari*. Era difícil acreditar que ele estava olhando para a lenda que ele só tinha conhecido através de histórias na infância. Mas com a passagem de cada segundo, ele foi ficando mais convencido que este homem era realmente um *Senhor Sicari*.

— Não confunda sabedoria como um sinal de que eu sou um tolo de muita idade.

— Estou bem preparado, para fazer aquilo que eu preciso. — A voz do *Senhor Sicari* foi tranqüila, mas com autoridade.

— Então, prepare-se bem, Eminência, — disse o Pretoriano violentamente. — Porque na próxima vez que nos encontrarmos, você vai morrer por minha mão.

— Estou à sua disposição, meu filho. — O *Senhor Sicari* inclinou-se ligeiramente no que era quase um gesto cortês.

Com um som agudo de nojo, o Pretoriano se virou e desapareceu na escuridão. Frustração corria através de Lysander, e ele olhou para o *Senhor Sicari*.

— Que porra é essa! Você só vai deixá-lo ir assim? O filho da puta me ameaçou de morte, e se eu não o parar, ele virá por ela.

O *Senhor Sicari* não respondeu. Em vez disso, ele levantou a mão, e dois combatentes emergiram da escuridão. Um deles uma mulher, ela adiantou-se e inclinou a cabeça e o homem sussurrou algo para ela. Ela assentiu com a cabeça, em seguida, afastou-se e permaneceu em silêncio. O *Senhor Sicari* se virou para ele quando ele tinha acabado de falar para a mulher. Ele empurrou o capuz de volta para mostrar seu rosto e ergueu uma sobrancelha para ele.

Havia algo de vagamente familiar no homem, mas Lysander não podia lembrar onde o tinha visto antes. A resposta ecoou no fundo de sua mente, como um sussurro, mas ele não conseguia entender claramente. Nesse preciso instante, o *Senhor Sicari* estreitou seu olhar para ele. Por alguma razão, ele poderia jurar que o homem estava decepcionado com ele, mas ele não conseguia entender o porquê.

— Você teve uma visão de Maximus e de Cassiopeia. — Não era uma pergunta. Era uma declaração simples.

— Eu não sei o que você está falando. — Lysander sacudiu a cabeça e encontrou o olhar intenso do homem. Um leve toque de um sorriso tocou os lábios do homem.

— Diz-se que Maximus amava tanto Cassiopeia que ele a matou para salvá-la.

— Eu conheço a história, — disse ele com irritação. — Mas não vejo o que isso tem a ver comigo.

— Então você não se lembra da visão.

A questão do homem era apenas mais uma declaração. O *Senhor Sicari* estava testando ele. Mas para a vida dele, ele não sabia o porquê. Ele preferiu não responder. A última coisa que faria era compartilhar seus desejos mais íntimos, não importava a forma que eles tomassem. Ele estava morrendo. Era natural que a pessoa que ele amava acima de todos os outros iria ocupar os seus pensamentos quando o bastardo Pretoriano sufocava a vida para fora dele. O *Senhor Sicari* inclinou ligeiramente a cabeça de uma forma contemplativa.

— Você estaria disposto a dar sua vida por Phaedra. É porque ela é uma *Sicari* ou você tem algum outro motivo para protegê-la?

— Ela é um membro valioso da equipe. Que outra razão eu precisaria para protegê-la? — Ele disse com os dentes cerrados. Inferno. Era o homem sondando seus pensamentos sem permissão?

— Há sempre a possibilidade de que você esteja apenas esperando a oportunidade de entregá-la aos seus irmãos.

Por um momento, ele não pôde acreditar no que acabara de ouvir. Merda, o homem sabia que ele tinha sangue Pretoriano. O bastardo tinha definitivamente sondado seus pensamentos sem autorização. Será que ele acha que sua posição lhe dava o direito de violar os pensamentos de um *Sicari* e sondar seus pensamentos mais profundos?

— Eu não sou um traidor dos *Sicari*. — Ereto, ele olhou com desprezo para o homem furioso.

— Tampouco era Maximus para a Guarda Pretoriana, e ainda Octavian o pintou como um traidor. — O Senhor *Sicari* o estudou por um momento e depois lhe deu um aceno brusco. — Veremos.

— Em vez de falar de história para mim, nós deveríamos ir atrás do filho da puta Pretoriano.

— Ele está mais preocupado em destruir-me agora do que está com Phaedra, — o respondeu o homem.

— Merda, — ele respondeu com desprezo. — Como você sabe disso?

— Porque ele sabe quem eu sou. — O Senhor *Sicari* dobrou a cabeça, seu humor sombrio, quase triste. Um minuto depois, o homem mandou-lhe um olhar atento. — A visão que você teve, você a teve antes?

— Você me diz. Você é o único que está sondando os meus pensamentos, — ele rosnou.

— Seus pensamentos são fáceis de ouvir sem sondagem. — O *Senhor Sicari* enviou-lhe um olhar severo que era uma repreensão silenciosa. — Repito. Você já teve estas visões antes?

Seu debate interno não o estava levando pelo caminho correto. Este foi um *Senhor Sicari*, e como *Sicari*, devia obediência ao homem. Acima de tudo, algo sobre o homem disse-lhe que não era do tipo de homem que deixava que as regras fossem um empecilho no seu caminho, e ele conseguiria a informação de qualquer forma. Lá no fundo dele, se identificou com o *Senhor Sicari*. Se os meios justificam, ele quebrava as regras, também. E a idéia deste homem de sondagem dos seus pensamentos era muito menos atraente do que compartilhar o fato de que ele estava sonhando há algum tempo. Ele lançou um ruído de raiva.

— Sim.

— Eu estou certo que você pode expandir isso. — Diversão em sua voz, o homem enfiou a espada sob seu manto, sem desviar os olhos de Lysander.

— Estive sonhando com Maximus desde que eu era um garoto, — ele disse com os dentes cerrados.

— Tanto tempo. — A declaração soou mais como se o homem estivesse pensando em voz alta, e assim que o *Senhor Sicari* esfregou o queixo só reforçou a ideia de que ele estava esperando algo mais dele. O homem estudou-o atentamente. — Estou curioso. Eu pareço familiar?

— Que raio de pergunta é essa? — Ele evitou uma resposta direta. Esta conversa toda lhe deixou irritado.

— Uma simples pensei. Então vou perguntar novamente. Eu pareço familiar?

— Não. — No instante seguinte ele lançou um bloqueio mental para garantir que o *Senhor Sicari* não descobrisse sua mentira. O homem franziu a testa, e novamente Lysander sentiu que o homem estava decepcionado com ele.

— Eu vejo. E Phaedra? Será que ela mencionou qualquer sonho?

— Não para mim, ela não. — A irritação crescia a cada minuto, ele olhou para o homem.

— Mas então você a mantém à distância, não é? — O *Senhor Sicari* assentiu com a cabeça como se de repente tivesse uma ideia. — Nos próximos dias, Condellaire, você nunca deve questionar seus instintos. Não acho. Ato. Ele vai salvar sua vida e da mulher que é uma parte do seu destino.

Deus, o homem não era apenas um *Senhor Sicari*, ele estava louco. Ele precisava de uma pá para cavar seu caminho para sair da merda que esse cara estava entregando. O homem de frente para ele riu baixinho.

— Eu tenho certeza que a minha sanidade parece estar perdida, mas garanto-vos que eu sou completamente são. As coisas vão se revelar no tempo, — disse o *Senhor Sicari*. — Entretanto, Cornélia o levará de volta para a casa segura. Quando você chegar, diga a *Prima Consul* que Marcus encontrou o menino. Quanto a mim, ou o meu povo, você não diz nada. O segredo é a maior arma que eu, e aqueles que me servem, têm contra os *Pretorianos*. Tenho a sua palavra?

— Porque você vai confiar na palavra de um mestiço? — Ele zombou, ainda escaldado com a forma como o *Senhor Sicari* questionou a sua lealdade à ordem.

— Eu não tenho escolha. — O homem enviou-lhe um olhar que disse esperar uma resposta.

— Você tem a minha palavra.

— *Bene*. No entanto, se eu descobrir que você quebrou sua palavra, eu vou te caçar e cortar sua garganta. — As palavras eram simples, mataria-de-fato, mas uma nota mortal correu debaixo deles. Não era uma ameaça, simplesmente um fato.

— Entendido, Eminência.

Lysander inclinou a cabeça, e quando ele se endireitou, o *Senhor Sicari* já tinha desaparecido na noite, levando um dos seus guarda-costas com ele. A mulher chamada Cornélia mudou-se para ficar ao seu lado, puxando uma lanterna pequena do bolso do casaco de couro preto que ela usava. Ela rapidamente examinou o ferimento em seu braço e deu de ombros.

— Você vai viver. Venha. — Com um gesto ela indicou que ele deveria segui-la.

Exausto, ele deslizou sua espada na bainha em suas costas e correu atrás dela. Em silêncio, eles se moveram rapidamente pelo beco e seguiram o seu caminho através de várias ruas escuras para as seções mais populosas. Como ele seguiu a mulher *Sicari*, era impossível não refletir sobre os acontecimentos de última hora. Se não fosse pelo *Legatus*, ele provavelmente seria morto por fazer algo tão estúpido quanto ir ao encontro de um Pretoriano sem um parceiro. Ele fez uma careta. Na verdade, Atia estava dentro de seu direito a ordenar uma punição.

Se não tivesse sido pela chegada do *Senhor Sicari*, a *Prima Consul* não teria tido a oportunidade de tomar tal decisão. À frente dele, o lutador *Sicari* moveu-se rapidamente, mas com uma discrição que o surpreendeu. Era óbvio que a mulher havia recebido treinamento especial. Como o *Senhor Sicari*, a mulher revelou nada a seus sentidos. Suas habilidades eram extensas, mas as dela claramente ultrapassavam as suas por uma grande margem. Especialmente quando ele não usou a sua cabeça. Ele fez uma careta. Um bom exemplo foi o que aconteceu a sua equipe. Algo que Atia teria grande prazer em apontar.

Tinham percorrido várias quadras, quando pararam na frente de um carro esportivo italiano elegante. Mesmo que ele estivesse exausto e com dor, ele olhou para o veículo preto com apreciação. Era uma beleza. Ele estava aprendendo que Cornélia era uma mulher de poucas palavras quando ela acenou para ele entrar. Em menos de um minuto, eles estavam no veículo compacto com motor silencioso como a mulher *Sicari* que o dirigia, o carro percorria as ruas escuras. Quando eles saíram da zona mais calma e se depararam com o tráfego um pouco mais pesado, ela lançou o carro esporte no fluxo de veículos com a habilidade de um dublê de cinema.

Ela não precisava de orientação, era óbvio que ela sabia onde estava indo. Assim como eles tinham feito a pé pelo beco escuro, eles mantiveram o seu silêncio no carro. E mesmo se tivesse sido no clima para uma conversa, algo lhe dizia que Cornélia não estaria interessada em

conversar. Ele fechou os olhos e descansou a cabeça para trás no encosto de cabeça do banco, até o barulho do carro tornar-se um suave ronronar em marcha lenta.

— A casa segura, *Legatus*.

Com um aceno de cabeça, ele saiu do carro, e no minuto que ele fechou a porta, a mulher jogou o carro em marcha e partiu sem olhar para trás. Cansado até os ossos, ele sugou uma respiração áspera, em seguida, entrou na casa segura. Menos de um minuto depois, ele havia passado a fechaduras de segurança e estava no saguão. Normalmente, a casa era mal iluminada neste momento da manhã, mas o brilho das luzes o fez fechar os olhos. Marco tinha levantado o alarme. Uma corrida de passos seguidos do som de vozes ecoou animada para fora do corredor estreito que levava até a cozinha. Todo mundo estava acordado. Marcus não parecia compreender que as palavras vêm procurando por ele não eram exatamente a mesma coisa como estimulando toda a família. Ele iria falar com seu *Primus Pilus* sobre isso mais tarde. Na esperança de evitar perguntas até que ele pudesse falar com Atia sozinho, ele rapidamente se caminhou em direção à escada. Ele só deu dois passos, quando a *Prima Consul* apareceu na entrada seguida pelo resto de sua equipe, incluindo Phaedra. Tarde demais. Ele desviou o olhar dela e preparando-se para a Inquisição de Atia.

— Onde você estava? Marco disse que você não falou a ele onde estava indo. — O tom da *Prima Consul* não era de pergunta. Era uma ordem que dizia que ela iria tolerar apenas uma resposta clara. Ele hesitou por uma fração de segundo antes de ele se virou para encará-la.

— Fui à procura do *Pretoriano* para discutimos.

Quando ele tinha enviado uma mensagem de texto a Atia após a agressão de Phaedra, ele fez questão de deixar a *Prima Consul* saber que ele estava certo de que eles estavam lidando com um Pretoriano. Entre sua mensagem de texto, e seu telefonema curto depois, a *Prima Consul* sabia que o assaltante de Phaedra não era apenas um telepata, mas possuía habilidades telecinéticas também. E enquanto ela não tivesse dado a ele uma ordem direta para não caçar o bastardo, Atia havia deixado claro que era para evitar o homem.

— *Fotte*, — Atia disse com uma forte exclamação de horror quando ela olhou para ele. — Você ficou louco?

Ele não sabia o que surpreendeu mais ele, a linguagem que estava fora da personalidade dela ou o medo que ecoava a voz da *Prima Consul*. Mas foi a maneira que seu rosto tinha ficado pálido que o preocupava mais. Ele ignorou o restante da equipe espalhada no hall de entrada e correu para seu lado. Atia afastou a mão solícita, centrando seu olhar no seu braço e depois na sua garganta.

— Você está ferido. Phaedra. — A voz da *Prima Consul* soou cortante.

Era um comando nítido, e Phaedra, junto com Cleo, abriram caminho à frente do pequeno grupo de pessoas reunidas no salão. Ambas as mulheres engasgaram quando o viram, mas quando Phaedra correu na direção dele, ele foi pego desprevenido. Ele imediatamente recuou vários metros, só para descobrir as costas pressionadas contra o corrimão da escada.

— Meu Deus, o que aconteceu com você? — Phaedra sussurrou enquanto sua mão percorria sua garganta.

Seu toque era eletrizante, mas ele não queria a pena que ele podia ouvir em sua voz. Em um forte movimento, ele agarrou seu pulso e puxou-lhe a mão para longe de sua pele antes de lançar seu controle sobre ela. Mesmo que o toque tenha sido o suficiente para lhe fazer desejar que ele não tivesse usado toda a sua habilidade telecinética para afastá-la sem tocá-la. Lutando para manter a sua compostura, ele ignorou Phaedra e olhou para a *Prima Consul*.

— Tenho uma mensagem para você, Madame Consul. Fui instruído a dizer-lhe que Marcus encontrou o menino, e ele vai fazer o que for preciso para resolver a questão.

Instinto lhe dizia que Atia acharia a mensagem inquietante, mas a última coisa que ele esperava da *Prima Consul* era que ela desmaiasse. Apesar da maneira como seu corpo protestou, ele saltou para frente e a apanhou antes de ela bater no chão. O corte profundo no braço lhe enviou uma mensagem aos gritos de protesto através de seu ombro quando ele levantou a mulher mais velha até ao seu peito.

Atordoada pela reação de sua mãe, Cleo levou mais tempo para responder que ele. Segundos depois, um pandemônio irrompeu na entrada quando todos reagiram ao colapso que

Atia teve. Mais de meia dúzia de perguntas lhe atiraram em todas as direções, e todo mundo foi empurrando para frente, tentando oferecer o auxílio.

— Chega, — bradou ele. O barulho parou abruptamente. — Campanella. Vigie a casa. O resto de vocês volte para a cama. Não há mais nada para ver aqui.

Voltou-se para as escadas, então parou. — Phaedra. Venha comigo. A *Prima Consul* pode precisar de você.

— Eu estou indo também, — exclamou Cleo, uma nota de preocupação em sua voz.

Quando ele chegou ao segundo andar e caminhou pelo corredor, Atia se mexeu em seus braços. Virou ligeiramente a cabeça para olhar para ele. Embora ela ainda estivesse pálida, sua expressão tinha recuperado aquele olhar régio que dizia que ela era a responsável.

— Eu estou perfeitamente capaz de andar, Lysander. — O comando de sua voz era aquele que ele conhecia melhor do que ninguém. Ele parou bem em frente a sua porta e imediatamente colocou a *Prima Consul* de pé.

— Pô, mãe. Por que você tem que ser tão teimosa? Você simplesmente desmaiou. — A irritação na voz Cleo escondia sua preocupação mais profunda.

— Estou me sentindo muito melhor, — Atia disse calmamente enquanto ela caminhava devagar os últimos passos para o quarto dela. — Mas acho que eu vou deitar-me.

— Eu vou com você para ter certeza de que não passe mal de novo. Nós não precisamos de um mártir em nossas mãos. — Cleo enviou-lhe um olhar de nojo e raiva. — Nós já temos o suficiente de pessoas aqui como ele é.

Atia não colocou objeção à atenção gentil de Cleo. Em vez disso, ela deu a sua filha um aceno de concordância. As duas mulheres entraram no quarto de Atia, mas a *Prima Consul* parou antes de fechar a porta. Sua expressão inflexível, ela olhou diretamente para ele.

— Deixará Phaedra ver suas feridas.

— Eu tenho um arranhão no meu braço, nada mais.

— A um risco que precise de pontos, e um médico não está disponível. — A *Prima Consul* arqueou as sobrancelhas de uma forma autoritária. — Phaedra.

— Eu vejo seus ferimentos, — Phaedra disse baixinho, com um olhar determinado em seu rosto.

Quando Atia lentamente fechou a porta, ele pegou o brilho astuto nos olhos da mulher. Merda, a mulher estava a interferir onde não devia. Furioso, ele virou a cabeça e viu Phaedra estudando-o com uma expressão divertida nas feições bonitas.

— Vamos acabar com isso, — ele rosnou.

— O prazer é meu. — A nota sensual em sua voz apertou todos os músculos do seu corpo. — Seria melhor fazer isso no seu quarto para que você possa descansar depois.

Deus, eles já haviam ido por essa estrada antes. Ele não tinha necessidade de uma repetição. A memória de mantê-la em seus braços fazia seus músculos doerem com a tensão. Com um grunhido de frustração, ele enviou-lhe um aceno de cabeça em seguida, dirigiram-se para a escada e até o terceiro andar. Seu lugar foi definitivamente melhor que o dela. Pelo menos ele poderia retirar-se para seu quarto e trancar a porta atrás dele.

Quando ele entrou em seu pequeno apartamento, ele foi direto para o sofá. Pelo menos aqui, o tormento de ter-lhe tão perto seria um pouco menos dolorosa. Ele não tinha certeza se poderia impedi-la de ver a profundidade quando se tratava de seus pensamentos. Mas ele precisava de cada grama de concentração que ele tinha para esconder o monstro dentro dele. Ia ser ruim vê-la assumir a dor de seu ferimento.

A ideia dela sentir o monstro dentro dele deixou um rastro de pânico nele. Deus, talvez ele devesse deixá-la ver como ele era. Ele esmagou o pensamento com um golpe. Não, ele se recusava a lhe causar dor alguma. Ele sabia o quanto ela odiava os *Pretorianos* por aquilo que tinha feito

aos seus pais. Ele encontrará uma maneira de esconder o seu segredo dela. O pensamento de ser o catalisador para trazer o passado à superfície e magoá-la era a última coisa que ele queria.

O cheiro dela encheu seus sentidos, ela encostou ao passar por ele. Doce. Oh, tão doce. Como um fruto picante, fresco e maduro para a colheita. Reprimiu um gemido quando ela afundou no sofá ao lado dele. *Il Christi omnipotentia*, ele não achava que ele poderia fazer isso. Ele só podia esperar que enterrado seu segredo profundo o suficiente. Tocá-la seria como entrar nos Campos Elísios mais uma vez, sabendo o tempo todo em meros segundos que alguém iria jogá-lo de volta para o inferno. Ela se virou para ele, e ele sabia que era tarde demais.

Capítulo 12

Atia encarou sua filha aos pés de sua cama. A expressão de Cleo vacilou entre preocupação e irritação. Ela sufocou um suspiro. Era compreensível que Cleo estaria confusa por seu comportamento.

— Pare de agir como se eu estivesse a beira da morte, *cara*. Eu desmaiei.

— Algo que você nunca fez antes em sua vida, mãe.

— Eu simplesmente estou sentindo o estresse da procura. Eu sei que estamos perto de encontrar o artefato, mas estou com medo de que os *Pretorianos* não estão muito longe de nós.

— Eu poderia talvez comprar aquela história, se não fosse pelo fato de que você desmaiou. Estresse não tem porra nenhuma a ver com o seu desmaio. — Cleo enfatizou a palavra ‘desmaio’ de uma forma um tanto sarcástica. — Aquela mensagem te assustou a ponto de fazer xixi.

— Você precisa usar este tipo de linguagem?

— Se a memória serve, não mais de quinze minutos atrás, você disse *fotte*.

— Touché, — ela murmurou com irritação tendo sua transgressão jogada de volta na sua cara.

— Então quem é Marcus, e quem é o menino?

Cléo cruzou os braços em seu peito e olhou Atia atentamente. Como ela se parecia com seu pai, forte, determinada, e tão segura de si mesma. Apesar de estarem frequentemente em conflito um com o outro, não fez nada para diminuir o amor que ela sentia por Cleo. Ela estava orgulhosa

de sua filha. Atia acenou sua mão em negação e encolheu os ombros, seu cérebro trabalhando rápido para formar uma resposta plausível.

— Marcus é alguém que conheci há muito tempo. Fiquei espantada ao ouvir seu nome.

— Ele conheceu papai? — A expressão de Cleo era uma curiosa especulação.

— Sim, ele conheceu, pelas circunstâncias. — É sempre melhor dizer a verdade tanto quanto possível.

— E a criança?

— Tantas perguntas. — Ela franziu o cenho. — Há algumas coisas que somente a *Prima Consul* está informada. Você sabe disso

— Eu entendo, — Cleo disse com um olhar indignado. — Mas eu nunca vi você agir assim a nada antes. Você está em algum tipo de problema?

— Sua imaginação é muito vívida, *caríssima*. Assustou-me ouvir sobre Marcus. — Ela forçou um sorriso em seus lábios.

— Obviamente, não me lembro a última vez que falou *fotte*. Na verdade, não consigo lembrar você dizendo isso até esta noite. Isso são duas estreias no espaço de cinco minutos.

— Tudo bem. Eu acho que agora nós estabelecemos o fato de que eu disse a palavra, — Atia estalou. — Podemos mudar de assunto? Talvez o tópico de dormir? Algo que ambas tivemos pouco esta noite. Lysander não está em necessidade de resgate, e eu gostaria de dormir um pouco mais.

Ela sabia que isso não ia acontecer. Não havia nenhuma maneira possível dela ser capaz de dormir agora. Agora que Marcus tinha encontrado Gabriel. Ela estremeceu e Cleo lhe enviou um olhar suspeito.

— Por que eu acho que você está aprontando alguma coisa?

— Eu não estou aprontando nada. Quero apenas descansar. — Exasperada, ela enviou um olhar severo para a filha. — E se não me engano você ainda estava levantada quando Marcus acordou a casa.

— Eu não conseguia dormir. — Cléo olhou para longe. Isso fez seu coração doer por sua filha.

— De novo? Ele não é digno de você perder o sono, *caríssima*.

— Eu não estava perdendo o sono por Michael.

— Por que eu não acredito em você?

— Porque você é minha mãe e está aterrorizada que eu nunca vou me vincular com sangue com ninguém.

— Não seja ridícula, — ela fungou indignada. — Eu não me importo se você trocar um vínculo de sangue com alguém ou não. Sua felicidade é tudo que importa para mim

— Estou feliz. Você simplesmente não quer aceitar que não estou pronta para qualquer tipo de compromisso.

— E isso é o porquê me preocupa.

— Não há *porquê* mãe. Eu estou fazendo o que os homens vêm fazendo por séculos. Estou entrando em campo e compensando o tempo perdido em nome do sexo feminino.

Atia fechou os olhos para insolência de Cleo, ainda teimosa, negação. Ela sabia o quanto sua filha tinha amado Michael Giordano, e quando o bastardo a tinha traído, o pensamento a fez estremecer. Cleo nunca tinha tolerado pessoas que mentiram para ela.

Um arrepio patinou por suas costas. O que ela faria se soubesse que sua mãe havia mentido para ela desde que era um bebê? Deus, ela deveria ter dito a verdade anos atrás. Que bom seria se ela tivesse feito. Seus olhos se abriram quando Cleo tocou seus ombros e em seguida inclinou-se para dar um beijo em sua bochecha.

— Descanse um pouco, okay? — ela disse enquanto deixava a sala. Com a porta aberta, ela pausou. — Eu te amo, *Mamma*.

— Também te amo, *caríssima*.

O amor nos olhos de sua filha fez o coração de Atia doer enquanto ela observava a porta do quarto se fechar atrás de Cleo. Cansada, ela apertou a ponta de seu nariz enquanto ela apanhava seu celular desligado do criado-mudo. Com um toque na tela, o telefone exibiu um papel de parede colorido e a hora. Seis e quinze. Amanheceria em breve. Ela encarou a tela do telefone até escurecer.

Inquieta ela levantou e andou pelo chão. Ela sabia que precisava voltar para cama, mas a ideia de deitar e não fazer nada mais do que sacudir e virar estava longe de ser atraente. Monte Palatino. Tinha sido há mais de dez anos desde que ela visitou pela última vez La Terraza Del Ninfeo. Ela tinha ido lá para pensar antes de aceitar o manto da *Prima Consul*. Havia uma serenidade sobre o decadente viveiro, que sempre acalmou os sentidos. Isso a ajudou a pensar.

Ela soltou uma risada debochada com a sensação agri-doce fluando sobre ela. Não. Não era a única razão pela qual ela estava obrigada a visitar La Terraza Del Ninfeo sempre que podia. Ela soltou um afiado ruído de alto-repugnância. Ridículo. Ela foi por que apreciava sua beleza. Ela silenciou o riso em sua cabeça como se estivesse golpeando uma mosca.

As ruínas estavam no meio de um dos pontos turísticos mais populares de Roma, o que as tornava relativamente seguras, mas nas primeiras horas da manhã ainda era perigoso. Ignacio não ficaria feliz que ela queria sair a esta hora tão cedo, particularmente não depois da excitação de Lysander.

A necessidade de escapar dos limites do quarto explodiu dentro dela, e com uma maldição, ela alcançou seu celular. O homem sempre pode enviar um dos outros lutadores com ela se ele não quisesse ir. Ele não faria isso. Ela rapidamente socou uma mensagem de texto em seu celular em seguida pressionou o botão enviar.

Nas últimas horas, um distinto frio tinha se estabelecido sobre a cidade. Tinha esfriado o seu quarto o suficiente para ela saber que precisava mais do que apenas um suéter que ela usava. Ela rapidamente recuperou uma leve jaqueta do armário, em seguida, desceu as escadas. Quando chegou ao hall de entrada, ela esperou impacientemente por Ignacio se juntar a ela.

Ela fez uma careta enquanto se lembrava o quão frenético Ignacio tinha sido outro dia quando ela tinha escapado dele para encontrar-se com Marcus. Ela tentou explicar sem revelar nenhum segredo, mas não havia impedido o homem de fazê-la entender o ato de desordem. Um suspiro rompeu em seus lábios.

Ignacio Firmani era um bom homem. Ele tinha sido bom para ela e Cleo. O homem adorava Cleo agora, tal como ele tinha quando ela era um bebê. Com o tempo, ele tornou-se parte de suas vidas que, quando ela tomou o rito de ascensão para o cargo de *Prima Consul*, tinha sido natural pedir a ele para agir como seu *Celeris* e chefe da segurança. Ignacio tinha dito sim e nada mais. Apenas sim.

Um rosnado insatisfeito ecoando acima de sua cabeça a fez olhar para cima para ver seu *Celeris* descendo os degraus com uma expressão sombria em suas feições enrugadas. Claramente descontente sobre as horas da madrugada, Ignacio parou na sua frente e curvou-se ligeiramente.

— Você precisa de mim, *Il mia signora*.

— Eu quero ver o nascer do sol de La Terrazza Del Ninfeo.

— O nascer do sol.

Era uma afirmação, mas ela ouviu a pergunta na nota sarcástica em sua voz enquanto ele acenou para ela com uma sacudida de cabeça. Mesmo que sua voz tenha sido sem emoção, ela

saberia o que ele estava pensando. Ciente de que ele tinha que estar cansado, ela balançou a cabeça.

— Não importa. Ambos estamos cansados, e você precisa descansar, — ela murmurou.

Ela não deveria tê-lo chamado. Deveria ter chamado Benedict ou Tony.

— Eu não sou aquele maldito velho, — ele murmurou enquanto ele olhava-a atentamente antes de virar a cabeça em direção aos fundos da casa. — E não vou descansar muito sabendo que você está correndo em volta de Roma sem mim.

— Pelo menos eu chamei você esta vez e não fui por conta própria, *vecchio amico*, — ela disse em um tom pacífico enquanto o seguia. No momento em que as palavras saíram de sua boca, ele parou abruptamente e rodopiou ao redor para encostar-se contra ela com uma expressão sombria.

— E da próxima vez que você fizer algo tão idiota, eu vou mantê-la sob sete chaves.

— Não seja ridículo, — ela disse com um sorriso exasperado. — Você não pode prender a *Prima Consul*.

— Eu não prenderia, — ele retrucou. — Eu estaria trancando Atia Vorenius, uma mulher cabeça-dura que é muito cega para ver o que está bem a sua frente.

Assustada com seu comportamento, ela engoliu em seco enquanto seus olhos estreitaram para ela. Houve um lampejo de fogo em seus olhos escuros que a surpreenderam ainda mais. Debaixo da calma, havia uma paixão nele que ela não tinha visto até agora. Ou ela deliberadamente se recusou a vê-la? De qualquer maneira, ela não sabia como reagir a isso.

— Não sou cabeça-dura. — Ela trancou a parte mais segura de sua declaração.

— Eu vejo. — Ele fechou a distância entre eles ainda mais, até haver apenas um ou dois centímetros entre eles. — Então o fato de você recusar a reconhecer a segunda parte do meu comentário não é ser teimosa?

— Eu... eu não sou definitivamente cega também, — ela estalou. — Eu vejo muito bem, muito obrigada.

— Você vê?

Sua mão agarrou-lhe o queixo, e ele a forçou a olhar diretamente em seu olho. Havia uma luz ardente em seus olhos castanhos que a fez contrair a garganta ligeiramente enquanto ele a encarava. Ele nunca a havia tocado de forma tão íntima antes. Foi um toque possessivo, e mudou o equilíbrio entre eles.

No fundo, ela sempre se perguntou se ele gostava dela, mas nem uma só vez em mais de vinte anos ela sabia que ele tinha se afastado de seu relacionamento platônico. E ele certamente nunca a tocou desta maneira. Apanhada desprevenida por seu comportamento incomum, seus olhos se arregalaram enquanto ele se aproximava, então parou a poucos centímetros de distância de sua boca. *Care Deus*, ele estava prestes a beijá-la? Mais cedo ela não tinha permitido o pensamento entrar em sua cabeça, então a mão dele enrolou em seu pescoço e ele a puxou para capturar sua boca em um beijo duro.

Ela estava tão surpresa que congelou, incapaz de pensar. No minuto em que sua língua provocou sua boca aberta, ela estremeceu. Era uma carícia quente, e embora ele simplesmente seduzia-a com sua boca, o beijo disse que ele queria fazer muito mais. O toque ardente de seus lábios contra os dela enviou um sinal de seu cérebro que ela sentia falta de ser beijada, ser tocada. O pensamento a fez responder instintivamente as suas carícias, sua boca movendo-se contra a dele.

Tinha sido um longo tempo desde que ela se julgava desejável, e seu toque quente a fez sentir exatamente assim, desejada. Tinha sido um tempo maior desde que um homem a tinha beijado com uma paixão que dizia que ele queria acariciar cada centímetro dela. A última vez... ela estremeceu e se afastou com um suspiro. *Matris Deus*, o que ela estava fazendo? Ela estava

ligada a sangue com Marcus. Quase como se ele pudesse ler seus pensamentos, seus olhos se estreitaram enquanto ele a estudava com um olhar feroz, sua respiração entrecortada. Em um movimento lento e sedutor, seu polegar roçou lentamente através de seu lábio inferior.

— Minha paciência está chegando ao fim, *caríssima*. Um dia, logo você terá que escolher entre mim e um fantasma, — ele rosnou ferozmente. — Esperei muito tempo por isso.

Chocada por suas palavras, ela o viu rodar bruscamente em seus calcanhares e seguir longe dela. Atordoada pelo que tinha acabado de acontecer entre eles, ela o seguiu através da cozinha e ao longo do estreito corredor que levava a garagem. De repente a firme, confortável relação que ela tinha desfrutado com Ignacio tinha virado de cabeça para baixo. Ele a fez se sentir incerta e na beirada.

Era como se ela estivesse sendo infiel a Marcus. Ela encolheu-se. Como ela poderia se sentir infiel a um homem com quem não tinha vivido há mais de 25 anos? A simplicidade da resposta a fez morder as lágrimas. Porque ela nunca deixou de amá-lo. Seu coração se contorceu com a dor do pensamento. Não era suposto que a vida tornar-se-ia menos complicada com o passar dos anos?

O silêncio entre ela e Ignacio não diminuiu enquanto eles entravam na garagem que era grande o suficiente para manter facilmente cinco ou seis carros. No momento havia apenas dois. Os dois Land Rovers. Um veículo buzinou quando Ignacio pressionou um botão em sua chave. Seu andar indicava uma raiva contida que aumentou a nítida tensão entre eles.

Quando ele puxou a porta do carro, nem se incomodou em olhar para ela enquanto ela entrava no Land Rover. A porta bateu com uma fúria que a fez saltar. Deus, ela o tinha visto irritado antes, mas não como isto. Esta exposição de emoção era tão diferente dele. Ele não disse uma palavra. Ele simplesmente dirigiu para fora da garagem com uma ferocidade que a fez enrolar seus dedos ao redor, apertando sua mão um pouco acima de sua cabeça.

A diplomata nela passou a trabalhar tentando descobrir a melhor maneira de lidar com a estranha situação que ela se encontrava com Ignacio. Enquanto ele dirigia através das ruas

relativamente vazias da cidade, ela olhava para as construções escuras e os cafés ocasionais da noite. Ele estava pensando em renunciar como *Celeris* dela?

O pensamento dele fazendo isso apenas a desanimou. Ele tinha sido seu amigo desde que Cleo tinha sido apenas uma criança, e ele era uma das poucas pessoas em que ela confiava na Ordem. Ignácio sempre parecia ter o pulso do Conselho, e ela tinha vindo para confiar nele não apenas informações, mas como uma tábua ressoante. Havia muitos políticos demasiados no Conselho rápido para atender suas próprias necessidades antes da própria Ordem.

Perder Ignacio significava que sua capacidade de governar seria enfraquecida. De fato um número de membros do Conselho olharia para capitalizar. A crista do Monte Palatine subiu a nossa frente, mas ela não estava mais perto de uma solução quando eles alcançaram seu destino do que ela estava quando eles deixaram a casa segura. Quando o carro parou, ela rapidamente alcançou a maçaneta da porta. Uma mão firme a impediu de sair. Seu olhar caiu para os fortes dedos enrolados em seu braço antes que ela olhasse para cima para encontrar seu olhar severo.

— Há alguns dias você desapareceu no coração da cidade sem o benefício da proteção. Esta manhã, você teria vindo aqui mesmo se eu tivesse proibido você de deixar a casa. — Ele olhou para ela enquanto ela abria a boca para protestar. — Não. Eu a conheço muito bem. Como *Prima Consul* da Ordem *Sicari* você está assumindo riscos inaceitáveis. Se os *Pretorianos* capturarem você, realmente acha que será capaz manter-se de dizer-lhe todos os seus segredos?

Ela engoliu em seco em sua pergunta. Ela deveria dizer a ele que não tinha estado em muito perigo em Santa Maria sopra Minerva? Não. Embora ela confiasse em Ignacio, não havia necessidade dele saber sobre os *Senhores Sicari*. Eles não eram invencíveis, e eles operavam o *Absconditus* em segredo para proteger os mais jovens *Senhores Sicari* que foram treinados. Crianças como Gabriel. Sua respiração ficou presa na garganta enquanto ela fechava-se a dor da memória que Gabriel trouxe.

— Você está certo, — ela disse com firmeza. — Terei mais cuidado para não fazer você ou os outros se preocuparem com minha segurança enquanto estamos em Roma.

— *Fotte*. Eu não estou dizendo isso como seu *Celeris*. Estou dizendo isso como um homem que se importa com você, profundamente.

A intensidade em sua voz a fez estremecer. Deus, isto estava se tornando muito complicado. Ela queria a familiaridade confortável que ela estava acostumada na presença dele. Ela desviou sua cabeça e acenou sem vontade de dizer nada. A tensão entre eles era muito volátil. Um momento depois, ele pronunciou um suave rosnado de frustração e a soltou. Uma horda de *Pretorianos* em seus calcanhares não poderia ter feito ela se mover mais rápido para fora do Land Rover.

Ela ouviu Ignacio sair do veículo também e pulou pela maneira como ele bateu a porta do carro. Era algo que normalmente ele não teria feito. Som sempre chamou sua atenção. Ela engoliu o impulso imediato de castigá-lo. Em vez disso, ela circulou a parte traseira do carro e comandou o passeio até a La Terrazza Del Ninfeo. O fato de que a maioria do Monte Palatine estava fechada ao público para os trabalhos de escavações fez um pouco mais difícil de alcançar seu objetivo, mas ela sempre manteve um conjunto de credenciais arqueológicas no carro.

Mesmo com a pista ainda oculta nas sombras finais da noite, ela não teve problemas conduzindo o caminho de terra que levava até os aviários. Rainaldi tinha desenhado os dois edifícios no século XVII para um membro da família Farnese, e foi seu lugar preferido em toda Roma. Sempre que ela visitava aqui, acalmava-a, dando-lhe uma sensação de paz que nem sempre era fácil de encontrar em seu papel como *Prima Consul*. O silêncio, especialmente neste momento da manhã, era algo que ela estimava.

Atrás dela, ela ouviu os passos de Ignacio desaparecer enquanto saiu do caminho para ficar de guarda. O céu tinha clareado consideravelmente, e ela rapidamente circulou a luz, aviários coloridos de corais para desfrutar a vista. O ar fresco que ela respirava tinha uma suavidade como quem dizia que a primavera seria cedo este ano.

Ela se mudou para se sentar em um banco de pedra que dava para a cidade. Já podia sentir alguns de seus estresses aliviarem enquanto a solidão a envolvia. Uma fina linha amarela beirava o seu caminho ao longo do horizonte iluminando a cidade com suaves tons de amarelo, rosa e malva. Conforme a linha engrossou, ela franziu o cenho. O que ela ia fazer sobre Ignacio? O

homem tinha literalmente se declarado no carro. Algo lhe dizia que ele não estava disposto a deixá-la fugir do assunto, não importa o quão difícil ela tentasse. E esse era um assunto que ela queria evitar.

Ela não poderia lhe explicar que o homem que ele pensava que era um fantasma de seu passado ainda estava vivo. E que ela ainda estava ligada a ele. Será que Marcus estaria disposto a quebrar o seu vínculo de sangue? Se o mais recente encontro deles era tudo para continuar, ela estava certa de que ele se oporia fortemente a fazê-lo. Depois havia a questão se ela queria terminar com ele.

Com uma carranca, obrigou-se a assistir o nascer do sol sobre a cidade. Ela veio aqui para encontrar alguma paz. Por um longo tempo ela não fez nada, apenas observou enquanto o sol lentamente deslizou seu caminho para cima para pintar tons de creme e rosa nas fachadas dos monumentos antigos de Roma.

Cor derramou através do despedaçado Coliseu, o Panteão, e outros monumentos do Monte Capitoline. A vista era deslumbrante e ela estava tão perdida em sua beleza que ela não soube que ele estava ali até seu pescoço arrepiar com aquele frissom familiar. Apenas Marcus poderia evocar este tipo de sensação nela. Ela saltou aos seus pés e se virou para vê-lo de pé a poucos metros de distância. Seus olhos da cor do céu estavam ilegíveis, seu olhar encontrou o dela.

— Eu achei que você poderia vir aqui, — ele disse calmamente.

À luz da madrugada, ele era magnífico. O prateado em seu cabelo escuro parecia predominante hoje do que quando eles se encontraram na cripta. Mas isso não diminuiu suas características, de tudo, o fez ainda mais bonito. Ele havia descartado sua capa de monge por um suéter azul escuro e calças combinando, e ele usava sua espada na bainha pendurada sobre suas costas. Os músculos bem definidos debaixo de sua roupa pertenciam ao de um homem mais jovem, uma clara indicação de que ele estava em excelentes condições físicas. Ela respirou fundo.

O homem não era apenas magnífico. Ele era devastador. Talvez mais do que quando eles se conheceram todos aqueles anos atrás. Apesar dos vários metros entre eles, ele instigou um calor nela que nenhum homem jamais tinha sido capaz de duplicar. Ela engoliu em seco enquanto ela

lutava para manter seu coração batendo a um ritmo lento e fácil. Ela falhou. Por que ele estava aqui? Tinha ele...seu coração disparou em seu peito.

— Gabriel? — ela sussurrou.

— Não, *caríssima*. Nada mudou. — Ele se moveu rapidamente para margear o banco e pegar suas mãos nas suas. — Eu vim porque eu sabia que minha mensagem iria incomodá-la. Gostaria de ter permanecido em silêncio, exceto pelo fato de que você estava irritada da última vez em que guardei algo de você.

Um triste sorriso escapou dela. Agora o homem decidiu ouvi-la. Ela não resistiu quando ele gentilmente a obrigou a sentar no banco. Ele tinha vindo porque ele estava preocupado sobre ela. Isso a fez se sentir estimada. Ela franziu o cenho. Como ele sabia onde ela estava?

— Como você me encontrou? — Incomodava-a ouvir sua respiração ofegante. Ele sorriu quase como se tivesse lido sua mente, mas ela sabia que era a expressão em seu rosto que lhe escapou.

— Eu lembrei como você sempre gostou de apreciar o nascer do sol a partir deste ponto de vista quando você precisa de solidão, — ele disse enquanto soltava uma das mãos.

O fato de que ele se lembrava fez seu coração inchar com uma felicidade que ela não queria sentir. Ela estava grata por ele não mencionar a última vez que os dois tinham estado aqui. É uma lembrança maravilhosa, mas se Marcus estava sempre para descobrir a verdade...ela se recusou sequer considerar essa possibilidade. Enquanto ela estudava seu rosto, sua expressão solene a incomodou.

— O que você vai fazer... sobre Gabriel?

— Ele não é mais Gabriel, *cara*. — Ele manteve sua mão enquanto se virou para encarar a vista na frente deles. — Ele quase matou Condellaire.

— Querido Deus. Aquelas eram as digitais de Gabriel no pescoço de Lysander? — ela ofegou.

— Sim. Se eu tivesse chegado apenas alguns minutos depois... — Havia um tom de preocupação em sua voz que a assustou. Ela já tinha perdido seu filho. Ela não perderia Marcus, também.

— Você deve enviar a Dante.

— O menino não está pronto.

— Ele tem sido seu aluno desde que tinha cinco anos. Você está me dizendo que ele não foi capaz de aprender nada? — Suas palavras arrogantes foram deliberadamente para alfinetar seu ego, e quando ele endureceu ao seu lado, ela sabia que tinha tido sucesso.

— Seu ponto foi bem entendido, mas então Gabriel é minha responsabilidade, não de Dante. As ações de meu filho refletem em mim.

A nota inflexível em sua voz a irritou. Todos os *Sicari* do sexo masculino eram teimosos ou ela simplesmente teve a infelicidade de conhecer apenas um obstinado? Quando ela agarrou firme seu braço, ele virou sua cabeça para olhar para ela.

— Eu já perdi um... o meu filho... você espera que eu lamente por você também? — ela retrucou.

Um pequeno sorriso apontou no canto de sua boca, e ele levou suas mãos aos lábios dele. Ele beijou levemente a ponta de seus dedos, sua respiração preenchendo os poros de sua pele com calor. O calor ardente afundou para o nível celular, onde criou uma sensação de reação em cadeia que acelerou como um relâmpago através de seu corpo.

— Essa é a segunda vez na semana que você expressa sua preocupação com meu bem estar. Talvez ganhar seu coração novamente não será tão difícil quanto eu pensei. — Seus olhos encontraram os dela enquanto delicadamente virou a palma de sua mão para cima e beijou a

cicatriz no centro. A ternura no toque a lembrou de tantos outros momentos semelhantes, e ela lutou firme para manter sua respiração.

— É natural ficar preocupada com o pai do meu filho, — ela sussurrou.

— Essa é a única razão, *inamorata*?

Ele deslizou sua boca para o interior de seu pulso. A carícia enviou uma corrente de fogo correndo para cima de seu braço até bater em seu ombro e espalhar rapidamente para o resto de seu corpo. Um nó amarrou em sua garganta enquanto ela lutava para pensar em algo coerente para dizer. Pelo amor de Júpiter. Ela era a *Prima Consul*. Ela poderia pensar juntar duas palavras em uma mesma frase.

— É claro, é a única razão. — Alívio varreu através dela no som prático de sua voz. Com um rápido suspiro, ela se libertou de seu toque e deslizou ao longo do banco para colocar distância entre eles.

— Eu vejo, — ele disse com uma carranca enquanto ele a prendeu com seu olhar azul impressionante.

Quando ela não vacilou diante de seu olhar duro, sua mandíbula se tornou uma linha nítida de granito. Ele olhou para longe dela e encarou a cidade lentamente voltando à vida diante de seus olhos. Ela estudou seu perfil por um longo momento antes de seguir seu exemplo e olhar para Roma espalhar-se diante deles desbotada, mais ainda assim bela, gloriosa.

O comportamento do homem estava completamente confuso, e ela achou isso inquietante. Isso significava que ela não estava no controle. Ele estava. Mas então ele sempre esteve no controle onde ela estava envolvida. Tinha sido uma das razões que ela tinha caído de amor por ele. Um tremor passou através dela enquanto ela observava que o sol estava mais da metade ao longo do horizonte. Em mais alguns momentos, o nascer do sol seria completo. Parecia mais um fim do que um começo.

— Então você ainda puxa sua orelha quando está nervosa ou preocupada com alguma coisa. — Sua observação a fez sobressaltar assim que percebeu que ela estava esfregando sua orelha entre os dedos. Ela rapidamente derrubou sua mão enquanto seus olhos encontraram os dele divertidos. — Você sempre foi boa em fechar seus pensamentos de mim, *caríssima*, mas sempre que você puxava a orelha, eu sabia que você estava chateada ou tentando esconder algo de mim.

Sua diversão dizia que ele a estava provocando, e seu batimento cardíaco aumentou mais alguns graus. Ela não queria que ele a provocasse. Ele era perigoso quando flertava com ela. E enquanto uma parte dela apreciava sua maneira galanteadora, outra parte dela estava enviando protestos barulhentos e avisos para o cérebro.

— Naturalmente você escolheria se lembrar de algo menos lisonjeiro, — ela murmurou em um tom descontente.

— Em você, eu sempre achei isso *bellissima*.

Sua voz era um golpe suave contra seus sentidos, e ela lutou para manter-se sem tremer. Por que não poderia Ignacio fazê-la se sentir assim? Como se estivesse à beira de algo maravilhoso e emocionante. Ela rapidamente descartou o pensamento. Onde Marcus estivesse envolvido, ela não queria sentir absolutamente nada. Mas ela sentia, e ela se odiava por não ser capaz de andar para longe dele, como ele sempre andou longe dela.

No minuto que o pensamento entrou em sua cabeça, ela fez uma careta. Isso foi injusto com ele. Dever e responsabilidade eram uma parte de ambos. Não havia outra escolha, para nenhuma deles. Eles nunca deveriam ter feito um vínculo de sangue. Isso tinha apenas trazido dor de cabeça. Era hora de deixar cada um partir. Hora de parar de sonhar o que poderia ter sido.

— Se você quiser ser liberto de nosso vínculo de sangue, eu não terei objeção, — ela disse calmamente.

Um olhar escuro atravessou suas feições, e num piscar de olhos, ele estava em seus pés. Olhos azuis brilhando com raiva, ele nem mesmo estalou um dedo enquanto ele usou suas

habilidades para arrastá-la em seus pés e puxá-la aos seus braços. Assustada com sua resposta, ela o encarou em espanto.

Deus, ele sempre a fazia se sentir pequena quando se elevava sobre ela assim. E ela não era pequena. Palmas espalharam-se sobre o peito dele, ela podia sentir seu coração batendo em um ritmo surpreendente, e sua boca ficou seca com seu olhar possessivo que brilhou em seus olhos.

— Você está me dizendo que há alguém mais? — ele esganiçou.

A questão era um aviso para tomar cuidado com a forma que ela respondesse, e um pequeno arrepio deslizou por sua espinha ao perceber que ele poderia realmente estar com ciúmes. Sem pensar, ela respirou seu perfume. Cortante e frio como o ar. Ele despertava nela uma emoção que nenhum outro homem jamais seria capaz.

No instante em que ela admitiu a verdade, ela percebeu que teria de ferir um grande amigo. O único homem que tinha estado com ela sempre que havia necessidade de um ombro forte para apoiá-la. A imagem de Ignacio escorregou em sua cabeça, e ela ouviu Marcus sugar uma respiração áspera e irritada. Imediatamente, a resposta que ela estava pronta para dar morreu em sua garganta quando ela viu escurecendo os olhos dele.

Capítulo 13

— Quem é ele?

O segundo expressou o comando, ele sabia que não queria ouvir sua resposta. Se ela tivesse traído o seu vínculo de sangue, ele teria o direito de matá-la, mas ele sabia que nunca poderia tirar a vida dela. Não importa o que ela fez ou a forma terrível como ela o traiu, ele não faria mal a um fio de cabelo em sua cabeça. Suas mãos empurraram os ombros dele enquanto ela tentava ficar longe dele.

— Não há ninguém. — Apesar da sinceridade em sua voz, ele ainda duvidava.

— Não minta para mim, Atia, — ele rosnou.

— Eu não estou mentindo. — Sua voz tremeu quando ela olhou para ele, antes que ela olhasse para ele com um desafio familiar. — E mesmo se houvesse alguém, você não tem o direito de fazer a pergunta.

— O vínculo de sangue me dá o direito.

Ele apertou o abraço quando sua grossa e escura voz ecoou entre eles. Era um som de desespero e ele sabia disso. Ele estava perdendo-a. Agora, depois de todos esses anos de espera. Todos esses anos treinando Dante para assumir o manto para reinar como um *Senhor Sicari*, ele a estava perdendo. Ele estremeceu.

— Nós dois sabemos que o vínculo de sangue não faz sentido neste momento.

Suas palavras foram um acentuado chicote no ar, esfolando o coração aberto. A mulher sabia exatamente como extrair o máximo de sangue dele. *Christus*, ela era a única pessoa, tirando seu filho, que cairia de bom grado sobre sua espada. Ele balançou a cabeça.

— Nunca foi sem sentido para mim. Você esteve em meus pensamentos e coração a cada dia que estávamos separados. — Seus dedos seguraram seu queixo quando ele forçou-a a olhá-lo.

diretamente. — Eu lhe disse que teria dado isso para você. Eu quase fiz ontem à noite que estivemos juntos como amantes. Aqui neste mesmo lugar. Você nunca vai saber como eu estava perto de ir a Tito e abdicar meu título.

Ela empalideceu, os olhos cinzentos alargando até que ela parecia tão jovem quanto na primeira vez que ele pôs os olhos nela. Ele olhou sua boca se mover como se estivesse lutando por palavras, e ele cedeu ao desejo que tinha reprimido desde que tinha a visto pela primeira vez no outro dia.

Rapidamente, antes que ela pudesse protestar, ele capturou a sua boca embaixo dele. Seu tremor repercutiu o seu caminho para ele, enchendo-o com uma quente satisfação. Ela não estava tão resistente a ele como ela pretendia. Os anos separados desvaneceram quando ela lentamente se abriu para ele e respondeu ao seu beijo. Sua língua varreu o seu caminho em sua boca, enquanto ele provocava uma resposta nela que o fez crescer duro com desejo.

Suas mãos agarraram seus quadris para puxá-la mais perto, levantando-a ligeiramente até sua ereção intimamente pressionar no ápice de suas coxas. Um pequeno suspiro escapou ao toque, que ele engoliu quando aprofundou o beijo. Sua boca deslizou dos seus lábios para o seu rosto. Louvado Júpiter estava sendo dada uma nova chance com ela. Ele mordiscou sua orelha.

— Diga-me que você me quer, *mea amor*.

— Eu... — Ela de repente, deu silvo agudo do ar e empurrou contra ele na tentativa de escapar de seu abraço. — Maldito seja, Marcus Vorenus. Eu não vou deixar sua doce conversa fazer o que quiser neste momento.

— Você pode negar o quanto quiser, mas você sentiu minha falta tanto como eu senti de você, *caríssima*.

Seu coração torceu violentamente no peito com a forma como ela estava tentando julgar ele. Eles.

— Como sempre, você pensa muito bem de si mesmo, — ela estalou, mas ele viu um clarão de emoção em seus olhos cinzentos. Deu-lhe esperança.

— Não. Eu apenas quero reivindicar o que é meu.

— Reivindicar a mim.

Sua exclamação foi uma mensagem silenciosa de raiva ralando em seus sentidos. Ele sabia que ela odiava quando ele era autocrático, mas no momento, ele estava fora das opções. Se houvesse outro homem tentando levá-la dele, ele não ia deixá-la ir sem lutar. A expressão em seu rosto tornou-se arrogante e rebelde.

Um sussurro de repente ecoou em sua cabeça e ficou mais forte. O *Celeris*²² estava a caminho. Ele podia lidar com o homem. Ele não estava prestes a sair até que a ouvisse dizer que ainda se preocupava com ele.

— Eu me lembro de lhe dizer que eu viria por você. — Ele enviou-lhe um olhar arrogante que disse a ela que deveria ter sabido que iria manter sua palavra.

— Isso é tão típico de você - arrogantemente supondo que eu ficaria mais feliz em recebê-lo de volta com os braços abertos.

— Não minta para mim, ou para você mesma, Atia. Não houve divisão entre nós a noite que fizemos amor aqui. — Ele agarrou a mão dela com a sua longa cicatriz em toda a palma da mão e acariciou-a com o dedo. A mancha em sua mão zumbia em resposta.

— Aquela noite foi um erro, — ela respirou e pânico invadiu seu rosto.

Ele franziu o cenho. Alguma coisa estava errada. Mas ele estava sem tempo.

Sem se virar, ele ergueu um muro invisível entre o *Celeris* e ele. Ele ouviu o grunhido do guarda-costas quando se chocou com o obstáculo. Lentamente, ele virou o rosto para o homem. O *Celeris* estava com a cabeça inclinada, a mão cobrindo o nariz. Havia algo de familiar sobre ele. No momento em que o homem olhou para encontrar o seu olhar foi como um violento choque elétrico para seu sistema. Este foi o homem que ele tinha visto nos pensamentos de Atia. O pensamento racional o deixou quando sua espada voou para fora de sua bainha e escudo invisível entre ele e outro homem caiu.

Antes que ele pudesse se mover, Atia permaneceu entre ele e os *Celeris*.

²² Guarda-costa, assessor da Prima Consul.

— Afaste-se, Atia. — Ele a viu estremecer antes que sua expressão revelasse que ficaria plantada em seus calcanhares.

— Parem com isso agora, Marcus. Ignacio é jurado para me proteger.

A voz de Atia estava afiada quando enviou-lhe um olhar que disse que ia lutar com ele se prosseguisse. Ele enfureceu-o, mas ao mesmo tempo, o fez amá-la muito mais por sua lealdade. Atrás dela, o *Celeris* rosnou.

— Você conhece este homem? Como? — O tom do homem era muito possessivo para o gosto de Marcus. — Sim. — Ela não olhou para o homem. — É complicado.

— Dificilmente complicado, *Caríssima*. — Marcus rosnou, enquanto observava os pensamentos do outro homem se alinhando com pedaços de informação, na tentativa de entender o que ela estava dizendo.

— Nós acabamos aqui, — ela disse com firmeza. — Ignacio e eu estamos indo embora.

— Este é ele, não é? — O desprezo na voz do *Celeris* o fez automaticamente pensar em embrulhar os dedos ao redor do pescoço do homem quando o homem continuou a falar. — Este filho da puta é o pai de Cleo? Isto é o que eu tenho competido com todos esses anos? Não é o fantasma de um morto, mas um pai caloteiro?

Sua capacidade de sufocar o homem desapareceu. As palavras do homem poderiam ter sido um golpe de espada, e ele não teria estado menos atordoado. Ele não conseguia se mover. Não poderia pensar. Tudo o que podia fazer era olhar para o *Celeris*, que estava estudando-o com um olhar de desprezo. Em algum lugar no fundo da sua mente, ele sabia que em qualquer outro momento esse olhar do bastardo ganharia uma corrida através do desafio, simplesmente por desrespeitar um *Senhor Sicari*. Seu olhar passou a Atia, que o observava com uma expressão de medo e angústia.

— Uma filha? Eu tenho uma filha? — Sua voz era rouca. Quase um sussurro. Os olhos de Atia estavam arregalados no rosto, um olhar assombrado em suas profundezas cinzentas. Ela desviou o olhar e enfureceu-o. — Responda-me.

— Sim. — Era uma simples palavra, mas seu efeito foi devastador. Ela o traiu. Ela manteve o seu filho longe dele. Depois Gabriel, como ela poderia fazer algo assim?

— Você não disse a ele? — De repente, o *Celeris* estava quase simpático. Ele não queria a compaixão do homem.

— Deixem-nos. — O comando de sua voz fez Ignacio empurrar seu olhar em direção a ele, um olhar intratável em seu rosto. É evidente que o homem não estava prestes a ir a qualquer lugar sem as ordens de Atia. Não se preocupando em olhar para ela, Marcus deu a sua segunda ordem. — Diga a ele.

— Inácio, por favor, vá. — A nota apologética em sua voz alimentou a ira queimando por dentro dele.

— Não Atia. Diga-lhe. — Ele falou entre os dentes cerrados. — Tudo.

Quando ela não falou, ele voltou seu olhar sobre ela. Sua mandíbula se apertou. Ela disse que não havia ninguém, e ainda parecia haver um carinho especial com o *Celeris*. Tinha sido muito fácil para ela traí-lo quando se tratava de esconder a sua filha. Por que ele acha que ela não havia traído seu vínculo de sangue? Deus, ajude-lhe se ela tinha. Sua linda boca mudou um pouco como se estivesse lutando para falar. Ele estreitou o olhar para ela.

— Ignacio, é... Ele não é apenas o pai de Cléo. Estamos ligados por sangue.

No instante em que pisou em direção ao *Celeris*, ele alcançou seus pensamentos e a empurrou a um impasse. *Christus*, ela começou realmente a ir para o outro homem. Ela virou a cabeça com um olhar de súplica no rosto.

— Marcus... Por favor.

— Se. Refira. a. Mim. Corretamente, — ele rosnou. — Eminência.

Ele não lhe deu a oportunidade de continuar quando virou a cabeça de volta para o *Celeris*.

Satisfação rodando pelo seu sangue ante a expressão do homem atordado.

— Vá. — Ele segurou o olhar do outro homem com um olhar frio, mas o *Celeris* não se mexeu.

Quando o bastardo de repente olhou para Atia, sua mandíbula se apertou dolorosamente com raiva.

Com um aperto mental que imediatamente fez o homem ficar com falta de ar, lentamente começou a engasgar o guarda-costas.

— Marcus-

— Mostre respeito, Madame Consul. — Ele viu a fuga de cor de seu rosto enquanto ele aumentou seu aperto mental em seu *Celeris*.

— Eminência, por favor. Ele é jurado de sua vida para me proteger, assim como eu jurei lealdade a você. — O olhar dela não vacilou do seu enquanto ela insistiu com ele.

— Um juramento que você traiu.

— Pelo amor de Deus, Marcus. Eu não te traí.

Seu invisível aperto comprimindo na garganta do outro homem um pouco mais.

Houve algo em sua voz que lhe assegurou que ela estava dizendo a verdade.

Pelo menos ela não tinha traído seu vínculo de sangue. Mas sua filha. . . era outra coisa. Ele arrastou o olhar dela para o homem cuja vida ele tinha na mão. Com um rugido de fúria, ele ligou-lhe o pulso e mandou o *Celeris* caindo de costas no chão. Ele caminhou para frente como uma torre sobre o homem. Uma pequena quantidade de respeito do homem deslizou seu caminho através de sua raiva quando o guarda-costas não encolheu, apesar das contusões rapidamente se formando em sua garganta.

— Eu não vou te dizer uma segunda vez. Deixe-nos.

Com um aceno de cabeça, o homem cambaleou aos seus pés e caminhou de volta para o hall. Atrás dele, Marcus quase podia ouvir o barulho do bater do coração em pânico de Atia. Ela tinha um bom motivo para ter medo. Lentamente, ele se virou para encará-la.

— Ela sabe?

— Que seu pai é um *Senhor Sicari*? Não. — A voz de Atia estava sem fôlego quando balançou a cabeça.

— Por que você não me contou? — A dura pergunta a fez estremecer. Ele não se importava. Ela manteve sua filha longe dele.

— Eu estava com medo.

— De quê? — ele rosnou. — Que eu a levasse de você?

— Sim. — Sua resposta estava com a mesma calma de quando lhe deu um tapa. Sua cabeça foi para trás em resposta, enquanto olhava para ela em descrença. Ela olhou para longe dele. — Eu tinha medo que você a leva-se e eu a perderia assim como eu perdi Gabriel.

— *Il omnipotentia Christi*, — respondeu asperamente. — Você me culpa por Gabriel.

— Não, — ela exclamou com veemência. — Nada poderia ter evitado o que aconteceu com Gabriel. Mas o pensamento de perder outro filho. . . perder uma parte de você. . . era mais que eu podia suportar.

— Você realmente achou que eu iria levá-la de você? — No momento em que ele fez a pergunta, ele sabia a resposta. Ele teria feito tudo ao seu alcance para proteger a criança.

— Você sabe que teria, — ela disse ferozmente. — Não negue isso. Se os *Pretorianos* tivessem sabido que ela era sua filha, teriam vindo atrás dela pela sua linha de sangue.

— E se soubesse que ela era sua filha. .

— Você deveria ter me avisado, — respondeu asperamente, ignorando a frase inacabada.

Ela estava certa. Se os *Pretorianos* soubessem que tinha uma filha, eles teriam feito tudo o que podiam para encontrá-la. O Collegium Pretoriano teria visto Cleo como uma oportunidade de raça. A menina teria sofrido uma vida infernal. Ele girou longe de Atia e olhou para fora, para Roma, agora totalmente iluminada pelo sol da manhã. Uma filha. Ele tinha uma filha que ele nunca conheceu. Enquanto os dois tinham perdido Gabriel, ele perdeu mais. Ele tinha perdido a alegria de conhecer sua filha - observá-la crescer. O leve toque da mão de Atia em seu braço o fez saltar, mas ele se recusou a olhar para ela.

— Ela estava mais segura comigo, *caro*. Ninguém sabia que você era o pai. — A validade de sua declaração não fez nada para aliviar sua raiva ou dor.

— Será que ela sabe quem é seu pai? Que eu estou mesmo vivo? — Seu maxilar endureceu enquanto esperava pelo golpe que ele sabia que estava por vir.

— Eu não a corriji quando ela assumiu que estava morto. Era mais fácil –

— Mais fácil para quem? Você ou ela? — Era impossível manter a amargura de sua voz.

— Para ela. Nunca foi fácil para mim. A cada segundo que ela estava fora do meu alcance, eu estava apavorada que algo aconteceria com ela. Mesmo quando - quando ela aprendeu a se defender, eu me preocupei. Isso nunca vai mudar.

Ele não disse nada. Nada que qualquer um deles dissesse lhe daria de volta o passado. E nesse momento, ele não se importava com o que Atia sentia. Nem uma única vez desde que tinha se tornado *Prima Consul* tinha tentado contar-lhe sobre sua filha.

— Seu *Celeris* a chamou de Cleo.

— Sim, é o apelido para Cleópatra, — Atia disse com um nó em sua garganta. — Eu me lembrei que era nome de sua mãe. Eu queria que ela tivesse o máximo de você que eu pudesse.

— Eu quero conhecê-la.

Ele a ouviu dar uma respiração afiada, e ela rapidamente se afastou dele. Quando ele virou a cabeça para olhá-la, o medo em seu rosto nem sequer o fez hesitar. Ela fez sua escolha, agora ele fazia a sua. Ele queria conhecer a sua filha.

— Eu preciso de tempo, — ela disse com um estremecimento de suas mãos.

— Você teve tempo de sobra. Por que você precisa de mais?

— Você não a conhece, Marcus —

— Não. Eu não. — Ele grunhiu as palavras, a sua ira subindo ao topo mais uma vez. — Mas eu estou indo corrigir isso.

— Você não entende... Ela vai me odiar.

— Mas eu entendo, *Caríssima*. Eu entendo muito bem por que ela pode te odiar.

— Vai ser mais do que isso, se eu não puder explicar meus motivos. Será como se eu estivesse morta para ela. Eu preciso de tempo para fazê-la ver que eu só queria mantê-la segura. — Seu suplicante olhar encontrou o dele.

— Por favor, Marcus, por favor. Dê-me uma ou duas semanas para encontrar uma maneira de contar isso para ela com cuidado.

Ele se afastou dela. Ela não merecia ter seu pedido concedido, e, no entanto ele sabia que iria concordar. No fundo, ele sabia que se tivesse estado em sua posição, ele teria feito a mesma coisa. Ele não podia acusá-la de sua determinação de manter sua filha segura. Mas isso levaria tempo para ele perdôá-la por não ter contado a ele sobre Cleo antes.

Sua traição não era algo que poderia facilmente perdoar e esquecer o que tinha feito seria impossível. Mas havia algo a ser dito para adiar o encontro. Ele precisava de tempo para digerir o fato de que ele era um pai de novo. Era um pensamento agradável. Era bom pensar em si mesmo como um pai, depois de tanto tempo. Com sua decisão tomada, ele a enfrentou mais uma vez. A angústia em seu rosto rasgou o seu coração, mas ele resistiu ao impulso de confortá-la.

— Você tem duas semanas. — Sua mandíbula ficou rígida com a tensão, enquanto as lágrimas encheram seus olhos. *Il Christi omnipotentia*, ele nunca tinha sido capaz de lidar com suas lágrimas. — Duas semanas e nada mais. Vou conhecer a minha filha, Atia, e isso é uma promessa.

Ela assentiu com a cabeça antes de se virar e desceu a colina. Dor se alastrou por ele, enquanto observava-a ir. *Christus*, ele era um bastardo idiota. Mesmo agora, quando ele sabia que ela esteve mentindo para ele todos esses anos, ainda achava difícil deixá-la ir embora. Ele era um tolo por amá-la, e um idiota ainda maior por querer mantê-la com ele.

Capítulo 14

O minuto que Phaedra passou pisando por Lysander para sentar no sofá, o cheiro dele roçou através de seus sentidos. Ela não achou que havia um único nervo em seu corpo que não estava em um alto estado de alerta enquanto ela lutava com uma mistura de emoções. Ela ficou furiosa quando ele deixou seu quarto uma hora ou logo depois da meia-noite. Furiosa, machucada, mas acima de tudo atordoada.

Um minuto ele estava à beira de fazer amor com ela e no próximo ele a estava rejeitando novamente. Tudo porque ela gritou de surpresa quando ele a acariciou com sua mente. Relutantemente, ela admitiu que seu toque invisível a tinha assustado por um breve momento. Ela precisou apenas de um instante para reconhecer o curso dos pensamentos de Lysander em sua pele, mas esse momento fugaz de atraso tinha quebrado a cadeia frágil da conexão entre eles.

Tinha lhe dado uma desculpa para colocar distância entre eles. Mas ela se recusou a acreditar que a única razão pela qual ela tinha instigado o beijo deles foi sua necessidade de assumir o controle. Ela tinha ido dormir se sentindo segura e tinha acordado ao som do coração dele batendo abaixo de sua bochecha. Beijá-lo não tinha sido sobre controle. Ela fez isso porque o amava. Porque ela sentia saudades dele e queria sentir seu toque de novo.

Em vez de agarrar suas mãos, ela se inclinou para examinar cuidadosamente o ferimento em seu braço, em seguida, os hematomas em seu pescoço. Não era incomum para um curador estudar um ferimento antes do Curavi. Ajudava-os a focar suas energias na pior ferida em primeiro lugar, mas ele endureceu ao seu toque, no entanto. Ferimentos graves sempre foram curados até um ponto onde o corpo pudesse facilmente continuar o processo de cura sem estresse excessivo e dor da parte do curador ou do paciente. Para ela, examinar as feridas de Lysander era simplesmente a necessidade de um breve momento de acalmar seus nervos.

Apesar de seus ferimentos de hoje à noite não eram inconseqüentes em relação aos seus ferimentos horríveis no ano passado, ele se sentiu desconfortável. O olhar dele se deslocou para baixo em sua garganta. A contusão escura em seu pescoço ainda fazia seu estômago revirar. As impressões eram claramente dos dedos de alguém. Quem quer que o sufocou tinha que ter muita força para deixar esse tipo de machucado, particularmente sendo Lysander tão forte.

Ela tinha certeza que a garganta dele tinha que estar ferida quase tanto quanto o corte desagradável em seu braço. Deus, ele iria realmente deixá-la realizar o Curavi nele? Na última vez que ele realmente tinha precisado do toque dela, ele recusou. Ela respirou fundo na memória. O olhar dela encontrou o dele, e ela franziu a testa ligeiramente. Se ela não soubesse melhor, ela poderia ter jurado que havia um olhar de pânico naqueles olhos verdes, lindos e profundos.

Ela descartou a ideia. O que poderia possivelmente tê-lo preocupado? Se alguém deveria estar preocupado, era ela. A dor que ele tinha experimentado era apenas parte do que ela sentiu durante a sua cura. Havia uma forte possibilidade de ela ter recebido impressões e imagens dele, e não necessariamente do que quer que tenha acontecido com ele esta noite.

Não era incomum para um curador ver ou experimentar as emoções de seus pacientes. Era a pior parte de ser capaz de curar as pessoas. Treinamento a tinha ensinado a disciplina de proteger o impacto emocional durante o processo de empatia, mas quando as pessoas estavam com dor, suas emoções e pensamentos eram freqüentemente intensos. Isso fazia uma conexão íntima que ela não gostava. Dor física sempre ia embora, mas o que a mente dela registrava durante o Curavi poderia às vezes durar horas. Isso fazia como uma experiência de drenagem.

Hoje a noite poderia ser pior do que qualquer coisa que ela já tinha experimentado antes porque era Lysander que ela estava curando. O fato de que haviam sido íntimos poderia facilmente fazer a conexão muito forte. E se tudo o que ele tinha dito sobre o relacionamento deles fosse verdade? E se ela visse isso em seus pensamentos – ela se recusava a acreditar nisso. Ela não podia. Ele a queria, seus beijos tinham dito muito. Ele poderia ter usado o que aconteceu com ela mais cedo hoje como uma desculpa para não fazer amor com ela, mas não mudava as emoções que ele revelou quando a tocou.

— Podemos continuar com isso?

Seu rosnado escuro a fez levantar seus olhos até seu rosto. A expressão em seu perfil angelical era dura e inflexível. Ela se encolheu quando ele arqueou as sobrancelhas para ela. O olhar no rosto dele não ajudava a aliviar sua tensão. Dizia que ele a queria fora de seu apartamento o quanto antes. Onde estava o homem que a beijou tão apaixonadamente apenas poucas horas atrás?

De repente ela não tinha certeza de nada, quando se tratava dele. Pela primeira vez, ela esperava que ele conseguisse mantê-la longe de ler suas emoções. Porque o pensamento de aprender algo que ela não queria saber a apavorava. Ela engoliu em seco, e com as palmas para cima, ela lhe ofereceu as mãos.

— Com sua permissão, eu preciso tocar você para curar seus ferimentos.

A abertura do tradicional ritual de cura o fez estremecer, e ela lutou muito para não ler qualquer coisa em sua reação. Ele lhe deu um aceno afiado que indicava sua ânsia de ser feito com toda questão, e lentamente ele colocou suas mãos nas dela. Sem pensar duas vezes, ela automaticamente blindou-se com um bloqueio para as emoções dele. O poderoso pulso de energia que de repente fluiu entre eles era um indicador claro de suas emoções intensificadas. A intensidade crua disso era mais forte do que qualquer coisa que ela já tivesse experimentado como curadora.

Ela não tinha certeza se era sua conexão emocional com ele ou se as habilidades *Sicari* dele eram mais fortes do que qualquer um que ela curou antes. Nem mesmo a força de Ares tinha sido tão poderosa. Ou era a memória dessas mãos grandes e ásperas deslizando através de seu corpo, seus dedos acariciando-a em um frenesi de necessidade. O pensamento ruborizou sua pele com calor. Com determinação, ela limpou sua mente de tudo e fechou os olhos para se concentrar em nada, mas curá-lo.

Aos poucos, a mente dela cresceu ainda quando ela se concentrou sua tarefa na mão. O momento que ela imaginou os ferimentos dele em sua cabeça, uma corrida familiar de calor mexeu em seu sangue. Levou mais de um minuto para o calor da cura chegar a suas mãos e fluir para o corpo de Lysander. O primeiro sinal que a *Curavi* estava funcionando foi a picada que

irrompeu em seu braço. A sensação expandiu em força até que era como se a espada que o esfaqueou estivesse perfurando sua própria carne.

Afiado e cortante, a intensidade da dor a fez arfar, enquanto a náusea tomava conta dela. Ela não teve que abrir seus olhos para saber que um fluxo constante de sangue foi escorrendo pelo seu braço. O cheiro disso agrediu seus sentidos, e ela sufocou um grito quando a imagem de uma figura negra tremulou através de sua cabeça. Seu treinamento a fez empurrar a visão de lado. Ela não queria ver o bastardo que tinha machucado ele. Era bastante difícil saber que ele poderia ter sido morto.

Determinação varreu através dela, e ela se fez estreitar seu foco de concentração até que ela viu apenas seus ferimentos. Lentamente, a dor em seu braço desapareceu, e um tipo diferente de palpitação cobriu seu corpo. Fogo riscou para baixo dentro de sua garganta quando sentiu sua traquéia lentamente em colapso sob a pressão. De novo, a imagem negra chegou a ela.

Como um morcego com asas alargadas, bateu em seu escudo mental com fúria persistente. Algo profundo dentro dela reconheceu a escuridão. Já a havia tocado antes. Ela se encolheu quando a dor em sua garganta aumentou. Havia algo sobre esse ferimento que era diferente. Não tinha sido uma agressão física. Alguém com uma extraordinária habilidade de telecinese tinha tentado matar Lysander. Outra imagem surgiu para combater aquela mais escura.

Brilhante e acolhedora, a visão a puxou para isso. Ela ouviu Lysander rosnar algo baixinho, mas ela segurou em suas mãos para mantê-lo de quebrar o vínculo de cura entre eles.

A dor esmagadora em volta de seu pescoço aumentou, e tornou difícil respirar. Ar desapareceu de seus pulmões em um ritmo rápido, e então de repente ela estava livre. Em algum lugar distante, alguém a chamou. Ela se virou na direção do som e olhou incrédula quando viu uma mulher que poderia ter sido sua irmã gêmea, correr a frente.

Confusa, ela olhou para suas mãos e viu que elas eram de um homem. Rapidamente olhando-se mais, ela reconheceu um uniforme romano militar familiar, até os braceletes personalizados em seus braços. Maximus. Ela olhou de novo apenas para ver a mulher desaparecer lentamente em uma névoa fina.

— Maldição, Phaedra, acorde agora.

O comando penetrante foi um rugido surdo em seus ouvidos quando dedos fortes pegaram em seus braços e sacudiram como uma boneca de pano. De repente, seus pulmões foram capazes de tirar ar novamente, e ela suspirou alto. Ainda asfixiada, ela agarrou seu pescoço só para ter uma mão forte a parando.

— Calma, caríssima. Vai passar.

Em algum lugar no fundo de sua mente, ela percebeu que estava reclinada nos braços de Lysander. Deus, sua cabeça doía. Ela tocou sua têmpora e fez uma careta antes de seus olhos se abrirem para encontrar o olhar de Lysander. Havia um olhar resoluto de desespero em seu rosto. Torceu o lado das cicatrizes em seu rosto em uma máscara de horror que a fez temer que ele pudesse estar com dor da forma como sua pele estava esticada sobre seus músculos faciais.

Sua cabeça ainda latejava, ela empurrou-se longe dele e sentou no sofá. Quando ela olhou para ele, uma imagem voou seu caminho através do fundo de sua mente como um beija-flor. Ela o alcançou, mas foi um pensamento fugaz determinado a evitar a captura.

— Você está bem? — Com uma careta, ela se inclinou para examinar o braço dele. Ela ignorou a sensação zozna que o movimento causou, enquanto ainda esfregava sua testa. — O que aconteceu?

— O que aconteceu? — ele respondeu asperamente. — *Christus*, você deveria me curar, *dolce cuore*, não tentar fazer um passeio cruzando o Estige²³ — A ternura foi a única coisa em sua resposta que afundou em seu cérebro. A aqueceu quando ela sentiu seu corpo continuar a curar os ferimentos que ela tirou do corpo dele para o dela. Sua garganta ainda doía, mas ela podia dizer que não demoraria muito para que a dor tivesse desaparecido completamente. Exausta e desorientada, ela descansou a cabeça no encosto do sofá e fechou seus olhos.

²³ Estige – Styx e no grego Estige, era uma ninfa, filha de Tétis. Ajudou Zeus na guerra Titomomaquia contra os titãs e foi recompensada com uma fonte de águas mágicas que desaguavam no Hades. O rio Estige da imortalidade, um dos rios do Hades. Segundo uma versão da lenda de Dionísio, uma promessa pelo Estige é o voto mais sagrado que pode ser feito. Nem mesmo os deuses podem quebrar uma promessa pelo Estige.

Cristo, ela não tinha sentido isso desde a sua primeira cura. Ela franziu a testa. O que em nome de Júpiter ela tinha feito para se sentir assim tão mau? Em um segundo ela estava curando a garganta de Lysander e então no próximo ela tinha sido transportada para a Roma antiga, onde ela se encontrou no corpo de Maximus. Ela inspirou em uma respiração afiada.

Deus, ela era uma idiota. Ela desmaiou por falta de oxigênio. Ela fracassou ao quebrar o *Curavi*. Mesmo um novato sabia reconhecer quando era hora de quebrar a conexão entre paciente e curador. A conexão entre eles deveria ter sido quebrada no momento em que o ar dela começou a desaparecer.

Tinha sido um erro grave da parte dela não perceber que ela precisava puxar de volta da cura. Ela poderia ter morrido. Talvez ela tivesse. Porque outra razão ela teria experimentado estar no corpo de Maximus e ver a si própria correndo em direção a ela. Ele. Ela estava correndo em direção a Maximus, só que ela tinha sido Maximus.

Inferno, a maldita coisa toda era tão confusa. A memória de seu general Romano a fez inspirar em uma respiração afiada. Tinha sido seu sonho? Os seus sonhos, de alguma forma, tinham encontrado seu caminho até o processo de cura ou o que ela tinha visto eram imagens de Lysander. Mas porque a cena que ela presenciou durante o *Curavi* era tão parecida com ela?

A menos que ele – Deus, cuidado, ele tinha morrido. Isso era o que tinha conectado as imagens à cura. Alguém tinha quase o matado até que algo aconteceu para trazê-lo de volta da beira do abismo. Seu coração pulou uma batida enquanto ela se lembrava de como tinha sentido estar à beira da morte. A morte dele próxima. Não eram seus sonhos que ela tinha visto. As imagens tinham que ter vindo da mente dele, não dela. Ela deu um pulo, só para ter o quarto girando vertiginosamente em torno dela. Enjoada, ela caiu pesadamente para trás.

— Pô, Phaedra, a mentira continua. — A preocupação na voz dele suavizou o comando severo. Ela virou a cabeça na direção dele. Ele parecia tão cansado quanto ela se sentia. Sem pensar, ela estendeu a mão e roçou os dedos sobre o lado de seu rosto cheio de cicatrizes. Ele imediatamente se afastou do toque.

— Quanto tempo você tem sonhado com o *Lord Sicari* e sua esposa?

A pergunta pairou entre eles como uma expressão impassível assentada sobre suas feições. Mesmo que seu rosto estava desprovido de emoção, ela sabia que ele estava calculando o quanto ela poderia ter visto durante o *Curavi*. Sua hesitação a fez pensar que ele estava sonhando com o casal ancião romano por um longo dele. Talvez até mais tempo do que ela.

— Isso importa? — ele perguntou.

— Importa quando eu tenho sonhado com eles, também. — As palavras dela nem sequer o fez recuar. Ao invés disso, ele se levantou com um grunhido estranho profundo em seu peito.

— Você não está em qualquer condição de voltar para o seu quarto agora, e para ser honesto, eu estou muito cansado para levá-la lá. Então você vai ter que dormir aqui no sofá. Vou pegar um cobertor para você.

A boca dela abriu em espanto quando ele calmamente mudou de assunto e se afastou dela. No minuto que ele desapareceu para o quarto, ela recuperou seu juízo e lutou para seus pés. Se ele achou que ela iria deixá-lo apenas sair andando longe dela e da discussão, era melhor se tivesse pensado duas vezes. Havia uma razão para os sonhos dela e os dele. Porque ela tinha certeza que ele estava tendo visões semelhantes. Eles tinham que estar conectados. Mas como e por quê? A vertigem a obrigou a voltar para as almofadas do sofá.

— Inferno, — ela exclamou ferozmente. Decidida a ir atrás dele, ela se apoiou no braço do sofá e se levantou mais uma vez.

— Maldito seja, sua pequena tola — Sua voz era áspera com fúria. — Que porra você acha que está fazendo?

— Não é óbvio? Estou tentando te seguir.

— De todas as mulheres cabeça-dura, — ele rosnou.

Ele deixou cair o que estava carregando em cima da mesa de café na frente do sofá, em seguida, suavemente a empurrou de volta para o sofá. Ele se ajoelhou ao lado dela para balançar as

pernas dela para cima sobre as almofadas e ajustou o travesseiro que tinha trazido sob a cabeça. Com ela sentada no sofá, ele pegou o pano úmido sobre a mesa atrás dele, e então se virou para olhar para baixo na manga encharcada de sangue no braço dela. A expressão no rosto dele ilustrou sua indecisão a respeito de como proceder para limpar o braço dela sem ela ter que tirar sua camisa. Ele resmungou baixinho e empurrou a toalha para ela.

— Aqui, — ele respondeu asperamente quando ficou em pé.

Seus movimentos rápidos e bruscos, ele abriu o cobertor que ele pegou do quarto. O cobertor macio caiu sobre as pernas até a cintura, aquecendo-a quase imediatamente. Ela pegou a mão dele quando ele começou a recuar.

— Lysander, por favor. Nós precisamos conversar sobre isso.

— Não – não precisamos. — Ele olhou para ela.

— Me dê uma boa razão de porque não.

— Não significa nada. — A acidez em sua voz a fez estremecer e ela balançou a cabeça.

— Você está errado. Seus sonhos e os meus fazem significar alguma coisa. Eu apenas não sei o que ainda.

— Vá dormir, Phaetra.

Com um tremor cansado de sua cabeça, ele foi em direção a seu quarto. Frustrada que ela não tinha força para segui-lo, ela bateu no sofá com seu punho. E ele a chamou de teimosa. Usando toda a sua força, ela se empurrou para olhá-lo sobre as costas do sofá.

— Você é um idiota teimoso, você sabe disso.

Sua mensagem saltando para fora da porta do quarto enquanto ele a fechava atrás de si. Com um ruído forte de nojo, ela puxou sua camisa. O esforço a deixou tonta de novo, forçando-a a

cair de volta para o travesseiro que ele tinha trazido com o cobertor. O homem pode experimentar a paciência de um santo.

Limpendo rapidamente o sangue seco fora de seu braço, ela jogou o pano úmido sobre a mesa, em seguida, puxou o cobertor até o queixo. Ela inalou uma respiração profunda antes de liberá-la completamente, e olhou para o teto. Ele quase tinha morrido. Seu coração pulou uma batida com o pensamento. A ideia de que algo terrível tinha acontecido com ele, foi suficiente para enviar arrepios por ela.

Ele poderia ter lutado com o *Sicari* desonesto? Ele foi atrás daquela deformação? Ele disse que iria encontrar o homem. Não, ele não poderia ter feito isso. Ele não saberia onde encontrá-lo. Ela estremeceu quando a dor de cabeça pareceu se intensificar. Ela precisava descansar. Quando ela acordou, ela foi onde ele estava, e fez maldita questão de ter certeza que ele iria respondê-la.

A única coisa que ela sabia com certeza, ele foi louco de sair por conta própria. Ele quebrou a regra da Ordem *Sicari* que não deviam andar pelas ruas de Roma à noite sem um parceiro. Normalmente, era uma ofensa punível, mas era duvidoso que Atia faria qualquer coisa sobre isso. A mensagem que Lysander deu a *Prima Consul* deixou a mulher tão abalada que provavelmente nem se lembraria de censurá-lo.

Deus, ela estava cansada. Quando ela acordou, ela estava indo se encontrar com Lysander. Tudo isso. Ela nem de longe acreditava no que ele lhe disse no hospital. O homem se preocupava com ela. Ela tinha noventa e nove por cento de certeza disso. Ela fez uma careta. Era aquele um por cento que a preocupava. Ela fechou seus olhos com um bocejo. Ela lidaria com tudo... bocejou novamente... quando acordasse. Ela encontraria um jeito... de fazê-lo se abrir para ela. Seu cérebro estava tão... impreciso... para pensar nisso agora. Foi o seu último pensamento coerente.

Os berros e gritos na rua reverberavam nas paredes do átrio, e ela estremeceu. Quatro dias. A multidão estava reunida diante da porta por quatro dias, gritando para que ela saísse e se arrepender da heresia como uma seguidora de Vesta, Júpiter, e Juno. Ela quase cuspiu no chão, a ideia. O bebê chutou, e sua mão tocou seu estômago com o coração apertado. Doce Júpiter, ela deveria ter tentado fugir da cidade para a casa da sua tia em Civitavecchia no momento que os berros do lado de fora da casa tinham começado quatro dias atrás. De alguma forma ela estava

certa que Octavian estava por trás da multidão rebelde fora de sua porta. Mas deixar a casa teria sido um sinal de covardia, e ela não era uma covarde. Mesmo se ela tivesse tentado correr, o bebê a teria retardado, e isso significava colocar a vida de Demetri em perigo. Riso macio pegou sua orelha, e ela virou para ver Demetri espiando para ela de trás de uma das colunas que sustentavam o telhado, uma flor flutuando no ar diante dele. A visão a fez estremecer. Se Octavian visse Demetri agora – ela se recusou a considerar essa possibilidade. Porque ela não tinha escutado Sevilia? Sua amiga deixou Roma mais de uma semana atrás. Ela deveria ter enviado Demetri com ela para o país.

Mas então ela nunca tinha pensado que Maximus seria nada menos do que vitorioso. Nunca acreditou que Constantine teria uma visão que reuniria os seus homens a uma vitória inesperada. Ela se mudou após o impluvium para pegar a flor e levou seu filho nos braços.

— O que eu disse a você sobre usar sua habilidade onde outros podem ver, mea delicia. — Ela beijou a bochecha dele e pressionou seu rosto em seu pescoço. Ela estava aterrorizada por ele. — Eu ouvi os homens gritando. Porque eles estão chamando pelo papai? — A pergunta inocente a fez levantar a cabeça para olhar para ele. Louvado Júpiter que a criança não entendeu que eles estavam chamando por Maximus. Não, o clamor era por ela, a prostituta de Maximus. A herege. — Eles estão bravos filho, dulcis cor. Eu acho que eles vão embora logo. — Adela apareceu de repente de trás da casa. — Me perdoe, Domina. Eu virei minhas costas-

— Está tudo bem, Adela. Eu sei como ele é bom em escapar. — Ela entregou seu filho à mulher e fez cócegas em Demetri. — Não é, mea delicia?

— Devo colocá-lo na cama, Domina?

— Não, deixe-o brincar agora, mas no jardim. Não aqui no átrio. — Ela se inclinou para beijar a testa do filho. Suas mãos gorduchas pegaram o rosto dela, e ele olhou para ela com uma expressão séria.

— Quando as pessoas forem embora, você será feliz de novo, mãe?

— Sim, mea cor, — ela disse quando ela, de repente percebeu que não tinha mais uma escolha quando a segurança de Demetri estava em jogo. Ela olhou por cima da cabeça dele para Adela.

— Envie Posca para mim.

Adela balançou a cabeça enquanto levava Demetri para longe. Cassiopéia os assistiu sair, seu filho olhando para trás sobre o ombro a sorrir para ela. Ela sorriu e soprou-lhe um beijo, mas ele fez pouco para amenizar a dor no coração. Era possível que ela nunca poderia ver seu filho de novo depois de hoje.

Os gritos da rua tinham diminuído um pouco, mas eles continuavam a desgastar seus nervos, e ela passeou no piso ladrilhado em um esforço para aliviar sua ansiedade. Em um gesto impaciente, ela mordiscou a ponta do seu dedo polegar, e considerou todas as opções abertas para ela. Se ela tentasse deixar a casa com Demetri, quem quer que estivesse olhando a parte de trás da casa alertaria a ralé. Mas se Posca cuidasse de Demetri em segredo, os dois poderiam facilmente passar despercebidos.

Talvez na calada da noite Posca pudesse levá-la e Demetri para fora da cidade. Mesmo assim, a descoberta era provável, e o que aconteceria quando Maximus viesse para ela? A ralé mataria ou venderia os escravos, deixando-o sem qualquer meio de encontrá-los. Não. A mulher do general Maximus Caecilius Atellus não demonstraria medo diante dessa multidão ou seu instigador. Ela não iria fingir. Ela faria seu marido ter orgulho dela. Ela esperaria aqui por Maximus, enquanto Posca levasse Demetri para a casa de sua tia em Civitavecchia.

Maximus viria para ela. Ela só esperava que fosse logo. Passos soaram atrás dela, e ela virou para ver Posca correndo na direção dela. A limitada tribuna de Maximus, Adela e Tevy, Posca era a única outra pessoa que ela confiava sem dúvida. Maximus havia resgatado o homem da morte certa no Coliseu e tinha ganhado um servidor de confiança para a vida. A massa bruta do homem fez Maximus escolhê-lo como guarda-costas para ela e Demetri. Como o homem chegou a um impasse, ele inclinou-se ligeiramente, em seguida parou em atenção na frente dela.

— Sim, Domina?

— *Estará escuro em breve. Você pode levar Demetri para fora da casa sem ninguém ver vocês?*

— *Será difícil, mas eu verei você e o garoto alcançar a segurança do lado de fora dos muros da cidade.*

— *Você terá apenas Demetri para se preocupar.* — *Ela acenou com a mão de forma abrupta quando os gritos de fora incharam até um tom quase febril. Um nó preso na garganta com o som.*

— *Mas, Domina, eu não posso proteger você, e o garoto, se você não vier comigo,* — *o homem grande protestou ferozmente.*

— *Nós dois sabemos que você não vai escapar de ser detido, se você sair com dois de nós. Você mesmo disse que viu homens de Octavian perto da parte de trás da casa.* — *Ela balançou a cabeça veementemente.* — *Não. Você tem que ver a segurança de Demetri em primeiro lugar. No momento que você o der para os cuidados de minha tia, Maximus terá vindo para mim. Nós encontraremos você em Civitavecchia.*

Ela sabia que era improvável que Maximus a alcançaria antes que a multidão violasse a porta da frente. Posca também sabia muito bem. Ela podia ver isso em seu rosto.

— *Eu insisto, Domina. Eu dei minha palavra ao general que protegeria você e o garoto a todo custo. Eu encontrarei um jeito de ter ambos, você e a criança em segurança.*

A voz de Posca era dura com frustração enquanto ele tentava mudar a ideia dela. Ela levantou a mão para parar as objeções do homem.

— *Maximus saberá que você não teve outra escolha senão me deixar para trás. Quero garantir que Demetri está seguro longe de toda essa loucura.*

— *Mas, Domina-* — *o guarda-costas a encarou quando ela o interrompeu.*

— Eu estou grávida, — ela exclamou com a voz presa. — Eu só atrasaria você.

O rosto do homem empalideceu com as palavras dela. Ele murmurou algo violento debaixo de sua respiração antes de sacudir a cabeça.

— Se você não vem comigo, não é só você, mas o bebê também, que você põe em perigo.

— E você sabe o que eles farão com Demetri se nós formos pegos, — ela disse com um silvo agudo de raiva. — Eu não terei meu filho vendido como escravo.

— Então me deixe encontrar um local seguro na cidade para o garoto. Eu voltarei por você, então nós três vamos a Civitavecchia.

— Não posso arriscar à alguém que eu não conheço para proteger meu filho, Posca. Ele irá com você. Eu ficarei bem o suficiente até que Maximus venha para mim. E ele virá. — Sua mão tremia quando ela apontou para o homem ir embora. — Agora vá. Rapidamente.

Com um grunhido final de frustração, o homem inclinou-se e correu para fazer a ordem. Deixada sozinha com seus pensamentos, os gritos do lado de fora da casa eram como navalhas mordendo através de sua pele. Talvez ela devesse deixar Posca levá-la com Demetri. Não, eles estavam observando a casa, e seria mais fácil para o guarda-costas fugir com Demetri passando por espiões do que se ela fosse com eles também. E ela iria atrasá-los. O estresse da viagem poderia facilmente levá-la a perder esse filho também. Ela abortou seu último filho, e ela não faria nada para arriscar a vida desse bebê.

O bebê chutou novamente, e ela sorriu quando tocou gentilmente a barriga arredondada. Ela ainda não tinha contado a Maximus sobre a criança, mas já sabia que era um menino. Ele ficaria satisfeito. Um grande estrondo ecoou depois da entrada principal para o átrio. Os gritos fora se intensificaram, e os escravos vieram correndo para o átrio de todas as direções.

O som voltou, e seu coração martelou em seu peito. Eles estavam tentando arrombar a porta. Demetri. Ela correu para seu quarto apenas para encontrar Posca carregando um grande

saco às costas com Demetri dentro. Seu filho sorriu para ela, e lágrimas turvaram sua visão quando ela pressionou sua boca na testa do garoto.

— Você está prestes a ter uma aventura maravilhosa, mea delícia, e eu quero que você faça exatamente o que Posca diz, você entende? — Ela esperou que ele assentisse, mas ao invés ele colocou seus dedos contra seus lábios para indicar silêncio. Com um sorriso, ela tocou a bochecha dele.

— Está certo, mea cor, você deve ficar muito quieto.

Um sorriso maroto em seu rosto, ele se escondeu debaixo da aba traseira do saco. As batidas na porta da frente aumentaram, e ela agarrou o braço de Posca.

— Vá. Vá agora, — ela disse ferozmente.

— Venha comigo, Domina.

— Não, é Demetri que você deve salvar agora. Vou esperar aqui por Maximus ou o seu retorno. — No instante que ela falou, ela sabia que não veria nem Posca nem seu filho de novo. Seu coração estilhaçou em mil pedaços minúsculos, e ela fechou as mãos em um aperto firme para não puxar Demetri do saco sobre o ombro de Posca. — Vá.

— Eu protegerei o garoto com a minha vida.

Sua expressão sombria, o servo curvou a cabeça em direção a ela, em seguida, moveu-se com grande velocidade em direção à parte de trás da casa. Como a porta da frente rachou atrás dela, ela assistiu Posca desaparecer carregando Demetri em seus ombros. Quando eles estavam fora de vista, ela virou-se e moveu para ficar na frente do impluvium²⁴. Não seria por muito tempo agora.

Mais escravos vieram de diferentes áreas da casa, claramente assustados. Ela calmamente os tranquilizou e ordenou-lhes para ir fazer suas tarefas. Adela permaneceu com ela, e ela sabia

²⁴ Impluvium – é a parte submersa do átrio de uma casa grega ou romana. Concebido para levar a água da chuva que vem do Compluvium do telhado.

que não devia dizer-lhe para ir embora. A mulher liberta não ouviria. Ela era muito leal. O barulho aumentou, e em cada estrondo, a porta gemia em protesto.

Minutos depois, uma rachadura violenta separou o ar em torno dela, e a porta abriu caminho para uma louca corrida de pessoas. Os escravos da casa que tinham desobedecido a suas ordens correram para a segurança no momento que a porta caiu para dentro. Sozinha no meio do átrio, exceto por Adela, ela encarou a horda furiosa que invadiu a casa. Determinada a não mostrar qualquer sinal de medo, ela conseguiu manter a compostura enquanto a multidão entrava em sua casa. Os gritos e clamores morreram lentamente quando ela os encarou em silêncio.

Dulcis Júpiter dê-lhe a força para não ceder ao terror espalhando por seus membros. Ela queria correr, mas não faria. Ela era a filha de Gaius Quinctilia Atellus e mulher de Maximus Caecilius Atellus, um dos maiores generais de Roma. Ela não iria deixar que esses fanáticos imundos soubessem que por dentro ela estava tremendo como um cordeiro sabendo que estava prestes a ser abatido.

De repente, a multidão afastou, e seu coração bateu no peito. Octavian. O homem usava um sorriso cruel, o seu comportamento de uma confiança suprema. O capacete tribun²⁵* que ele carregava foi rapidamente entregue a um oficial jovem com ele antes de se curvar à frente dela.

— Tão linda como sempre, Cassiopéia.

— Para que devo esse... prazer? — ela pausou por tempo longo o suficiente para ele saber que ela o estava insultando.

— Seu marido Maxentius não conseguiu. Seus exércitos foram derrotados. Constantine está em seu caminho para Roma enquanto nós falamos.

— Maximus — Balançando em seus pés em estado de choque, ela mal respirava a palavra, mas foi o suficiente para Octavian rir.

²⁵ <http://img2.prosperent.com/images/250x250/www.frightcatalog.com/i/360x360/1001690.jpg>

— Ele não foi encontrado ainda, mas quando ele for, sua vida será perdida.

Suas palavras a fez suspirar em alívio. Ele não estava mentindo para ela. Se Maximus estivesse morto, Octavian teria se regozijado. Ela endureceu sua coluna e encontrou o olhar do Pretoriano com desdém.

— Maximus matará você se fizer alguma coisa para me prejudicar ou ao nosso filho.

— Estou triste em ouvir que você acha que eu prejudicaria você, mea dulcis. Você sabe que eu sempre cuidei de você, Cassiopéia, — ele disse baixinho. Por um breve momento, ela pensou ter ouvido uma nota de sinceridade em sua voz. Ela tinha ido embora antes que ela pudesse ter certeza.

— Então porque você está aqui? — Um segundo depois, a mão dele a agarrou pela cintura, seus dedos cavando fundo em seu lado. O aperto doloroso puxou um suspiro contra a vontade dela.

— Mas para sua proteção, claro, mea karus. De fato, a sua linda cabecinha não precisa se preocupar com nada. Apesar do fato de que você é uma herege aos olhos da Igreja, eu não tenho dúvida que você achará mais fácil se arrepender de sua heresia para salvar seu filho.

O pensamento de Posca tendo acabado de sair, a fez recuar. Octavian viu sua expressão, e seu olhar estreitou com avaliação. Sem hesitar, ela ergueu uma barreira mental em torno de seus pensamentos. Foi algo que Maximus a ensinou no caso de um momento como esse vir. Nenhum dos dois jamais acreditou que isso aconteceria. Deliberadamente, ela encheu seus pensamentos com imagens de Maximus destruindo Octavian para ajudá-la a esquecer a partida de seu filho.

O aperto de Octavian em seu braço apertou quando ele percebeu que ela estava escondendo algo. Com um empurrão, ela se libertou de seu alcance para ficar rígida em frente a ele. Ela se recusou a mostrar qualquer sinal de fraqueza em frente a esse bastardo. E ela precisava manter seu juízo para garantir que o homem não suspeitasse que Demetri não estava mais na casa. Tudo que Posca precisava era um pequeno tempo para chegar longe o suficiente da casa para fugir dos homens de Octavian.

— Não me ameace, traidor. — Ela endureceu quando ele pegou seus seios, o dedo correndo pelo mamilo, num gesto insolente. Repulsa estremeceu através dela ao toque vil.

— Você só tem que dormir na minha cama, e eu a deixarei viver.

— Porco — Ela não pensou duas vezes quando cuspiu em seu rosto. Sua punição foi um tapa brutal que a deixou cair de joelhos.

— Você acabou de assinar sua sentença de morte, mea karus. Você sabe demais sobre o Tyet de Ísis, e é óbvio que não se pode confiar, — Octavian rosnou. — Levem-na.

Alguém a arrastou e a empurrou bruscamente em direção à porta. Atrás dela, Adela lançou um grito de dor, que foi cortado um momento depois. Cassiopeia não teve que olhar para trás para saber que a mulher que tinha sido sua confidente e protetora durante anos, estava morta.

Maximus.

Ela sabia que ele estava morto, caso contrário, ele teria estado aqui antes de Octavian. Ele teria vindo por ela, se pudesse. O que ela não entendia era porque ela ainda o sentia. Era como se ela pudesse sentir seu calor, seu toque. Esperança sussurrou através dela, e ela levantou a cabeça para procurar na multidão na rua. Ele estava aqui? Isso era parte de um plano para resgatá-la?

A sensação subia lentamente por ela, e seu coração ficou dormente. Ele estava morto e então o coração dela também. Dentro, o bebê chutou, e uma lágrima escorreu pelo rosto dela. Ela lutou para manter as lágrimas à distância. Ela e o bebê encontrariam Maximus nos Campos Elísios. Então, quando chegasse a hora, seu filho se juntaria a eles. Mas por agora, Demetri estaria a salvo dos gostos de Octavian e seus fanáticos seguidores da nova igreja.

Um empurrão afiado atrás a obrigou a andar mais rápido, e dessa vez ela não poderia segurar as lágrimas. Tudo o que ela havia amado lhe foi arrancado simplesmente por causa de uma caixa pequena com um segredo dentro. Isso iria destruir a Guarda Pretoriana. Uma vez que

Octavian tivesse o Tyet de Ísis, ele controlaria quem viveria ou morreria. O equilíbrio de poder tinha sido quebrado como Maximus temia e suas vidas perdidas por causa do desejo de um homem por poder.

O som de um carro tocando a buzina empurrou Phaedra para fora do sonho quando o tráfego do fim da manhã ecoou na rua do lado de fora do quarto. O medo inundou seus sentidos, e ela agarrou o cobertor quando compreendeu o fato que ela não estava na Roma antiga. Alívio deslizou através dela quando reconheceu a suíte de Lysander na casa segura em Roma.

Ela fechou os olhos e respirou profundamente quando as emoções que o sonho havia despertado nela a varreu novamente. Deus, ter que dizer adeus a um filho como Cassiopéia fez, era inconcebível. E estar grávida, sabendo que iria morrer. Ela estremeceu. A mulher do Lord Sicari teve mais coragem do que ela jamais poderia ter. A memória de Octavian a fez franzir o cenho. Em nenhum lugar nas histórias que ela tinha ouvido houve qualquer menção ao homem. Talvez Lysander estivesse certo. Talvez esses sonhos eram um pouco mais do que sua imaginação correndo selvagem. Talvez Octavian fosse nada mais do que uma saída para a imagem escura que ela tinha visto durante a cura de Lysander na noite passada. Ela ficou rígida com o choque.

Havia algo tão familiar sobre a escuridão na hora que ela estava curando Lysander. Mas não foi até agora, que ela reconheceu a presença venenosa. Seus punhos bateram nas almofadas do sofá. O *Sicari* desonesto. O lutador que tinha tentado matar Lysander foi o *Sicari* desonesto. Ela tinha certeza disso. Ela estremeceu.

Foi a mesma presença malévola que ela tinha experimentado no Templo de Hadrian, e explicou o papel de Octavian em seu sonho. A mesma escuridão o possuía também. Octavian tinha que ser uma representação do homem que tentou matar Lysander na noite passada.

Na noite passada ela estava convencida que Lysander não poderia ter encontrado o *Sicari* desonesto, mas cada instinto em seu corpo dizia que de alguma forma ele havia feito exatamente isso. Mas como? Com uma careta, ela jogou o cobertor longe e saltou do sofá. Lysander tinha mantido sua palavra. Ele tinha ido atrás do homem por causa dela. Seu coração bateu mais forte. Ele tinha ido atrás daquele filho da puta por causa dela, não apenas porque o homem era uma ameaça para a Ordem. Lysander tinha saído para defender a sua honra. O ato de um homem que se

importava. Ela respirou fundo e esperança diante da realidade do que tinha acontecido bateu nela. Deus, ele tinha ido atrás daquele bastardo sem ajuda. No processo de defender a sua honra, ele quase conseguiu morrer na noite passada, o estúpido *bacciagalupe*. O homem precisava de alguém para rasgá-lo em um novo, e no momento, Cleo não estava aqui, mas ela estaria mais do que feliz para preencher por sua amiga.

Irritada, que ele sucumbiu a noção ridícula de cavalaria, andou através da sala e investiu no quarto dele.

— Você foi -

Com quase o mesmo segundo que ela irrompeu no quarto, Lysander disparou para fora do banheiro com nada mais do que uma toalha. Ele não precisava de nada mais do que isso quando ela saiu voando para trás para bater na parede. Ela ficou pendurada lá por um breve momento, antes de deslizar para baixo e aterrissar em uma pilha no chão. Atordoada, ela sacudiu forte a cabeça como se fazendo isso ajudaria a deixá-la menos grogue.

— Porra, Phaedra, o que diabos está acontecendo com você, irrompendo aqui assim. Eu poderia ter matado você, — ele respondeu asperamente.

Um joelho apoiando no chão de madeira, ele se ajoelhou para ajudá-la a sentar-se e encostar-se contra a parede. Seu golpe mental ainda a sentia vacilante, e ela fechou os olhos por um momento. No minuto que ela puxou uma respiração profunda, o cheiro dele tomou conta dela. Fresco, masculino, de homem saudável. Seja qual for o sabonete que ele usou, tinha um cheiro picante que a fez querer inclinar-se para frente, pressionar seu nariz em sua pele, e apenas respirar. Deus, ele cheirava maravilhosamente.

— Phaedra, abra seus olhos, — ele retrucou. — Olhe para mim.

— Pare de gritar. — Ela olhou para ele enquanto esfregava a cabeça com as mãos. — Eu não sou surda.

— *Christus*, você me fez pensar... não faça isso de novo. Entendeu? — O que quer que ele realmente quisesse dizer, ele conseguiu detê-lo. Ela acenou em obediência.

Era tudo o que ela podia fazer no momento, uma vez que seu corpo estava lentamente vindo à vida como seus sentidos estavam em sintonia com a frequência dele em cada nível. Ela bebeu em outra respiração dele, e seu coração derrapou junto a um ritmo acelerado. Lentamente, ela se permitiu o prazer de deixar seu olhar desviar para baixo através dos músculos fortes dos ombros tonificados, e braços bem esculpidos. Deus, ele era deslumbrante.

Seu peito subia e descia em um ritmo rápido, que indicava seu estado elevado de emoção. Ela estendeu a mão tentativamente com seus sentidos, e seu coração saltou uma batida com a mistura de emoções selvagens produzidas dentro dele. Elas jogavam para fora dele em um ritmo vertiginoso. Houve a preocupação por sua segurança e uma necessidade primordial de proteger. Esse impulso primordial enviou uma excitação através dela. Então havia os tentáculos leves de uma emoção que ela estava quase demasiada assustada para identificar. Uma súbita onda de calor delicioso riscou em suas veias, e num piscar de olhos, ela sabia a verdade. Ele se importava.

Por alguma razão, ele estava escondendo isso, mas ele se importava com ela. Com medo de olhar para ele apenas na chance de seus sentidos estarem falhando, ela deixou cair o olhar para baixo à visão de uma perna dobrada, onde a toalha demasiada pequena que ele estava usando repartia e drapeava nas laterais de sua coxa.

Sua perna era uma coisa de beleza. Tensa, músculos vigorosos inchavam um pouco contra a pele. Havia uma longa cicatriz que corria na diagonal da parte inferior da coxa. Mais um lembrete de que ele havia sofrido pela recusa do *Curavi*. Timidamente, ela estendeu a mão e correu um dedo ao longo da linha branca e fina. A respiração áspera que ele chupou puxou seu olhar de volta ao rosto dele. O desejo nu que ela viu a fez tremer, e sua mão moveu de sua perna para a boca. Ela tinha sido sempre a coisa mais bonita a respeito dele, e ela estava tão agradecida que aquele monstro Pretoriano não a tinha destruído.

De repente, uma mão forte agarrou seu pulso, e em menos de um segundo, ele a puxou de pé. Uma necessidade forte apertava suas feições, mas ele a soltou e se virou. Uma onda de

indignação caiu sobre ela, e ela respirou em um silvo agudo de ar. O filho da puta não teve coragem de amá-la, embora ela soubesse que ele queria.

Cada fibra do corpo do homem estava atraída por ela, e ele não teve a coragem de admitir isso. Um grunhido retumbou fora dele e ele lentamente se virou para ela. O olhar dela esvoaçou contra a desfiguração horrível de seu lado demoníaco para seu perfil angelical, que estava desenhado rígido com raiva. Ela olhou para ele.

— O quê? — ela disse com raiva.

Ele não a respondeu. Ao invés, ele voltou para ela, os dedos deslizando entre os seios para a faixa de material frágil, segurando seu sutiã junto. O toque a fez arfar, e ela estava de repente ciente do ar fresco sobre seus ombros. Ela estava tão determinada a mastigá-lo que esqueceu que não estava vestindo uma camisa.

O calor dos dedos dele pressionou contra sua pele, e com um puxão, seus dedos quebraram o sutiã, as meias-taças deslizando para fora de seus seios para expô-los completamente. Sua reação imediata foi de cobrir-se. Ela tinha estado à espera dele para puxá-la em direção a ele, não para despi-la. Pelo menos ainda não.

Ela chegou com seus sentidos e pegou o menor sussurro de alguma coisa escura. Era uma parte dele, e ainda assim ela poderia dizer que ele lutou constantemente. Surpreendida por isso, ela se afastou dele até que suas costas estavam contra a parede. Um olhar selvagem apertou seu perfil devastado, e seu lado não marcado refletiu uma emoção que ela não podia descrever.

Mãos invisíveis pegaram seus pulsos e os puxou por cima de sua cabeça para fixá-los na parede. Ela respirou rápido em surpresa, mas não tirou seus olhos do rosto dele. A emoção terrível que ele estava lutando não iria ganhar, ela estava certa disso. Ele nunca a machucaria. Seus traços escureceram, e ele mudou-se para frente para escovar sua boca no ombro dela. Um ruído primitivo ressoou para fora dele.

— É isso o que você quer, Phaedra? Metade homem, metade monstro?

Com um giro de sua cabeça, ele lhe deu uma visão magnífica de seu rosto horrivelmente marcado. Não havia tapa-olho para esconder a pálpebra fechada sobre o entalhe onde seus olhos tinham estado. De seu couro cabeludo para o queixo, a carne torcida estava lá para ela ver em toda a sua glória. Sua carne estragada quebrou seu coração, não por causa do que ele parecia, mas por causa da nota triste em sua voz. Sua dor era profunda. Tão distante, ela se perguntou se seu amor era forte o suficiente para ajudar a curar o espírito dele. Deus, ela queria matar o diabo Pretoriano que tinha tentado destruí-lo.

— Você realmente acha que eu estaria aqui se não quisesse? — ela tentou se libertar da sua retenção, mas falhou.

— Eu não sei em que diabos acreditar.

Havia um desespero quieto em sua voz que dizia que ele estava em pé na beira de um grande precipício. A fez ansiar por segurá-lo. Tranquilizá-lo que se ele caísse, ela cairia com ele porque ele era tudo o que ela queria. Com determinação renovada, ela se esforçou para se libertar de seu controle mental.

— Me beije e eu mostrarei a você no que acreditar, — ela disse em uma voz que o desafiou a ouvir seu coração e nada mais.

Capítulo 15

A mulher o tinha à beira de quebrar todas as regras que ele já fizera no que dizia respeito a ela. Ele abaixou a cabeça para não olhá-la, febrilmente tentando clarear a cabeça para que ele pudesse pensar direito. Aquele olhar de desejo evidente em seu rosto era o suficiente para puxá-lo para um abismo do qual ele não seria capaz de retornar.

Como diabos ele tinha se metido nessa situação? Certo. Mas também entrar em seu quarto com um Pretoriano à solta. O som da sua porta se abrindo, o tinha lançado em modo reacionário. Ele nunca aprendera a questionar. Era uma maneira rápida de morrer. Ou pior.

Não foi até que ele vira Phaedra voar para trás e bater na parede que ele percebeu seu erro. Um erro que poderia facilmente ter matado a única pessoa que significava mais para ele. Então, ele tentou se afastar dela - longe daqueles olhos castanhos brilhando com um convite que ele queria desesperadamente aceitar, mas sabia que não podia. Mas não eram seus olhos que o fizera se virar. Fora seus pensamentos. Ele não tinha intenção de ler a mente dela, mas sua resistência quando se tratava dela, tinha sido quase inexistente.

Ele tinha estado tão ocupado tentando não fazer amor com ela aqui no chão, que ele mal percebera que ele estava lendo seus pensamentos até que a palavra "covarde" soou em sua cabeça. Ele quase gritara a sua negação para sua alegação silenciosa, mas parou na hora certa. O fato de que ele tinha chegado tão perto de expor o seu segredo o enfureceu. Ele quase perdera o controle. Na próxima vez ele pode não ser tão sortudo.

Agora ela estava lhe pedindo para acreditar que ela realmente queria estar aqui com ele. *Merda*, ele não tem nenhuma dificuldade em acreditar afinal. Não, seu maior problema era que ele estava oscilando à beira de ceder ao seu pedido. Ela estava determinada pra danar, e ele estava rapidamente perdendo a batalha contra a sua persistência. Especialmente quando ela cheirava tão malditamente bem. *Christus*, o que ela estava usando?

Nada da cintura para cima, o cérebro responde, mesmo que ele tenha estado realmente tentando identificar seu doce aroma. Ele ergueu a cabeça ligeiramente para estudar os seios. Eles estavam cheios e exuberantes. Vê-los trancados naquele maldito sutiã o levava a arrancar a coisa dela. Ele sempre fora um homem de peitos, mas os de Phaedra deixava-o duro só de olhar para ela.

Deu-lhe água na boca só de pensar em rodar a língua em torno da ponta dela, e ele a ouviu arfar, e então, observou fascinado quando ela arqueou o corpo para frente. *Merda*. Com as mãos presa acima dela com seu poder mental, ela era a criatura mais tentadora que já havia visto na vida.

— Por favor, Lysander, me toque. Toque-me com as mãos, então eu sei que isso é real.

Suave e rouca, sua voz o acariciou, seduziu-o a fazer o que ele sabia que não deveria. Ele se inclinou e acariciou um dos seios com a boca e o outro com a mão. Enquanto a língua girava em torno de um mamilo duro, o polegar esfregava o outro. Ela tinha um gosto tão bom quanto cheirava.

Ele a ouviu gemer de prazer, e isso o levou a trabalhar com a boca até seu ombro e, em seguida, a nuca. Com todo carinho, mais um tijolo na sua parede se desfazia em pó. Lá no fundo ele ouviu o barulho de aviso, mas ele ignorou. Apenas outro momento, mais alguns segundos de negação.

Isso é tudo que ele precisava. Para tocá-la assim, respirar o cheiro dela. Ele estava indo para o Tártaro²⁶ por isso, mas segurando-a novamente valia o preço que ele acabaria pagando. Sua boca roçou o caminho ao longo de sua mandíbula, e ele tomou deliberadamente o seu tempo quando um gemido ecoou dela. Deus, que ele amava o jeito que ela respondia a ele.

Amava o jeito que ela estremeceu contra ele. Ela virou bruscamente a cabeça e os lábios roçaram pelos dele. A explosão de desejo com seu beijo acendeu com um golpe cada célula do seu corpo. O prazer e a necessidade misturados com emoções mais obscuras que não queria enfrentar. Seus dentes puxaram delicadamente o lábio inferior dele, e ele automaticamente aprofundou o beijo e levou sua língua em sua boca deliciosa.

²⁶ Na Mitologia romana, o Tártaro é o lugar para onde eram enviados os pecadores.

No instante seguinte, ele estava se afogando em uma neblina cor de sangue da paixão quando sua língua girou com a sua. *Christus*, ele queria ela. Precisava dela. Agora mesmo, bem ali. Seu corpo estava rígido e a urgência conduzindo-o a fazer um trabalho rápido com o jeans dela, empurrando-os para baixo quando seus pés saíam de uma perna e depois a outra.

A toalha caiu bruscamente dele, e então não era nada exceto pele quente, assim como da última vez. Desejo o cegou para tudo menos para a necessidade urgente de deslizar em suas dobras quentes e ficar enterrado lá. Não havia tempo para a sedução. Ele ficara sem ela por muito tempo. Ele só queria se afundar em sua profundidade sedosa e afogar-se na sensação.

Suas mãos em concha nas suas nádegas e ele a levantou até que seu pênis encontrou o seu centro macio e cremoso. Com um grito baixo de satisfação, ele se balançou dentro dela, seu corpo em chamas na forma como ela se agarrava a ele. Era como ter um tornio de veludo em volta dele ficando a cada segundo mais apertado só para liberá-lo por um momento tentador antes que o corpo dela renovasse o processo.

Ele soltou seu aperto mental em seus pulsos e ela imediatamente envolveu os braços ao redor do seu pescoço para arquear-se para longe dele, tornando mais fácil para ele estocar dentro dela. Debaixo de sua boca, a pele sedosa dela tinha gosto de pêssegos. Quentes e doces pêssegos. Ele sentira falta dela para danar. Era como se tivesse morrendo de fome e não tinha percebido a extensão da sua fome até este momento. Ele não poderia ter o bastante dela. Ele tinha ficado sem ela por tanto tempo, e agora ele era um homem faminto incapaz de deixar de satisfazer sua fome. E ela ficava bem para danar envolta de seu pênis. Com cada onda em seu núcleo apertado, seu corpo respondia com pequenos espasmos que ondulavam sobre sua ereção, duro e rápido. Ele estremeceu. Porra, ele estava pronto para vir agora.

— *Innamorata*, eu não posso... — Ele conteve um grito enquanto latejava violentamente dentro dela.

Um soluço de prazer separou seus lábios, e ela caiu para frente, para enterrar o rosto em seu pescoço, enquanto seu corpo se apertava com uma intensidade selvagem em torno dele. Isso o deixou surdo e cego para tudo, a não ser para a forma que o corpo dela estava amando o seu. Lentamente, ele se moveu para baixo do penhasco que estava parado e a carregou para a cama.

Ele teria que lidar com a realidade em breve, mas ele queria adiar isso tanto quanto possível. Delicadamente a deitando na cama, ele caiu ao lado dela de costas e fechou os olhos. Que diabos ele estava pensando? Isso era exatamente o que ele tinha tentado evitar desde o ano passado. E ele nem sequer tinha uma rota de fuga. *Merda*. Que tipo de desculpa ele iria ser capaz de usar para mantê-la à distância agora? Era certo que ela não estava a ponto de deixá-lo fugir dizendo que ele estava precisando de uma boa transa. Essa tinha sido sua desculpa há um ano atrás.

Mas o que havia acontecido agora foi tudo *menos* uma boa transa. Se houvesse sequer o mais ínfimo pedaço dele que não a amara antes, ele tinha ido embora. Ela não sabia disso, graças aos deuses, mas ela pertencia a ele agora. Corpo e alma. O colchão se deslocou um pouco e uma mão quente deslizou sobre seu peito.

Era um toque suave, mas o seu calor transmitiu uma emoção que não queria nomear. *Christus*, ele era um homem condenado. Ele não tinha que abrir os olhos para vê-la mudar seu corpo para cima para que ela pudesse se inclinar sobre ele. Era fácil vê-la em sua mente quando sua cortina escura de cabelos esbarrou por cima do seu ombro e ela abaixou a cabeça para beijá-lo. Foi um toque de pluma, mas foi o suficiente para ele sofrer por ela tudo de novo.

No instante seguinte, ele sugou uma respiração áspera quando sua boca tocou as cicatrizes finas que cruzam o seu corpo, onde seu olho uma vez esteve. Havia restado pouca sensibilidade em seu rosto desfigurado, mas ele podia imaginar o que ele não sentia. Um arrepio passou por ele quando sua boca tocou sua bochecha, acariciando cada centímetro de seu tecido cicatrizado. Algo molhado rolou pelo lado do pescoço, e de repente, ele percebeu que ela estava chorando. Ele a rolou de costas para olhar para ela, seus dedos enxugando as lágrimas brilhando em sua pele.

— Não, *caríssima*.

— Mas você não me deixou tocar em você, — ela sussurrou. A ponta afiada da dor em sua voz dizia o quão profundamente a sua rejeição a havia magoado. — Você não me deixou te curar.

— Eu não queria ver você sofrer como eu sofri. — Ele engasgou com a meia verdade.

— E no hospital?

A acusação em suas palavras o açoitou. Ele sabia que ela tinha ficado magoada, mas algo na voz dela dizia que ela ficara mais devastada do que tinha percebido. Ele não queria considerar o que isso significava, porque isso explicaria a sua determinação recente para fazê-lo admitir que ele se importava com ela. Fazê-lo dizer que ainda a queria. Uma delas ela tinha acabado de provar, e ele não tinha certeza de quanto tempo a linha que ele estava pendurado o impediria de admitir a segunda parte.

Ele rolou para longe dela e se sentou na beirada da cama. Bem no fundo de sua mente, ele sabia que esse assunto viria à tona, mas ele com um diabo de certeza não esperava que fosse esta manhã. Ele não conseguia olhar para ela porque ela saberia se ele estivesse mentindo para ela. E não importa quantas verdades ele ofereceu, ele *teria* de mentir.

— *Christus*, eu não queria nada com ninguém. — Especialmente ela. Verdade.

— Eu entendo isso, mas você não me deixou sequer tentar curá-lo. Eu poderia ter sido capaz...

— O quê? Devolver o meu olho? — Ele se recusou a olhar por cima do ombro para ela. — Mesmo que isso fosse possível - e duvido seriamente que teria sido – você realmente acha que eu iria querer meu olho de volta à custa de ver você enfrentar esse tipo de dor? — ele rosnou. Verdade.

— Mas isso teria sido a minha escolha. — Os lábios dela colocaram um beijo delicado em seu ombro enquanto ele a sentiu ficar de joelhos e se apertar em suas costas.

— Nenhum curador já tentou algo parecido antes. Poderia ter matado você por tudo que sabemos. Eu não ia deixar isso acontecer. — Verdade.

— Você não sabe disso. Nem mesmo *eu* não sei a extensão da minha capacidade. — Ela começou a massagear seus ombros. Ela sentira a tensão nele? Diabos, sim. Ela era uma curandeira intuitiva.

— Eu não sei porque estamos ainda discutindo a maldita coisa. Está feito e acabado.

— Não, não está. O que aconteceu naquela noite, há algo escuro e feio comendo você de dentro para fora.

As palavras cortaram através dele com a nitidez de uma lâmina Pretoriana. Havia uma certeza em sua voz que fez seu coração bater na parede de seu peito. Ela estava dizendo que ela sentira o lado Pretoriano dele. *Il Christi omnipotentia*, porque aquele filho da puta apenas não o matara naquela noite? Pelo menos ela nunca teria que saber sobre o monstro dentro dele.

— Eu não sei que diabos você está falando. — Mentira.

— Eu sei melhor. Senti isso no hospital e durante o ano passado eu o senti. Eu só estava cega demais para entender o que eu estava sentindo dentro de você. Pior ainda, eu posso sentir isso em você agora. É como se - seu imbecil!

Sua arfada afiada o surpreendeu, e o punho firme batendo em seu ombro o fez girar a cabeça na direção dela. Aqueles lindos olhos castanhos olharam para ele com uma ferocidade que ele a tinha visto reservar apenas para Pretorianos. Suas vísceras balançaram no minuto em que ele viu a fúria em seu rosto.

— Você me fez esquecer por que vim aqui em primeiro lugar! Você veio atrás daquele bastardo que me agrediu, não veio?

A expectativa de uma acusação completamente diferente o deixou despreparado para esta acusação. Pego desprevenido, ele sacudiu a cabeça ligeiramente enquanto tentava chegar a uma resposta. Frustração brilhava nos olhos dela, ela colocou as mãos em seu ombro e lhe deu um forte empurrão. Ele apenas olhou para ela, seu cérebro se esforçando para recuperar o juízo.

— Não ouse mentir para mim, Lysander Condellaire, — retrucou ela. — Você veio atrás dele. Não veio?

— Era necessário, — ele rosnou, enquanto tentava manter a sua expressão neutra.

— Você perdeu a cabeça? — Sua pergunta era quase um grito.

— Não. — Outra mentira. Ele tinha perdido a sua sanidade no minuto que ele fizera amor com ela momentos atrás.

Ele calmamente levantou-se e afastou-se da cama. A toalha que ele derrubara mais cedo voou pela sala para suas mãos. Ele a envolveu em torno dos quadris e a colocou no lugar enquanto ele mantinha deliberadamente as costas para ela. Atrás dele, Phaedra lançou um ruído agudo de fúria.

— Não? — Ela pronunciou em um tom feroz. — Que diabos o fez pensar que poderia encontrar o cara? E acima disso, você o perseguiu sozinho. *Christus*, você sabe mais que isso -

O som do seu suspiro horrorizado fez seu coração parar antes que batesse em seu peito. Porra, desta vez, ela realmente tinha percebido isso. Ela percebeu que a sua capacidade telepática lhe permitiu localizar o homem. Ele lentamente se virou para encará-la, preparado para o nojo e o ódio que ele sabia que estaria esculpido em suas lindas feições. Quando o seu olhar encontrou o dela, o ar saiu de seus pulmões pelo olhar de horror e medo em seu lindo rosto.

Il Christi omnipotentia, ele sabia que ela o odiava, mas nunca lhe ocorreu que ela poderia estar com medo dele. Ele deu um passo em frente, seu coração como uma pedra em seu peito pela forma como ela estava olhando para ele. Com seu ódio ele poderia lidar, mas ele não podia suportar tê-la com medo dele. Ele preferia sofrer outra vez nas mãos do bastardo Pretoriano que era seu pai do que tê-la com medo dele.

Antes que ele pudesse dar mais um passo em frente, ela desceu da cama e pulou em sua direção. Ele não lhe deu a oportunidade de bater nele. Em vez disso, ele pegou seus pulsos em suas mãos, em seguida, forçou os braços atrás das costas. A ação pressionou seus seios macios em seu peito, e tentou sufocar o calor que se acumulava em sua virilha e o início de uma ereção.

— Eu posso -

— Explicar? Explicar porque você tem um desejo de morte?

Sua resposta furiosa lhe tirou o ar. Seu segredo ainda estava seguro. O alívio o fez inclinar para o lado levemente, e ela se contorceu contra ele. Isso só fez seu pênis se expandir e crescer. Deus o ajude. A mulher iria ser a morte dele de mais maneiras do que uma.

— Eu não tenho um desejo de morte — disse com voz áspera quando ele olhava sua boca.

Ele sempre pensara que ela era bonita, mas quando ela estava com raiva, ela tinha um fogo ardente sobre ela que o fazia desejá-la.

— Eu não acredito em você, — disse ela bruscamente. — Eu posso pensar em pelo menos meia dúzia de vezes no ano passado, quando você e Cleo encontraram Pretorianos apenas para ouvi-la dizer que você não hesitou em tomar dois ou três deles sozinho. Na verdade, ‘ficou furioso’ era a frase que ela mais usava.

— Não era assim, — ele rosnou.

— Então o que foi?

A exigência mostrava que ela esperava uma resposta, mas ele hesitou. O que ele deveria dizer a ela? No fundo, ele *quisera* morrer. Teria ele deliberadamente se jogado em combates onde ele poderia morrer? Não. Isso significava que ele não teria sido capaz de mantê-la segura. Ele poderia não ter qualquer outro motivo para viver, mas cuidar dela era razão suficiente. Ele encontrou seu olhar e engoliu em seco. *Christus*, ele estava lentamente tecendo uma teia frágil de meias-verdades que estavam tão perto de mentiras que muito em breve, ele não tinha certeza se seria capaz de ver a diferença.

— Eu estava com raiva. Matar aqueles bastardos era como matar o homem que me torturou. — Ele fez uma pausa, a respiração de repente superficial quando ele percebeu o quanto ele queria seu pai Pretoriano morto. — Mas o mais importante, eu sabia que cada Pretoriano que matei poderia ser aquele que havia assassinado seus pais. Queria retribuição para nós dois.

— *Dulcis matris Deus*. Obrigado, — ela sussurrou as palavras como se fosse uma oração de júbilo. Com os braços ainda presos às suas costas, ela pressionou o rosto em seu peito, sua boca

macia acariciando brandamente a sua pele. — Eu *sabia* que você estava mentindo para mim quando você me mandou embora aquele dia no hospital.

Ele sacudiu a cabeça quando ela levantou a cabeça para olhar para ele. Apenas o olhar no rosto dela dizia que sua confissão o tinha empurrado para o território que ele não estava disposto a visitar. Ele revelara demais na última meia hora, mais do que tinha em um ano. Ele precisava reparar o dano. Rápido.

— Phaedra -

— Não negue. Você é louco por mim. — A nota de confiança em sua voz lhe disse que não iria desistir até que ele cedesse.

No que dizia respeito a ela, ele perdera a batalha. Mas era uma batalha que ele realmente precisava lutar? As chances de ser descoberto cresciam menos a cada dia. Ele soubera que era Pretoriano por um ano inteiro agora, e ninguém era o mais sábio. Por que ele não deveria agarrar um pequeno acre nos Campos Elísios²⁷? Será que eles não mereciam um pouco de felicidade pelo alto preço que ambos tinham pagado nos últimos 12 meses?

Talvez sua melhor estratégia fosse simplesmente não admitir nada. Apenas deixar as cartas caírem onde eles podiam ver que mão que lhe foi dada. Ela seria sua e ele poderia simplesmente viver o momento e não pensar no futuro. Era um caminho perigoso a tomar, mas ela não iria deixá-lo fugir dela novamente sem uma briga. Ele faria o melhor do tempo que ele tivesse com ela, se fosse por horas ou anos. Ele soltou seu aperto em seus pulsos, e ela imediatamente colocou os braços ao redor de seu pescoço.

²⁷ Na mitologia grega, os Campos Elísios é o paraíso, um lugar do mundo dos mortos governado por Hades, oposto ao Tártaro (lugar de eterno tormento e sofrimento). Nos Campos Elísios os homens virtuosos repousavam dignamente após a morte, rodeados por paisagens verdes e floridas, dançando e se divertindo noite e dia, descrição semelhante ao céu dos cristãos e muçulmanos. Neste lugar só entram as almas dos heróis, santos, sacerdotes, poetas e deuses. As pessoas que residiam nos Campos Elísios tinham a oportunidade de regressar ao mundo dos vivos, coisa que só alguns conseguiam.

— Eu não vou negar nada, — disse ele com um suspiro de derrota. Uma expressão de decepção brilhou em seu rosto antes que ela fizesse uma careta.

— Tudo bem. Não é exatamente a confissão que eu estava esperando, mas é um começo, — disse ela em tom otimista, quando um sorriso de exasperação iluminou seu rosto. — Você é o homem mais cabeça dura que eu conheço.

O comentário lhe pareceu incrivelmente engraçado, já que ele estava brincando como a mãe de todos os durões, e a propensão feminina de pensar que o cérebro de um homem estava entre suas pernas. Ele não podia evitar, mas uma gargalhada escapou dele. Assustada, ela olhou para ele com surpresa, suas mãos deslizando para descansar em seu peito.

— Cabeça dura? — Suas mãos agarraram-na pelos quadris e puxou-a para ele enquanto sorria para ela. — Eu suponho que você está certa.

— Não é isso que eu quis dizer, e você sabe disso, — ela arfou, uma cor rosada preenchendo suas bochechas. Seu sorriso se alargou.

— Desapontada?

Apesar do brilho malvado de humor em seus olhos, ela ainda podia sentir a frieza dentro dele. Isso a preocupava, mas ela não se aprofundou. Ela conseguira que ele confessasse que se importava com ela. Bem, não exatamente, mas próximo o suficiente. Todo o resto teria que vir em pequenos incrementos. Um passo de cada vez. Ela se apertou contra ele, com as mãos levemente acariciando os ângulos fortes dos ombros e peito.

— Não. Mas eu estarei, se você não fizer amor comigo de novo, — ela murmurou.

Ele abaixou a cabeça na direção dela, e no momento que sua boca roçou na dela, ela deu um puxão brusco na toalha na sua cintura. Ela caiu no chão, dando-lhe a capacidade de acariciá-lo. Ele estava grosso e duro na palma da mão. Deus, ele era bonito.

Ela queria memorizar cada centímetro dele com a mão. Sua unha raspou suavemente ao longo do cume que percorria entre a base dele ao local onde o cume terminava logo abaixo do limite máximo de sua ereção gloriosa. O toque o fez estremecer, e ela experimentou uma sensação de triunfo.

Ele era dela. Ela finalmente quebrou a parede que ele construía em torno de si. Sua mão enrolada em volta dele, e ela acariciou lentamente para cima e para baixo o comprimento rígido dele. O toque o fez aprofundar o beijo deles, e no momento que ele tocou sua língua, uma explosão de sensações percorreu cada centímetro de seu corpo.

Sua mão embalava o pescoço dela enquanto explorava o calor de sua boca em um forte e exigente beijo. Havia algo de selvagem e desenfreado sobre a forma como a sua língua dançava com a dela. Ele não deu tanto quanto ele levou. Mas ela estava mais do que disposta a dar-lhe o que quisesse. Ela sentira tanta falta dele durante o ano passado que a última hora parecia um sonho.

O que mais a assustou foi que ele poderia tentar reconstruir a parede entre eles. Sua mão apertou suavemente sobre sua ereção, e isso arrastou um gemido profundo dele. O som a fez apertar seu aperto. Sua resposta foi embalar contra a palma da mão em um claro sinal de prazer. Ele interrompeu o beijo deles para deslizar sua boca em sua bochecha até que seus dentes puxaram sua orelha.

— Você tem uma mão perversa, *Caríssima*. — O som rouco de sua voz em seu ouvido enviou um arrepio correndo pelas costas. — Mas eu gosto do que você está fazendo para mim, eu quero mais.

— Mais? — perguntou ela com um movimento repentino e rápido de sua mão para cima e para baixo em seu comprimento rígido. A ação arrastou uma respiração afiada dele, e ela sorriu quando se inclinou para beijar seu peito sólido. A tensão nele fizera o seu corpo todo duro, e ela amava que seu toque tinha o poder de afetá-lo daquela maneira.

— Sim, mais *innamorata*, — ele murmurou com uma voz rouca e sedutora que repercutiu por sua pele para criar uma sensação de formigamento. — Eu quero tocar cada parte de você. Acariciar até que você esteja me implorando para parar.

— Eu não quero nunca que você pare de me tocar.

— Cuidado com o que você deseja, *Caríssima*.

Houve um sussurro de diversão em sua voz quando ele a pegou e a carregou pelos poucos metros de volta para a cama. Ele a deitou, mas não a seguiu. Em vez disso, ele ficou olhando para ela, um sorriso pecaminoso curvando aquela bela boca dele. O brilho travesso no seu olho mal tinha registrado antes que um toque suave roçou em sua pele. Leve como uma pluma, ele dançou seu caminho sobre cada centímetro dela. Era como se sua boca estivesse em toda parte de seu corpo de uma só vez. Isso criou um frisson de prazer que a fez tremer quando a pressão das carícias aumentaram.

— *Oh Deus*, — ela gemeu enquanto seu corpo se arqueava para cima, para os minúsculos e invisíveis toques.

— Eu tomo você assim.

Desejo e diversão ecoaram na sua voz rouca enquanto ele lentamente afundava-se na cama ao lado dela. Ele inclinou-se para ela ligeiramente, e seu sorriso sexy a embalava a pensar que ele estava prestes a beijá-la. Ele não o fez.

De repente, a sensação de uma língua molhada girando em torno dos dois mamilos ao mesmo tempo, a fez arquejar quando o mesmo calor úmido tocou-lhe entre as pernas. Mil dedos invisíveis exploravam seu corpo, tocando, acariciando e brincando com ela em um estado de excitação extraordinário. Ela poderia ter jurado que seus dentes estavam gentilmente raspando seus mamilos quando aqueles dentes invisíveis foram substituídos pela sensação de sua boca mamando nos dois seios simultaneamente. Isso extraiu um acentuado gemido de prazer dela.

Christus, ela nunca tinha experimentado nada tão erótico em toda sua vida. Isso criava um desejo dentro dela que se intensificou com cada beijo indiscernível ou afago da sua mão. Ela o queria. Precisava dele. Seu olhar voou para o seu, e ela o viu apertar a mandíbula enquanto observava a maneira como ela estava respondendo ao seu toque. Sua expressão era de concentração extasiada quando ele usou sua habilidade para agradá-la. Com cada carícia invisível, ele provocava o seu corpo até o ponto de clímax antes que ele se retirasse por um breve momento só para começar tudo de novo.

A cada ponto alto que sua carícia invisível a carregava, ela estava certa de que seria o que a levou além do limite de um estado de felicidade. E toda vez que ele a negava, ela entregou-se voluntariamente a sua misericórdia mais uma vez. Sua respiração irregular, ela choramingou pela necessidade, seu corpo querendo - exigindo - satisfação. Ela estendeu a mão para ele, mas ele sacudiu a cabeça.

— Ainda não, *innamorata*, — ele falou com a voz grossa.

Os beijos invisíveis ondulavam sobre sua pele se intensificaram quando suas aréolas ficaram mais sensíveis a cada mordida invisível de seus dentes. Foi o suficiente para enlouquecê-la. Quando uma sensação terminava, outra começava. Ela gemeu e podia ouvir a necessidade intensa no som.

— Por favor, *caro*. Eu preciso de você.

— Não, — ele rosnou.

Uma sensação de calor acumulou-se sobre sua coxa novamente, roubando seu fôlego. Um instante depois, ela gritou quando o afago invisível de sua língua rodopiava em torno de seu sexo, em seguida, mergulhou no seu núcleo molhado. Isso criou uma onda de calor líquido entre suas coxas, e ela resistia contra o toque invisível. Foi uma prazerosa tortura que lhe enviou além dos limites. Seus sentidos em chamas, ela cavou os dedos nos lençóis da cama enquanto ela soluçava pela doçura perversa de fazer amor.

— Por favor, *carino*, agora.

Com a sua próxima respiração, o peso sólido dele acomodava-se agradavelmente dentro dela. Ele tinha um cheiro picante e todo masculino. Dela para segurar e acariciar. Sua boca esmagou a dela, e ela se agarrou a ele quando a ponta de sua ereção pressionou contra seu sexo. Senhor, o homem estava firmemente decidido a enlouquecê-la de desejo. Um suave sussurro ecoava em sua cabeça. Era tão fraco que ela não tinha sequer a certeza que ela o ouvira. Era quase como se tivesse o ouvido dizer "eu te amo".

Esperança floresceu dentro dela. Havia ele sussurrado as palavras ou ela tinha - cada pensamento fugiu de sua cabeça enquanto ele empurrou dentro dela, enchendo-a completamente. A cada golpe de seu corpo, ele a marcou como dele, e ela gritou enquanto seu corpo agarrava-se a ele em um esforço frenético para manter o prazer. Mas foi impossível segurar a resposta febril que ela podia sentir se formando dentro dela.

Cada vez mais rápido, ele estocou dentro dela até que seu orgasmo enviou tremores selvagens que roçavam seu caminho por cada fibra do seu ser. O seu corpo ondulava sobre sua ereção, agarrando-se a ele, latejando contra ele. Com um grito, ele se chocou com ela mais uma vez, seu corpo arqueando-se para longe dela ao vê-lo tremer violentamente sobre ela. Seu rosto estava tenso de prazer por vários segundos, seu corpo empurrando contra o dela, antes que ele lentamente relaxasse contra ela. Ternamente, o olhar dela acariciou seu rosto quando o seu amor por ele enchia o seu interior com o calor que foi intensificado pelas ondas de sensação desaparecendo como uma maré gentil.

— Deus, onde você aprendeu a fazer isso? — ela sussurrou.

— Você é a primeira mulher a inspirar-me a fazer isso.

A ternura na voz dele fez seu coração doer. Era uma prova de como ele se sentia sobre ela, sem se comprometer. Ela fechou os olhos. Um passo de cada vez. Era uma crença que ela precisava se lembrar. Ele passara por vinte diferentes níveis de inferno, e havia tanto que ele ainda estava segurando dentro dele. Ele simplesmente não estava pronto para dizer-lhe como se sentia. A memória do sussurro a fez suspirar. Ela realmente o ouvira dizer aquilo? Ela franziu o cenho quando de repente, ocorreu-lhe que tinha sido um pensamento suspirando baixinho na sua cabeça, e não palavras suaves em seu ouvido.

Ela imediatamente descartou a idéia. Ela não o ouvira dizer nada. Tinha sido a sua imaginação e nada mais. E mesmo se tivesse ouvido alguma coisa em sua cabeça, tinha que ter sido um pensamento desejado por parte dela. Guerreiros *Sicari* não tinham a capacidade de ler mentes ou entrar nos pensamentos dos outros, a menos que fossem um *Senhor Sicari*. E ela estava certa de que ele não era um *Senhor Sicari*. Se ele fosse, não faria sentido para ele esconder o fato.

Sua cabeça caiu lentamente até que sua testa se pressionou contra a dela. Neste momento, ele a fazia lembrar muito de seu general romano, exceto pelas cicatrizes terríveis. Mesmo a maneira como seu corpo fundiu com o dela era uma lembrança do homem que veio a ela em seus sonhos. Fortes braços rígidos, um calor sólido contra a sua pele, um peito poderosamente esculpido, e aquela linha deliciosamente sensual dos seus lábios.

Se ele tivesse morrido na noite passada... Ela estremeceu. Foi o fato de que ela quase o perdera que a tinha feito tão irada - tão assustada.

— Você quase morreu, — ela sussurrou. Ele ergueu a cabeça e olhou para ela com uma carranca.

— O quê? — A tensão nele havia voltado, mas sua expressão não revelou nada, a não ser perplexidade.

— Quando eu executei o *Curavi*. Eu vi como você quase morreu. Eu experimentei isso. Como aquele bastardo quase conseguiu sufocar-lhe até a morte. É como eu sei que você tem sonhando com Maximus e Cassiopeia. Eu vi um pouco da visão que você teve.

— *Fotte*, não isso de novo. — Ele soltou um suspiro forte enquanto rapidamente afastava-se dela para deitar de costas ao lado dela.

— Podemos, por favor, apenas falar sobre isso? — ela perguntou quando ela virou a cabeça na direção dele. Ele manteve seu olhar focado no teto.

— Não há nada para falar. Eles são apenas sonhos. Eu não sei por que você e Atia estão tentando ler algo neles.

— Atia sabe sobre seus sonhos? — Ela inalou uma respiração afiada quando ela subiu em um cotovelo para olhar para ele. — Você disse *Atia*?

A forma como a sua expressão rapidamente se fechou para ela era alarmante. Isso a fez lembrar-se de todas as vezes que ele manteve distância dela, e ela não podia suportar que ele se retirasse agora. Mas ela também sabia que eles precisavam descobrir por que ambos estavam sonhando com um casal que tinha desempenhado um papel tão importante na história *Sicari*.

— Eu te disse que eu estive falando com Atia. A mulher me enganou para contar-lhe sobre eles, — ele rosnou. — E como eu disse a ela, eu estou dizendo a você, os sonhos não significam *nada*.

— Mas e se eles significarem?

— Largue isso, Phaedra.

— Eu não posso. Eu sei que eles significam algo, e eu estou preocupada com as consequências se os ignorarmos.

Ela pressionou a palma da mão contra seu peito, a batida do seu coração reverberando contra seus dedos. Deus, sua pulsação era como um motor de carro em alta rotação. O homem sabia exatamente do que ela estava falando, mas não estava disposto a admiti-lo. Ele soltou um rosnar que ressoava no peito.

— Consequências? De um sonho?

— E se esses sonhos são parte daquela profecia que Angelo estava falando no jantar noite passada?

— Se você está falando daquela porcaria de vida passada, esqueça. Eu não sou o renascido de Maximus.

— Então talvez você seja a reencarnação de Cassiopeia, — brincou ela, em um esforço para aliviar o clima entre eles.

— É essa a sua maneira de me pedir para repetir o desempenho para provar que sua teoria está errada?

Apesar do pequeno sorriso curvando os lábios, a nota dura oculta em suas palavras a fez hesitar. Ok, então ameaçar sua masculinidade, mesmo em tom de brincadeira, não tinha sido uma boa jogada, mas ela sabia que o humor tem a capacidade de curar. Se ela pudesse fazê-lo rir, talvez ele viesse a perceber que estes sonhos eram importantes.

E ela queria ouvi-lo rir como ele riu alguns minutos atrás. Tinha sido um som glorioso. Ele riu daquela maneira aquela noite que passaram juntos, antes que tudo mudasse. Ela balançou a cabeça quando encontrou seu olhar intenso.

— Não. Eu não *pediria* para repetir a sua incrível técnica. Eu exigiria isso, — disse ela com um sorriso travesso. — Eu só estou dizendo que você e Cassiopeia têm muito em comum. Nos meus sonhos, ela é incrivelmente teimosa, determinada, destemida e amável.

Ela se inclinou para lhe beijar o tecido cicatrizado de seu rosto e testa. Ele imediatamente se enrijeceu, e a tensão nele latejava seu caminho até ela enquanto seguia cada palavra descritiva com um beijo. Algo dentro dela a fez salientar a última palavra.

O olho verde olhando para ela escureceu com uma emoção que não podia decifrar. E de repente ela sabia em seu coração que ele a amava, e que ele era Maximus. Ele era o homem que ela amara e perdera na Roma antiga, e ela se recusava a desistir dele novamente. Ele era seu general romano em todos os sentidos, exceto um – as terríveis cicatrizes no rosto. Ele sacudiu a cabeça longe dela.

— Maldição. — O juramento passou seus lábios enquanto olhava para ela. — Deixa isso para lá, Phaetra.

— Eu não posso.

— Por que diabos que não? — Ele soltou entre os dentes cerrados.

Era uma pergunta válida e ela sabia que estava revelando seu coração se ela lhe contasse a verdade. E se ela estava errada sobre ele e como ele se sentia? Não. Ela sabia que ele a amava.

— Porque nos meus sonhos...

— O quê? — Ele olhou-a com cuidado, como se de alguma forma ele sabia qual seria sua revelação. Ela se encolheu em seguida, encontrou seu olhar constantemente.

— Porque nos meus sonhos, você é Maximus... Com uma exceção. Você não tem *nenhuma* cicatriz.

Suas palavras se penduraram entre eles, enquanto ele olhava para ela com uma expressão estóica por um longo momento. Então, sem uma palavra, ele afastou sua cabeça dela. Não era a resposta que ela esperava. Por um momento, medo deslizou por sua pele, mas fora embora tão rapidamente como veio quando ele olhou para ela novamente.

— Mesmo se - e sublinho a palavra *se* - se tudo isso fosse verdade, que diabos você sugere que façamos a respeito disso?

— Eu não sei. Mas se você admitir que possa ser verdade, talvez pudéssemos descobrir isso juntos.

— Juntos?

A maneira como ele disse a palavra a fez engolir o nó crescendo em sua garganta. Seu corpo rígido ficou ainda mais duro, e ela viu um brilho de algo que ela não gostava em seu olho. Determinado a não ceder ao medo, ela franziu o cenho para ele.

— Sim, juntos. Você e eu. E não me diga que o que acabou de acontecer aqui foi uma rolada no feno, também. Eu acreditei nessa pela primeira vez, não vou acreditar nisso novamente.

No minuto em que ele estremeceu com suas palavras, ela sabia que ele mentira no hospital. O alívio e alegria riscando em suas veias a deixou fraca por um momento. Ele estivera protegendo-a de alguma coisa o tempo todo. Cleo tinha razão. Ele sempre cuidara dela. Como ela poderia ter perdido essa? Deus, ela o julgara mal. O que quer que seja que ele estava escondendo dela, ela não se importava. Tudo o que importava era evitar que ele voltasse para aquela concha que ele estivera se escondendo no ano passado.

— O que você quer de mim, Phaedra? — Havia um tom de frustração em sua voz que dizia que ela estava começando a pisar em águas perigosas.

— Deixe-me entrar na sua vida. Não me exclua como fez há um ano. Eu não me importo porque você fez isso. Eu apenas me preocupo sobre como podemos avançar.

Ele rapidamente se afastou dela e saiu da cama. A porta do armário se abriu com um estrondo quando uma calça preta voou de um cabide e em suas mãos. Escápulas rígidas com tensão, ele puxou o couro macio sobre as pernas musculosas. Ela soltou um áspero suspiro de frustração. Ela o incitou demais. O que aqueles bastardos fizeram a ele que ele tinha tanto medo de compartilhar com ela? Assustada, ela saiu da cama para ficar em pé diretamente atrás dele. Ela podia dizer que ele sabia que ela estava ali apenas pela maneira como os músculos de suas costas estão agrupados em nós tensos.

— Droga, Lysander Condellaire, fale comigo. Não se afaste de mim.

— Nós temos um trabalho a fazer. Se vista. O comando afiado deixou-a cambaleante.

— Assim? Estamos de volta onde nós começamos antes de fazer amor comigo?

Ele se tornou uma estátua pela pergunta, de costas uma linha simétrica de beleza tensa que DaVinci teria amado ter esculpido. Sua cabeça caiu para seu peito enquanto ele sacudiu a cabeça.

— *Il Christi omnipotentia*, mulher, me dê algum espaço para respirar. — Havia um tom desesperado em sua voz e a fez sofrer por ele.

— Se eu lhe der espaço para respirar, você virá com uma razão para fugir de mim novamente, — ela sussurrou, com voz embargada de medo enquanto ela lutava para conter as lágrimas.

O silêncio na sala era uma âncora de navio em seus ombros, enquanto ela esperava que ele dissesse alguma coisa. Qualquer coisa. Quando ele se virou lentamente, seu coração preso na garganta. Ele parecia preso. Merda. Ela o empurrou para um canto. Se eles tivessem uma chance juntos afinal, ele teria que vir a ela. Por mais que ela quisesse, ela não conseguia empurrar o problema com ele.

Ela girou para longe dele e foi em busca de suas roupas. Ela rapidamente encontrou seus jeans e roupa íntima. O sutiã estava inútil. Ela suprimiu a memória de como ele se rasgou. Sua camiseta estava na sala de estar e teria de ser suficiente até que ela chegasse a seu quarto.

Com um forte puxão, ela vestiu o jeans, ansiosa para sair. O calor dele, de repente, pressionou as costas dela, e suas mãos fortes se acomodaram na curva de seus ombros. O toque suave enviou um tremor que explodia por ela. Deus, o poder que este homem tinha sobre ela era tão forte, ela sabia que estava disposta a fazer qualquer coisa por ele.

— Eu não vou fugir, *innamorata*. — Um arrepio patinou por suas costas, o calor de sua respiração ventilado em suas costas nuas. — Outro dia você disse que precisávamos de regras básicas. Concordo. Eu só não tenho certeza quais são elas ainda.

Alívio se espalhou por dela, e ela virou-se para envolver seus braços em volta de sua cintura nua. Pressionando uma bochecha em seu peito, ela engoliu o nó na garganta enquanto ele a segurava perto. Desta vez, o silêncio entre eles era reconfortante, e ela apertou as lágrimas de ternura que ela poderia sentir em seu abraço. Ele havia dado o primeiro passo. Ela não podia pedir-lhe mais do que isso.

Ele sofreu muito nas mãos dos Pretorianos. O que ela passara ontem não era nada comparado ao que ele tinha sofrido. Mas isso permitiu-lhe compreender sua necessidade de ordem e uma capacidade de controlar o que aconteceu em sua vida. Ontem ela fora impotente para parar

o que aconteceu com ela, e ele estivera tão desamparado há um ano. Ela estivera forçando tanto que ela tinha perdido de vista o fato de que ele ainda tinha um monte de cura a fazer.

Aquele olhar desesperado no rosto há poucos minutos tinha sido uma lembrança viva do que os Pretorianos tinham roubado dele - dela. Ela os odiava por isso. A intensidade da emoção tomou conta dela como uma poderosa onda de fogo. Cada um dos bastardos merecia morrer. Eles haviam roubado sua infância, quando eles abateram seus pais, e ela os odiava por isso.

No que lhe dizia respeito, não havia um Pretoriano vivo que merecesse piedade. Eles nunca mostraram misericórdia a qualquer *Sicari*. E de alguma forma, ela encontraria uma maneira de fazer que tanto deles pagassem quanto ela pudesse. Os músculos fortes sob suas mãos de repente ficaram duros e rígidos, e ela levantou a cabeça para ver um flash de expressão sombria em seu rosto. Ela puxou uma respiração cortante, e uma lasca de medo serpenteava o seu caminho por ela.

— Qual é o problema?

— Nada. — Ele balançou a cabeça, antes que ele lhe desse um beijo rápido e a soltasse. — Eu pensei que eu ouvi alguém bater na porta do apartamento.

Quando ele se afastou, ela podia jurar que viu outro olhar de desespero torcer o tecido cicatrizado de seu perfil. Mas quando ela tocou seu braço, ele virou a cabeça para sorrir para ela, as sobrancelhas arqueadas em uma pergunta silenciosa. Antes que pudesse falar, ela ouviu uma batida forte na porta da sala seguida por um grito de saudação. A expressão pesarosa de Lysander combinava com o seu próprio sentimento de estranheza.

— *Fotte*, — exclamou ela com um pequeno gemido. — Cleo.

Capítulo 16

Lysander convocou uma camiseta preta do armário com uma onda imperceptível da mão, em seguida, puxou-a sobre sua cabeça. Com um leve toque de tranquilidade no rosto de Phaedra, ele pisou em torno dela e se dirigiu para a porta.

Isso era um fato. Ele estava certo. Ele teve a oportunidade de deixá-la ir, e em vez disso tinha ido com ela. Disse a ela que iria descobrir como avançar a partir daqui. Ele respirou fundo e soltou, enquanto passava do quarto para a sala de estar.

— Você precisa aprender a bater.

— Eu fiz. Eu sempre bato, — disse Cleo com exasperação. — Você não reclamou quando eu entrei em Chicago.

Sempre que Cleo tinha uma briga com sua mãe, ela tinha o hábito de chegar inesperadamente. Ele não se importava. As duas mulheres estavam sempre em conflito, mesmo que elas adorassem uma a outra. Elas eram muito parecidas. Ele franziu o cenho.

— Sim, bem, isso não é Chicago, onde você pode correr para meu apartamento.

Cleo moveu-se em direção ao sofá e ergueu camisa de Phaedra para inspeção. Ela não olhou para ele. Em vez disso, ela lentamente estudou o cobertor e o travesseiro desarrumados no sofá.

— Eu estava procurando por Phaedra, mas eu acho que eu a encontrei. — Embora a voz da sua amiga fosse neutra, ele sabia mais.

— Ela estava esgotada na noite passada, assim eu a fiz dormir no sofá.

Era a verdade, mas por alguma razão, não saiu daquele jeito. Sua mandíbula travou com a tensão quando a mulher que ele via como uma irmã estudou-o atentamente. A avaliação no olhar dela levantou seu nível de desconforto a vários níveis.

— Certo. Então, onde ela está agora?

Merda. Ele ficou parado lá por um momento sem saber o que dizer. Era assim como o cervo se sentia quando pego pelos faróis? Ele não gostava da sensação. Quando não respondeu, Cleo enviou um olhar aguçado em direção ao quarto.

— Ela está aqui? — Havia apenas uma pitada de diversão em sua voz.

— Exatamente o que é que você quer Cleo? Ele grunhiu entre os dentes cerrados.

— Que você seja feliz.

A sinceridade em sua calma resposta, não foi uma surpresa para ele. Era o tipo de desejo que qualquer irmã poderia ter para um irmão. Mas o som normal de irmã estava faltando, e isso o acertou com surpresa. Cleo geralmente cobria seus sentimentos mais profundos com a provocação bem-humorada e raramente mostrava o carinho que ela sentia por ele. Mas a sinceridade na sua voz mostrou o quanto era o valor que ela colocara em sua amizade.

Além de Ignacio, era a única outra figura masculina na vida dela. Os dois tinham estado sempre perto, e eles sempre cuidavam um do outro. Quando seu olhar encontrou o dela, ele foi subitamente consciente de quão desconfortável ela estava de mostrar suas verdadeiras emoções. Ela olhou para longe como uma careta que puxava suas feições.

— Então eu posso falar com ela ou você apenas deseja entregar a mensagem?

— Lysander, me entregue a minha camisa, por favor. — A voz de Phaedra flutuou para fora do quarto como uma abelha teimando em picá-lo.

Um largo sorriso curvou a boca de Cleo, e quando ele pronunciou um juramento sob a sua respiração, ela riu. Calor imediatamente inundou seu rosto até que o tecido de cicatrizes em seu rosto era um formigueiro com fogo. Ele engoliu o nó apertado subindo em sua garganta e correu para frente arrebatando a camisa de Phaedra das mãos da sua amiga. Cleo continuou segurando apenas uma fração de tempo, e ele olhou para ela.

Ela imediatamente soltou e levantou as mãos em sinal de rendição. Em menos de cinco segundo, ele estava do outro lado da sala e empurrando a camisa pela estreita abertura entre o batente da porta e a porta do quarto. No instante seguinte, sua pele estava em chamas quando o calor úmido da boca de Phaedra envolveu seu dedo indicador e sua língua rodou o seu caminho em torno da ponta. A imagem dela fazendo a mesma coisa com seu pênis o fez tossir para encobrir um uivo de surpresa quando ele puxou a mão a partir do toque quente. *Il omnipotentia Christi.*

No minuto em que voltou a enfrentar Cleo, as bochechas esquentaram novamente ante seu olhar arqueado de diversão. Foda-se. Ele não conseguia se lembrar da última vez que se sentiu estranho. Incapaz de pensar no que dizer, apenas ficou lá. Um segundo depois, Phaedra surgiu a partir do quarto, o olhar dela voando dele para onde Cleo estava de pé.

— Ok, você me encontrou. O que é tão importante?

— Irini cortou a mão no cortador de carne, e parece que vai levar oito a dez pontos para corrigir, a menos que você esteja oferecendo o *Curavi* para ela.

Simpatia esvoaçou pelo rosto de Phaedra ante ao olhar de dúvida no rosto de Cleo. Ela lançou a Lysander uma rápida olhada antes dela balançar a cabeça. — Eu vou agora.

— Bom, — Cleo disse com um sorriso e se virou para sair da sala. A porta principal da suíte meio aberta, ela parou para olhar por cima do ombro, com uma expressão impassível no rosto.

— A propósito, Ares e Emma chegaram cerca de uma hora atrás. Tenho certeza que vão estar felizes em ouvir que vocês dois estão se dando tão bem.

— Cleo Vorenius, — ele rosnou, mas sua amiga foi embora antes que pudesse terminar de dizer seu nome. — Merda! A mulher vai anunciar ao mundo inteiro que você passou a noite aqui.

Ele começou a andar pelo chão, a mão esfregando a parte de trás do seu pescoço. Toda a ideia de estar com Phaedra era ainda muito nova para ele. Ele não tinha sequer considerado a noção de todo mundo sabendo que os dois estavam em um relacionamento. Especialmente quando ele ainda não tinha certeza que estava tomando a decisão certa em estar com ela. *Christus*, ele não gostava de estar em dúvida sobre alguma coisa.

Até esta manhã, tudo tinha sido cortado e secado. Agora tudo tinha mudado e ele não tinha certeza de nada. Ele soltou um suspiro e se virou para ver Phaedra com a mão na maçaneta da porta. Com o cenho franzido, ele imediatamente visualizou a mão na porta de madeira para mantê-la fechada enquanto caminhava em sua direção.

— Agora, quem está deixando quem? — ele vociferou.

— Eu não estou indo embora. Irini precisa da minha ajuda.

Ela não olhou para ele, mas a postura rígida de seu corpo dizia que ela estava com raiva. Ele estendeu a mão para escovar os dedos em seu rosto, só para tê-la estremecendo e recuando para longe do seu toque. Droga, não estava zangada. Ela estava magoada. O fato de que ele não tinha estado feliz com Cleo sabendo que ela tinha estado aqui à noite toda lhe enviara uma mensagem errada. Mas então ele estava tendo um tempo duro o suficiente para ajustar o que tinha acontecido durante a última hora ou mais. Ele estava escalando uma vertente rochosa sem equipamento de segurança, e não estava certo se ele mesmo deveria estar subindo a montanha.

— Phaedra... Isso não é fácil para mim, — respondeu asperamente. Ela virou a cabeça e os olhos cheios de lágrimas que piscaram de volta foi pior que o bastardo Pretoriano tentando matá-lo ontem à noite.

— Não é suposto ser fácil, Lysander. Amar alguém sempre envolve riscos. Não é sobre regras básicas, é sobre se você deve ou não dar aquele salto de fé para estar comigo. Não é como se eu estivesse pedindo o vínculo de sangue.

No minuto em que ele se afastou dela, lamento o atingiu. A cor foi drenada do rosto dela, e ela mordeu o lábio inferior. A expressão atormentada em seus belos olhos castanhos fez querer pegá-la em seus braços, mas não podia. Como ele poderia ter sido tão estúpido? É claro que ela, eventualmente, iria querer o vínculo de sangue. O medo apertou seus membros, como madeira petrificada. Esse era um lugar que ele não estava disposto a ir.

O sexo era uma coisa. Ele não tinha o mesmo tipo de consequências ou o compromisso que o vínculo de sangue tinha. A transferência de habilidades entre *Sicari* antes que um vínculo de sangue fosse selado, era extremamente raro. Pode acontecer uma vez a cada par de cem anos. E enquanto a estrutura do gene *Sicari* agia como uma barreira natural contra as doenças sexualmente transmissíveis, o vínculo de sangue era um jogo totalmente novo.

Não era apenas um compromisso vitalício. Se eles fizessem o vínculo de sangue, as chances dela ganhar uma de suas habilidades multiplicava exponencialmente, dependendo da força de seus próprios poderes. A natureza intuitiva de Phaetra era forte o suficiente para que no minuto que o seu sangue se misturasse com o dela, a evolução de sua capacidade era uma coisa bem certa. E ele com certeza não estava indo misturar seu sangue com o dela. Ele se recusava a torná-la algo que havia lhe causado tanta dor em sua vida. A dor nos olhos dela brilhou quando ele não respondeu e ela balançou a cabeça.

— Eu não posso começar a imaginar o que aqueles *figlio di puttanas* fizeram com você naquela noite, mas eu sei que mudou você. O que quer que seja essa escuridão que está carregando dentro de você, isso está ficando entre você e a pessoa que mais se importa com você. Eu.

— Há algumas coisas que eu nunca vou falar Phaetra. E se é isso que você está esperando de mim, então não vai acontecer — ele colocou para fora.

— Eu não estava pedindo que derramasse suas tripas, — ela retrucou em um tom furioso. — Eu estava apenas tentando entender qual caminho tomar. Primeiro, você me diz que está tentando chegar a algumas regras básicas entre nós, mas aquele comentário sobre Cleo envia uma mensagem completamente diferente.

— *Fotte*. Cleo me pegou de surpresa, isso é tudo. Inferno, eu ainda estou tentando fazer alguns ajustes nessa coisa de nós estarmos juntos, muito menos partilhá-lo com mais alguém. Não é algo que estou pronto.

— Então, a questão real é: você está pronto para mim? — Havia um desespero em sua voz que o puxava para ele. *Christus*, o declive da montanha que ele estava foi ficando cada vez mais escorregadio pelo momento.

— Não. A questão é se você está preparada para lidar com bens danificados, — ele murmurou. E ele era um bem danificado. Ela merecia coisa melhor. Ele não estava sendo totalmente honesto com ela. Em vez disso, estava sendo egoísta e enganoso quando chegava a estar com ela. Uma mão suave tocou o lado horrivelmente cicatrizado de seu rosto. A emoção que ele viu brilhando em seus olhos era assustador o suficiente para fazê-lo querer correr tão longe e tão rápido quanto poderia dela. Ele estava cavando sua própria sepultura, e mais cedo ou mais tarde, ela estaria indo mandá-lo cair na cova e enterrá-lo.

— Eu não acho que você é uma mercadoria danificada. Acho que você é o mais belo e corajoso homem que eu já conheci.

As palavras suaves o fizeram fechar os olhos contra o amor e a dor que lhe provocou. Ele não era nenhuma dessas coisas, mas sua crença nele deu uma esperança de que poderia viver suas expectativas. Naquele momento, ele sabia que tinha atravessado uma ponte em chamas. Não havia como voltar atrás. Ele teria que ter suas chances com ela. Quanto mais tempo ele mantivesse seu segredo, menor chance de ser pego.

O vínculo de sangue. E quanto ao vínculo de sangue? A voz interior em sua cabeça zombava dele. Ele empurrou o pensamento de lado. Iria lidar com isso quando chegasse à hora. E se ela descobrir a verdade? Ele engoliu o nó na garganta e a puxou para seus braços.

Mais tarde. Ele pensaria em um plano mais tarde. Ele a amava, e no momento, era tudo o que importava para ele. Todo o resto poderia esperar até que tivesse tempo de chegar com um plano decente de ação.

— Sugestões sobre o que diremos quando Cleo contar para todo mundo que ela conseguiu?
— Ele perguntou com um toque irônico de seus lábios.

— Nós apenas sorrimos e agimos como se fosse a coisa mais natural do mundo, — ela disse, enquanto puxava sua cabeça para baixo dela, para um beijo. — É a verdade, não é? — Lá estava novamente, a nota de medo na voz dela. Ele balançou a cabeça.

— A parte natural é sorrir? Essa é uma questão completamente diferente. — Ele arqueou as sobrancelhas para ela. Era verdade. Ele sempre foi muito sério, mas desde aquela noite no armazém, que tinha sido estóico, a ponto de ser uma pessoa sem emoção.

— Então, salve seus sorrisos para mim, — ela murmurou com voz rouca. — Eles me fazem sentir como se eu fosse a única mulher que você vê na sala.

— Você é a única mulher que sempre vejo. Amar você me faz inteiro. — A ideia foi levada para fora dele, e no minuto que a viu franzir a testa, ele entrou em pânico. Merda, ele tinha feito isso de novo. Talvez isso não fosse dar certo, afinal. Ele forçou um sorriso nos lábios e simulou uma expressão de curiosidade.

— O quê? — Manteve a simples pergunta, esperando e rezando para que ela rejeitasse isso, como sendo sua imaginação. Seu olhar procurou seu rosto por um momento antes dela balançar a cabeça.

— Nada. Eu só... Bem, por um segundo, eu pensei que eu ouvi você dizer algo.

— É seu jeito de pedir um elogio?

— Talvez. — Ela riu. — Mas eu vou pedir mais tarde. Agora, eu preciso descer até a cozinha e cuidar do corte de Irinis. Vou vê-lo daqui a pouco?

— Sim. Eu vou falar com Marco para reunir a equipe para uma atualização sobre o progresso de ontem e depois vou falar com Ares e Emma. Eu acho que os dois têm algumas novas informações que possam ser úteis.

— Tudo bem, — ela disse com um sorriso. Então, com um leve beijo, ela tinha ido embora.

Ele ficou lá por um momento, contemplando como tinha acabado de selar seu destino, onde ela estava preocupada. Não havia como retroceder agora. Com um grunhido de desgosto, ele rodou em volta e se forçou a concentrar sua atenção na tarefa que tinha na mão. Quanto mais cedo eles encontrassem o Tyet de Ísis, mais cedo poderiam voltar para Chicago. Depois de uma chamada rápida para Marco, ele terminou de se vestir e desceu as escadas para a biblioteca. Era um dos locais prediletos de Atia com facilidade, e ele esperava que ela estivesse com Emma e Ares na sala.

Mas ela não estava em qualquer lugar à vista, quando ele entrou na pequena sala. A visão de Ares e Emma debruçados sobre um livro na mesa da biblioteca encheu-o com prazer. Ele ficou encantado quando seu amigo havia encontrado Emma. Ares tinha se culpado pela morte de um ente querido tempo suficiente. Era hora dele achar alguma felicidade em sua vida. E a partir do olhar sobre seu caro amigo, era óbvio que ele estava feliz. Ele limpou a garganta para anunciar a sua silenciosa chegada, e os dois imediatamente olharam para cima a partir do livro que estavam estudando.

Grandes sorrisos em seus rostos, eles se apressaram para frente para cumprimentá-lo. Ele agarrou o antebraço de Ares com a mão na forma que os *Sicari* cumprimentavam desde os dias do Império Romano. Quando se virou para cumprimentar Emma, ele endureceu quando ela se mudou para frente, abraçando-o com entusiasmo, mas a tensão em seu corpo sumiu quando ele a abraçou de volta. Em pouco tempo que eles tinham se conhecido, ela tinha se tornado uma amiga. Ares tinha escolhido bem.

Emma não era mais um *alieni*, ela era *Sicari*. Ele recuou e olhou para Ares.

— Eu esperava ver Atia aqui, — ele disse com um olhar de perplexidade. — Será que alguém a avisou que você chegou?

— Seu *Primus Pilus* estava procurando por ela agora, mas Ignacio sumiu, também. Campanella pode encontrá-lo no celular, mas isso pode apenas significar que não está no carro. — Ares encolheu os ombros ligeiramente, a sua maneira, indicando que não era uma causa, ainda.

— Ela provavelmente queria ver o nascer do sol de qualquer ponto sobre a cidade. Você sabe como ela gosta de fazer isso na propriedade de White Cloude.

— *Il omnipotentia Christi*, — exclamou asperamente. — Isto não é o Estado Michigan. É Roma. Ela não pode simplesmente ignorar o fato de que há um *Pretoriano Dominus* na cidade.

— O quê? — a questão afiada de uma palavra de Ares destacou sua mudança repentina de humor.

— Um *Pretoriano Dominus*? — a face de Emma revelou sua confusão.

— O equivalente Pretoriano de um *Senhor Sicari*, — Ares disse com uma voz sombria. Ele não olhou para longe de Lysander quando alcançou a mão de sua esposa em um gesto silencioso de confiança

— O que faz você pensar que há um *Pretoriano Dominus* em Roma.

— Porque eu lutei com ele na noite passada, — Lysander disse severamente. — O bastardo teria me matado se eu não tivesse ajuda.

— Como?

Pela pergunta de Ares, ele sacudiu a cabeça.

— Um *Senhor Sicari* o salvou, — declarou Atia da porta da biblioteca.

Os três se empurraram para ver a *Prima Consul* entrar na sala com uma expressão rugosa no rosto. A chegada de Atia o havia salvado de mentir ao seu amigo sobre o *Senhor Sicari*, mas

ele com certeza não esperava que ela soubesse que um *Senhor Sicari* o havia salvado. Na esteira desse pensamento estava a constatação de que a Atia sempre soube de tudo.

Isso sempre o surpreendeu a respeito dela. Mas esta foi a primeira vez que ele já pensara nela como algo menos que indomável. Ele franziu o cenho. Ela parecia exausta – drenada – como se ela tivesse estado em uma veementemente controversa discussão política com um grupo de nervosos senadores. Ele nunca a tinha visto parecer tão nervosa antes. Pior ainda, havia um olhar em seus olhos que sinalizava medo.

Mesmo desde o primeiro dia que ele voltara a viver com ela, ele nunca a vira com medo de nada. Apesar de sua irritação com o jeito que ela manipulava pessoas e situações, ele ainda se preocupava com ela, e vê-la assim o preocupava. Ele deu um passo em direção a ela, mas ela acenou para que se afastasse em um comando silencioso para não questioná-la.

— A presença do *Pretoriano Dominus* simplesmente torna nossa tarefa mais difícil, mas não impossível. — A firme nota de força na voz de Atia diminuiu o ar de desconforto sobre ela. — Eu já tinha alertado os responsáveis da nossa sede em Gênova e do Conselho, também.

— Como você sabe que o indivíduo que interveio foi um *Senhor Sicari*? — Ares perguntou enquanto ele olhava fixamente para a *Prima Consul*.

— Porque o homem que enviou uma mensagem para Lysander na noite passada é um *Senhor Sicari* que eu conheço há mais de 30 anos. — Houve uma ligeira fenda em sua voz que dizia que este homem era mais próximo dela do que ela estava admitindo.

— E todo este tempo você não se preocupou em contar a ninguém que ele existiu? — Desta vez, a voz de Ares era uma condenaçãoafiada.

— É para proteção deles, tanto quanto a nossa, — retrucou ela. — *Senhores Sicari* não são invencíveis. Suas habilidades são simplesmente mais fortes do que as nossas e levam mais tempo para desaparecer, mas se superados em número, eles podem morrer como qualquer um de nós. Eles foram traídos no passado, e sua existência é conhecida apenas por alguns.

— Suas? Você disse que suas, — Ares retrucou. — Você está dizendo que há mais do que apenas um?

— Sim.

Enquanto seu amigo estava claramente atordoado, a resposta de Atia não surpreendeu Lysander. O fato de que o *Senhor Sicari* que viera em seu resgate não tinha estado sozinho, o fez pensar se os que como ele tinha as mesmas habilidades. Fazia sentido. Ele olhou para Ares, antes de voltar sua atenção para a *Prima Consul*. Com um gesto que indicava arrependimento, a mão de Atia roçou em seu queixo enquanto ela soltava um suspiro baixo.

— Eu estou quebrando todas as regras por dizer isso a qualquer um de vocês, mas você sabe quão apreciadora sou de quebrar as regras. — Ela olhou em sua direção, antes de voltar seu olhar para Ares.

— Lysander já sabia da existência do *Senhor Sicari* por causa de seu encontro com o *Pretoriano Dominus*. E agora eu estou confiando em você e Emma com este segredo.

Ambos, Ares e Emma acenaram em uma silenciosa concordância para não trair a confiança da *Prima Cônsul*. Então Ares fez a pergunta que Lysander estava esperando desde a noite passada.

— Podemos esperar a sua ajuda se tivermos a necessidade dela?

— Eu não posso dizer. A *Prima cônsul* está à disposição do chamado do *Senhor Sicari* reinante. Ele envia para mim quando quer, mas minha habilidade para manter contato com ele é extremamente limitada.

A renúncia de Atia indica que ela não estava deixando nada para trás. Enquanto ele não recusaria a ajuda do *Senhor Sicari*, Lysander não ia contar com sua ajuda, também. O *Pretoriano Dominus* tinha definitivamente mudado o equilíbrio, fazendo com que sua missão ficasse ainda mais perigosa. O pensamento de perder outro *Sicari* em sua vigília torceu seu estômago em nós. Não. Ele se recusava a perder alguém de sua equipe, mesmo se tivesse que tomar uma espada em vez deles. Seu olhar mudou de Atia para Ares.

— Então nós vamos operar sob a suposição de que estamos por nossa conta, tanto quanto esse *Pretoriano Dominus* está preocupado, — ele disse calmamente. — Em vez de dois do time, só vamos sair em grupos de três ou mais.

— Concordo, — Ares disse com um aceno de cabeça. — Onde você quer começar?

A questão era a maneira de seu amigo dizer que ele não tinha nenhuma intenção de tentar liderar esta missão. Ele agradeceu o gesto de apoio. Pela primeira vez desde que Atia o fizera *Legatus*, ele percebeu que queria ter sucesso nesta missão.

— Eu pedi para Marco juntar todos na sala de conferência em uma hora. Precisamos dar uma olhada no chão que estamos percorrendo até agora. Isso vai ajudar a você e Emma da velocidade do nosso progresso, e eu quero saber o que vocês dois acharam em França.

— Bem, isso soa como um plano para mim. — Emma sorriu para ele com uma pitada de malícia em seus olhos. — Entretanto, por que você não me diz onde eu posso encontrar minha cunhada?

A pergunta enviou calor até o pescoço enquanto Ares cruzava os braços e lhe enviava um olhar questionador que disse que Cleo tinha estado falando. *Christus*, ele estava indo estrangular a mulher. Ao lado dele, Atia limpou a garganta. Ele virou a cabeça na direção dela e ficou aliviado ao ver que a sua compostura tinha retornado.

— Eu acredito que Phaedra está na cozinha realizando um *Curavi*. Um dos *Vigilavi* cortou sua mão.

Emma acenou com a cabeça, e depois de receber instruções para a cozinha, ela deixou a biblioteca. Um leve sorriso no rosto, a *Consul Prima* arqueou uma sobrancelha para Ares.

— O casamento combina com você.

— Eu concordo, — Ares disse com um aceno de cabeça.

A resposta foi mais enigmática do que habitual quando ele respondeu Atia. Ambos sabiam que era melhor falar pouco do que muito. A *Prima Cônsul* tinha uma memória igual uma armadilha de aço, e sempre pegava algo no ar sobre qualquer assunto ou para zombar de alguém.

— E a capacidade dela? — Desta vez, a pergunta era um comando.

— Sua técnica ainda necessita de refinamento, mas ela está se tornando bastante adepta. — Ares tinha uma expressão de orgulho pelas conquistas de sua esposa.

— Fico feliz em ouvi-lo, — respondeu Atia. — Agora, eu tenho certeza que você quer ver sua irmã, e eu tenho um par de itens que desejo rever com Lysander. Por favor, feche a porta na sua saída.

Foi uma demissão, e ele estava tão assustado com as nítidas palavras dela assim como Ares. Ele enviou-lhe um olhar rápido e viu que o estado de espírito perturbado que tinha apresentado anteriormente, havia retornado. Com uma ligeira curvatura na direção dela, Ares dirigiu-se para a porta. Enquanto ele passava, Ares arqueou as sobrancelhas e balançou a cabeça em direção a Atia. Lysander só poderia oferecer um pequeno encolher de ombros, em resposta. O que quer que estivesse incomodando a mulher, ele tinha certeza que ela estava prestes a compartilhar com ele.

Ele estava ainda mais certo de que não ia gostar do que ela tinha a dizer. Quando a porta da biblioteca fechou com um ruído suave, ele se virou em direção a Atia e esperou. Ela não olhou para ele. Em vez disso, ela atravessou o chão para ficar na janela que dava para o pátio interior da instalação de satélite *Sicari*. Ela não falou por vários minutos, e ele achou o silêncio desconfortável. Que diabos ele tinha feito que fosse tão terrível que não podia falar?

— Preciso de sua ajuda, Lysander. — Desespero enchia as palavras silenciosas, e ele reconheceu a emoção muito familiar. Isso não era sobre ele depois de tudo. Pelo menos não achava que era.

— Você sabe que minha espada está sempre às suas ordens.

— Disso eu não tenho dúvida. Você e Ares sempre foram fiéis, e eu sou profundamente grata.

Atia não olhava para ele. — Mas não é sua espada que eu tenho necessidade. É a sua capacidade de aconselhar Cleo que eu preciso.

— Cleo? — Ele franziu a testa e balançou a cabeça em perplexidade. — O que há de errado com Cleo?

— No momento, nada. Mas há algo que eu tenho que dizer a ela, e ela vai precisar falar com alguém. Eu quero que essa pessoa seja você. — Desespero e dor ecoavam das palavras de Atia, enquanto continuava a olhar pela janela. — Vocês dois são tão próximos como irmãos naturalmente nascidos. Ela respeita sua opinião, e é por isso que você é o único que posso recorrer.

— O que faz você pensar que Cleo não vai querer falar com você?

— Porque eu menti para ela.

Ele deu uma afiada respiração. Cleo tinha suas idiossincrasias, mas a única coisa que ela não podia tolerar era quando alguém mentia para ela. Isso a enfurecia, e fiel a suas raízes italianas, ela teimosamente se recusava até mesmo reconhecer a existência da pessoa depois. Em apenas um ou dois casos raros, ele já tinha visto ela se arrepender. Ela prefere que confessem os seus pecados na frente, do que mentir sobre isso. Talvez a mentira de Atia fosse bastante inofensiva, mas a partir do olhar em seu rosto, ele sabia que era o contrário.

— O que você mentiu para ela?

— O pai dela.

— Eu pensei que seu pai estivesse morto. — Intrigado, ele franziu o cenho para ela.

— Não, eu simplesmente deixei ela e todos os outros acreditarem nisso, — Atia sussurrou quando se virou para encará-lo. — O pai dela está muito vivo e bem.

Por um momento, ele não tinha certeza se tinha a ouvido falar corretamente. O pai de Cleo estava vivo? Por que Atia esconderia algo assim de sua filha?

— Por que você guardou segredo? — ele perguntou.

— Porque eu estava tentando protegê-la. Marcus e eu já não estávamos juntos no momento em que soube que estava grávida de Cleo. Eu já tinha perdido um... Eu sabia que se alguém descobrisse que ela era filha de Marcus, ela estaria em perigo.

— Estamos falando sobre o mesmo Marcus o *Senhor Sicari* que estava se referindo a noite passada?

— O *Senhor Sicari* que você conheceu na noite passada era Marcus.

Ele endureceu quando encontrou o olhar angustiado de Atia. Que diabos ela estava dizendo? Cleo era a filha de um *Senhor Sicari*? Merda, Cleo era uma lutadora extraordinária, mas suas habilidades de amigo estavam praticamente inexistentes. Na ocasião, ela pôde sentir o perigo, mas mesmo esse talento era aleatório e esporádico na melhor das hipóteses.

— Mas Cleo não tem as habilidades de um *Senhor Sicari*.

— Nem toda criança tem. É como a maioria das características genéticas. Às vezes uma criança pode parecer com seus pais e outras vezes não. Cleo nunca apresentou qualquer sinal de habilidades especiais como seu pai ou seu. . . mas ela é muito parecida com ele de outras maneiras.

O ligeiro tropeço em sua resposta o fez estudá-la com cuidado, mas ela desviou o olhar. Ela não estava dizendo a ele tudo, mas ele não tem o direito de pressioná-la para algo mais do que ela estava disposta a compartilhar.

— Então, após todos estes anos, porque contar a verdade agora?

— Porque ele quer vê-la.

— Você está me dizendo que depois de tanto tempo de repente ele se interessou por ela?
— ele vociferou.

Senhor Sicari ou não, o bastardo não têm direito a uma valsa de retorno à vida de Cleo, esperando que ela o acolhesse de braços abertos. O *Vigilavi* que ele conhecia na força da polícia de Chicago, tinha severas palavras para os pais caloteiros, e estava certo de que eles tinham algumas palavras bem escolhidas para Marcus, *Senhor Sicari* ou não. Atia pressionou seus dedos às têmporas e fechou os olhos como se estivesse sentindo dor.

— Ele nem sequer sabia sobre ela, até esta manhã, — ela sussurrou.

A culpa e o remorso crivavam sua resposta. Por alguma razão, ela preferiu não dizer ao homem sobre Cleo, mas ele poderia dizer que ela estava pagando um alto preço por isso agora. Ele estendeu o braço para esfregar as costas de seu pescoço. Isto era um inferno de uma bagunça, e sua amiga iria querer a cabeça de sua mãe por isso.

Merda, isso era algo que Cleo nunca perdoaria de sua mãe. Seu olhar encontrou o de Atia, e ele percebeu que ela estava pensando a mesma coisa. Um barulho suave rompeu isso, enquanto ela se afastava dele. *Christus*, o que ele deveria fazer agora? Ele com certeza não poderia tranquilizá-la de que tudo ia ficar bem.

— Você quer que eu esteja lá quando você contar a ela?

— Não. Eu tenho de fazer isto sozinha. Mas agradeço a você. — Atia endireitou a coluna e arrastou uma respiração profunda, mas não se virou. — Vai. Eu acredito que você tem uma reunião em poucos minutos.

— Há algo que eu possa fazer por você?

Ele não gostava de vê-la assim. Havia uma aura de derrota sobre ela, que o lembrava que ela não era apenas a *Prima Consul*, ela era uma mulher que tinha limites, assim como todos os outros.

— Vai, Lysander. Eu vou ficar bem. — O comando era inconfundível, mas ouviu a vacilação em sua voz. Ela estava em dor, e ele não sabia como ajudá-la. — Agora.

Sem outra palavra, ele a deixou sozinha.

Capítulo 17

Gabriel Russo encarou o jogo de xadrez de mármore na frente dele. Ele estava perdendo. O fato o irritou tanto que queria matar a próxima pessoa que entrou na sala. Olhando para o jogo, estudou cuidadosamente as peças restantes.

— Eu acredito que é sua vez, Gabriel.

Ele olhou para o homem sentado em frente a ele enquanto a voz de Nicostratus subia para fazer eco em silêncio contra o teto da catedral. A biblioteca era uma das salas favoritas de seu pai adotivo. Ele não tinha certeza se era o efeito intimidador da sala enorme sobre quem entrava ou se Nicostratus simplesmente gostava da madeira de mogno, elaboradamente esculpida, que cobriam as paredes e estantes na sala.

Esculturas que até pelo seu grau de ódio contra os *Sicari* pareceu um pouco exagerado. Durante a infância, esta sala sempre o incomodava com as suas representações assustadoras dos hereges sendo torturado por seus pecados. Nicostratus estava olhando para ele com seu divertimento habitual destacado que o irritava muito mais do que gostaria de admitir. Uma fina camada de desprezo sempre deitava sob a afeição de seu pai para ele. Se ao menos pudesse chamar isso de carinho. Isso sempre o tinha feito sentir que era indigno do nome Russo.

— Estou pensando, — disse entre dentes cerrados. Através dele, Nicostratus suspirou pesadamente.

— Ou faça uma jogada ou perde o jogo, Gabriel.

Sem tocar seu rei, Gabriel virou-o de lado para sinalizar a sua aceitação de derrota.

Uma risada ressoou no peito de Nicostratus. Não era um som agradável. Mas, então, seu pai sempre gostou de lembrar-lhe que ele não era um verdadeiro Pretoriano, apesar de sua

capacidade ou sua lealdade. Talvez ele devesse mostrar para seu pai exatamente como ele era poderoso. O pensamento o fez morder o interior da bochecha. Ele deveria sentir gratidão, não raiva para o seu pai.

Nicostratus era o motivo dele ainda estar vivo. O homem o tinha resgatado a partir de seu verdadeiro pai. Levando-o antes que Marcus Vorenius, o *Senhor Sicari*, pudesse sacrificá-lo para seus deuses pagãos. Ele devia a seu pai adotivo sua vida. E o bastardo nunca o deixava esquecer. Nicostratus arqueou uma sobrancelha para ele e olhou para a peça de xadrez de lado.

— Você estava distraído durante o nosso jogo. — A pergunta silenciosa por trás da declaração era uma que ele sabia que era obrigado a responder.

— Eu encontrei um incomum casal *Sicari* na semana passada no templo de Adriano. Eles estão em minha mente nos últimos tempos.

— Eu imagino que eles fazem parte desse pequeno contingente *Sicari* que estão procurando o Tyet de Ísis. Aquela prostituta pagã que deu à luz a você está com eles.

Havia um tom de diversão sádica na voz de Nicostratus. Ele ignorou. Isso e a pontada que veio com a simples menção de sua mãe. Ao crescer, ele sempre abrigou um desejo secreto que podia ouvir de seus lábios por que ela deixara que seu pai biológico o sacrificasse em um dos rituais hereges *Sicari*.

Ele não tinha superado esse desejo secreto. Mesmo após todos esses anos, ele ainda queria saber por quê. Os tentáculos dos pensamentos de Nicostratus estavam lentamente deslizando em sua cabeça. Ele facilmente manteve a sondagem do homem na superfície, mordeu de volta um sorriso de satisfação assim que sentiu a frustração e raiva de seu pai. O homem mais velho se retirou da sua cabeça, como um sorriso cruel enrolado nos lábios.

— Interessante, você enriqueceu e fortaleceu o controle de sua capacidade telepática nos últimos meses.

— Você me ensinou bem... Pai, — ele disse calmamente enquanto olhava Nicostratus realinhar as peças de xadrez no tabuleiro.

Nicostratus estremeceu com a referência paterna. Gabriel tentou ignorar a dor que causou, mas não podia. Era como se a ponta dessa inominável espada passasse em sua barriga novamente. O herege foi o primeiro lutador fora da irmandade no qual colocou uma lâmina sobre ele, mas a humilhação não foi nada comparada com a falta de aprovação pelo homem que o criou.

Ele trancou sua mandíbula, em um esforço deliberado para manter a sua expressão neutra. A última coisa que queria era que Nicostratus soubesse o quanto precisava da bênção do homem. Um dia ele gostaria de encontrar um jeito de fazer o homem se orgulhar dele, e então não haveria dúvida sobre a sua lealdade para com a irmandade Pretoriana.

— Diga-me, Gabriel, o que era tão incomum sobre o casal que você conheceu? — Claramente desinteressado seja qual fosse a resposta que recebesse, Nicostratus terminou corrigindo o jogo de xadrez, em seguida, levantou-se e levou-o de volta para a prateleira da biblioteca onde havia sido mantido uma vez que Gabriel era um menino.

— A mulher é uma curandeira.

— Isso não é incomum entre as mulheres *Sicari*. — O entediado sarcasmo na voz do homem o fez cerrar os dentes.

— Esta é especial. — A convicção calma em sua voz fez seu pai virar em direção a ele com uma expressão de curiosidade no rosto.

— Especial como?

— Sua habilidade é a mais forte que eu já vi. Enquanto sondava sua mente, eu vi como ela trouxe a mulher Zale de volta da beira da morte. Eu acredito que ela é muito valiosa.

— Você está se referindo ao incidente com Granby em Chicago?

— Sim. — Ele ignorou as críticas ditas em questão que ouviu de seu pai. Tinha sido um erro contratar Granby. Seu erro. E ele ainda estava pagando por ele meses depois.

— Você tem um nome?

A questão o fez acenar enquanto ele enfiou a mão no bolso do roupão para um pedaço de papel. É quase um sacrilégio dar nomes hereges. Ele sabia que era uma exceção entre seus irmãos Pretorianos quando chegou à sua fastidiosa anulação de falar o nome de qualquer inominável. Dando-lhes nomes sempre o fazia se sentir sujo. Ele entregou o papel para seu pai, que tomou dele com um suspiro de exasperação.

— Phaedra DeLuca. Esse nome tem um toque familiar. — Seu pai franziu o cenho e balançou a cabeça em concordância. — Talvez você esteja correto. Uma mulher com esse tipo de habilidade seguramente reproduzirá vários curandeiros de raça forte.

— Normalmente teríamos que esperar até que ela tenha um filho para ter algo para motivar a curar. Mas eu acredito que nós podemos motivá-la a partir do momento em que a trouxermos para a basílica.

— Exatamente o que você tem em mente? — Pela primeira vez, houve uma sugestão de algo na voz do homem que o fez pensar que finalmente ganhará um pouco de aprovação. Ele desdenhou a ideia.

— O inominável que ela estava. Ele tem um grande significado para ela.

— Como é que isso pode nos ajudar? — A aprovação desapareceu.

— Ela ama o lutador. Acredito que ela está disposta a fazer qualquer coisa para protegê-lo.

— Hmm, possivelmente. Mas nós temos uma oferta limitada de Potior para manter o guerreiro sedado. Não podemos desperdiçar o que temos simplesmente em um esforço para forçar a mulher a curar nossas feridas.

— Então talvez devêssemos procriar a dois deles. Seus descendentes poderiam reforçar a fundação da irmandade Pretoriana.

— O que te faz pensar que precisamos de um lutador *Sicari* herege e sua prostituta para fortalecer nosso sangue?

O desprezo na voz de Nicostratus encheu-o com ressentimento, enquanto se levantava para enfrentar o homem que o criou. A nota de desgosto na voz de seu pai era um lembrete de que seu sangue era *Sicari* também. Será que o homem sente da mesma maneira sobre o guerreiro *Sicari*? Ele mordeu a parte interna da bochecha quando a resposta bateu com a cabeça. Ele olhou seu pai adotivo nos olhos.

— Seus descendentes seriam seus netos. O guerreiro *Sicari* é o seu filho bastardo.

O olhar surpreso no rosto de seu pai adotivo puxou um sorriso amargo nos lábios de Gabriel quando viu a expressão do homem mais velho evoluir para algo parecido com prazer. O homem realmente parecia satisfeito com o anúncio. Ele deve ter sabido que seria desse jeito.

— Então, Lysander Condellaire chegou ao local de sua concepção. — A forma como seu pai disse o inominável nome o adoeceu.

— Devo mandar arranjar suas captura?

— Mas é claro. — Nicostratus disse com um sorriso satisfeito. — Muito bem, meu filho. Bem feito.

O elogio inesperado enviou uma sacudida de prazer velejando através dele, enquanto abaixava a cabeça em direção ao homem que o criou. Quando ele se ajeitou, percebeu que Nicostratus nem sequer olhava para ele. Ele ficou rígido com a raiva. Seu pai não estava satisfeito com ele. O filho da puta estava feliz que o inominável estava aqui em Roma.

A sombria fúria rosnou o seu caminho em seus membros enquanto rodava sobre as costas e saía da biblioteca. Ele veria o inominável morto antes dele trazer essa merda para a distancia de

um cuspir da igreja. Todos esses anos, ele sempre fez tudo que seu pai havia pedido, e não teve uma vez que o homem deu qualquer indicação de que estava orgulhoso dele. E agora, após todo esse tempo, esse porra teve coragem de ter orgulho nas ações de um inominável sobre ele.

A porta da biblioteca bateu fechada atrás dele, e ele ficou ali, puxando ar enquanto lutava para não voltar para aquela sala para matar definitivamente o filho da puta. Seria uma coisa estúpida de se fazer. Ninguém matara um Patriarca do Colégio sem consequências. Eles enviariam Alessandro, ou pior, Silvestro, atrás dele.

Ele era forte o suficiente para bater Alessandro, mas Silvestro era de longe o mais poderoso de todos os *Pretorianos Dominus*. Ele não tinha chance contra ele. A morte era um fato inevitável da vida, mas *exsilium* era muito pior. Ele não estava disposto a arriscar sua alma por Nicostratus Russo. O Colégio e a Igreja era sua vida. Sem elas, ele não era nada.

Passos sussurravam pelo chão de pedra do salão principal do Monastério, o seu proprietário dirigiu em sua direção. Tiago. O menino tinha estado fodendo uma das mulheres *Sicari* na instalação há semanas, o que significava que tinha acesso a Phaedra DeLuca. O jovem entrou em vista, e ele caminhou em direção ao seu noviço. Envolveu seu braço em volta dos ombros de Tiago, ele virou-o para que eles voltassem na direção que o rapaz tinha acabado de vir.

— Bem?

— O *Vigilavi* jamais havia traído aqueles a quem servem, Sua Graça, mas a mente de Irini é como um livro aberto. Tudo o que ela sabe é informações que podemos usar para monitorar os movimentos dos *Sicari*.

— Bom, muito bom. Estou bastante satisfeito com seu trabalho, Tiago.

Cheio de alegria com o pensamento de ter acesso ao santuário interno das instalações *Sicari*, ele decidiu que iria permitir a Tiago livre acesso à puta que seu pai tinha trazido para o harém a mais de um ano atrás. A mulher tinha dado à luz uma menina há três meses, e era hora de procriar novamente.

— Irini não sabe nada sobre o Tyet de Ísis. Mas ela ouviu discussões *Sicari* de um número de monumentos na área do Fórum inferior. Eu acredito que estão concentrando suas buscas nas proximidades.

— Excelente. Eu tenho outra tarefa para você. Eu quero saber o que esta Irini conhece de Phaedra DeLuca.

— Como quiser, senhor. Irini e eu estaremos nos vendo de novo hoje à noite.

O comentário aparentemente inocente lhe deu uma pausa, e ele olhou para o jovem de perto.

tiago estava vendo um pouco demais a mulher nos últimos tempos. Seria uma vergonha se o menino tivesse sucumbido à tentação. Era contra a lei Pretoriana formar ligações com uma mulher. Sexo pelo prazer ou procriação era incentivado, mas nada significava graves consequências.

Ele odiaria ter que matar Tiago apenas quando o menino tinha sido tão útil. Quando o jovem olhou para ele, houve uma sugestão de espanto no rosto de Tiago, que enxugou a suspeita. O garoto era um aluno devoto. A ideia de Tiago sentir qualquer coisa para Irini era claramente equivocada.

— Então, vamos esperar que esta sua fêmea nos forneça informações úteis. O Patriarca tem um interesse especial em seus esforços, e eu gostaria de dar-lhe um relatório positivo de seu progresso até o final da semana.

— Obrigado, senhor. Oh, eu quase esqueci. Havia uma pequena coisa. Foi apenas uma lembrança, mas Irini ouviu alguém mencionar o Circus Maxêncio. Talvez devêssemos vigiá-lo?

— Hmm, não. Duvido que isso seja de qualquer importância.

No minuto em que ele disse que não, algo dentro dele se revoltou. Ele franziu a testa, continuaram andando pelo corredor de pedra da Basílica do Colegiado. Talvez tivesse sido

demasiado apressado em sua demissão da informação. O inominável estava visitando uma grande parte dos monumentos antigos.

— Eu imagino que o senhor esteja correto. — Tiago balançou a cabeça em concordância.
— Como eu disse, era uma coisa pequena.

— Mas as coisas boas vêm em embalagens pequenas, não fazem Tiago? — Ele sorriu para o seu noviço. — Eu acho que a sua sugestão para vigiar o Circus Maxentius é excelente. Peça a um dos mais jovens noviços manter um olho nele, mas só à noite. O inominável vai querer explorar as ruínas livres de turistas ou de polícia.

— Sim, senhor.

— Agora, eu tenho uma surpresa para você. Seu trabalho foi excepcional, até a data, e eu acredito que você tem direito a uma recompensa. Pretendo dar-lhe o acesso ao inominável no Serralho.

— A cadela que quer tentar matar todos os Pretorianos que chegam perto dela?

A excitação na voz do menino o fez sorrir. Não havia um único Pretoriano no *Collegium Roma* que não quis ser o primeiro a foder a inominável e emergir sem receber um arranhão ou mordida. Até a data, nenhum Pretoriano tinha conseguido usar a fêmea e emergir ileso. Ela era uma gata selvagem.

Ele se contemplou colocando seu pau entre as pernas dela uma série de vezes, mas a ideia de sujar-se de tal forma o repeliu. Tiago, no entanto, parecia ansioso para assumir o desafio. Claramente, seu jovem protegido estava esperando em ser o primeiro a domesticar a cadela. O menino ficou entusiasmado o suficiente para que ele pudesse realmente ter sucesso onde outros falharam.

De certa forma, ele admirava a recusa da inominável em ceder ao seu destino. Mas a criança sem dúvida mudaria esta situação agora. As fêmeas permitem a sua conexão com seus

bebês para controlá-los. Sem dúvida, a mulher estaria disposta a rolar para Tiago, no minuto em que ele oferecesse uma chance de ver a criança.

Será que a inominável curadora seria assim? Ela iria lutar assim com ele ferozmente? Ele estava certo de que ela faria. O pensamento o animou. Ele seria o primeiro a tê-la, e ninguém mais iria tocá-la até que ele acabasse com ela. Havia algo em Phaedra DeLuca, que o chamava. Não era apenas suas habilidades que ele queria.

Lembrou-se do jeito que ela estremeceu sob seu toque mental. Isso o tinha feito duro como pedra tocar-lhe pelo caminho como tinha feito. Era um prêmio que ele queria muito. Como a torre em um jogo de xadrez, ele estava ansioso para capturá-la. A única coisa em seu caminho era um cavaleiro e um rei. O cavaleiro que ele poderia acabar facilmente.

Ele quase conseguiu na noite, exceto pela interferência do rei de todos os inomináveis. Marcus Vorenius. Seus músculos atados sob seu manto. O tempo tinha chegado para Vorenius pagar por seus crimes. O crime de sacrificar um menino pequeno. Ele faria o bastardo pagar pelo que ele tinha feito.

Capítulo 18

RIO TIBRE, ITÁLIA

28 de outubro, 312 d.C.

Os gritos de homens morrendo encheu seus ouvidos quando ele virou o cavalo sobre suas ancas e correu ao longo da linha posterior dos Pretorianos que ele comandava. Seus homens estavam sendo abatidos, e de costas para o rio Tibre, havia poucas opções de escolha quando se tratava de salvá-los.

Amaldiçoava Maxentius ao Tártaro por destruir a Ponte Milvio. Ele dissera ao bastardo que eles necessitariam da ponte se algo desse errado. Mas o idiota incompetente estivera tão confiante em uma vitória que ele se recusara a ouvir. O imperador ordenara que a ponte de pedra fosse destruída, e próximo aos restos, ele construía uma frágil estrutura de madeira que era improvável de se sustentar sob o peso dos homens, muito menos dos vagões de mantimentos.

Quando ele correu em direção ao próximo grupo, uma imagem de Cass encheu sua cabeça. Pedra de Júpiter, ela iria ser uma viúva apesar de suas promessas a ela. Não. Ele não estava pronto para desistir tão facilmente. Ele não ia deixar Cass ou Demetri aos gostos daquele traidor, Octavian. Ele puxou as rédeas e o animal o levou até parar na traseira da primeira companhia no grupo.

— Recuar, — gritou ele quando o chefe do grupo se virou para ele. Uma fração de segundo depois, o homem caiu de joelhos com uma flecha sobressaindo de sua garganta. O apito suave que acompanhava o eixo mortal dizia que havia mais a caminho. Cak. — Testudo. Agora.

No minuto em que ele rugiu o comando, os homens jogaram seus escudos e moveram-se rapidamente em formação, suas armaduras criando um escudo em formato de tartaruga para protegê-los. O som de assobio ficou mais alto, e ele rosnou com raiva para as flechas que voavam em direção a seus homens. Pouco antes de os projéteis o atingirem, ele ergueu um escudo

invisível para bloquear as flechas de tocá-lo, ou o seu cavalo. Na frente dele, vários mísseis encontraram alvos através de fissuras na formação de tartaruga, enchendo o ar com mais gritos de dor, mas a maioria dos homens havia sobrevivido.

— Onde está o centurião? — O barulho da batalha em curso era tão alto que ele não tinha certeza se algum dos homens ouvira a sua mensagem. Um soldado abriu caminho para fora da pequena companhia para bater o punho contra o peito antes de arremessar o braço para fora em uma saudação.

— O centurião está morto, Legatus.

— Ele não está mais. Você foi promovido ao posto de centurião, — bradou ele. — Agora desça esses homens até o rio e atravesse o Rio Tibre da melhor maneira que puder. Reagrupe na Porta Flaminia.

Ele não esperou o homem responder enquanto ele fez o cavalo avançar para a próxima pequena companhia. Em cada grupo de soldados, ordenou retirada. O ar estava grosso de poeira e fumaça quanto mais perto ele chegava à ponte. Constantine fechara a brecha entre seu exército e a Segunda Legião de Maxentius, posicionando catapultas a pouca distância da linha de frente.

Projéteis em chamas das armas maciças mandavam homens espalhados como baratas exposto à luz quando as bolas de fogo mortais caíam do céu. Com a linha quebrada, era impossível segurar o avanço do exército. A luta ainda não tinha chegado ao rio, e ele viu dois de seus tribunos²⁸ dirigirem o recuo pela estrutura provisória que mal passava por uma ponte.

Homens cambaleavam em seu caminho através das menos-que-resistentes tábuas, enquanto os cavalos, alguns com os cavaleiros, nadavam contra a forte correnteza no seu esforço para alcançar a margem oposta. Cuidadosamente, ele negociou seu caminho através da carnificina para onde seus tribunos estavam gritando ordens primeiro em uma direção e depois outra. Quinton foi o primeiro a vê-lo.

²⁸ Na Roma Antiga, tribuno era um título dividido entre dez oficiais eleitos pelos plebeus para proteger seus interesses.

— *Cak, o que você ainda está fazendo aqui! Você disse que iria atravessar a mais de uma hora atrás.*

— *Eu estava detido. Quantos atravessaram?*

— *Dois grupos.*

— *Dois, — exclamou enquanto suas vísceras se torciam. Menos de mil homens de quase cinquenta mil.*

— *Maximus, você deve atravessar o rio agora. A Guarda Pretoriana não vai seguir ninguém além de você. E você precisa garantir que o Tyet de Ísis não caia nas mãos traidoras de Octavian.*

— *Maxentius - O imperador está morto, — Quinton gritou, seu cavalo empinando quando uma bola de fogo atingiu o chão próximo à ponte. — A batalha está perdida. Você deve ir agora. Crispian e eu encontraremos você na Porta Flaminia como o planejado.*

Ele hesitou e olhou por cima do ombro para o caos atrás dele. Os grupos que ele tinha ordenado a cair de volta e atravessar o rio estavam fazendo exatamente como ele instruíra. Mas no meio do caos que reinava, ele duvidava que muitos deles sobreviveriam a travessia. Com um aceno de cabeça afixada ao tribuno, conduziu seu cavalo pela margem do rio e para dentro da água. O Tyet de Ísis era a última coisa que ele estava preocupado no momento. Glória aos deuses que ele tinha conseguido convencer Maxentius a deixá-lo esconder a preciosa caixa. Pelo menos era seguro no momento.

Outra bola de fogo lançou-se pelo ar para pousar diretamente sobre a ponte frágil. O doentio cheiro de carne queimada e morte se agarravam a ele como suor. Endurecendo-se para olhar para trás na direção de Quinton, viu seu jovem tribuno lutando para trazer seu cavalo sob controle. Ele começou a voltar quando outra bola pousou diretamente em cima de seu amigo.

Suas vísceras se contorceram pela visão horrível. Era tarde demais para o seu amigo. A única coisa que podia fazer era continuar em direção à margem sul e se retirar para a Porta

Flaminia. De lá, ele seria capaz de fazer um balanço do que restou do exército de Maxentius e que tipo de termos que ele poderia garantir para os homens. Gritos de agonia e terror encheram o ar quando ele acelerou seu garanhão para águas mais profundas. Tudo ao redor dele, os homens lutavam para nadar até a margem oposta entre a um crescente número de corpos na água.

Apesar de cansado, o seu grande cavalo o levou em segurança até a margem sul do rio. Aqui, o caos foi silenciado. Se por anos de hábito ou ordens, os homens que haviam sobrevivido à travessia tinham caído em linhas de quatro homens quando eles se arrastavam ao longo da Via Flaminia de volta a Roma.

O caminho que levava a Cass e Demetri. Eles eram o seu santuário de toda essa morte e destruição. Vesta o ajudaria se alguma coisa acontecesse a qualquer um deles. Uma mensagem para a sua esquerda o fez virar a cabeça, e viu Crispian andar na direção dele. O homem saudou quando ele puxou seu cavalo para parar, em seguida, agarrou seu braço em saudação.

— Louvado seja os deuses que ainda esteja vivo. Quando eu vi Quinton cair, eu tinha certeza de que você se juntara a ele nos Campos Elísios.

— Eu sou aparentemente mais difícil de matar que a maioria. — Eram palavras que ele havia repetido a Cass uma e outra vez, mas ele nunca teve a intenção de dizê-las para ela novamente. Esta foi a sua última batalha. Ele tinha parado com isso. Não era apenas a derrota que eles sofreram aqui, foi a carnificina desnecessária. Mais importante, foi a traição de Octavian. O traidor tinha quebrado o posto e tomado um grupo da Guarda Pretoriana e milhares de outros soldados com ele para juntar-se ao grupo de Constantine. O filho da puta fizera competir irmão contra irmão hoje.

E ele não descansaria até que Octavian estivesse morto.

Outro grito encheu o ar, e ele virou a cabeça para ver Tevy andar na direção dele. Um frio gelado deslizou pelas costas. Ele deixou o tribuno em Roma para acompanhar o clima do Senado e garantir a segurança de sua família. O fato de que ele estava aqui significava apenas

uma coisa. Alguma coisa ruim tinha acontecido. O homem fez o cavalo parar com uma derrapagem, a sua expressão sombria.

— O clima da cidade é instável, e temo que a senhora e a criança esteja em grave perigo, il mio signore.

As palavras de seu tribuno de maior confiança o deixaram mais frio do que as águas do Tibre deixaram. As mãos já duras da travessia do rio gelado, ele ficou rígido enquanto ele considerava as ramificações do que tinha acontecido. Crispian, seu cavalo inquieto até que ele forçou o animal a andar em um círculo apertado, sacudiu a cabeça na direção de Roma.

— Se sua família está em perigo, então o meu e os outros estão bem. Ambos sabemos o que vai acontecer com as crianças se Octavian encontrá-los em primeiro lugar.

— Ele não vai deixá-los viver, — Maximus murmurou para si mesmo.

Demetri e as outras crianças tinham sangue de senhores Pretorianos que fluía através de suas veias. Pais Pretorianos que tinha tomado a dose que Alexander tinha trazido da Índia. Se eles tivessem todas as habilidades herdadas de seus pais, eles seriam uma ameaça para Octavian e Constantine. Seu filho já estava mostrando grande força quando se tratava de mover objetos e ler mentes. Ele sabia que as crianças de Crispian tinham mostrado qualidades semelhantes.

— Temos de tirá-los de Roma, — Crispian disse severamente.

Sua tribuna estava certo. As crianças têm que ser protegida a todo custo. Ele encontrou o olhar preocupado de Crispian e assentiu.

— Quantas famílias você acha que ainda estão na cidade?

— Pelo menos vinte, eu não posso dizer com certeza. — A feição da tribuna estava escura com preocupação.

— Leve o que restou da cavalaria. Obtenha o maior número de famílias, você pode sair de Roma e ir para Civitavecchia. Leve somente o que você puder carregar. A tia da minha esposa tem uma fazenda lá. Você vai encontrar um santuário lá até você ser capaz de se mover para o norte para o estado de Tevy em Genova.

— E você? — Crispian perguntou em um tom afiado. — Você é o mais forte de todos nós, com exceção de Octavian. Não podemos dar ao luxo de lhe perder.

— Não. Nós não podemos dar ao luxo de perder as crianças. — Ele ignorou a forma como cada parte dele estava gritando para ele ir no lugar de Crispian, mas era seu dever aqui. — Vou levar os homens de volta para Roma. Devemos chegar à Porta Flaminia em menos de três horas. Uma vez lá, eu vou negociar. . . termos da rendição.

Os dois homens olharam-no com um sombrio reconhecimento de sua derrota. Foi a primeira vez em todos os anos que tinha conhecido o outro que tinha sofrido um golpe. Crispian ainda hesitou.

— Venha conosco. Constantine irá conceder a imunidade aos homens. Os agentes são a ameaça, especialmente aqueles de nós que tenha bebido a poção.

— Meu dever está aqui. Agora vá. — Ele enviou a seu velho amigo, um olhar que dizia ao homem que era um comando.

Com um gesto abrupto, Crispian imediatamente impôs a seu cavalo um galope. Enquanto a tribuna afastou-se, Tevy esperava em silêncio por suas ordens.

— Leve quatro homens da minha guarda pessoal com você de volta a Roma. — Maximus apontou em direção a um pequeno contingente de soldados a uma curta distância. — Quero que minha esposa e filho estejam fora da cidade o mais rápido possível. Você sabe que Octavian vai atrás deles primeiro.

— Se necessário, vou dar minha vida para salvá-los. — As sinceras palavras do seu amigo criaram um nó na garganta de Maximus.

— Você é um amigo leal, Tevy.

— Nós nos conhecemos há muitos anos. Eu não acredito que o destino está terminando com a gente ainda. — Com uma saudação afiada, Tevy afastou para fazer o que tinha sido ordenado.

Enquanto Maximus observava seu amigo ir embora, ele orou para que Vesta concedesse-lhe o desejo de ver Cassiopeia e seu filho novamente. Ele virou-se para o Rio Tibre. No lado norte da água, o combate havia empurrado muitos soldados dentro do rio. Sem lugar para correr, eles estavam sendo ceifados como animais. Travando a mandíbula no lugar. Não havia nada que pudesse fazer por aqueles pobres coitados. Mas, para os homens da margem sul, poderia levá-los a salvo de volta para Roma.

Com um grito, ele cravou os calcanhares nos lados de seu cavalo e começou a tarefa de reorganizar o que restava do exército Maxentius. Foi um trabalho árduo. Mais de dois terços de seus Pretorianos tinha ou desertado ou foram mortos. Isso o obrigou a confiar que os centuriões conseguissem colocar as companhias em ordem. Demorou quase quatro horas para chegar à Porta Flaminia, e quando eles chegaram, um pequeno contingente de homens que ostentavam o símbolo que Constantine tinha levado para a batalha os cumprimentou.

A visão da bandeira, com o seu X e P entrelaçados sobre o pano branco, flutuando na brisa, fez o seu intestino assentar com resignação. Ele deveria ter feito como Crispian disse.

Ele deveria ter retornado a Roma por Cass. Em vez disso, ele selou seu destino como um prisioneiro que Constantine acabaria à morte. Um dos representantes do novo imperador o rodeou para encontrá-lo, e ele puxou seu cavalo para parar um pouco, esperando que o representante o alcançasse.

— Legatus Maximus Caecilius Atellus?

Ele respondeu a pergunta com um aceno de cabeça e esperou que o homem continuasse. Com a tradicional saudação romana, o soldado deu-lhe um rolo de pergaminho.

— O imperador Constantine estende seus cumprimentos e desejos de lhe assegurar que não haverá repercussões para qualquer apoiantes Maxêncio. Ele pede que você se encontre com o Legatus Octavian para discutir a dissolução da Guarda Pretoriana.

Seus dedos se enroscaram em torno do livro, esmagando-o. Empatia varreu o rosto do soldado, mas o homem não disse nada. Consciente de que precisava responder, ele ofereceu ao homem um gesto brusco.

— Eu aceito o que... o Imperador Constantine oferece. — Ele engoliu a fúria crescente dentro dele com o pensamento de ter que se reportar como um traidor. — Onde eu poderia encontrar o Legatus Octavian.

— Ele está lidando com alguma agitação na cidade. Vários dos mais fanáticos seguidores da Igreja estão ameaçando queimar vários cidadãos na fogueira.

— Eu pensei que você disse que não haveria repercussões, — ele rosnou. — Eu mal chamo queimar alguém na fogueira um ato de benevolência.

— As ações da gentilha não são toleradas pelo imperador, — disse o homem friamente. — Legatus Octavian foi para impedir a matança.

As palavras eram como água gelada fluindo através de seu sangue. O homem não sabia que Octavian era um seguidor fanático do Nazareno. Ele não hesitaria em queimar os hereges que se recusaram a se converter ao seu modo de pensar. O homem não tinha ido parar a multidão, ele tinha ido para assistir. Uma imagem súbita de Cass encheu sua cabeça, e por um momento, ele poderia jurar que tinha ouvido ela gritar seu nome.

Ele entendia a morte, embora nunca tivesse visto nada sobre esta escala tão grande antes. E tinha sido tão real que ele ainda podia sentir o cheiro dele.

Isso o tinha enojado, tanto como o fazia agora. O pensamento o fez endurecer. Foi um deslizamento freudiano - nada mais. Mas a batalha não foi a parte mais aterrorizante do sonho.

Ele viu, sentiu o que Maximus havia experimentado quando sua tribuna tinha andado para fora da Porta Flaminia para encontrá-lo. A esposa do homem e seu filho estavam mortos.

— Silêncio, *carino*, shhh. Foi apenas um sonho ruim. — Sua voz acalmava, mas isso não diminuiu a dor lá no fundo.

— Ele os perdeu, — ele sussurrou.

— *Caro*, que você está falando? Quem perdeu quem?

— Maximus. Eu o vi quando ele recebeu a notícia de que Cassiopeia e Demetri estavam mortos.

Ele gentilmente se libertou do seu abraço e caiu para trás nos travesseiros. Seus olhos fechados, ele via a imagem de Tevy andando na direção de Maximus. A lembrança daquele último momento em seu sonho encheu-o com o mesmo desespero que tinha experimentado antes, quando havia acordado.

Isso ecoou o sentimento de desespero que tinha experimentado na noite que Nicostratus tinha dito que ele era um mestiço. Se havia alguma coisa sobre Maximus que ressoou nele, era aquele desespero. O conhecimento de que as coisas nunca mais seriam as mesmas, não importasse o que ele fizesse para conciliar suas escolhas. Se Phaedra sequer soubesse o seu segredo, ela não iria apenas odiá-lo por seu sangue contaminado. Ela o odiaria por esconder o fato dela. Por fazer amor com ela sem lhe dizer o que ele realmente era. Não poderia ter sido uma escolha consciente pela primeira vez, mas toda vez que ele fez amor com ela, ele estava fazendo uma escolha.

Durante a última semana e meia, ele despertava todas as manhãs aninhado em seus braços.

Ele ainda não descobriu que tipo de regras básicas definiam sua relação. Em vez disso, eles simplesmente caíam em um ambiente confortável, ainda uma rotina. Depois que eles terminaram sua catalogação dos monumentos pelo dia, eles voltariam para a instalação, jantariam, e voltariam para seu apartamento por algum tempo sossegado.

Ela não insistiu com ele por um compromisso, mas ele sabia que ela acabaria. Quanto menor o caminho, melhor. Ele precisava de tempo para chegar a uma solução que permitisse uma relação permanente, sem o vínculo de sangue. Isso não ia ser fácil de fazer. Phaedra não entenderia a sua recusa em selar seu relacionamento. Ela mudou seu corpo para deitar de lado, com a cabeça apoiada na mão, enquanto a outra mão repousava sobre o local onde o seu coração ainda estava batendo em um ritmo rápido.

— Você disse Demetri estava morto. — Sua observação o fez virar a cabeça em sua direção. — Sim. — Ele encolheu os ombros ligeiramente. — Demetri era seu filho.

— Como você sabe disso?

A questão puxou todos os músculos de seu corpo tenso como um fio. Ele sabia que ela ainda acreditava que seus sonhos estavam interligados, mas ela não o tinha pressionado sobre o assunto em vários dias.

Parecia que o assunto estava oficialmente fora de questão. Bastava olhar para o rosto dela, ele sabia que ela reconheceu o nome Demetri. Ele simplesmente não queria saber como ela sabia o nome. Ela estreitou o olhar sobre ele, aquela linda boca dela apertada com determinação. Ele deu de ombros enquanto tentava sair com uma resposta que satisfizesse o seu e ainda salvá-lo da armadilha que sabia que estava logo à frente.

— Eu devo ter ouvido em algum lugar.

Ele não estava disposto a confessar que esta não era a primeira vez que ele se lembrava do nome. A primeira vez foi o sonho que ele tinha de Pha - Cassiopeia grávida. As imagens do sonho vieram à tona, e ele apertou sua mandíbula. Ele não ia por esse caminho.

— Onde você ouviu isso? — Sua persistência a fez fazer uma careta.

— Merda, eu não me lembro, — ele rosnou.

— Claro que não, — ela estalou. — Isso porque nenhuma das histórias que ouvimos nunca mencionou um filho ou Demetri.

— *Christus*, mulher, era apenas um sonho. Devo ter ouvido o nome em algum lugar e minha cabeça só me pregou uma peça. Isso não significa uma maldita coisa.

— Sim, significa, — ela disse com um lampejo de triunfo em seus olhos castanhos. — Porque nos últimos sonhos que eu tive, eu vi o filho de Maximus e Cassiopeia, Demetri. Então me diga por que nossos sonhos não significam nada se nós dois sabemos que eles tiveram um filho chamado Demetri?

Ok, ele não tinha visto aquilo vir. Ele imediatamente voltou atrás e tentou chegar a uma resposta. *Il omnipotentia Christi*, a mulher era incansável na sua determinação em fazê-lo admitir uma ligação entre os dois e o casal romano.

Uma voz pequena na parte traseira de sua cabeça desafiou-o a ouvi-la. Ele esmagou a ideia como faria com um mosquito irritante. A ramificação de acreditar que ele era Maximus e ela sua Cassiopeia era o único lugar que ele não queria ir. Uma coisa era pensar em reencarnação plausivelmente, mas era algo totalmente diferente de acreditar que seus sonhos eram um replay instantâneo de uma vida passada. Sonhos onde ele reviveu outras alegrias e tristezas de uma vida...erros.

— São sonhos, Phaedra, nada mais.

— Então como podemos ficar sonhando com momentos que não são incluídos em todas as histórias sobre Maximus e Cassiopeia que ouvimos desde que éramos crianças?

— Tais como? — ele aterrou para fora.

— Tal como o fato de que eles tiveram um filho chamado Demetri.

— Isso é esticar um pouco, você não acha, *Caríssima*? — Ele lançou um sopro áspero de exasperação. — Por que você está tão fixada que esses sonhos que significam alguma coisa?

— Porque se formos Maximus e Cassiopeia, não quero que a gente acabe da mesma maneira que fizeram - um de nós. . . um morto e outro deixado sozinho. — Suas palavras enviaram um arrepio em suas costas.

Ele se lembrou do desespero que Maximus sentira em seu sonho. Seus sonhos criaram emoções semelhantes nela? Isso explicaria o medo que ele tinha ouvido bem agora na voz dela. E se ele acreditasse em sua ideia de que eles uma vez viveram juntos como marido e mulher na Roma antiga? Isso significaria que ele teria que aceitar a possibilidade que ele vivera como Maximus Caecilius Atellus. Um homem reverenciado pelos *Sicari*.

Essa razão era por que ele não podia acreditar. O sangue de Maximus fora puro – intocado pela loucura e do ódio que corria nas veias dos Pretorianos. Pela circunstância de seu nascimento, o sangue de Lysander estava manchado, e ele não era digno nem sequer de pensar que ele poderia ter sido Maximus. Ele estendeu a mão para acariciar sua bochecha.

— Você está se preocupando com nada, *inamorata*, — disse ele. Ela virou o rosto em sua mão, seus lábios roçando na palma da sua mão.

— Estou? Eu queria poder acreditar nisso, — ela sussurrou enquanto ela encontrava seu olhar. — É meio difícil não se preocupar quando você esconde coisas de mim.

— Do que você está falando? — Seu coração patinou até parar antes que atingisse alta velocidade. Será que ela sabe sobre seu plano de visitar o Circus Maxentius com Ares e Pasquale? Não, ele tinha sido cuidadoso para não deixar escapar nada. Ele estudou o rosto dela de perto. O que ele viu em seus olhos o assustou como o inferno. Ela balançou a cabeça.

— Você me excluiu por mais de um ano após aquela noite no armazém. Você ainda está excluindo-me sobre o que aconteceu. — O sussurro dela ressoava com uma dor e tristeza que corroía seu coração. Mas ela acabara de ajudá-lo a descobrir uma das regras básicas.

— Regra básica número um. Nós não vamos discutir aquela noite. Nunca, — proferiu ele. — Deus, você é um demônio teimoso. Você vai falar com Atia sobre isso, mas não eu. — Novamente a nota da dor na sua voz. Forçou-se a ignorá-la.

— Acabou, Phaedra. É passado.

— Não. — exclamou em uma voz baixa, feroz. — Não acabou. Você ainda está pagando o preço pelo que fizeram com você, e eu também. Não importa que você falou com Atia. É uma parede entre nós, e ela diz que você não confia em mim.

— *Il Christi omnipotentia*, isso não é verdade.

— Sim, é, — ela retrucou quando rolou para longe dele para olhar para o teto. — Eu odeio aqueles Pretorianos bastardos pelo que fizeram com você. Eu os odeio por matar meus pais. Cada um deles merece morrer. Sem clemência. Quero todos eles mortos.

Ele se virou para ela para ver lágrimas de dor e raiva bem nos olhos dela. A visão enviava gelo regando suas veias. Como diabos ele poderia lhe dizer a verdade? Ele tomara a decisão certa ao rejeitá-la um ano atrás. E ele tinha cometido um grave erro ao deixar-se acreditar que eles poderiam ter uma chance agora.

Ela estava certa. Seu segredo permanecia entre eles. Ele sempre iria. Ela tinha sofrido muito nas mãos dos Pretorianos. Não havia uma chance no Tártaro que ela seria capaz de amar um mestiço como ele. Ela virou-se para ele, seu calor aquecendo sua pele quando seus lábios roçaram em seu peito.

— Perdi você naquela noite em Englewood, Lysander. E agora que eu tenho você de volta, eu não acho que eu posso suportar perder você de novo. — As palavras sinceras esfolaram na sua consciência como um chicote. Se ela descobrisse a verdade... *Christus*, o relacionamento deles era baseado em nada além de mentiras. Exceto uma. Ele a amava. Essa era a verdade.

O alarme do seu relógio perfurou o silêncio entre eles, e ele virou a cabeça para o relógio na mesa de cabeceira. Ele precisava encontrar Ares. O alívio que navegava por ele com o pensamento de escapar foi seguido pela culpa. Ele estava fugindo, e ele não estava orgulhoso de si mesmo por isso. Mas deixá-la agora seria daria-lhe tempo para tentar encontrar uma solução para o problema. No minuto que a noção entrou em sua cabeça, ele imediatamente soube que havia somente uma resposta. Dizer-lhe a verdade. Algo que poderia destruir a ambos.

Em um movimento rápido, ele virou-a de costas e a beijou. Ela suspirou embaixo dele, e ele levantou a cabeça para olhar em seus lindos olhos castanho. Instintivamente, sabia que essa felicidade não iria durar, mas neste momento, ele era o homem vivo mais sortudo. Ele a beijou de novo, então saiu da cama e começou a se vestir.

— Onde você pensa que vai? Eu não tive o meu jeito com você ainda hoje, — brincou ela levemente enquanto as pontas dos dedos arrastavam seu caminho através de seu ombro nu e nas costas. Era um toque tentador que atraiu não só as suas necessidades de base, mas a parte interior dele que a adorava. Ele resistiu ao impulso.

— Eu disse a Ares que o encontraria na biblioteca.

— Essa hora?

— Não é tão tarde assim. — Ele olhou por cima do ombro para ela e sorriu. — Tire uma soneca.

— Eu não estou com sono. Quando você vai voltar?

— Eu não tenho certeza. Isso depende de Ares. Mas eu vou ter a certeza de acordá-la. — Ele se forçou a manter a voz alegre, satisfeito que ele manteve sua resposta vaga o suficiente para não despertar sua curiosidade. Ele não queria que ela descobrisse que ele e Ares estavam indo ao Circus Maxentius sem ela ou Emma. Seu olhar se estreitou suspeitamente sobre ele, mas ela não perguntou quando ele terminou de se vestir. Com um último beijo, ele deixou o quarto e saiu da pequena suíte. A casa estava silenciosa como ele fez o seu caminho até a biblioteca, que ficava em frente à instalação principal da sala de conferência. Aquela sala estava escura, em contraste com a iluminação baça dentro da biblioteca. Uma luz iluminava o cômodo, e ela estava sobre a mesa da biblioteca.

Sentado à mesa que a *Prima Consul* geralmente usava, Ares estava inclinado sobre um livro. Em frente a ele, Luciano Pasquale estava em pé encostado a uma das estantes da sala. Ares olhou para cima com uma leva carranca.

— Algum problema?

— Não. Ela não suspeitou de nada — respondeu Lysander.

— Bom. Dê uma olhada nisso. — Ares apontou para que ele e Pasquale se juntassem a ele na mesa da biblioteca. Ao chegarem à mesa, ele virou o livro em frente a ele de modo que os dois homens pudessem lê-lo.

— O que estou perdendo? — Pasquale franziu o cenho enquanto ele estudava o livro.

— Quando Angelo relatou a descoberta de quatro símbolos *Sicari* no Circus Maxentius, parecia estranho que houvesse tantos em um só lugar quando encontramos apenas um em cada um dos outros locais. O fato de que o primeiro *Senhor Sicari* fosse um dos generais de Maxentius faz os quatro ícones parecerem um beco sem saída. Mas me diga o que você arranja com isso.

Ares bate de leve na página esquerda do livro aberto na frente deles. Franzindo a testa, Lysander olhou fixamente para o diagrama que seu amigo tinha apontado. Ele traçou o seu dedo sobre o desenho das paredes exteriores do monumento.

— De acordo com Angelo, os símbolos *Sicari* foram encontradas nas duas torres da frente, — Ares disse, apontando para locais diferentes no diagrama. — E entre a parte de trás do circo e o camarote imperial, aqui e aqui.

— Se você desenhar linhas de ponto a ponto, ele forma um quadrado, — Pasquale disse calmamente.

— Certo, e se desenharmos linhas diagonais de ponto a ponto- — Ares arqueou as sobrancelhas quando o outro homem o interrompeu.

— X marca o local, — disse Pasquale, com excitação.

— *Christus*, é mais do que isso, — exclamou Lysander com calma alegria quando ele olhou para cima do desenho para encontrar o olhar triunfante de Ares. — Esse X está centralizado diretamente sobre a bífida²⁹, exatamente onde o obelisco³⁰ teria estado.

— Bífida? Obelisco? — Pasquale olhou para os dois com uma carranca intrigada.

— O bífida é a barreira que os carros tinham para correr ao redor. — Lysander apontou para a construção de pedra que divide o centro do circo. — Havia todos os tipos de ornamentos em cima dela, mas o mais alto era o obelisco no final da bífida.

— Um obelisco, que minha linda esposa apontou anteriormente, que foi dedicado à deusa Ísis. — Ares sorriu com alegria. Lutando para conter sua própria excitação, Lysander sorriu de volta a seu amigo.

— Acredito que isto significa que nós vamos fazer trabalhos de escavação esta noite, — disse Pasquale. Batendo nas costas do outro lutador com a mão, Lysander assentiu.

— Com certeza. — Voltou-se para encarar Ares. — Emma vai ter a sua cabeça, se descobrir alguma coisa.

— Não me lembre. — Seu amigo fez uma careta. — Mas nós dois sabemos que é muito perigoso para ela ou Phaedra ir com a gente ao circo. Nós as faremos ver isso quando voltarmos.

Ao lado dele, Pasquale ficou tenso e pigarreou. — Parece que você vai ter que fazer a sua explicação agora.

Ele olhou para o lutador *Sicari* para vê-lo apontando para a porta da biblioteca. Girando, ele viu Emma entrando na sala seguida por Phaedra. Seu coração caiu como uma pedra. Ambas as mulheres estavam vestidas para uma missão noturna, e enquanto Emma não carregava uma espada, Phaedra usava sua arma em uma bainha nas costas. A raiva em seus rostos era evidente quando Emma foi direto para seu marido.

²⁹ Bífida: http://www.spanisharts.com/arquitectura/imagenes/roma/merida_circo_plano.jpg

³⁰ Obelisco: <http://highskyblue.web.fc2.com/istanbul10.jpg>

— Você deve pensar que sou uma debil mental, — ela retrucou quando parou na frente de Ares. — Eu lhe disse que o obelisco era o ponto central dos quatro ícones, e você casualmente desconsiderou isso. Mas você sabia que eu estava certa, e você planejou esta pequena viagem ao Circus Maxentius sem mim. Você realmente achou que eu não iria descobrir o que você estava fazendo?

— Não até que acabasse, — Ares disse enquanto olhava para sua esposa.

— E você pensou que poderia apenas me bajular para não ficar com raiva depois?

— Não, — exclamou seu amigo, antes que ele fizesse uma careta. — Tudo bem, sim Mas, *Christus*, Emma, é perigoso demais. Você se lembra da última missão noturna que eu a levei? Se alguma coisa acontecesse -

Ares não teve a chance de terminar antes que ele pousasse fortemente no chão com um baque forte, com os pés removidos debaixo dele por uma força forte e invisível. — Que droga, Emma.

— Quantas vezes eu tenho que mostrar que eu posso cuidar de mim, pelo menos bem o suficiente para que eu possa fugir, se eu precisar? Você precisa de mim agora, assim como você precisou em Chicago, e você sabe disso.

Quando seu amigo estava tentando se levantar do chão, Phaedra bateu de leve no ombro de Lysander. Ele assumiu imediatamente uma expressão estóica quando ele se virou para encará-la. Seus olhos de olhos castanhos encontrou o seu, com tanto calor quanto uma tempestade de gelo. Ótimo, era a sua vez.

— Então, qual é a sua desculpa, Condellaire? E é melhor que seja boa, — disse ela de maneira calma que escondia a raiva que viu piscar em seus olhos.

Uma rápida olhada na direção de Ares mostrou seu amigo esfregando o topo de sua cabeça em um esforço comum para descobrir uma maneira de aplacar sua esposa por não convidá-la para

o passeio. Preso no mesmo dilema que seu amigo, ele pegou a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Como *Legatus*, é o meu trabalho selecionar os membros da equipe mais qualificados para missões específicas. Eu não escolhi você para esta tarefa em particular. — Ele estremeceu pela sua expressão. Não é uma boa escolha de palavras, especialmente quando ele nem sequer tinha certeza de que ele era digno de seu título.

— E o que te faz melhor qualificado do que eu para ir ao Circus Maxentius no meio da noite? — Aquela nota serena na voz dela estava começando a deixá-lo desconfortável. Não importava. Como *Legatus*, ele estava bem dentro do seu direito de escolher quem ia e às quais missões.

— Minhas habilidades de combate são superiores às suas, e você sabe disso, Phaedra.

— Então, minhas habilidades de combate não são boas o suficiente para você me incluir em um reconhecimento que parece estar bem no coração do território Pretoriano, correto?

Era fácil dizer pelo som da sua voz que ela não iria perdoá-lo facilmente por sua decisão. Não importava. Esta não era Chicago, onde Pretorianos tinham uma presença pequena. Esta era Roma. A base de origem para os bastardos e em uma ruína desabitada muito menos – era um inferno de muito mais perigoso.

A última coisa que queria era ver algo acontecer a ela. Ele sabia que Ares sentia da mesma maneira sobre a segurança de Emma. É por isso que seu amigo havia concordado que não diria a nenhuma das mulheres o que eles estavam planejando.

— Sim, — ele disse com firmeza quando respondeu a sua pergunta. Ele sabia que ele estava certo. Suas habilidades de combate não eram mesmo tão fortes quanto à metade de sua capacidade de cura. O segundo pensamento que disparou em sua cabeça, ele sabia que estava condenado e reprimiu um gemido.

— Certo. — Ela deu a volta em torno dele para olhar primeiro para Pasquale e depois Ares.
— Diga-me, qual de vocês é o curador desta missão?

Christus, ele era um idiota. Ele caminhara diretamente para isso. Phaedra lentamente se virou para ele, sua expressão indignada fazendo-o sentir como um imbecil. Inferno, ele sabia que ela ficaria chateada, mas como Ares, ele imaginara que não descobriria até depois do fato. Ele estremeceu à sua expressão. Chateada era uma atenuação.

— Emma, vamos deixar os garotos à sua pequena noitada ao Circus Maxentius. É onde vocês estão indo, não é? — Seu olhar inflamado queimou o seu caminho até ele.

Era uma afirmação, não uma pergunta, porque as duas mulheres sabiam exatamente onde eles estavam indo. Ela se dirigiu para a porta. Suas costas retas e rígidas com a raiva. As próximas palavras que saíram da sua boca o deixaram horrorizado.

— Emma, acho que devemos seguir com aquela ideia do Coliseu que você teve. Tenho certeza que Cleo e Violetta não se importariam com um pouco de diversão hoje à noite.

— Eu acho que você está certa, — disse Emma ferozmente como ela fez para seguir sua cunhada. Ares não deixava sua esposa ficar longe, e ele ouviu Emma proferir um juramento atrás dele enquanto ele olhava Phaedra indo em direção a saída. Furioso pela forma como Phaedra estava tentando manipulá-lo, ele acenou com a mão e a porta da biblioteca se fechou. No instante seguinte, ele preveu sua mão no braço dela e arrastou-a de volta para ele. Quando ela estava perto o suficiente, suas mãos cortavam na carne macia quando ele a forçou a encará-lo.

— Você não vai a lugar nenhum sem mim, — respondeu asperamente.

— Eu estou contente de ouvir que você voltou ao sentido sobre levar Emma e eu com vocês para o circo, — ela ronronava.

— Você não -

— É claro, podemos sempre matar o tempo por algumas horas. — Ela enviou-lhe um olhar desafiador.

— Que droga, Phaedra, — Ares vociferou. — Use a cabeça.

— Eu estou usando a minha cabeça, Ares. O problema é que vocês dois não estão usando as suas. — Ela continuou a encarar Lysander enquanto respondia seu irmão. — Você precisa de um curador para essa missão. Você precisa de perícia arqueológica de Emma no caso de você se deparar com algo que você não pode descobrir, querido irmão. Então, o que vai ser? Nós vamos com vocês ou nós meninas planejamos nossa própria pequena festa?

— Porra, mulher, — Lysander rosnou.

Ela tinha-lhe sobre um barril, e ela sabia disso. Não houve qualquer dúvida em sua mente que ela faria exatamente o que disse, e Emma acompanharia. Quanto a Cleo, a mulher acharia mais que divertido ir matar o tempo por algumas horas no minuto que ouvisse o que tinha acontecido. Não importaria para Cleo que pena que ela teria que pagar por fazer isso. E conhecendo o senso de humor de Atia, a *Prima Consul* acharia engraçado que as mulheres tinham recusado a razão pela qual ele e Ares tinha se recusado a levar as duas com eles. Era improvável que Atia iria impor até mesmo uma punição pequena para qualquer uma das mulheres, se elas desobedecessem às ordens de permanecer na instalação.

— Merda, — ele rosnou quando ele se virou para Ares. — Sugestões?

A expressão de seu amigo era de furiosa resignação. Ares olhou para sua esposa, em seguida, sua irmã. — Elas não nos deixam muita escolha. E eu prefiro ter Emma comigo que me preocupar com ela passeando ao redor da cidade, no meio da noite sozinha.

— Você diz isso como se você fosse o único que se preocupa, — disse Emma drasticamente. — Alguma vez lhe ocorreu que eu pudesse passar minhas noites me preocupando com você?

Ares fez uma careta pela nota acusatória na voz de sua esposa e liberou um suspiro áspero. Como Ares, Lysander estava ficando resignado ao fato de que eles tinham pouca escolha senão deixar que as mulheres fossem com eles. Ele enviou a Phaedra um olhar duro antes de virar para Pasquale.

— Pegue Cleo. Ela vai equilibrar a força da equipe, — disse ele ao outro guerreiro. — Encontre-nos na garagem. Pegaremos os Land Rovers.

O lutador *Sicari* assentiu e correu da sala. Com a partida do outro homem, ele olhou para Emma e depois Phaedra. — Vocês duas vão fazer exatamente o que lhes forem dito ou eu vou fazer com que Atia envie vocês duas para a propriedade rural de White Cloud até Ares e eu acabarmos aqui em Roma. Entenderam?

— Eu acho que nós podemos conseguir isso, não podemos, Emma? — Phaedra disse que como se mel escorresse de cada uma de suas palavras.

Isso levou seus nervos ao limite, e não de um jeito bom. Se ela podia ficar furiosa assim com ele sobre ser deixada de fora de uma expedição, estava claro que no momento em que descobrisse seu segredo sua reação seria explosiva.

Capítulo 19

O silêncio frio que enchia o Land Rover deixou Phaedra extremamente desconfortável. Ela sabia que os dois homens no banco da frente estavam furiosos com ela e Emma, mas não podiam ser ajudados. A ideia de Lysander e seu irmão saírem em uma missão sem um curador aprovado. Havia um inferno de um lote de *Pretorianos* mais aqui do que lá em Chicago.

Um fato que ela perguntava se estava ciente de Lysander em um nível subconsciente. Cleo estava certa sobre Lysander correr mais riscos em relação ao ano passado, quando chegou à sua luta Pretoriana. Ela tinha ido ao banco de dados da Ordem e examinado os relatórios do ano passado, em missões onde ele encontrou *Pretorianos*. Ela tinha certeza que era por causa do que tinha acontecido com ele, e o pensamento dele assumir mais risco, sem um curandeiro perto o suficiente para mantê-lo vivo foi aterrorizante. Ela saltou quando Emma tocou seu braço. Quando ela encontrou sua cunhada e seu olhar sombrio, Emma acenou em direção aos dois homens no banco da frente.

— Eles vão acabar com ela, — sua cunhada, murmurou com um leve sorriso.

Ela assentiu com a cabeça. Sim, mas a que custo para o chão precioso que ela ganhou com Lysander. Ele ainda estava arisco sobre seu relacionamento. Enquanto todos na instalação sabiam que eles estavam envolvidos, ele manteve sua distância emocional quando estavam na frente dos outros. Ele queria acreditar que eles não eram vistos abertamente como um casal.

Então ele fazia algo como fez esta noite. Ele tinha ido protegê-la novamente. Ela não gostava do jeito que ele tentou fazê-lo, mas sua motivação aqueceu o seu coração. Havia uma sensação reconfortante de ser tratada como um bem mais valioso que precisava ser protegido. Ele irritou o inferno fora dela, mas ela não podia negar que havia uma parte dela que gostava de sua forma autoritária. Mesmo que em alguns momentos ele se mantinha distante dela no frente de outras pessoas. Ele mostrou que se importava, e isso é o que mais importava para ela.

Lysander de repente apagou as luzes do carro e dirigiu lentamente sobre outra meia milha mais adiante na estrada deserta, antes de virar a calçada e começar a voltar o carro em uma grande extensão de vegetação até a vegetação parcialmente engolir o veículo. Quando ele desligou o motor, ele se mexeu no banco para olhar para ela e para Emma.

— Não se esqueçam do que eu disse, — ele falou em um tom sóbrio. — Eu vou ver Atia te mandar de volta para White Cloud tão rápido que vai fazer sua cabeça girar, se você sair da linha hoje. *Capicse?*

Ao lado dela, Emma acenou com a cabeça, e ela fez o mesmo. O olhar que ele deu a ela parecia particularmente duro em relação ao olhar que ele tinha dado a Emma. Quanto tempo levaria para que ele ficasse mais zangado com ela? Pelo menos desde que tomou para que saia do *Circus Maxentius* sem incidentes. O medo por sua segurança estava dirigindo sua raiva, assim como foi o medo que a levou a insistir em ir com ele. Ele estava nervoso com a possibilidade de encontrarem *Pretorianos*, e ela compreendeu isso.

Não era exatamente algo que ela estava esperando, mas ela com certeza não se importaria em matar um ou dois dos bastardos por toda a dor que haviam causado aos dois. Com um grunhido de irritação, Lysander olhou Ares e sacudiu a cabeça em direção a um muro alto em toda a rua.

— Vamos fazer isso. — Seu comando agudo a fez estremecer quando ele saiu do carro.

Ela saiu do banco de trás do veículo e fechou a porta com um baque silencioso. Na escuridão, o Land Rover preto misturava-se com a vegetação, camuflando o veículo até o ponto que iria passar despercebido por carros que passassem. Diretamente ao lado deles, Luciano havia estacionado da mesma maneira, e ela viu Cleo sair do banco da frente, do segundo Land Rover. Cleo enviou-lhe uma piscadela cúmplice quando a sua amiga viu a expressão sinistra de Lysander.

Em cima deles, nuvens escuras encobriram a lua, dando-lhes apenas a luz suficiente para ver sem torná-los alvos óbvios quando tiveram que atravessar o terreno entre eles e a parede do circo. Com todos reunidos em torno dele, Lysander apontou para o muro de pedra.

— Ok, nós temos uma mistura de mato e terra aberta à tampa antes de chegarmos à parede do circo. Phaedra? Alguma duvida? — Ele olhou para ela em uma clara indicação de que ele queria saber se ela sentiu uma presença Pretoriana. Quando ela balançou a cabeça, deu-lhe um aceno de cabeça aguda. — Tudo bem, vamos avançar rapidamente e ficar alerta.

Ninguém questionou suas ordens, a equipe rapidamente cruzou a estrada de duas mãos e foi em direção à fachada de pedra que outrora abrigava milhares de espectadores. Levou vários minutos de uma corrida constante para alcançarem o muro ao redor das ruínas. Lysander apontou para Luciano para ir sobre a parede primeiro, e depois Cleo. Embora tivesse sido mais fácil mover-se mais baixo do comprimento da estrutura para encontrar uma abertura na parede em ruínas, ela sabia que iria perder um tempo precioso. Quando os dois lutadores desapareceram por cima do muro, ele voltou à cabeça sobre o ombro.

— Cleo, Pasquale. Status? — A voz de Lysander ecoou baixinho no ouvido dela através da engrenagem de vigilância que ela usava como todos os outros.

— Tudo limpo, — disse Cleo em voz baixa.

Na confirmação, Lysander acenou para Ares e Emma. Menos de trinta segundos mais tarde, Ares usou sua habilidade telecinética sem esforço para levantar Emma acima de sua cabeça até as mãos delas agarrarem o topo da superfície. Como a cunhada desapareceu sobre a barreira de pedra, Lysander voltou-se para ela.

A expressão dura que ele estava demonstrando no carro não tinha amolecido enquanto gesticulava para que ela pisasse no trampolim que ele fez com as suas mãos. Ela suprimiu um suspiro de resignação. Se o homem pensou em fazer seu pesar sua decisão de forçar a mão para levá-la com ele, ele estava enganado. Ela não ia deixá-lo fora de sua vista se poderia ajudá-lo.

Ela se aproximou, e com um pequeno salto na etapa improvisado que ele lhe ofereceu, ela lhe permitiu impulsionar a sua subida ao topo do muro. Em segundos, ela pousou no lado oposto, com Lysander e Ares seguindo logo atrás.

Estendia-se diante deles a vasta extensão que outrora serviu de pista para as corridas de bigas. No meio estavam os restos do que tinha sido o spina³¹. Emma olhou para Lysander e acenou na direção da barreira que corria no meio da pista, enorme oval.

— O obelisco teria sido nesse sentido, mais próximo ao camarote imperial, — disse ela em silêncio, enquanto ela observava o que restava do spina. — Não sobrou muita coisa da base, mas espero que os *Tyet de Ísis* ainda esteja aqui.

— Phaedra. — Lysander não olhou para ela, mas seu corpo inteiro vibrava quando ele falou o nome dela. Ele não teve que perguntar para ela saber que ele queria uma confirmação da sua avaliação diante de qualquer presença Pretoriana.

— Nada. Se há algum Pretoriano próximo, ele é excepcional em disfarçar sua localização.

Ela o viu sacar sua resposta, e ela franziu a testa. Era quase como se ele estivesse esperando problemas. Ele balançou a cabeça bruscamente.

— Pasquale, vai ajudar Emma com a pá dobrável de vocês. O resto de nós vai ficar de guarda.

Não necessitando de uma ordem direta, a equipe moveu-se rapidamente ao longo dos restos do divisor de pedra que corria no meio do circo. O comprimento da barreira era quase um quarto de milha longa, e quando eles chegaram ao fim, ela estava maravilhada com a engenharia que tinha sido empregada no imenso complexo.

As nuvens se abriram um pouco quando eles chegaram ao fundo do abismo de pedra. Emma se ajoelhou no chão e iluminou as pedras na frente dela com uma lanterna pequena. Durante a hora seguinte, Emma examinou cada centímetro das ruínas a seus pés. Ocasionalmente, ela murmurava para si mesma enquanto ela estudava a pedra fundamental. O som de sua súbita inspiração afiada fez com que toda a equipe virasse em sua direção.

³¹ Fazia a divisão da arena do circo romano em duas ruas por onde corriam as quadrigas, um tipo de carro ou carroça puxado por quatro cavalos lado a lado.

— Dá-me a pá. — Com um gesto nítido para Pasquale, ela estendeu a mão para a ferramenta. Luciano abriu a pá pequena e entregou a ela. Ares deu alguns passos para perto dela.

— Você encontrou alguma coisa, querida? — Phaedora podia ouvir a emoção na voz de seu irmão enquanto ele se inclinava um pouco mais para sua esposa.

— É uma placa de metal de algum tipo fixada diretamente sob esta pedra. — Emma disse enquanto cuidadosamente ela raspava afastando a sujeira em torno do granito.

— Será que alguém não viu isso antes? — Pasquale falou com incredulidade e Phaedora concordou.

— Não. Estava coberto com a lama que eles usaram como argamassa. — Emma trabalhou cuidadosamente para retirar a sujeira de debaixo da pedra enquanto ela continuou sua explicação. — Quem colocou isso aqui tinha que ter cavado sob o mármore original da base da spina e empurrou-o sob a pedra. Poderia ser apenas um marcador ou algo que os engenheiros utilizaram também. Não vou ter certeza até que eu possa olhar para ele.

O entusiasmo do grupo ressoou nos sentidos de Phaedora. Ela sabia que todos estavam esperando que eles estivessem indo para encontrar o Tyet de Ísis, mas sob a euforia havia uma tensão que a deixava nervosa como o inferno. Havia uma familiaridade com que ela não gostava. Ela lentamente virou-se para estudar o firmamento, amplo e aberto que estavam dentro. Nada parecia fora do lugar ou ímpar, mas a sensação de que algo estava errado cresceu dentro dela. Naquele instante, Lysander estava ao seu lado.

— O que foi?

— Eu não tenho certeza. Eu só não me sinto bem.

Ele não esperou por mais detalhes. Ele simplesmente abaixou a cabeça em direção ao microfone que ele usava em seu ombro. — Emma, não temos tempo para cautela. Seja rápida.

Quando ela se virou de volta para seu irmão e cunhada, Phaedra teve um vislumbre de movimento em uma das torres principais, que se situou em uma das extremidades do circo. Suas terminações nervosas gritaram um aviso, e ela automaticamente puxou sua espada. No minuto em que ela fez isso, o suave sussurro de outras espadas deixando suas bainhas de couro ecoou em seus ouvidos.

Ela ouviu um par de passos em direção à torre quando as nuvens se abriram para que a lua pudesse iluminar a paisagem. O vulto se movendo para perto da torre fez sugar a respiração de alívio. Uma vaca. *Il Christi omnipotentia*, era apenas uma vaca. Todos em volta dela, ela podia sentir o alívio, e ela estava certa de que era Cleo cuja diversão ela podia filtrar através da liberação repentina da tensão do grupo. Atrás dela, ouviu a exclamação de triunfo de sua cunhada e voltou sua atenção em sua direção, ao mesmo tempo em que o resto da equipe que estava no pequeno partido.

— Entendi, — disse Emma, com uma nota de satisfação. Seus dedos suavemente escovavam toda a sujeira do metal incrustado quando a mão de Ares pegou sua mulher e puxou-a para ficar de pé.

— Você pode olhá-lo mais tarde, — disse ríspidamente. Apesar da nota brusca de preocupação em sua voz, havia uma ponta de orgulho também.

Lysander assentiu com a cabeça para a declaração de Ares. — Ok, nós temos o que viemos pegar, então, vamos embora.

— E se isso não é o que queremos? Pelo menos me deixe analisar o que eu estou segurando. — O luar iluminou a expressão teimosa de Emma quando ela olhou para Ares. No minuto em que viu seu irmão hesitar, Phaedra assentiu com a cabeça.

— Ela está certa. Se não for pelo que viemos, nós vamos ter que fazer isso tudo de novo. Nós estamos aqui, vamos terminá-lo. — Seu olhar se encontrou com o de Lysander era difícil sustentar o olhar. Ambos sabiam que Emma estava certa, mas ela poderia dizer que ele não queria admitir isso.

— *Va Bene*, — ele respondeu com uma nota de repúdio em sua voz. — Rapidamente. Quanto mais tempo ficarmos aqui, maior a chance de estarmos em apuros.

Emma não esperou pela sua aprovação e já havia retirado um pequeno pincel da mochila que ela carregava. Ela enfiou a lanterna na mão do marido e obrigou-o a segurar a luz brilhante sobre a superfície incrustada da placa de metal.

— Pô, é tudo em latim. Dá-me um tablete em hieróglifos, e eu posso soletrá-lo todo, — Emma suspirou com desgosto quando ela olhou para o marido. — Latim nunca me despertou qualquer interesse, até que eu te conheci, *mio amor*.

— Deixe-me tentar, — Ares murmurou. Ele dirigiu um feixe contínuo de luz para baixo sobre o pedaço de metal, enquanto estudava o artefato Emma inclinou-se em sua direção. — O Tyet de Ísis... Octavian... Centro de tudo o que é *Sicari*.

Phaedra saltou no instante que seu irmão disse o nome de Octavian. Sem pensar, ela virou a cabeça na direção de Lysander. Ele reconhece o nome, também? Um lampejo de emoção indefinível cruzou seu rosto antes de assumir o olhar estóico que ele aperfeiçoou. Não importava o quanto ele tentasse escondê-la, ela estava certa de que ele reconheceu o nome de Octavian e seu significado.

— Quem é Octavian? — Cleo perguntou de forma irritada. — *Christus*, esta pista não é mais clara do que as que já temos.

— Octavian é o Pretoriano que traiu Maxêncio na Batalha da Ponte Mílvia, — murmurou Lysander então endureceu como se de repente percebesse que ele tinha falado em voz alta.

— Como você sabe disso? — Ares franziu a testa enquanto olhava para o seu amigo com surpresa, diante da pergunta feita os músculos do rosto marcado de Lysander ficaram tensos em toda a sua face.

— Algo que eu li em algum lugar, eu acho. — Lysander deu de ombros, e Phaedra estava certa que ele fez questão de não olhar na direção dela quando ele virou-se para Emma.

— Você está satisfeito é isso que você queria?

— Sim. Pode não ser o que esperávamos encontrar, mas diz-nos que estamos no caminho certo, — sua cunhada, disse e Lysander assentiu, então olhou para a equipe.

— Tudo bem com todos. Terminamos aqui. Vamos embora. — Ele guardou a espada e esperou que os outros seguissem o exemplo. — Pasquale. Tudo pronto.

Como uma máquina bem oleada, todos eles viraram e voltaram pelo mesmo caminho que eles vieram. A distância entre eles e a parede fechada diminuía rapidamente, o grupo manteve um movimento constante. Ao lado deles, Lysander podia sentir o olhar de Phaedra nele a cada poucos segundos. Até que ele ouviu o nome de Octavian, a sua indignação perante a forma como ela se escalou para esta expedição foi em uma fervura constante, mas no instante em que ouviu Ares ler a placa de demissão, e, mais do que uma pitada de pânico, tinha substituído a sua ira.

No minuto em que eles estivessem sozinhos, ela iria forçá-lo a admitir que seus sonhos estavam interligados. E no momento, ele não tinha uma perna para se sustentar quando se tratava de argumentar contra a sua lógica. Quando ele ouviu o nome de Octavian, tinha sido como ter alguém lhe chutando os dentes.

Ele sabia exatamente quem o bastardo era e o que ele tinha feito aos homens de Maximus naquela última batalha.

Imagens vívidas de Quinton sendo atingido por uma bola de fogo de uma catapulta e cadáveres boiando no rio Tibre varreu a sua cabeça até um calafrio deslizou por suas costas. Eles eram sonhos, nada mais. Ele sabia que era um argumento falso, e Phaedra não iria deixá-lo se esquivar da bala neste momento. E ele com certeza não iria gostar de admitir isso.

Estavam a cerca de vinte metros de distância da fachada de pedra que tinha sido o apoio para o assento do estádio, quando ouviram os sussurros em sua cabeça. Ele de repente parou, forçando Cleo, que estava atrás dele, para encontrá-lo antes de parar também. Em um movimento rápido, ele puxou sua espada da bainha quando ele abaixou a cabeça em direção ao seu microfone ombro.

— Nós temos companhia. — Sua declaração afiada trouxe todo o grupo a um impasse. Armas na mão, a equipe formou um círculo, de costas um para o outro com Emma no centro. Phaedra ladeada por ele, e sem tirar os olhos da parede na frente dele, ele inclinou seu corpo em sua direção. Phaedra?

Ele já sabia a resposta, mas estava esperando estar errado. Havia cinco *Pretorianos* no lado oposto da parede. Um deles era o pedaço de merda que haviam assaltado Phaedra.

— Ele está aqui. — Sua voz não tremeu, mas ele poderia dizer pela tensão em seu corpo, que ela estava assustada.

— Quem está aqui? — Ares proferiu as palavras como um chicote no fone de ouvido.

“*Diga a ele, Inominável.*” Os pensamentos do *Pretoriano Dominus* ecoaram fortemente em sua cabeça. “*E diga que transar com a sua cadela linda será meu próximo passo.*”

“*Chega Gabriel.*” A voz familiar ecoando em sua cabeça era como alguém o jogando em um lago gelado. Nicostratus. Ele ficou rígido quando ele lutou com o medo que lhe apertou a garganta. “*Ah, eu vejo que você me reconhece, meu filho.*”

— Você não é meu pai, lamento, mas foda-se, — ele rosnou, recusando-se a ceder ao seu terror.

— Lysander?

Christus, ele respondeu a Nicostratus em voz alta. Como ele iria explicar isso? Ele ouviu o medo e a perplexidade na voz de Phaedra quando sua mão se estendeu para tocar em seu braço. O controle que normalmente ele tinha sobre a sua capacidade telepática desapareceu quando ele pegou os primeiros sinais de horror turbilhonando na cabeça dela. *Dulcis matris Deus*, até no tocar a sua mão revelou sua incredulidade ao descobrir o que ele era.

O conhecimento cortava as suas entranhas como uma faca afiada. E pensar que ele realmente se permitiu acreditar que havia uma chance de felicidade para eles. Ele respirou afiado com seu coração apertado dolorosamente. A sensação não poderia ter sido mais angustiante se

alguém tivesse arrancado o órgão fora do seu peito. Nem mesmo a tortura que ele suportou nas mãos de Nicostratus tinha sido mais dolorosa.

“Então, Gabriel estava certo. A cadela deve ser muito especial se dá tanto valor a ela.”

Os pensamentos de Nicostratus se infiltraram em sua cabeça assim como duas figuras vestidas com capas de capuz que surgiram em cima do muro na frente deles. Seu pai e o *Pretoriano Dominus*. Um minuto depois, mais três os seguiram. Merda. Lysander grunhiu irritado com a frustração. Ele deveria saber que alguma coisa iria dar errado hoje à noite. Ele deveria ter trancado no seu armário a Phaedra, antes de vir aqui. Como diabos ele faria para mantê-la segura?

“Você não vai, Inominável. Esqueceu-se da facilidade com que me derrotou a última vez?” O desprezo do Pretoriano foi voltado para enfurecê-lo, e ele lutou para não correr para frente para enfrentar o bastardo.

“Você também perdeu, não foi?” A satisfação surgiu quando ele pode ler a fúria na mente do Pretoriano Dominus por ele ser lembrado que ele havia perdido para um *Senhor Sicari*.

“Esta noite não evitará a justiça, herege. Hoje à noite vou deixar minha marca em você, assim como eu deixei em tantos outros.”

Lysander jogou um escudo mental quando os pensamentos do homem invadiram a sua cabeça. Ele ficaria sem energia usando sua telepatia desta forma, e ele precisava de toda a sua força se ele tinha que manter este bastardo fora de sua cabeça. Se ele não o fizesse, *Dominus* seria capaz de facilmente se defender de qualquer manobra que Lysander fizesse em seu esforço para derrotar o Pretoriano. E ainda ia precisar de um inferno de muito mais do que isso de força bruta.

“Derrotar-me?” O riso zombeteiro de Gabriel ecoou em sua cabeça. *“Você está verdadeiramente delirando, Inominável. Você não pode me derrotar, herege. Para punir sua insolência, acho que vou foder sua mulher lentamente enquanto o forço a assistir.”*

— Eu te disse uma vez, e eu vou te dizer mais uma vez, você vai ter que passar por mim para chegar a ela, — Lysander respondeu enquanto lutava para fortalecer suas defesas mentais.

Ele fez uma careta. Foi a segunda vez que ele respondeu a Gabriel e Nicostratus em voz alta, e ele estava selando seu destino toda vez que ele verbalmente respondia as provocações em sua cabeça.

— Com quem diabos você está falando? — Falou Ares sem tirar os olhos da ameaça que se aproximava.

— Acredito que a pergunta que você deve estar se fazendo é o que meu filho que é um de nós está falando. — A voz de Nicostratus atravessou a distancia que separava os dois grupos adversários. Foi uma bomba destruindo o que restava de seu mundo.

— Filho? — Pasquale cuspiu a palavra como se ele tivesse provado algo desagradável.

— Sim, meu filho, — disse Nicostratus.

Il Christi omnipotentia, era uma nota de orgulho na voz do Bastardo é? O riso silencioso do homem arrastou-o de volta ao abismo escuro, enquanto o lado mutilado de sua face torcida e puxada até o seu rosto estava pegando fogo de novo, como tinha sido na noite que Nicostratus o torturou. Todos ao redor dele, seus amigos murmuraram sua descrença.

— Que diabos ele está falando, Lysander? — A pergunta de Ares foi proferida com incredulidade e raiva. Ele ignorou a pergunta.

— Eu. Sou. *Sicari*. — Ele enunciou cada palavra em um esforço para acreditar que a afirmação era verdadeira. Dentro, ele sabia que era uma mentira.

— Ah, mas ambos sabemos que de forma diferente, não é, meu menino? — Na escuridão, a voz de Nicostratus retumbou em todo o campo do circo como um trovão. — Mostre-lhes a marca de nascença. O que ambos temos.

— *Christus*, ele está dizendo a verdade, Lysander? — Nas palavras de Cleo estava refletido o seu choque e horror.

Ele não quis responder à pergunta, mas ele não podia mentir também. Seu silêncio não foi menos contundente. Ele nem sequer teve que sondar as mentes de seus amigos para saber o que

eles estavam pensando. Em seus pensamentos encontrou. Sussurros de choque, descrença e terror, até mesmo um rastro de medo, colidiu com ele. A desconfiança percorria todas as suas terminações nervosas até que seu corpo todo doía.

Ele sempre soube que o momento da verdade seria difícil, ele só nunca imaginou o quão torturante seria. Ao lado dele, a reação de Phaedra era o pior. Choque e horror ele entendeu, mas era o medo que quase o derrubou de joelhos. Sua reação, disse mais claramente do que quaisquer palavras. Perdera-a. Só que desta vez era para sempre. Empurrou a dor para o fundo do seu ser.

Ele não poderia protegê-la se estivesse distraído. E ela era o motivo de Gabriel e Nicostratus estarem ali. Eles queriam Phaedra. Sua mandíbula se apertou com a idéia. Somente sobre seu cadáver.

“Com prazer, Inominável.”

Ele ignorou a zombaria de Gabriel. Com uma disciplina que ele aguçou desde a noite em que seu pai o tinha torturado, ele fechou seus pensamentos para tudo, menos para a tarefa em questão. Com uma precisão cirúrgica, ele visualizava o *Pretoriano Dominus* cair no chão de um gancho de direita lhe acertando em cheio.

Seu golpe invisível fez Gabriel voar para trás e, antes que o Pretoriano atingisse o chão com um baque, sem dar chance ao homem. Quando Gabriel ficou de pé, Lysander virou sua espada para que a ponta estivesse apontada para trás. Arremessando o Pretoriano, ele arrastou a lâmina através do braço de Gabriel. O *Pretoriano Dominus* gritou de raiva.

— Eu lembro que eu extrai o primeiro sangue na última vez, também, Pretoriano, — Lysander disse severamente quando ele virou-se para o rosto do homem.

Atrás de Gabriel, ele podia ver Ares lutar com Nicostratus, enquanto o resto de seus amigos estava lidando com os *Pretorianos* restantes. Amigos? Ele não tinha mais amigos. O lapso de concentração lhe custou caro quando um pulso de energia invisível bateu nele como um taco de beisebol.

O golpe sugou o ar de seus pulmões e o mandou para os seus joelhos. Rapidamente, ele limpou a cabeça de tudo, menos do homem caminhando em sua direção, permitindo que Gabriel pensasse que ele estava muito chocado com a dor para se mover. Essa parte não era difícil de fingir. O bastardo tinha embalado um inferno de um soco com a sua força mental. Com as botas do *Pretoriano Dominus* à vista, Lysander permitiu que seus sentidos visualizassem o momento exato que Gabriel levantou sua espada.

Antes que o homem pudesse lhe atingir, ele atirou o cabo de sua espada para cima das bolas do homem. O *Pretoriano Dominus* uivou de dor e caiu de joelhos. Imediatamente, Lysander rolou para a direita e ficou de pé para enviar sua lâmina voando em direção a coxa de Gabriel. Sua espada mal arranhou o homem através de sua capa, como o *Pretoriano Dominus* ainda tinha os meios necessários para com a mão livre bater a lâmina de lado.

— Talvez eu tenha subestimado você, Inominável. De certa forma, você luta como um Pretoriano. E se você pensa que para impressionar seu pai, você deve falhar. —As palavras de Gabriel eram como combustível em um incêndio.

— Eu não estou tentando impressionar ninguém, *es um figlio di puttana*. Eu só quero ver você morto, — ele cuspiu ferozmente.

— Como eu a você, então se prepare, Inominável. Você não perde por esperar.

No instante seguinte, Gabriel ficou de pé, e como uma roda de carroça arremessou seu corpo através do ar, batendo o seu manto no rosto de Lysander cegando-o. Um momento depois, uma lâmina afiada cortava seu ombro, a ponta da espada, faltando apenas seu pescoço. A dor lhe atravessou e ele resmungou com a forma como o ombro doía. Ignorando a dor, ele virou-se, apenas, para encerrar de costas quando outro golpe mental de Gabriel lhe lançou pelos ares. Em resposta, ele visualizou a bota bater na mandíbula do *Pretoriano Dominus*.

A ação mental do pé enviando a cabeça de Gabriel para trás, deu a oportunidade de Lysander ficar de pé. Ele mal conseguiu se recuperar sobre seus próprios pés quando Gabriel ajeitou e olhou para ele com ódio torcendo suas feições. *Christus*, a recuperação do homem foi incrível. Será que esse cara não sentia dor?

— A dor é um termo relativo, Inominável. — A voz de Gabriel estava fria e frágil quando ele leu os pensamentos de Lysander. — Mas para você, isso não tem nenhum significado, porque sua vida está no fim.

Um peso muito grande pressionava todo o seu corpo, forçando-o a se ajoelhar. Suas reservas mentais estavam começando a enfraquecer, mas sua única opção era empurrar para trás, e segurar Gabriel. O *Pretoriano Dominus* aumentou o peso caindo sobre ele, e apesar de conseguir ficar sobre seus pés, Lysander ainda não conseguia impedir o avanço do homem sobre ele.

Com um grunhido, ele aprofundou sua concentração e jogou mais de sua força telecinética num contra-ataque. A intensidade de seu foco tornou impossível ver a espada de Gabriel voando pelo ar para ele até que fosse tarde demais. Ele tentou desesperadamente mudar seu foco e bloquear a espada, mas suas reservas eram quase inexistentes. Rendeu-se ao seu destino, ele fechou os olhos e fechou os pensamentos regozijando Gabriel, enquanto ele esperava a espada bater em seu peito.

Nesse momento, o aço bateu contra o aço quando outra espada bloqueava Gabriel, enviando-o em espiral longe de Lysander. O *Pretoriano Dominus* soltou um ruído de fúria quando Lysander abriu os olhos para ver Nicostratus abaixando a espada. Atordoado, ele olhou para seu pai biológico.

— Não temos mais nada a fazer aqui, Gabriel. Perdemos esta rodada.

— Não, — *Pretoriano Dominus* exclamou com veemência. — Eu quero vê-lo morto.

— Hoje não. — Nicostratus olhou para o outro homem. Após um longo momento, Gabriel virou-se e correu em direção à parede. Nicostratus voltou à cabeça para Lysander. — Você não me decepcionou, meu rapaz. Você é tudo que eu poderia esperar de um filho.

— Afasta-se de mim, você é um bastardo doente.

Lysander olhou para o homem com a raiva brotando dentro dele. Nicostratus facilmente evitou o golpe, em seguida, arrastou a lâmina no peito de Lysander. Um momento depois, o Pretoriano estava recuando em direção ao muro em torno do circo. A dor queimava em listas

através de Lysander quando ele balançava em seus pés, incapaz de se mover. Ele ouviu alguém atrás dele, e ele congelou. Havia ainda a questão do seu sangue pretoriano para lidar. Sem olhar a pessoa atrás dele, ele caiu de joelhos e abaixou a cabeça.

— Seja você quem for, faça isso rápido, — disse ele quando sentiu um toque na parte de trás do pescoço.

— Levanta-te, bastardo. — Cleo colocou a mão em seu ferimento no ombro enquanto ela o levantou para seus pés. — Você tem um monte de merda que explicar antes de eu colocá-lo fora de sua miséria.

A dor no ombro fez seu estômago revirar quando Cleo soltou e se afastou para longe dele. *Christus*, ela deliberadamente segurou o ombro ferido. Ele não podia culpá-la. Ela estava furiosa com ele. O fato de que ela foi até mesmo falar com ele foi incrível, porque em seu livro, ele mentiu. Ele não tinha nenhuma dúvida, todos os demais se sentiriam da mesma maneira. Lentamente, ele cambaleou sobre seus pés, o corpo todo em chamas e as terminações nervosas sinalizando de dor. Lentamente ele se virou em direção ao pequeno grupo olhando para ele. Suas expressões eram de frieza, com exceção de uma simpática Emma, dor pior do que a definição de seu corpo de feridas no incêndio.

— Phaedra terá que executar o *Curavi* na casa segura. É muito perigoso ficar aqui. Vamos embora, — disse friamente Ares e virou-se para voltar para onde tinham estacionado os carros.

Um por um, o resto da equipe se virou e seguiu Ares. Phaedra foi a última a se mover. O rosto desprovido de emoção, ela virou-lhe as costas e seguiu seu irmão. Nesse momento, Lysander odiava Cleo por não matá-lo.

Capítulo 20

Lysander era *Pretoriano*. O inimigo.

Em algum lugar no fundo do fundo da mente de Phaedra, uma pequena voz negava as palavras, argumentando que ele não era o inimigo. Ela silenciou o protesto com uma raiva nascida de uma dor renovada. Ele era o filho de um *Pretoriano*. Mas, mais horripilante do que isso, seu bastardo pai *Pretoriano* havia assassinado seus pais. Essa realidade que era repugnante. O pai de Lysander era o carnicheiro que matara seus pais.

O medo percorreu seu sangue enquanto ela se lembrava de como a voz do *Pretoriano* ecoara pelo *Circus Maxentius*. Tal como o seu rosto, ela nunca tinha esquecido a voz do monstro. Mesmo agora, após todos estes anos, lembrava-se daquela voz cruel insultando a ela e a Ares enquanto o bastardo permanecia sobre o corpo mutilado de sua mãe. A memória aterrorizante brilhava na frente de seus olhos. O armário do padre. Os gritos de sua mãe. O olho mágico que ela espreitara para ver o assassino de sua mãe. O pai de Lysander.

Seu estômago se agitava enquanto lutava para não vomitar. Ela não estava apaixonada pelo filho do homem que tinha massacrado seus pais. Lysander não tinha acabado de traí-la ocultando a verdade. Ele a fizera trair a memória de seus pais. Seu coração despedaçou-se. A dor disso a perfurava com uma agonia que ultrapassava a lesão em sua perna.

Ela devia ter percebido o mal nele. Como ele fora capaz de esconder isso dela? Não, ela tinha percebido isso. Ela viu aquela escuridão dentro dele. A lembrança daquele dia na escada passou pela sua cabeça. Suas emoções estavam sombrias. Crivadas de desespero. Na época, ela estivera convencida de que seu estado emocional foi o resultado da sessão de tortura que ele tinha sofrido. Agora ela sabia de forma diferente. Ela simplesmente se enganara pelo o que ele realmente era – o seu sangue *Pretoriano*.

Seu coração se torcia dentro do peito. Ela não podia acreditar nisso. Não queria acreditar. Tinha que haver outra explicação. Ela vira seu desespero, a natureza torturada da besta dentro

dele. Ela tinha certeza disso. Não tinha sido sua tentativa de enganá-la. Não. Ela teria visto qualquer duplicidade de sua parte. Assim como ela tinha visto a verdade que ele era *Pretoriano*?

Como ela podia ter certeza que ele não a tinha enganado? Ele era um telepata. Ele poderia ter sabido que ela estava no topo das escadas lendo suas emoções. Teria sido tão fácil para ele enganá-la. Ele era *Pretoriano*. Era o que os bastardos faziam. Isso e trabalhar rumo ao seu objetivo de exterminar os *Sicari*.

Um tremor se agitou por ela quando seus pensamentos fecharam o círculo. O pai de Lysander tinha massacrado seus pais. O pensamento deixando-a entorpecida. Tudo em seu mundo havia desabado sobre ela em um piscar de olhos. Phaedra lutou contra as lágrimas enquanto olhava pela janela do banco de trás do Land Rover. Ela não se sentira assim perdida desde as semanas e meses depois que seus pais foram assassinados. E ver seu assassino esta noite tinha puxado toda a sua tristeza de volta à superfície. Sua mão tremia enquanto enxugava uma lágrima de seu rosto. Ela estava grata que Lysander estava dirigindo o outro veículo. Estar no mesmo carro com ele agora teria sido insuportável. Surpreendera-a que Cleo tinha escolhido ir com ele. Ao lado dela, Pasquale sugou uma respiração afiada de dor quando Ares atingiu um solavanco em seu caminho de volta para a casa segura. Deus, ela ficara tão envolvida em sua própria miséria, que ela tinha esquecido que Luciano e Ares estavam feridos. Seu irmão teve pequenos cortes e contusões que Violetta ou o médico *Vigilavi* poderia curar.

Mas ela se lembrou de como Luciano fora forçado a se inclinar sobre Ares para voltar para o carro. Lysander fora ferido também. No luar, ela viu sua camisa aberta para revelar uma ferida no peito, e seu ombro ficara molhado e brilhando com sangue, mas ela sabia que os ferimentos eram leves. Ele não tinha sido gravemente ferido, e ela encontrou-se oferecendo uma pequena oração de agradecimento que ele havia sobrevivido. Mesmo apesar de conhecer seu segredo terrível, ela ficara aliviada que ele estivesse bem.

Ela se virou para o homem ao lado dela, ao mesmo tempo Emma se virou em seu assento. O fato de que sua cunhada tinha escapado de seu encontro com os *Pretorianos* sem um arranhão era um pequeno milagre. Mas isso não impediria Ares de dar-lhe o inferno por um bom tempo a vir.

— Está tudo bem, Luciano? — a voz de Emma sustentava uma nota sem fôlego que indicava seu estado elevado de adrenalina, como resultado da batalha que eles todos sobreviveram. Era a primeira de Emma, e se Ares tinha algo a dizer do assunto, Phaedra tinha certeza que sua cunhada não iria ver ação a qualquer momento no futuro próximo.

— Eu vou ficar bem, — disse Luciano com os dentes cerrados. — Só uma leve pontada no último solavanco.

— Deixe-me ver, — Phaedra disse em uma voz calma.

Ela passou pelo meio do banco, ignorando a dor na perna. O bastardo *Pretoriano* que ela escolhera conseguiu deixar um corte longo e desagradável de seu quadril até o meio da coxa. Seria pelo menos mais uma hora antes que se curasse corretamente. Ao contrário daqueles que ela curava, seu corpo levava muito mais tempo para se recuperar de qualquer lesão. E se ela curava alguém enquanto ela estava ferida, levava ainda mais tempo para que suas próprias feridas se curassem.

Quando ela estava perto o suficiente para examinar a ferida de Luciano, ela puxou a lanterna do bolso e iluminou sua coxa. Ela conteve um arquejo. O corte estava quase até o osso. Ele teve sorte. Um pouco mais perto e a lâmina teria cortado uma artéria principal, levando-o a sangrar no campo. Ele teve sorte em mais maneiras do que uma, porque ela nunca curara ninguém sangrando de uma veia arterial primária, e ela não tinha certeza se podia. Ainda este corte foi quase tão ruim, e precisava de cura agora. Sem hesitar, ela estendeu suas mãos para ele.

— Com sua permissão, eu devo tocar-te para te curar. — No banco da frente, Ares lançou uma dura maldição. — Merda, Phaedra, espere até chegarmos à casa segura. Eu já liguei para terem um médico nos encontrando na casa.

— Onde quer que eu faça isso, aqui ou na casa segura, é um ponto discutível. Violetta não tem a capacidade de curar uma ferida como essa. Eu não sei nem se ela vai ser capaz de curar seus cortes. E então há Cleo e... — ela não ousava dizer o nome de Lysander. Ainda, a dor da traição, ainda era muito crua.

Com cada batida do seu coração, a sensação física de sua mentira enviou uma dor latejante em cada parte dela. Era uma dor que achava que nunca iria se recuperar. Obrigou-se a focar-se em Luciano e repetiu a frase tradicional do *Curavi*.

— Eu posso esperar *caríssima*.

— *Christus*, apenas aceite o maldito *Curavi* — exclamou.

Luciano estudou-a cuidadosamente por um momento e depois com um gesto brusco colocou as mãos na dela. Ela imediatamente fechou os olhos e, como sempre, o calor familiar de cura percorreu seu corpo para suas mãos. A dor quando veio era agonizante. Ela estremeceu quando sentiu o corte profundo na perna de Luciano se formar em sua própria perna. Ela estava grata por seu ferimento não ser na mesma perna que tinha sua própria injúria. Teria doído bem mais.

Por longos minutos, ela se agarrou às mãos de Luciano, aceitando a dor que ele suportou como penitência por amar um *Pretoriano*. O inimigo. O bastardo responsável pela morte de seus pais e muitos outros. A dor em sua perna lentamente diminuiu, e ela liberou seu aperto das mãos de Luciano, antes de encostar-se à cadeira. Drenada, ela manteve os olhos fechados, querendo fazer nada além de enrolar em sua cama e dormir. O sono dos mortos quando ela não tinha que sentir nada.

Ela deve ter cochilado, porque o som da abertura da porta do carro a fez ereta. Ainda meio grogue, como resultado da cura de Luciano, ela se agarrou à porta do carro quando saiu do veículo. O segundo Land Rover rolou para dentro do estacionamento ao lado deles, e ela desviou o olhar quando Lysander e Cleo saíram do veículo. A mão dela apertou na lateral do carro, ela se moveu para frente. Fora do canto de seu olho, ela viu Lysander pisar em um local visível, enquanto Cleo se juntou a ele. Como poderia ela amigavelmente ter algo a ver com ele? Ele traiu Cleo também. Incapaz de se conter, ela virou a cabeça para Lysander. Seu rosto era como uma estátua de mármore, pálido e sem expressão.

Uma vontade súbita de ir até ele varreu-a. Ela queria respostas. Queria entender por que ele não tinha dito a ela. Ela balançou um pouco quando ela se apoiou na porta do bagageiro do carro.

Ela viu Lysander dar um passo quando um par de braços fortes levantou-a fora de seus pés. Assustada, ela olhou para o perfil sombrio de Luciano e logo se encontrou desejando por Lysander. Seu olhar se desviou para a Lysander, e viu sua expressão estóica se dissolver em fúria enquanto enviava a Luciano um olhar frio. Cleo agarrou o braço de Lysander e segurou-o de volta enquanto Luciano a levava para a casa.

Drenada de energia e emoção, tudo que Phaedra queria era se arrastar para sua cama e dormir. No sono, ela poderia esquecer tudo. O momento em que eles estavam lá dentro houve uma enxurrada de atividade. O *Vigilavi* que trabalhava na casa já estava preparado para atender aos feridos que não puderam receber o *Curavi*. Enquanto Luciano levou-a através do corredor na direção da escada principal, Atia os encontrou descendo os degraus. Claramente surpresa, um flash de medo varreu seus traços.

— Lysander?

— O *Pretoriano* está com Cleo — Luciano disse com indignado desprezo.

— Deus. Quantos sabem? — A pergunta de Atia fez Phaedra enrijecer nos braços de Luciano quando ela olhou para a mulher com horror.

— Você sabia?

— Eu sabia desde que ele era um bebê, que ele é meio *Pretoriano*. Lysander não descobriu até Nicostratus torturá-lo. Ele lutou com os conhecimentos desde então.

As palavras de Atia a fizeram doente. Lysander tinha falado apenas com a *Prima Consul* sobre a sua sessão de tortura. Ele compartilhou o que ele era com Atia. Não com ela. Ela gemeu baixinho. Como ele poderia amá-la se não confiava nela para lhe dizer a verdade? Fechando os olhos, ela cedeu contra o ombro de Luciano.

— Eu quero ir ao meu quarto. Agora. — Ao seu comando, Luciano subiu a escada, e em menos de um minuto, eles estavam na porta da sua pequena suíte. — Eu posso fazer isso daqui.

— Você tem certeza? — ele perguntou quando a colocou em seus pés.

— Sim, obrigada. — Ela abriu a porta de seu apartamento e fez uma pausa quando Luciano tocou no ombro.

— Se você precisar de alguma coisa, *Caríssima*, você sabe onde me encontrar.

— Obrigada, mas eu vou ficar bem.

Ela empurrou a porta aberta, e com o canto do olho, ela viu um lampejo de movimento. Virando a cabeça, seu coração bateu em seu peito ao ver Lysander vindo pelo corredor. Ela não tinha estômago para um confronto com ele agora ou mais tarde. Rapidamente entrou sua suíte, e bateu a porta fechando-a. Seus dedos roçaram o bloqueio sem colocá-lo. Se ele realmente quisesse entrar, tudo o que tinha a fazer era abrir a fechadura com seus pensamentos. Ainda sentindo lenta, ela fez seu caminho em seu quarto e caiu sobre o colchão. Enrolada na parte superior dos lençóis, ela arrastou um travesseiro em seu peito e se agarrou a ele como se fosse uma tábua de salvação. Uma a uma, as lágrimas vieram. Elas embeberam o travesseiro enquanto ela chorava até o sono.

— *Maximus*.

Ela deu um pulo para fora da cama no quarto onde os escravos de Octavian tinham a aprisionado. Isso era apenas um sonho. Deitou-se novamente e olhou para o teto. Esta manhã, quando Octavian tinha invadido sua casa, ela nunca imaginou que o homem iria levá-la prisioneira. Quando Maximus voltou para casa, ele não saberia onde encontrá-la. O som da abertura da porta do quarto a fez sentar-se.

A maneira em que Octavian entrou na sala, como se ele tivesse o direito, a irritava. Ela era a filha de Gaius Quinctilia Atellus, e não uma puta que ele podia entrar sem ser convidado, quando lhe convinha. O brilho que ela enviou em sua direção não pareceu intimidá-lo, ou se fez, ele ignorou. Na verdade, ele arqueou as sobrancelhas como se soubesse exatamente o que eu estava pensar. Como ela tinha feito antes, protegeu os seus pensamentos como Maximus lhe havia ensinado.

Ela tinha se tornado muito boa nisso, e Maximus havia estado convencido de que ele transferiu algumas de suas habilidades para ela como o resultado do seu vínculo de sangue. Seu estômago embrulhou quando Otávio sentou-se na beirada da cama.

— Linda, — ele murmurou enquanto sua mão estendida para passar em sua bochecha. Ela encolheu para longe dele, e o sorriso selvagem em suas belas feições enviou um arrepio em sua espinha dorsal. — Eu tenho notícias.

Medo correu pela sua pele como gelo, mas se recusou a dar-lhe a satisfação de saber que ele tinha a feito pensar o pior. Em vez disso, ela arqueou a sobrancelha para ele com desprezo. Sua boca diluída com raiva.

— Seu marido está morto. — As palavras de Octavian a atingiram como um raio. Ela balançou a cabeça em negação.

— Mentiroso. Se Maximus estivesse morto, seria um prazer para você me mostrar a sua cabeça. — O pensamento de uma coisa assim a horrorizou, mas ela sabia que era verdade.

— Minha querida Cassiopeia, eu não sou um homem cruel. Eu nunca iria forçá-la a suportar tal coisa. — As palavras de Octavian eram suaves e oleosas. — Você irá vê-lo logo quando você for culpada de heresia.

— Nem mesmo você teria coragem de executar a filha de Gaius Quinctilia Atellus. Constantino iria bani-lo do seu tribunal.

— Ahh, mas eu não tenho nenhuma intenção de executar você, dulcis mea. Vou simplesmente explicar que eu estava demasiadamente atrasado para evitar que a multidão extraísse sua equivocada justiça. — Suas palavras fizeram suas bochechas ficarem frias quando o sangue foi drenado de seu rosto, e ele riu.

Ela virou a cabeça quando uma onda de desespero tomou conta dela. Se Maximus estivesse vivo - não, ele estava vivo. Ela podia sentir isso. E quando soubesse onde estava ele arriscaria sua vida para salvá-la. O conhecimento fez seu coração saltar uma batida. Se ele tentar fazer isso, ele certamente morrerá. Não, ela tinha que encontrar uma maneira de escapar e chegar a ele primeiro.

— Você está muito quieta, Mellis mea. O que você está planejando nessa linda cabeça sua?

— Nada, — ela disse quando um sussurro de um pensamento que não lhe pertencia escovou através de sua cabeça. Ela encontrou seu olhar com uma sensação surreal de calma.

— Se você está pensando que pode escapar Cassiopeia, não. Os Pretorianos que estão guardando a casa são leais a mim, e os escravos domésticos sabem as duras consequências de traição.

— Você estaria menos suspeito se eu calmamente aceitasse você como meu carcereiro?

— Não. — Ele sorriu. Isso a assustou porque o seu olhar permaneceu estável como o olhar de um réptil. — Pelo menos você não perdeu seu espírito. É uma das coisas que sempre gostei de você.

— E você me dá nojo. — Ela encontrou seu olhar com um olhar de desprezo. Sua recompensa por sua rebeldia foi a raiva que passou pelo seu rosto antes dele se inclinar na direção dela.

— Pelo menos você entende que é impossível escapar da mão da justiça. — A boca de Octavian estava tão perto que não podia evitar, mas virou a cabeça para longe dele. Seus dedos capturaram seu queixo, forçando-a a olhar para ele. — Você é uma herege, Cassiopeia. E você vai ser punida, assim como seu marido e o menino.

Seu coração parou em suas palavras. Caro Deus, se ele encontrasse Demetri - não, ela se recusou a acreditar. Posca iria falar com ela e Maximus. Ele manteria Demetri seguro. A vibração de movimento dentro de sua barriga aumentou o medo dela. O bebê. Se Octavian descobrisse que estava grávida de Maximus - ele iria matá-la imediatamente. Ele não arriscaria que ela fugisse e levasse uma criança que poderia um dia ser sua ruína. Novamente, o sussurro ecoou em sua cabeça. Desta vez foi mais forte, mais profundo. Ele a convenceu de que Octavian estava tentando ler sua mente. Ela imediatamente se forçou a bloquear seus pensamentos com imagens de Maximus encontrando-a. Isso a deu coragem. Ela iria encontrar uma maneira de escapar.

Capítulo 21

A sala de conferência estava em silêncio, enquanto indivíduos e pequenos grupos lotaram a sala.

Até mesmo o pessoal *Vigilavi* da instalação foram requisitados para participar das instruções. Isso poderia significar apenas uma coisa. Atia já havia informado ao Conselho sobre os acontecimentos da noite passada, o que significava que a palavra se espalharia rapidamente sobre Lysander e tudo o que tinha acontecido ontem à noite. Atia queria manter as fofocas e insinuações, no mínimo.

Ela assistiu o *Celeris* ajustar a webcam. Geralmente, a *Prima Consul* dirigia à Ordem só em dias especiais celebrados pelos *Sicari*. Hoje não era um daqueles dias, o que significava que Atia estava indo compartilhar a notícia do que aconteceu na noite passada, pessoalmente.

Será que isso significa que o Conselho reagiu mal à notícia? Cato. Se alguém estaria indo causar qualquer problema, seria ele e seu pequeno bando de doninhas. Phaedra franziu o cenho. O homem era mesquinho e vingativo. Se ele pudesse causar problemas para Atia, ele causaria, simplesmente porque ele perdera o título de *Prima Consul* para ela. Ele tinha, talvez, empurrado-a para um canto onde Lysander estava preocupado? Talvez o Conselho insistisse para que ela retirasse Lysander do título, até que uma audiência pudesse ser convocada.

Quando ela entrou no quarto, automaticamente procurou por Lysander, mas a sua ausência não a surpreendeu. Enquanto seu olhar continuou a verificar os rostos na sala, ela de repente percebeu que Ares não estava na sala de conferências. Nem Emma, aliás.

A visão de Cleo entrando pela porta a fez ficar tensa. Elas se separaram estranhamente ainda cedo, e ela não tinha certeza do que esperar. Alívio navegou através dela quando Cleo ofereceu-lhe um meio sorriso e foi direto para a cadeira ao lado dela.

— Você está bem? — Cleo se inclinou em sua direção. — Eu sei que fui um pouco áspera com você. Desculpe-me.

— Está tudo bem. Eu apenas... É apenas um pouco mais complicado do que você pensa.

— Eu sei, mas você vai resolver isso com ele, — Cleo disse com um sorriso tranquilo. — Vocês dois ficarão juntos.

Phaedra sacudiu a cabeça com um frisson desnatado em toda a sua pele como a suavidade de um pedaço de seda. Era uma sensação familiar, e seu coração despencou para baixo antes que ele começasse a bater rapidamente em seu peito. O olhar dela disparou para a porta da sala de conferências onde Ares entrou primeiro, Emma, e depois Lysander entrou na sala seguido pela *Prima Consul*. Enquanto sua cunhada estava perto da porta, os outros três moveram-se em direção à cabeceira da mesa de conferência.

Por mais que ela odiasse admitir, à visão de Lysander a fez ansiar pelo conforto do seu abraço. Ela pensou que ele poderia escanear a cheia sala procurando por ela, mas ele não fez. O tapa-olho preto que ele usava apenas enfatizou suas feições emocionadas. Era como se alguém tivesse colocado um remendo de couro em um busto de mármore frio e duro. Mas era a linha firme do queixo que disse que ele não estava tão calmo e controlado como parecia. O fato de que seu coração doeu por ele, mesmo depois que ele mentiu para ela, disse-lhe o quanto ela o amava.

Ela o amava tanto. Mas ela o ama o suficiente?

O momento que Atia tomou o centro do palco, Ares e Lysander passaram para flanquear a *Prima Cônsul*. Foi uma clara amostra de solidariedade por parte de Ares. Seu irmão tinha, obviamente, chegado a um acordo com o patrimônio Pretoriano de Lysander. Ares sequer sabia que o pai de Lysander tinha assassinado seus pais? Era possível o seu irmão não ter visto o rosto do Pretoriano tão claramente quanto ela tinha.

De qualquer maneira, Ares estava mantendo Lysander irrepreensível por seu sangue misturado. Então, isso disse sobre sua própria capacidade de perdoar? Um pedaço de pesar gravou o seu caminho em seu coração, mas ela ignorou. Lysander havia mentido para ela, e isso não era

algo que podia perdoar facilmente. Ele machucou não tanto com a mentira como com a sua incapacidade de confiar nela. A *Prima Consul* arqueou as sobrancelhas para o *Celeris*, que estava monitorando um laptop na outra extremidade da mesa de conferência e, quando ele balançou a cabeça, Atia olhou na direção da webcam.

— Saudações. Eu sei que esta é uma ocorrência incomum, mas eu queria evitar boatos e informações desencontradas na organização. O que quero compartilhar com vocês hoje é a informação que eu compartilhei com o Conselho da Ordem, apenas algumas horas atrás. Ontem à noite, o *Legatus* Lysander Condellaire e sua equipe descobriram um artefato valioso que nos trouxe a um passo de encontrar o Tyet de Ísis.

A declaração de Atia causou uma emoção em toda a sala, e ela levantou a mão pedindo silêncio. — Além desta nova descoberta, houve outras revelações trazidas à luz ontem à noite. Revelações, que o Conselho está ciente e que vou compartilhar com vocês agora. Há algum tempo, tem havido execuções ritualísticas de *Sicari*, *Vigilavi* e outros ligados à busca da Tyet de Ísis. Todos os executados tinham uma marca incomum, agora sabemos que é uma versão incompleta do Chi-Rho, e é o trabalho de um *Pretoriano Dominus*.

Conforme a *Prima Consul* fez uma pausa para dar tempo para que suas palavras se aprofundassem Phaedra sentiu a mudança de humor dos presentes naquela pequena reunião. Imaginou que a reação era a mesma que em outras instalações, observando Atia pela Web. Enquanto o grupo se movia, irrequieto em seus assentos, Phaedra voltou sua atenção para Emma, que estava parada perto da porta da sala de conferências. Os pais de Emma e mentor tinham todos sido vítimas de assassinatos ritualísticos. Mesmo Emma tinha sido um alvo, mas Ares tinha escolhido protegê-la e tinha caído de amor como resultado. Uma pequena parte sua invejava a felicidade do irmão. A voz de Atia interrompeu sua linha de pensamento.

— Os guerreiros que lutaram com o *Dominus* na última noite agora sabem com o que estamos lidando e estarão mais bem preparados na próxima vez que encontrarem essa nova ameaça à nossa existência.

A *Prima Consul* deu uma pausa para olhar para a expressão impassível de Lysander, antes de seu incessante olhar de autoridade varrer os rostos de homens e mulheres na sala de

conferências para voltar sua atenção para a webcam. O olhar imperial de confiança no rosto Atia dizia que ela duvidava que alguém ousasse interrogá-la sobre qualquer decisão que estava prestes a anunciar.

— A noite passada também revelou algo que eu e apenas um ou dois outros indivíduos tinham conhecimento por um longo tempo. O pai do *Legatus* Condellaire é Pretoriano. — Todo mundo agitou com a notícia, mas o olhar duro de desaprovação de Atia fez os ocupantes da sala rapidamente ficarem em silêncio.

— Até os Pretorianos torturarem o *Legatus* ano passado, ele sempre acreditou que seu pai tinha morrido lutando com o nosso inimigo.

A *Prima Consul* virou a cabeça para Lysander com uma expressão de arrependimento e dor. Atia era um político, mas Phaedra tinha certeza que as emoções da mulher eram genuínas, não simplesmente uma tela para o seu público. A mulher realmente sentia angústia pelo que Lysander estava passando. Atia limpou a garganta para retomar seu discurso aos *Sicari* no quarto e aqueles que nos assistiam.

— As circunstâncias de seu nascimento foram escondidas do *Legatus* Condellaire por respeito à sua mãe e sua agressão sexual traumática. Um ano atrás, quando os Pretorianos torturaram ao *Legatus*, seu pai biológico era o seu interrogador. O Pretoriano reconheceu o *Legatus* Condellaire, torturando-o fisicamente e emocionalmente com o conhecimento. O homem que fez isso é o patriarca do Collegium Pretoriano.

Outro suspiro voou pela sala e a emoção constrictou a garganta de Phaedra enquanto as palavras de Atia afundaram dentro dela lentamente, absorvendo as palavras da *Prima Consul*. Querido Deus, o homem que agora era um Patriarca, e apenas o segunda na hierarquia do Monsenhor do Collegium, havia estuprado a mãe de Lysander. Ela tinha se concentrado tanto no fato de que o pai de Lysander tinha assassinado os pais dela que ela não tinha considerado realmente o que sua mãe deve ter sofrido nas mãos de Nicostratus. Apenas uma mulher de fortes reservas mentais poderia ter optado por manter uma criança de um ato tão terrível de violação.

Seu olhar voou para as características da expressão de Lysander. Ele pareceu não ser alterado pelo anúncio de Atia, mas ela sabia melhor. Os músculos marcados de seu rosto estavam tensos, tornando o tique na bochecha mais perceptível. Seus dedos formigavam com a necessidade de tocá-lo, aliviar sua dor. *Christus*, ele tinha que estar em um inferno agora por ouvir Atia compartilhar partes de sua vergonha secreta.

E ela estava convencida de que ele estava envergonhado. Se não tivesse estado, ele teria dito a ela a verdade. Dito a alguém. Ela se encolheu. Ele tinha dito a alguém. Ele havia dito a Atia. Ele tinha confiado na *Prima Consul* com o seu segredo, não ela. Em vez disso, ele a empurrou para longe. Não foi a primeira vez que ela reconheceu o fato, mas cortou mais profundo desta vez. Ele a tinha fechado para fora, e a dor bateu seu caminho através de sua corrente sanguínea até que cada uma de suas terminações gritasse um protesto.

Quando ela estudou-o, ela o viu endurecer. Seu olhar brevemente digitalizando seu rosto antes que ele retomasse o seu olhar para a parede. Ele estava lendo sua mente agora? Sem pensar, ela estendeu os seus sentidos para encontrá-lo em meio a todas as outras emoções que estavam inundando a sala. Era como se deslocar através de uma praça lotada de pessoas para chegar até ele. Quando ela fez, foi como se tivesse atingido um santuário, apesar da dor que ela sentia nele. Não era surpresa para ela que suas emoções estavam tão abertas a ela. Com toda a sua energia focalizada em manter sua expressão impassível, ele não tinha mais nada com que bloquear as emoções correndo solta por trás da máscara. A escuridão de seus sentimentos tomou conta dela em uma onda violenta de fúria, desespero e vergonha.

Ele estava envergonhado de quem ele era. Não. O que ele acreditava ser. Ele não acreditava que era um *Sicari*. Deus, não admira que ele mantivesse distância dela em relação ao ano passado. Ela engoliu em seco ao perceber o quão difícil deveria ter sido para ele. O que teria acontecido se ela tivesse empurrado para trás, mais cedo? Exigindo uma resposta para o porquê dele rejeitá-la. Será que ele diria a ela seu segredo? Ela não tinha que sondar os seus sentidos mais profundos para saber que a resposta era não. Ele não teria contado a ela. Ele ainda teria mantido isso longe dela. A compreensão foi uma bofetada emocional na cara. Ela lutava para aceitar a sua incapacidade de confiar nela. Era uma coisa aceitar que ele não era responsável pelos pecados de seu pai, mas a confiança é essencial para um relacionamento. Como ela poderia confiar nele para não manter outros segredos dela? E sem confiança, eles não tinham uma chance no inferno.

— Tenho toda a confiança no *Legatus* Condellaire, e estou convencida de que ele e sua equipe serão bem sucedidos em sua missão de encontrar o Tyet de Ísis. *Longior vivere ordinis Sicari.*

Quando Atia formalmente encerrou seu discurso, Phaedra murmurou as palavras "*Vida longa a Ordem Sicari.*" A frase que encerrava todos os eventos oficiais do Conselho era uma segunda natureza para ela, e ela demorou um instante para perceber que tinha perdido a última parte do discurso da *Prima Consul*. De repente, tomado por uma vontade de chorar como se estivesse na noite passada, ela abaixou a cabeça em uma tentativa de recuperar a compostura.

— Isso é tudo até as coordenadas da equipe à uma hora. — A voz de Lysander era frágil, e ela não olhou para ele quando se levantou para sair da sala com todos os outros. Quando ela tentou escapar da sala despercebida, ele pisou em seu caminho.

— Phaedra, eu gostaria de vê-la no estúdio.

— Não pode esperar? — Ela se enrijeceu. Deus, ela não achava que estivesse pronta para isto. Ela mal olhou para ele, não querendo revelar como ela estava se sentindo arrasada.

— Não.

Era isso. Sem compromisso, apenas uma recusa. Com um aceno de cabeça aguda, ela passou por ele e dirigiu para o estúdio. Ótimo. Talvez o melhor seja acabar logo com isso. Menos de um minuto depois, ela entrou no gabinete vazio. Ela não teve que se virar para saber quando Lysander entrou na sala. Seu corpo reagiu a ele como um dispositivo de sonar enlouquecido. Ao som do fechamento da porta, ela se virou para ele, esperando que falasse. A tensão entre eles era como cordas de piano esticadas pronto para quebrar no minuto que a tecla errada fosse atingida.

Seu queixo duro e inflexível, ele cruzou os braços sobre o peito. Eles olharam um para o outro por um longo momento, enquanto ela esperava que ele falasse. A emoção de penetrar no silêncio entre eles só aumentou a tensão na sala. Ele foi o único que tinha pedido por esta pequena reunião. Por que ele não dizia o que era que queria dizer para que ela pudesse sair daqui? Estar sozinha com ele a fazia se sentir vulnerável. Se isto era uma tática de intimidação, estava dando certo.

— Diga alguma coisa, — ele respondeu asperamente.

— O quê? — Ela olhou para ele com espanto.

— Diga alguma coisa, — ele repetiu. — Grite comigo, faça um discurso retórico, o que quiser, mas apenas diga alguma coisa.

— Não há nada para dizer. — Não. Há muita coisa para dizer, ela simplesmente não estava preparada para ir por esse caminho agora. A dor era muito nova para se expor a mais sofrimento.

— *Fotte*.

Ele deu um passo em direção a ela em um movimento explosivo. Assustada, ela pulou para trás em surpresa, e um pouco de medo também, se ela fosse honesta. Ele era meio-Pretoriano. O pensamento fez seu coração doer. Isso foi injusto da sua parte. Ele nunca lhe dera motivo para pensar que ele a prejudicaria. Suas feições tornaram-se uma escultura talhada de angústia, e ele imediatamente se afastou dela. — *Christus*, eu não queria assustá-la assim.

— Você não me assusta. — Sua bravura feroz era uma mentira. Ela estava assustada, e se desprezava por isso. Ela sabia que ele nunca iria machucá-la. Enfrentou-a novamente, e ela podia ver pela sua expressão que ele sabia que ela estava mentindo.

— Eu quero explicar -

— Não. — Ela levantou a mão.

Não havia qualquer explicação que ele poderia dar-lhe que iria aliviar a raiva e a dor que ela estava sentindo agora. Para manter escondido algo tão importante mostra sua falta de confiança, e sua não vontade de acreditar que ela não iria traí-lo, eles não tinham nada.

Ela sabia que ele estava em dor, mas assim estava ela, e ela não estava pronta para perdoar-lhe tudo ainda.

— Droga, eu preciso fazer com que você -

— Entenda? Eu entendo tudo completamente.

— Você entende? Duvido.

— Deixe-me ver se eu posso esclarecer isso para você. — Ela olhou para ele com frustração. — Você mentiu para mim.

— Eu nunca menti para você. — Sua boca se apertou com raiva enquanto ele ficava rígido na frente dela.

— É o chamado pecado de omissão. Os Pretorianos conhecem bem. Você poderia ter me avisado. Deveria ter me dito quem você realmente é, mas você não fez. Isso é mentira para mim.

— Quem eu realmente sou? — A amargura em sua voz a fez estremecer. — Você sabe quem eu sou, Phaedra. Eu sou o mesmo homem que eu era hoje que era ontem antes de você saber sobre o meu sangue Pretoriano.

— Não. Eu não conheço você. Como eu poderia saber se você nem mesmo confia em mim o suficiente para dizer-me o seu segredo mais escuro, — ela disse ferozmente. — Um segredo que confiou a Atia sem qualquer problema.

— *Il omnipotentia Christi*, não foi assim.

— Sim, foi assim. Então, por que você não largar essa charada de você se preocupar com o que eu penso e me deixa sozinha?

Ela não queria que ele a deixasse em paz. Ela queria que ele a tomasse nos braços e dissesse a ela que estava arrependido por não confiar nela. Queria ouvi-lo dizer que a amava. Ela queria muito e estava aterrorizada que ele nunca lhe contaria o que ela precisava ouvir. Com uma inclinação da cabeça, olhou para longe dela, até seu perfil demoníaco ser tudo que ela podia ver.

— Eu não posso fazer isso.

— Claro que você pode, — ela zombou. — Você conseguiu fazê-lo sem nenhum problema uma vez antes, por que é tão diferente desta vez?

— É diferente porque quem eu sou está aberto agora. — Todo o seu corpo foi amarrado com a tensão enquanto ela olhava de volta para ele.

— Então, porque todo mundo sabe agora, que torna isso ok? Bem, adivinhe. Não. E você quer saber por quê? Porque eu tinha que ouvir isso de um bastardo Pretoriano em vez de você? Ainda pior do que isso, você confiou em Atia o suficiente para lhe dizer. Você confiou nela, mas não a mim, e você deveria ter confiado.

— Você realmente pode me culpar por não dizer nada? — disse com voz áspera quando ele a enfrentou, ira escureceu a metade de seu rosto angelical. — Olha como você reagiu ontem à noite.

Ela encolheu-se interiormente com a sua acusação. — Na noite passada as nossas vidas estavam em jogo. Você esperava que eu tivesse uma conversa com você enquanto o bastardo estava anunciando ao mundo que você era seu filho?

— Não. Mas depois —

— Depois, eu estava muito ocupado lidando com o fato de que seu pai —

— Ele não é meu pai, — ele rosnou com uma ferocidade que a fez saltar, mas ela não se encolheu.

— Esse bastardo não é qualquer Pretoriano. Seu pai é o mesmo monstro que assassinou meus pais.

A declaração foi acentuada como um trovão na sala, e Lysander recuou dela tão rapidamente que ela pensou que ele estava saindo da sala. Não havia uma gota de cor em seu rosto e suas feições tinham endurecido em uma fachada de pedra de horror. A camada de tecido cicatrizado em sua bochecha estava esticada tão apertada, ela sabia que tinha que doer.

Mesmo ela não sendo capaz de ver seu rosto, ela saberia quão consternado e chocado ele estava por suas palavras. Seus sentidos estavam explodindo com uma fúria que a alarmou. Seu olhar preso ao seu rosto, ela engoliu em seco como uma emoção turbulenta após olhar para ele. A dor que acompanhava e o seu horror apertaram seu coração. Fechar-se no ápice das duas poderosas ondas de emoção era muita vergonha. Vergonha por ele estar relacionado com Nicostratus e um medo extremo de que ele poderia ser assim, um bastardo Pretoriano. Seu coração doeu por ele, e apesar de toda a raiva e a dor que sua traição tinha causado, ela queria aliviar seu sofrimento. Ela deu um passo à frente só para encontrar-se lutando para permanecer em pé quando o impacto tangível de sua raiva esbofeteou o espaço e o silêncio entre eles.

Estava escuro e impiedoso em sua intensidade. Pior, ele imitou o ódio que ela sentia em Gabriel, e a assustava. Não porque ela tinha medo dele, mas porque ela estava assustada por ele. Sua raiva era para Nicostratus, e ela sabia, sem qualquer dúvida de que ele tinha a intenção de matar o homem que O tinha gerado. Seu olhar verde encontrou o dela, e a angústia atormentada que ela viu ali foi a única emoção refletida em sua expressão. Mas ela ainda podia sentir a raiva poderosa trancada dentro de si que era para o Patriarca Pretoriano. Ela não teve que sequer fazer a pergunta.

A próxima vez que ele encontrasse seu pai, ele faria qualquer coisa para matar o homem. Ele sacudiu ligeiramente a cabeça, quase como se em negação, mas ele não questionava a validade de sua acusação.

— Ares sabe?

— Eu não sei.

— Ele precisa saber. — Havia uma finalidade e desespero em sua voz que a alarmou. Ele balançou a cabeça como se chegasse a uma decisão. — Eu vou designá-la para um novo parceiro imediatamente.

A aspereza de sua voz raspou através de seus sentidos com a nitidez de uma lâmina finamente afiada. Ele estava cortando-a fora de sua vida completamente. A emoção conflituosa a fez estremecer. Deus, como ela poderia ir embora dele? Ela o amava tanto. Não era o seu sangue

Pretoriano que a incomodava. O sangue em suas veias pode não ser puro, mas seu coração era o que importava. Ele era *Sicari*. E ninguém, nem mesmo ela, poderiam questionar a sua lealdade para com a Ordem. Era a sua falta de confiança que picou. Mesmo agora, ele estava mostrando que não confiava nela para proteger suas costas quando eles estavam trabalhando juntos. Isso a enfureceu. Ela merecia coisa melhor dele do que isso. E se ele achava que poderia evitar a raiva, dando-lhe um novo parceiro, ele tinha a necessidade de ter sua cabeça examinada. Eles precisavam trabalhar nisso - juntos. Era só assim que qualquer um deles seria capaz de chegar a um acordo com eles mesmos e uns aos outros.

— Eu não quero um novo parceiro, — ela disse com determinação tranquila.

— Como *Legatus*, eu distribuo as tarefas. Você não tem escolha.

— E se você insistir em me reatribuir, requisitarei *DuxProvocare*. — Desafiar sua capacidade de comando, provavelmente não era o mais inteligente que ela já tinha feito. E encarando-o em uma luta de espadas era idiota, mas não havia muitas opções abertas para ela. Só podia esperar que sua intuição estivesse certa quanto à preocupação dele.

— Você não é tão tola, — ele disse em voz baixa que estava sombria com fúria.

— Não? — Ela enviou-lhe um olhar de nojo e saiu em direção à porta. — Olhe.

Ela deu um passo adiante, fingindo seu blefe. Mãos invisíveis a arrastaram para si até que houvesse apenas uma polegada entre os dois. Em um nível mais profundo, ela reconheceu seu cheiro picante e respirou. E encontrou seu olhar desafiadoramente. Se ele esperava que ela se encolhesse, ele estaria despertando rudemente. Um grunhido de raiva retumbou no fundo de seu peito.

— Droga, Phaedra. Use a sua cabeça. Você estará em um inferno de perigo muito mais comigo como parceiro do que se você estivesse trabalhando com outra pessoa.

— E exatamente como você chegou a essa conclusão?

— Porque eu vou ser o alvo do *Pretoriano Dominus* toda vez que nos encontrarmos. Ele tem rancor de mim, e, eventualmente, ele vai ganhar. Eu não posso deixá-la comigo quando isso acontecer, porque eu sei as intenções de Gabriel.

— Intenções? — Ela cheirou com irritação. — Ele me quer como uma égua de cria. Diga-me algo que eu não sei. Como quais são suas intenções.

A surpresa o fez liberar seu agarre mental sobre ela quando se ajeitou na posição vertical em uma rígida postura, e colocando alguma distância entre eles. — Minhas intenções?

— Nós fomos amantes por mais de duas semanas. Exatamente o que isso significa para você?

Ela enviou uma pequena oração fervorosa, enquanto esperava que ele lhe dissesse o que queria ouvir.

— Se essa é sua forma de pedir o vínculo de sangue, isso não vai acontecer. — Sua resposta afiada a cortou, e ela revidou.

— Então você é igual ao bastardo *Pretoriano Dominus*. É isso?

— Que porra isso quer dizer? — As palavras furiosas tiveram a mesma força de um chicote no ar.

— Bem, obviamente você acaba de me usar para o prazer. Ou talvez eu entendi tudo errado e há alguma outra razão para termos partilhado a mesma cama.

— *Il omnipotentia Christi*. Você sabe melhor.

— Eu sei? Você foi o único a mencionar Gabriel e suas intenções. Exatamente o que eu supostamente deveria pensar?

— Eu não sou ele. — Desta vez, sua voz ecoou com uma fúria que vibrava no ar entre eles.

— Você está certo. Você não é ele. Mas, pelo menos, esse monstro é honesto sobre o que ele quer. Você, por outro lado, mentiu para mim. Me fez acreditar. . . acreditar que havia mais para nós do que você jamais tinha a intenção de fazer.

— Eu já expliquei por que eu não te disse.

— Minha reação. Certo. E isso me diz que você pensou que eu iria traí-lo para a Ordem se dissesse o seu segredo.

Sua expressão tornou-se ilegível, e os músculos do pescoço se apertaram com a tensão quando ele encarou em silêncio. A única indicação de que ele estava sob algum tipo de tensão era sua respiração entrecortada. Ele a fez pensar que poderia ser a dor. As feridas de ontem à noite o estavam machucando? Ela sabia que ele tinha recusado a *Curavi* que Violetta lhe ofereceu ontem à noite, e Phaedra estava convencida de que era uma forma de penitência. Ela deu um passo em direção a ele, e viu a sua garganta sacudir quando ele sacudiu a cabeça dura. Deus, ele não ia abrir um caminho afinal.

— Eu disse a você porque eu não lhe disse. Se você está procurando algo mais do que isso... Eu não tenho para dar. — Foi uma rejeição. Pura e simples. Ele a fez arquear sob o peso disso.

— Então não há nada mais a dizer. — Com dignidade, que tanto conseguiu disfarçar, ela passou por ele e dirigiu-se a porta do escritório. Quando sua mão estava na maçaneta da porta, ela olhou por cima do ombro. — Lembre-se do que eu disse. Se você tentar transferir-me, eu vou pedir o *DuxProvocare*. E desta vez, eu não estou blefando.

Sem esperar sua resposta, ela simplesmente abriu a porta e saiu da sala. No momento em que estava na sala com a porta fechada, em silêncio atrás dela, ela mordeu de volta um grito de dor que atacava todas as células do seu corpo. A força que era praticamente incapacitante em sua intensidade.

Tropeçando em frente, ela conseguiu subir as escadas. Homem teimoso. Como ela poderia perdoar se ele não queria perdão? Ele se preocupava com ela, mas a rejeitava tão bem quanto ele poderia ter aberto um Pretoriano. Ela parou no corredor superior e olhou para a porta na frente dela. Porta de Ares e Emma. Ela hesitou antes de bater. O que ela iria dizer a ele? Ela não sabia, mas de alguma forma iria encontrar uma maneira de lhe dizer. Ela bateu levemente na porta com os nós dos dedos.

— Você está me procurando ou Emma? — a tranquila pergunta de seu irmão atrás dela a assustou, e ela virou ao redor para ver Ares se dirigindo em sua direção com uma expressão sombria no rosto. Ela assentiu com a cabeça.

— Eu estava procurando por você. Preciso falar com você.

— Venha, — ele disse enquanto a conduzia para a suíte. — Emma está na biblioteca com Atia estudando o artefato encontrado ontem à noite.

— Oh. — Não era exatamente a resposta que ela pretendia fazer, e Ares arqueou a sobrancelha para ela. — Ok, alguma coisa está incomodando. Põe para fora.

— Podemos sentar?

Ele franziu a testa e fez um gesto em direção ao sofá. Ela afundou-se nas almofadas e fitou o vaso de rosas vermelhas centrada na mesa do café. Inclinando-se, ela acariciou distraidamente as pétalas aveludadas. O cheiro das flores lembrava como suave e feminina sua mãe sempre tinha cheirado quando ela lhe dava um abraço de boa noite. Ela fechou os olhos ante a memória. Não era justo que esse bastardo ainda estivesse vivo e seus pais mortos.

— O que está errado, Phaedra? — Ares nunca a chamou pelo seu nome completo, a menos que estivesse realmente preocupado com ela.

— Quantas vezes você pensa sobre mamãe e papai? — Sua pergunta foi recebida pelo silêncio, e ela virou a cabeça para ver Ares olhando para o espaço. Como se percebesse que ela o estava observando, ele encolheu os ombros ligeiramente.

— Não tanto quanto eu costumava fazer. Eles estão sempre lá no fundo da minha mente, mas não é todo dia. Mais quando eu vejo algo que me faz lembrar eles.

Ela olhou para as flores, de repente não tinha certeza se deveria dizer-lhe o que sabia. Será que ele realmente precisava saber? E se não tinha visto nada? Poderia afetar sua amizade com Lysander, e agora Lysander precisava de cada amigo que pudesse conseguir.

— Phaedra, se for sobre o pai de Lysander e Mamãe, eu já sei. — A dura nota implacável em sua voz não era dirigida a ela, mas incomodava da mesma forma.— Como?

— Eu soube na hora que ouvi a voz de Nicostratus. Não é algo que você esquece. Eu só não percebi que você sabia quem ele era. Eu pensei que talvez você tivesse bloqueado a noite toda fora de sua cabeça. — Suas palavras enviaram alívio que derramou através dela. Ele já sabia. Ela não tinha que lhe dizer.

— Eu nunca mais esqueci o seu rosto ou sua voz.

— Eu nunca deveria ter deixado você chegar perto daquele olho mágico.

— Você estava em choque. Não percebeu que eu estava olhando, até que fosse tarde demais. Queria ver a mamãe pela última vez. Só não desse jeito.

Seu estômago deu uma guinada quando ela permitiu que as memórias a invadissem. Olhos fechados, uma lágrima forçou seu caminho para sair de trás de sua pálpebra e escorreu pelo seu rosto. A mão de Ares espremeu a sua por um breve momento, o amor fraterno, o gesto aqueceu o seu coração.

— E Lysander? — ela perguntou. — Como você se sente sobre ele?

— Você quer dizer o fato de que ele tem sangue Pretoriano?

Ela encolheu os ombros. — Não é tanto isso, mas o fato de seu pai... Isso não te incomoda?

— Lysander não tem nada a ver com a morte de nossos pais. Não é culpa dele que o desgraçado estuprou sua mãe. — Ele olhou-a com cuidado. — Eu tinha a impressão que vocês dois estavam muito perto. Ele não te disse?

— Não, — ela disse quando desviou o olhar do olhar curioso de seu irmão. — Ele não confia em mim com o seu segredo. E um relacionamento exige confiança. Nós não temos isso.

— Você precisa dar ao cara alguma folga, Phae. Ele viveu com isso durante um ano agora. É difícil, tentar reconciliar-se com o que seu pai verdadeiro é e perder a figura do pai que tinha enquanto crescia.

— Mas ele podia ter me contado. Ao invés disso, ele me mandou embora naquela noite em Gênova.

— *Christus*, Phaedra, o cara passou por um inferno de uma sessão de tortura. Dois dos seus homens morreram, e Marta foi levada. Além disso, ele estava lidando com o medo da descoberta e como as pessoas reagiriam. — Ares balançou a cabeça em desgosto. — Olhe como todos nós reagimos ontem à noite e esta manhã. Você pode culpar o cara por não confiar em ninguém com o seu segredo?

Ela estremeceu. Ares estava certo. Ela estava com raiva porque ele não tinha confiança nela, não porque era parte Pretoriano. E a sua última reação a noite tinha simplesmente provado que ele tinha razão por não confiar nela. Foi uma dolorosa verdade.

— Lysander pode ter sangue Pretoriano, mas ele é *Sicari* por completo. E isso é tudo que você precisa saber.

Quando encontrou o olhar escuro de seu irmão, ela balançou a cabeça. Ela amava Lysander. Assim como Ares tinha dito, Lysander ainda era o mesmo homem. Ele não havia mudado, mas todo mundo tinha, incluindo ela. Ela falhou com ele. Sempre o acusando de correr, e ela que estava correndo como louca desde a noite passada. Agora tinha que encontrar uma maneira de fazê-lo ver isso. Fazer com que ele confiasse nela. Ela não sabia como ia fazer isso, mas gostaria de encontrar um caminho.

Capítulo 22

ROMA ANTIGA

OUTUBRO 28, 312 A .D.

Maximus assistiu sua corrida tribuna em direção a ele com uma sensação nauseante em seu intestino.

O simples fato de que Tevy estava sozinho, disse-lhe o pior. Cassiopéia e Demetri se foram. Caindo para frente em sua sela, ele fechou os olhos contra a dor. Uma imagem de Cassiopéia flutuou em sua cabeça, seu sorriso sensual o tentando enquanto sua mão acenava para ele vir com ela.

Luto rasgou-o como cães raivosos rasgariam logo a carne podre dos homens que ele tinha deixado para trás no rio Tibre. Suas mãos seguravam na crina do cavalo para impedir-lhe de rodar em volta do animal e carregar de volta aos homens da guarda de Constantine.

Por mais que ele quisesse morrer nesse momento, havia algo mais importante que ele tinha que fazer. Octavian tinha que ser lidado. A dor dentro dele derreteu devagar em uma fúria crua que deslizou quente e ardente em suas veias. Ele iria arrancar o coração de Octavian com suas próprias mãos pela traição do bastardo. Resolvido a destruir o homem que tinha tirado tudo dele, ele se endireitou na sela e esperou por Tevy alcançá-lo. Quando a tribuna de seu cavalo deslizou para parar, ele notou que o animal estava espumando pela boca, um sinal de que Tevy tinha montado duro na égua.

— Onde eles estão? — ele perguntou, esperando totalmente que seu tribuna lhe dissesse que sua esposa e filho estavam em casa sendo preparados para o funeral deles.

— Os vizinhos dizem que seu homem, Posca, contrabandeou o garoto para fora da casa pouco antes de Octavian e seus homens chegarem. A Domina foi levada para a casa de Octavian.

— As palavras de Tevy atingiram seu sofrimento com um raio de esperança. Eles estavam vivos. Energia renovada o reforçou enquanto um plano de ação era formado em sua mente.

— Posca manterá Demetri seguro até que nós os encontremos. Vamos recuperar o Tyet de Ísis depois que Cassiopeia estiver segura e Octavian morto.

— A Domina não está mais na casa de Octavian. — Tevy desviou o olhar enquanto ele continuou.

— Ele a levou para o Saepta Julia. Eu tinha seus homens seguindo-os, enquanto eu vinha te encontrar.

— Saepta Julia? — ele franziu o cenho.

— Ele tem a intenção de... — Tevy, sua expressão sombria, empalideceu. — Ele tem a intenção de entregá-la aos fanáticos do Nazareno.

A declaração de seu tribuna enviou um balde de gelo sobre a pele de Maximus. Se Octavian desse Cassiopeia à Igreja, eles a matariam. Os fanáticos desprezavam a religião e as tradições de Roma. No fundo de sua mente, ele ouviu um murmúrio suave. Cassiopeia. Ansioso por tocá-la, mesmo que apenas com sua mente, ele estendeu a mão para ela com seus pensamentos. Quando sua mente tocou a dela, o pânico furioso dentro dela era esmagador. As imagens que fluíram entre eles só aumentou seu medo por ela. Octavian subia em um pódio improvisado.

Feixes de madeira formavam uma pira. O melhor que ele pôde com o contato gasto que ele tinha conseguido, ele a assegurou que estava indo para ela. Seu pânico diminuiu e quando a linha entre eles foi desvendada, sua coragem o deixou orgulhoso. Ele estalou sua cabeça em direção a Tevy.

— Tire Titus e Vidal da linha dos soldados. Nós iremos precisar deles.

— Eles irão -

— Pegue-os, agora.

Ele não esperou por Tevy obedecer à ordem. Ele simplesmente puxou as rédeas de seu cavalo e fez o animal galopar na direção dos soldados montados que Constantine tinha postado em frente ao portão de Flaminia. Ele retornou momentos depois com dois cavalos para os dois soldados que Tevy tinha tirado da linha de soldados.

— *Eu não me importo quem disser a vocês para parar, — ele disse sombriamente enquanto encontrava os olhares dos três homens observando-o. — Vocês não param por nada até que eu diga para fazê-lo. Nós cavalgamos para a Saepta Julia. Tevy, se alguma coisa acontecer comigo, você sabe o que fazer.*

Maximus instou seu cavalo a galopar e correu em direção a Porta Flaminia. Em minutos, eles estavam dentro da cidade, mas as ruas lotadas desaceleraram o progresso deles. Desesperado para chegar à Cassiopéia, ele gritou para as pessoas saírem do caminho. Eles fizeram, mas muito mais lentamente do que seus soldados fariam.

Seu ritmo de caracol criou um terror dentro dele que ele nunca tinha experimentado antes no campo de batalha. E se ele não chegasse a tempo? Ele lutou contra o medo e empurrou seu cavalo para frente. Ele iria alcançá-la. Ele não deixaria nada nem ninguém pará-lo. À medida que eles se aproximavam da Saepta Julia, a multidão engrossava e tornou-se intransitável para o cavalo.

Ele podia ver a cúpula de Panteão, e lembrou-se da passagem que tinha usado quando moveu o Tyet de Ísis do Templo de Vesta. Ele olhou por cima do ombro.

— Vidal. Fique com os cavalos, — ele vociferou. — Tevy, Titus. Juntem-se a mim.

Ele estava fora de seu cavalo em uma jogada rápida para empurrar agressivamente seu caminho através da multidão em direção a um beco que fluía para Via Flaminia. Com Tevy e Titus em seu calcanhar, ele fez seu caminho ao redor da parte de trás do Panteão para uma passagem que ele tinha visitado apenas alguns dias atrás. Aqui, a multidão fluía de forma constante na praça, mas havia menos tráfego.

Isso facilitou a avançar, e quanto mais próximo ele veio para a praça de Saepta Julia, mais fácil era ouvir trechos breves de uma pessoa falando seguido pelo barulho da multidão. Focando seus pensamentos, ele estendeu a mão para tocar a mente de Cassiopeia. Ele a encontrou facilmente, o que disse a ele, que ela estava muito perto dele. Como ele continuou pelo beco, a multidão engrossou novamente, e seu medo ficou mais forte.

— Eu sei que você pode ouvir meus pensamentos, mea amor. Estou aqui. Ouça-me atentamente, mea cara. Eu preciso que você me mostre exatamente o que você vê. Tudo isso.

Seu medo correu para ele como um animal selvagem frenético para fugir de uma ameaça. Uma mão apoiada contra a parede de um edifício, ele lutou para permanecer em seus pés em face do terror dela. Pelos Deuses, ele ia ter a cabeça de Octavian pelo o que o bastardo estava fazendo. Mais uma vez, ele empurrou através do terror dela para alcançar a parte na mente dela que ele poderia ter uma razão.

— Cassiopeia, já chega. Me ouça.

Mesmo quando falando diretamente com ela, ele nunca tinha sido tão duro, mas isso pegou a atenção dela e seu medo diminuiu um pouco. Alívio diminuiu seu ritmo cardíaco, e ele esfregou o couro das braçadeiras em sua testa para manter o suor fora de seus olhos.

— Estou aqui, mea amor. Agora se concentre. Deixe tudo o que você vê preencher sua mente. Eu quero ver o que você está vendo. Eu preciso saber onde Octavian e seus homens estão. Lentamente, cara, lentamente.

Enquanto ele tentava acalmá-la com seus pensamentos, sua cabeça encheu de imagens da Praça do Mercado que cercava a Saepta Julia. Uma vez um lugar para os cidadãos romanos votar, o prédio se tornou um mercado, e uma multidão incontrolável enchia a praça. Octavian estava claramente incitando a multidão como ele viu uma imagem do traidor apontando e gritando. As imagens mudaram e viu três Pretorianos na entrada da praça, depois mais três, no sopé da plataforma onde estava Octavian. Seus pensamentos afastaram dela, mas o terror dela voltou, e ele estendeu para acalmá-la.

— Estou vindo, mea amor. Apenas mais alguns momentos. Eu prometo. — Lenta e suavemente, ele recuou de seus pensamentos. Ele olhou por cima do ombro para Tevy e Titus.

— Há três homens de Octavian perto da Via Flaminia, e mais três estão com ele na pira em que ele está segurando Cassiopeia.

— Se essa multidão não tiver nada por que julgar, os soldados na entrada de Flaminia não serão capazes de nos alcançar facilmente, — Tevy disse. Embora as habilidades de seu amigo não fossem tão forte quanto à dele, Maximus sabia que podia confiar na avaliação de Tevy quando ele concentrou suas habilidades em manter sua ligação com Cass.

— Octavian colocou a plateia no clima para sangue. — Ele sacudiu a cabeça em direção à praça. — Nós devemos agir rapidamente.

Sem cuidado por qualquer um em seu caminho, Maximus começou a empurrar seu caminho através da multidão em direção à praça. Ele tinha acabado de chegar à praça quando ouviu os gritos de Cass. Ele estava fora do tempo. Impiedosamente ele empurrou as pessoas para o lado enquanto lutava seu caminho para a plataforma que ele tinha visto nos pensamentos de Cass. Ele já havia usado a maior parte de sua habilidade no rio, e ele precisava conservar tudo o que tinha deixado para salvar Cassiopeia.

Outro grito estridente ecoou para fora sobre o barulho da multidão. Foi um terror miserável, e quando sua mente conectou com a dela, ele viu o que ela via. Horror passou através dele.

A imagem de chamas ondulando entre os feixes debaixo dos pés lindos de Cassiopeia o transformou em um louco enquanto ele chumbava seu caminho até as escadas da plataforma que ele tinha alcançado. Um soldado romano ficou no topo da escada, sua espada desembainhada.

O soldado não era páreo para a velocidade e habilidade de Maximus. Em um borrão de movimento que refletia a força de sua habilidade especial, Maximus puxou a espada da bainha ao seu lado. A espada mal tinha deixado a bainha antes que ela fez um curso diagonal através do estômago do homem e no peito em um curso fluído. Quando o homem caiu, Maximus ouviu

Cassiopeia gritar de novo, e ele empurrou o homem nas escadas no meio da multidão. Assim que ele pisou na plataforma, então outro soldado o atacou. Ele o evitou cuidadosamente e enviou sua espada no fundo do peito do homem. Conforme o soldado caiu, Maximus viu Octavian observando calmamente a praça onde Cassiopeia estava amarrada em uma pira ardente.

Fúria bruta reforçou seus músculos enquanto ele atacava em frente. Uma parede dura e invisível, o parou apenas brevemente às costas de Octavian. O impacto bateu o vento fora dele, e ele caiu de joelhos. Os gritos de Cassiopeia estavam mais altos agora, a dor abafando o medo em seu choro. Maximus sacudiu a cabeça em direção a ela e viu as chamas estalando na bainha de seu vestido. Ele olhou para cima para ver o sorriso cruel de Octavian enquanto ele sacava sua espada.

— Parece que você chegou muito tarde, Maximus. Como você pode ver, sua linda esposa foi julgada e considerada culpada de heresia. Mas eu farei a você a gentileza de lhe enviar à morte primeiro, então você pode encontrá-la no Tártaro.

— Bastardo, — chorou enquanto se lançava para frente. No momento em que ele bateu na barreira invisível, ele drenou o que restava de suas habilidades para quebrar a parede invisível entre ele e Octavian. Com um impulso vicioso, ele enterrou a espada na coxa do homem, logo abaixo do osso do quadril, em seguida, puxou a lâmina livre. Os gritos de Cassiopeia eram agora guinchos de agonia. Ele instintivamente virou em direção a ela e não conseguiu ver Octavian girar sua espada. A primeira coisa que ele sentiu foi um golpe na cabeça. Ele cambaleou para trás, o lado de seu rosto latejando. Ele tentou limpar o sangue em seu rosto para ver melhor, apenas para perceber que ele já não tinha um olho.

*Lysander atirou-se da cadeira com um grito alto. O lado de cicatriz em seu rosto doía como o inferno. Ele tocou gentilmente a área, então olhou para sua mão, esperando completamente ver sangue cobrindo sua mão. Quando ele não viu, ele deu um suspiro de alívio. *Il Christi omnipotentia*. Esse sonho tinha sido um pouco realista demais para seu gosto. Ele piscou o sono para fora de seus olhos e olhou para o relógio em seu pulso. Oito horas. Ele gemeu quando viu as três garrafas de vinho vazias sobre a mesa. Foi só uma ressaca.*

Na noite passada ele tinha estado miserável como o inferno, e decidiu enterrar seus problemas no álcool. Não os tinha eliminado. Tinha feito apenas sua cabeça doer. De fato, todo o seu corpo doía como se ele tivesse lutado com meia dúzia de Pretorianos. Isso é o que ele conseguiu por dormir em uma cadeira a noite toda. Ele fez uma careta quando se empurrou para fora da cadeira e esfregou as costas de seu pescoço em um esforço para aliviar a rigidez.

O resumo do dia antes de ontem não tinha produzido nada de novo no caminho de informações, e ele decidiu dar um descanso da missão à equipe. Emma e Atia ainda estavam tentando resolver a enigmática inscrição na placa de metal que eles tinham encontrado no Circo Maxentius, e o computador ainda estava processando todas as imagens digitais que a equipe havia tirado de vários prédios ao redor da cidade. Até que essas duas questões estivessem resolvidas, havia pouco que se pudesse fazer, exceto esperar.

A tensão estava correndo alta com o seu segredo agora de conhecimento comum, e ele reconheceu a necessidade de todos de se acostumar com a idéia de que ele tinha sangue Pretoriano correndo em suas veias. Tinha sido, pelo menos sessenta, talvez setenta anos desde que um Pretoriano tinha deixado o *Collegium* para ingressar na Ordem dos *Sicari* e gerado filhos.

A imagem do primeiro líder do *Collegium Pretoriano* encheu sua cabeça. Phaedra tinha reconhecido Octavian como Nicostratus? Maxilar cerrado, ele perambulou um trajeto entre a cadeira e a porta de sua varanda. O que diabos isso significava? Não significou nada. A voz em sua cabeça defendeu ferozmente. Foi apenas um sonho. O lado da sua cabeça ainda latejava, e ele pressionou a palma de sua mão contra a testa, na tentativa de aliviar a dor.

Sua cabeça estava doendo assim como se ele tivesse uma espada enterrada no lado de seu rosto. Ele fez uma careta. Era o álcool falando. Isso é tudo. Ele simplesmente estava tão profundo nos eventos do sonho que tinha experimentado as sensações físicas que acompanharam as imagens.

Sua ressaca tinha apenas feito a dor parecer real. Uma mão deslizando por seu cabelo, ele tentou ignorar a pequena voz que estava crescendo mais alta em sua cabeça. Ele não queria admitir isso, mas a voz ficou mais forte. Talvez Phaedra estivesse certa. O pensamento o fez lançar um rosnado escuro. Era a loucura pensando. Os sonhos eram apenas... memórias. *Christus*, ele estava

totalmente perdido. A única razão que ele estava começando a pensar como ela era porque ele estava procurando por um motivo para ir com ela. Se ele apenas tivesse tido a coragem de lhe dizer a verdade desde o início.

Se ele tivesse dito tudo a ela, talvez as coisas fossem diferentes. *Não seriam nada diferente, seu fodido estúpido. Tudo o que você fez foi adiar o inevitável.* A reação de Phaedra duas noites atrás tinha deixado claro que não teria importado se ele tivesse dito a verdade mais cedo, ou mais tarde. Mesmo no estudo quando ele tentou explicar... explicar?

O que havia para explicar? Ela tinha razão. Omitir a verdade era a mesma coisa que mentir. Mas ele tinha uma boa razão para não dizer a verdade. Não era um monstro dentro dele. Ele ficou pouco abaixo da superfície. Se ele já foi solto... ele estremeceu ao lembrar o olhar de medo no rosto de Phaedra, quando ele tinha ficado zangado.

Vergonha rolou sobre ele. Apenas um Pretoriano teria perdido o controle daquele jeito. Honra era um traço que os *Sicari* prezavam acima de todas as outras coisas. E seu comportamento estava longe de ser honrado. Ele fechou os olhos. Queria bater em alguma coisa. O ginásio. Ele iria e gastaria suas energias em um saco de pancadas. Uma batida forte na porta o fez sacudir. Ele não teve qualquer visitante ao longo dos últimos dois dias, e além das reuniões da equipe, ele se manteve sozinho.

— Entre, — ele comandou em uma voz aguda, suprimindo a esperança que poderia ser Phaedra tentando uma última vez discutir com ele. O aparecimento de Cleo foi uma decepção gritante.

— Então, quanto tempo você vai se esconder aqui?

— Não estou me escondendo. Estou dando tempo para as pessoas se adaptarem.

— Se adaptar a quê? A notícia que você é metade Pretoriano ou o fato de que o homem que estuprou sua mãe é um monstro? — Suas palavras bruscas o colocaram na borda.

— Ambos. — Ele girou longe dela e moveu-se para a porta da varanda para olhar o Coliseu.

— Isso é um monte de porcaria. Você está agindo como se fosse uma espécie de pária. Se eu não soubesse melhor, eu diria que você estava com vergonha de ser visto. — Suas palavras levaram um pico de tensão em seus ombros, mas ele não a respondeu. Ela respirou afiado.

— Você está com vergonha. De quê?

— Não tente me analisar, Cleo.

— Foda-se. Se algum de nós precisa de terapia, sou eu. Mas você... você não tem nada para se envergonhar. Você não é responsável por quem é seu pai, e você certo como o inferno, jamais agiu como ele.

— Só porque você não viu esse meu lado, não o faz falso. — Furioso que ela estava o empurrando tanto, ele se virou e deu dois passos em direção a ela. — Não é apenas o sangue Pretoriano correndo em minhas veias, é o do Patriarca.

— Tudo bem, vamos testar a sua teoria.

Ela puxou um punhal da pequena bainha unida à sua coxa e fechou o espaço entre eles. Sua mão agarrou a dele para colocar o punho da lâmina na palma da mão dele e forçou os dedos a envolver o punho. Ainda segurando sua mão, ela colocou a ponta do punhal contra sua garganta. Consternado, ele puxou sua mão para trás, mas Cleo apenas inclinou-se para a lâmina.

— Que diabos você está tentando fazer? — ele rosnou.

— Estou tentando descobrir se você é como seu pai. — Seus olhos violetas brilharam de indignação.

— E eu estava certa. Você não é nada como Nicostratus. Aquele fodido Pretoriano teria cortado a minha garganta no minuto que eu lhe entregasse a minha espada.

Ele se afastou dela, o punhal caindo no chão com um barulho que o fez saltar. Um brilho simpático nos olhos dela, Cleo sacudiu a cabeça enquanto pegava a arma e colocava de volta na bainha de couro em sua perna.

— Tiveste uma péssima sorte com relação a quem é seu pai. Não há dúvida sobre isso. Mas você não é ele, e você não tem nada para se envergonhar. Seu coração é *Sicari*. Nada mais importa.

Ele queria acreditar no que sua amiga acreditava, mas não era assim tão simples. Com um aceno de cabeça, ele se virou e voltou para a porta da varanda. Mãos apoiadas contra a estrutura de madeira, ele olhou para os telhados de Roma, antes de abaixar a cabeça para estudar o assoalho de madeira sob seus pés. Cléo suspirou profundamente.

— Olha, algumas pessoas vão te desprezar você por causa do seu sangue Pretoriano. Outros não vão dar um *fotte*. Alguns entenderão porque você não contou a ninguém imediatamente a verdade. Alguns podem dizer que você é um espião. Outros vão dizer que você agiu desonrosamente por não se abrir como todos desde o começo — Ela pausou para limpar a garganta, e ele ouviu-a se mudar inquieta. — Nada disso importa, porque seus amigos estão em pé por você. Nós conhecemos você. Nós sabemos o quanto você é leal à Ordem. *E* você tem amigos em lugares altos.

Ele ergueu a cabeça para olhar pela janela, sua boca enrolada em um leve sorriso na última declaração dela. Simples e direta ao ponto, como sempre. Era um dos pontos fortes de Cleo, tanto quanto era uma fraqueza. Às vezes, ela não sabia quando ser diplomática.

— Então você está indo falar com ela, ou o quê? — A mudança abrupta de Cleo de assunto não deveria tê-lo assustado. Era sua maneira de jogar alguém fora de equilíbrio, quando ela estava formando um argumento.

— Eu conversei com ela depois do discurso de Atia à Ordem. Ela – não vai dar certo.

— Você a ama? — A pergunta o fez virar e olhar para ela. Ela levantou as mãos em sinal de rendição. — Esqueça que eu perguntei. Eu já sei a resposta.

— Porque você veio aqui, Cleo?

— Eu vim porque sou sua amiga, e eu sei que você e Phae pertencem um ao outro.

— Você está errada.

— Você sabe, no campo de batalha eu nunca vi você hesitar, e ainda quando se trata de Phae, você é como uma criança com medo de ficar queimado pelo fogo.

— Deixe isso, Cleo, — ele retrucou.

— Se um Pretoriano estivesse respirando em meu pescoço, você apenas os deixaria me matar?

— Você sabe melhor.

— Eu sei? Se você não pode confiar em Phae, como posso acreditar que você confia em mim? Nossa amizade não vale a pena manter se você não confia em mim para assistir a sua volta, e vice-versa.

— Não é a mesma coisa e você sabe disso.

— É a mesma coisa, — ela exclamou com raiva. — E se você não pode confiar nas pessoas que se preocupam com você, você não pode confiar em ninguém. Nem mesmo em si mesmo.

O ritmo interrupto de suas palavras ardentes o fez sentir como se ele fosse o saco de pancadas que ele tinha considerado usar mais cedo. Olhos violeta escuro com raiva, ela olhou para ele antes que ela espreitasse para fora de sua suíte. A porta bateu atrás dela com um estrondo, e ele estremeceu. Uma das coisas mais agravantes sobre Cleo era que ela geralmente estava certa quando se tratava de coisas como esta. Ela tinha bons instintos, e não era a primeira vez que ela atuou como a sua consciência.

E por mais que ele odiasse admitir, ela estava certa. Ele não tinha confiado em ninguém por mais de um ano agora. Nicostratus tinha feito um bom trabalho nele em mais maneiras do que uma. O bastardo o tinha feito questionar tudo em que ele alguma vez acreditou sobre si mesmo. Não só isso, o Pretoriano tinha destruído seu relacionamento com Phaedra antes mesmo de ter começado. Não. Ele tinha feito isso sozinho. Se ele queria estar com Phaedra, ele tinha apenas uma opção. Ele tinha que dar um passo para o desconhecido e confiar nela. Mas antes que ele pudesse fazer isso, ele precisava ganhar a confiança dela.

Isso não seria fácil. Ele criou um abismo tão grande entre eles, que não tinha certeza se ela iria perdoá-lo facilmente, e muito menos confiar nele. Havia apenas uma coisa que ele podia pensar que pudesse ganhar a confiança dela, ele apenas não tinha certeza se estava pronto para aceitar o que isso significava. Ele engoliu em seco. Não tinha escolha. Se ele não ganhasse a confiança dela, ele a perderia. Talvez ele já tivesse perdido.

Capítulo 23

Lysander andava do lado de fora da suíte de Phaedra. O que exatamente ele iria dizer a ela? Ele se tornara racional? Ele queria contar a ela sobre seus sonhos? *Christus* se era tão difícil assim só para bater em sua porta, como seria difícil dizer-lhe tudo o que ele havia sonhado nas últimas semanas.

Mantendo-se firme para não fugir, ele parou na frente de sua suíte pelo o que tinha de ser a vigésima vez nos últimos cinco minutos e bateu. Levou apenas um minuto para ela abrir a porta, mas pareceu uma hora. O sorriso em seu rosto rapidamente se dissolveu, e sua expressão tornou-se cautelosa no momento que o viu em pé na porta.

— Sim? — Não houve qualquer hostilidade em sua voz, mas não havia nenhum calor também.

— Podemos conversar? — Ele apertou o queixo quando viu hesitação deslizar pelo seu rosto e ele se preparou para uma rejeição.

— Tudo bem.

Ela recuou e abriu mais a porta para que ele pudesse cruzar o limiar. Não a ponto de lhe dar uma chance para mudar de ideia, ele adentrou o quarto. Do quarto, ele ouviu um som indesejado de uma voz masculina.

— *Caríssima*, você é tudo de... — a voz de Luciano Pasquale sumiu quando ele saiu do quarto.

O ciúme fez ferver o sangue de Lysander com a visão do homem. Que diabos este italiano Casanova estava fazendo na suíte de Phaedra? Em seu quarto. Seus dedos coçaram enquanto ele lutava contra o impulso de estrangular mentalmente o homem. Em vez disso, ele derrotou o

homem com um olhar gelado. Com uma careta, Pasquale moveu-se em direção à Phaedra. Em um silêncio amargo, Lysander viu quando o homem pegou a mão de Phaedra e a levantou aos lábios. Ele murmurou alguma coisa para ela, e Phaedra sacudiu a cabeça.

— Eu o verei no jantar.

— Como você quiser *cara*. Você sabe onde me encontrar se precisar de mim.

— Ela não precisa de proteção de mim, — disse ele, com uma precisão acentuada que imitava uma lâmina sendo afiada.

— Para o seu bem, *il mio signore*, espero que não. — A resposta de Pasquale acrescentou mais lenha na fogueira que corria por seu sangue, aumentando a sua necessidade de ferir o homem. Gravemente. Em vez disso, ele permaneceu em silêncio.

Um momento depois, a porta da suíte se fechou atrás do guerreiro *Sicari*, deixando-o sozinho com Phaedra. Seu maxilar doía pela pressão de manter os dentes cerrados, assim ele não diria algo que ele se arrependeria, mas no minuto que Pasquale se foi, ele explodiu.

— Que porra ele estava fazendo no seu quarto?

Ela se eriçou com a raiva. — Você não tem qualquer direito de fazer essa pergunta.

— Talvez não. Mas eu quero uma resposta. — Ele se moveu rapidamente para se colocar no caminho dela quando ela apareceu pronta para passar por ele. Seus lindos olhos castanhos brilharam com algo de que ele quis imediatamente recuar.

— Tudo bem, ele precisava usar o banheiro.

Provocadora. Isso é o que ela era. Ela realmente esperava que ele acreditasse que aquele bastardo estava em seu quarto por nenhuma outra razão além de ter um vazamento. Ele se encolheu. Confiança. Ele havia tomado a sua decisão de confiar nela, e isso significava acreditar nela quando ela dissesse alguma coisa. *Christus*, ele não tinha certeza de que ele poderia fazer isso

sem estragar as coisas piores do que estavam. Sem mencionar o quão ruim sua mandíbula estava machucando novamente. Ele soltou uma respiração áspera e se afastou dela.

— Ok, — ele rosnou.

— Ok? — A nota de incredulidade em sua voz forçou os músculos dos seus ombros a ficarem apertados.

— Eu acredito em você, ok? — ele vociferou. — É só que Pasquale vem procurando uma maneira de entrar em sua cama desde a primeira vez que colocou os olhos em você e eu – bem, eu não quero que você cometa algum tipo de erro no que diz respeito a ele.

Quando ela não respondeu, ele olhou por cima do ombro para ela. A expressão de espanto no rosto dela o fez fazer uma careta. Ela era tão cega assim? Pasquale não tinha sido capaz de manter-se longe dela desde o primeiro dia. Ela estreitou os olhos para ele quando ele a encarou novamente.

— E isto lhe diz respeito, como?

— Porque você pertence a mim, — ele rosnou, enquanto se deslocava e fechava a distância entre eles até que ele podia sentir o calor do seu corpo penetrando sua roupa. — Você é minha, e eu não o quero perto de você.

— Seu bastardo arrogante. Eu não pertenço a ninguém, muito menos a você.

Ele sabia que soava arrogante e possessivo, mas era como ele se sentia. Ele estava com ciúmes como o inferno de Pasquale, e ele não iria deixá-la sem uma briga. Ele se inclinou para ela, suas narinas respirando o perfume adocicado dela. Deus, ela tinha um cheiro incrível. E ele sabia que ela tinha um gosto tão bom quanto cheirava. Desejo encobriu seu cérebro quando o seu olhar estudou sua boca por um longo momento antes que ele notasse que sua respiração, de repente se tornara irregular. Sem fôlego até. Seu olhar esquadrinhou seu rosto, observando o modo como seus olhos se arregalaram, e uma emoção familiar vibrou em suas feições.

— Posso ser arrogante, — ele balbuciou. — Mas você pertence a mim *sim*, e você sabe disso.

Ela sacudiu a cabeça, mas ele podia vê-la vacilar quando alcançou com a mente para arrastar levemente um dedo invisível pela sua garganta até a base do pescoço. Sua ereção engrossou em suas calças quando seu corpo respondia ao dela. *Christus*, ele a queria tanto agora.

— Por que você está fazendo isso, Lysander?

— Fazendo o quê? — ele murmurou bem ciente de não estar jogando justo com ela. Não é uma boa maneira de ganhar sua confiança.

— Brincando comigo, — ela sussurrou.

— Acredite em mim, *caríssima*. Eu não estou brincando com você. Estou tentando fazê-la ver o quanto preciso de você. Quando digo que você pertence a mim, eu realmente estou dizendo que pertencemos um ao outro.

Ele engoliu em seco quando ele se aventurou em um lugar que nunca tinha ido antes. Uma coisa era dizer que ela era sua, mas aceitar a chance de que ela não iria rejeitá-lo era um território desconhecido para ele. Surpresa arregalou seus olhos, e ele se encolheu, esperando-a derrubar o martelo sobre ele. Um instante depois, suas mãos puxaram sua cabeça para baixo e ela o beijou com força.

A resposta inesperada abriu uma comporta de emoções quando ele envolveu os braços em volta dela e puxou-a firmemente. Seus lábios se separaram contra os dele, e sua língua varria a boca dela saboreando o sabor doce e de canela. Ela tinha um gosto quente, maçãs picantes. Caramba, como era possível que a mulher pudesse torcer seu interior com apenas um gosto dela?

Quente e macia em seus braços, ela apertou seus quadris no seu até que sua ereção estivesse pressionando o ápice de suas coxas. Ela imediatamente girou seus quadris contra ele. Isso arrancou um gemido profundo de sua garganta e encheu-o com a necessidade de tirar as

roupas dela e fazer amor com ela aqui mesmo na sua sala de estar. Seus dedos trabalharam freneticamente pelas laterais dele enquanto puxava sua camisa da calça e empurrava-a para cima.

No minuto em que tocou sua pele nua, ele estava em chamas. Um tremor sacudiu seu corpo um segundo depois quando a boca dela alardeava um rastro inflamável em seu estômago. Desesperado para remover todos os artigos de vestuário que os separava, ele puxou a camisa por cima da sua cabeça e atirou-a de lado. Ao mesmo tempo, ele usou sua habilidade mental para remover as roupas dela tão rapidamente quanto.

Quando despiram um ao outro em um estado de frenesi, ele aprofundou o beijo até que a necessidade, fome e desejo o consumiam. Naquele momento, ele sabia que ela era uma parte dele. Ele era incompleto sem ela. Os minúsculos choramings de prazer que escapavam dela o mandavam em direção a um lugar que só ela poderia levá-lo. Mãos segurando suas nádegas redondas e exuberantes, ele a pegou e levou para o quarto.

Com suas longas pernas em volta de sua cintura, o calor do seu núcleo o queimava através do pedaço de seda que ela usava. Seu pênis rígido, ele desejava enterrar-se dentro dela e sentir suas dobras quentes apertando-o até que ele explodisse de puro prazer. Sua boca se separou da dele e deslizou ao longo de sua mandíbula e pelo lado do pescoço. Um momento depois, os dentes ligeiramente beliscaram seu ombro. Isso puxou um rosnado dele quando ela voltou para sua boca, a língua insistente em provocá-lo novamente.

No momento em que sua canela bateu na beirada da cama, eles caíram no colchão. Antes que ele pudesse segurá-la embaixo dele, ela escapou de seus braços e montou sobre ele. O olhar sensual no rosto dela fez a sua boca ficar seca. Lançando-se para trás até que ela estava sentada sobre suas coxas, ela fez um trabalho rápido com as calças dele, em seguida, moveu-se para frente até que a única coisa entre seu pênis e seu calor era um pedaço fino de seda.

Não disposto a esperar por ela para removê-la, ele visualizou a calcinha rasgando pelas costuras e voando por entre eles. Ela ofegou, seu rosto escurecendo com o desejo quando ele rapidamente levantou-a e sentou-a em seu pênis. O centro, quente cremoso se cerrou forte em torno dele, e ele soltou um grito de prazer. Incapaz de conter-se, os dedos cavados na carne macia de seus quadris enquanto ele se balançava para frente e para trás contra ela.

Elegante e aveludada, seu corpo o prendeu como um torno quente, o prazer disso puxando-o sobre a borda e para baixo no abismo. O caminho inteiro para baixo, seu corpo clamava por ela, até que ele ficou rígido e latejava violentamente dentro dela. Lentamente, a névoa da paixão se afastou, e ele a rolou de costas.

Cor se intensificou na beleza de suas bochechas, e ele correu levemente as pontas dos dedos no rosto dela. Ele nunca teria o suficiente dela. Ela era a luz de sua escuridão, e se ele a perdesse, ele desceria a uma loucura da qual não haveria retorno. Ela sorriu para ele com um brilho travesso nos olhos.

— Foi maravilhoso. Podemos fazer isso novamente?

— *Il Christi omnipotentia*, mulher. Dê-me alguns minutos para recuperar.

Ela riu, esfregando as mãos levemente sobre seus ombros apenas para parar sobre a cicatriz rosada em seus braços. Seus dedos traçaram a linha da cicatriz, como um olhar assombrado passou por suas feições.

— Ele poderia ter matado você.

— Mas ele não matou *caríssima*. E há coisas piores no mundo do que um corte. — Ele baixou a cabeça até que sua testa pressionou contra a dela.

— Eu não quero perder você para aquele bastardo. — Seus dedos moviam pela linha de sua mandíbula mutilada quando ela o forçou a olhar para ela.

— Você não vai, *inamorato*.

Ele a beijou delicadamente quando o sussurro de um suspiro ecoou dela. A necessidade de tranquilizá-la arrastava por ele. Como ele poderia fazê-la entender que estava disposto a entrar na escuridão do próprio Tártaro se isso significasse mantê-la segura? Sua boca seguiu seu caminho ao longo de sua linda mandíbula para deslizar pela sua garganta. Ela era linda, e ela era dele. Ele não

iria permitir que qualquer outro homem a tirasse dele. Outro suspiro deslizou por seus lábios enquanto sua boca delicadamente forrava seu ombro com beijos.

— Você tem alguma ideia de como você é linda, *caríssima*? — Ele acariciou o ponto macio entre o pescoço e o ombro. — Você tem a pele mais macia que se possa imaginar.

— Eu acho que você está iludido, — ela disse com uma risada, mas não havia uma qualidade sem fôlego à sua voz que ele gostava. — Mas eu adoro isso.

— Tudo sobre você é macio e doce. Eu não acho que eu nunca terei o bastante de você, *inamorata*. — À suas palavras, suas mãos agarraram seus quadris, e ela alcançou entre eles para acariciar seu pênis.

— Por favor, você vai parar de falar e fazer amor comigo de novo?

No momento em que ela o tocou, ele estava duro. Deus, a mulher simplesmente o tinha tocado e ele estava perdido. Seu coração deu um pulo quando ele levantou a cabeça para olhar nos olhos dela. A emoção quente brilhando lá puxou seu coração e tirou-lhe o fôlego. Incapaz de falar, ele a beijou novamente, seu coração em cada carícia, cada beijo e cada toque de sua mente.

Mais de uma hora depois, ela se mexeu ao lado dele, seus dedos preguiçosamente arrastando um caminho através de seu ombro para a cicatriz rosa em seu peito. Ele pegou a mão dela e levou-a a boca para pressionar os lábios na palma da mão. Ela suspirou.

— Então, aonde vamos a partir daqui? — ela perguntou baixinho.

Sua mandíbula apertou por um momento antes que ele soltasse a tensão mantendo-a firme. Agora era o momento de mostrar que ele estava disposto a confiar nela completamente. Para recuperar sua fé nele. Ele engoliu o nó de medo inchando em sua garganta.

— Nós poderíamos falar sobre... Sobre estes sonhos que nós dois estávamos tendo.

Ela enrijeceu ao lado dele, em seguida, deu um pulo ao olhar para baixo, para ele, com espanto. No fundo de sua mente, ele percebeu o quão bonito seus seios eram, mas no momento, ele estava muito nervoso para fazer qualquer coisa sobre isso. No instante seguinte, seu coração gelou quando ela correu da cama para andar no chão. Levantando-se sobre um cotovelo, ele a observou andar a passos largos pela pequena área ao lado da cama. Ele amava-a deste jeito. Linda. Nua. Seu cabelo caindo pelos ombros a balançar contra a sua pele como seda negra.

— Por que agora? — ela exigiu assim que ela parou e o encarou com uma expressão feroz no rosto.

Ele fechou os olhos e caiu para trás sobre os travesseiros. Lá vinha. A verdade. O colchão saltou ligeiramente quando ela voltou para a cama e aproximou-se dele. Um momento depois, ela montou sobre ele. Surpreso, ele abriu os olhos para encontrar seu olhar desconfiado.

— Bem?

— Porque você quer que eu confie em você, — disse ele com voz rouca. — E eu não conheço nenhuma outra maneira de fazer você ver que eu confio.

Incapaz de suportar a possibilidade de que ela não iria acreditar nele, ou pior ainda, negar sua demonstração de confiança, ele olhou para longe dela. Um momento depois, algo molhado atingiu seu estômago, e ele lançou a cabeça de volta na direção dela para ver lágrimas escorrendo por suas bochechas. Horrorizado que ele a fizera chorar, ele a rolou de costas e pairou sobre ela para enxugar as lágrimas dos seus olhos.

— Está tudo bem, *cara*. Eu sei que não é muito, mas é a única carta que eu tenho na mão no momento. Vou tentar fazer melhor *caríssima*. Eu prometo.

— Deus, você realmente pode ser denso, às vezes, seu *bacciagalupe**. — Ela fungou e deu-lhe um sorriso molhado. — Estou chorando porque isso mostra que você *confia* em mim.

*Gíria em italiano pejorativa para descendentes ítalo-americanos.

Alívio percorreu-o quando o impacto de suas palavras o atingiu. Ela entendia. Ele abaixou a cabeça e beijou-a delicadamente. Levantando a cabeça, ele fez uma careta.

— Então, onde vamos começar?

— Por que não pelo começo? — ela disse calmamente. — Diga-me o primeiro sonho que você já teve sobre Maximus e Cassiopeia.

Com um aceno, ele rolou de costas e compartilhou o que ele conseguia se lembrar de seu primeiro sonho sobre Maximus. Enquanto conversavam sobre seus sonhos, ele começou a ver um padrão emergir. Com base em tudo que Phaedra tinha lhe contado, seus sonhos tinham seguido um cronograma que, em muitos aspectos deixava paralela sua própria relação e as pessoas que eles conheciam. Mas quando ela compartilhou seu sonho com Octavian, ele sabia que não podia contar para ela sobre o seu último sonho. Tinha sido difícil o suficiente para ele a experiência, ele não queria assustá-la ou fazê-la pensar que eles iriam suportar um destino semelhante. Ele não iria perdê-la como Maximus perdera Cassiopeia.

— Você acha que Octavian tinha algo a ver com a morte do pai de Cassiopeia, como ele... Como ele tinha com os meus pais?

Sua pergunta o pegou de guarda baixa. — O quê?

— Octavian. Nicostratus. Eles são o mesmo.

Ele virou a cabeça para estudar sua expressão pensativa. Era a primeira vez que ela mencionara que os dois homens estavam conectados. Não tinha sido até o seu último sonho que ele mesmo percebera isso. Sem concordar ou discordar com ela, ele a olhava simplesmente. A palma da sua mão embalava a cabeça enquanto ela se apoiava sobre o cotovelo, e estava olhando para o espaço. Ele sabia que ela estava recordando a morte de seus pais. Isso o cortava profundamente, saber que o homem que o tinha feito era o monstro que tinha lhe causado tanta dor. De repente, seu olhar se focou nele com um olhar que indicava que ela esperava uma resposta.

— Eu não me lembro de nada em meus sonhos sobre o pai de Cassiopeia, mas se o bastardo é fiel à forma, eu não ficaria surpreso.

— Você já reparou que tudo o que sonhamos é quase como se alguém está nos mostrando um registro cronológico dos eventos?

— Eventos que você pensa que já experimentamos em outra vida. — Ele estremeceu as palavras. Ele ainda não estava pronto para acreditar que seus sonhos eram uma descrição de suas vidas juntos na Roma antiga. O pensamento era inquietante, e ele não gostou da sensação

— Sim, — ela disse baixinho, com um olhar sombrio no rosto. — E se estamos condenados a repetir o passado?

As palavras eram uma espada correndo por ele, e ele não sabia como responder a ela. Ele sabia que ele daria sua vida por ela, mas se ele acreditava que o passado se repetiria agora, ele teria que acreditar que significava que ele era Maximus reencarnado. Pior, isso significava que ele falharia com ela assim como Maximus falhara com Cassiopeia.

— Não, — respondeu asperamente. — Eu não posso acreditar nisso. O futuro não está escrito ainda, e eu não vou deixar nada acontecer com você. Eu não vou falhar com você.

— Por que você acharia isso? — Ela estreitou seus olhos sobre ele. Embora ele mantivesse sua expressão neutra, ele não a enganou. — Há algo que você não está me dizendo.

Ele sabia melhor do que mentir. Em vez disso, ele olhou para o teto novamente para evitar o seu olhar penetrante. Em um flash, ela estava pairando sobre ele, simplesmente olhando para ele de uma forma que o fez perceber que ela não iria soltá-lo do gancho. Frustração o puxava.

— Eu não lhe contei o último sonho que tive.

— Por que não? — A questão era delicada e sem julgamento. — Você viu a morte de Cassiopeia?

— Não, eu não vi isso. — Ele arrastou uma respiração áspera. — Eu não podia vê-la porque Octavian enterrou uma espada na cabeça de Maximus, o cegando de um olho.

— Assim como você, — ela respirou suavemente enquanto seus dedos se estenderam para tocar a massa de tecido cicatrizado que uma vez fora sua bochecha. — Temos de contar a Atia.

— Eu tinha medo que você fosse dizer isso, — ele gemeu.

— Ela precisa saber. Como *Prima Consul* ela tem direito de saber. Além disso, com exceção do meu irmão, ela sabe mais sobre a história *Sicari* do que qualquer outro na Ordem. Se há alguma coisa nesses nossos sonhos, ela vai ter respostas.

Ele sabia que ela estava certa. Se alguém sabia o que seus sonhos significavam, seria Atia. A mulher perguntara-lhe semanas atrás se ele estava sonhando, a *Prima Consul* sabia o inferno muito mais do que ela deixou transparecer. Ele não estava louco pela idéia de derramar suas vísceras para ninguém exceto Phaedra. Seu olhar encontrou o dela, e ele concordou com um aceno de afiado.

— Tudo bem. Contamos a Atia. — Sua resposta resignada a fez sorrir maliciosamente para ele como ela lhe deu um beijo rápido. Seu olhar se desviou para o relógio, e ela suspirou alto.

— *Christus*, é quase meio-dia. Atia chamou para uma reunião de equipe a uma, e eu estou apostando que ela e Emma chegaram a alguma conclusão sobre o artefato. Talvez Emma teve uma visão quando ela tocou o prato. Ela estava usando luvas quando desenterrou o prato no circo, por isso duvido que ela viu algo, então.

Movendo-se rapidamente, ela saiu da cama e correu para o banheiro para ligar o chuveiro. Ela enfiou a cabeça de volta no quarto, a expressão de um convite sensual. — Você não vai se juntar a mim?

Ele não precisou de um segundo convite, e com um sorriso, ele saiu da cama para se juntar a ela no chuveiro. Quando ele entrou novamente no quarto, pouco tempo depois, ele acenou com a

mão para arrumar os lençóis desgrenhados e colocar a colcha de volta no lugar. Quando Phaedra saiu do banheiro, ela riu.

— Eu sempre disse que você era um maníaco por organização.

— Eu não sou um maníaco por organização, — ele rosnou. — Eu simplesmente gosto de ordem. Algo que você precisa claramente quando se trata de sua roupa.

Com um olhar arqueado em sua direção, ele desviou o olhar incisivamente para os sapatos espalhados em vários lugares no quarto, camisas jogadas sobre uma cadeira em um canto do quarto, e um criado-mudo desorganizado com uma coleção de tudo sob o sol. A cômoda tinha uma gaveta meio fechada com algo de seda colocado sobre a borda superior. Ele não sabia como ela podia encontrar alguma coisa no meio do caos.

— Quando chegarmos à casa de Chicago, você vai ter que se acostumar a ver roupa de mulher por aí, e *não* apenas onde você as tira de mim. — Seu tom brincalhão não criou a reação divertida que ele tinha certeza que ela tinha intenção de incitar nele. Em vez disso, seus músculos se apertaram e suas entranhas se torceram em uma reação afiada e dolorosa.

— Certo, — ele murmurou em um esforço para evitar que ela percebesse sua tensão súbita. Ele estava vestido antes dela e se dirigiu em direção à porta.

— Eu te amo, Lysander. — Suas palavras suaves o pararam em seu caminho. *Il Christi omnipotentia, o que ele deveria dizer sobre isso?* Ele olhou para ela por cima do ombro.

— Eu sei *caríssima*. — Sua resposta a deixou pálida, e ele queria se chutar. Ela tinha se colocado na beirada, e ele praticamente a cortou para deixá-la cair por terra.

— Você me ama?

A questão trouxe a emoção crua que ele sentira por muito tempo à superfície. Até agora, ele nunca tinha tido a coragem de dar nome ao sentimento, muito menos expressá-lo abertamente. E com razão. No minuto em que ele confessasse seus sentimentos, suas entranhas o diziam que ela

eventualmente esperaria o vínculo de sangue. Ele estava disposto a fazer qualquer outra coisa que ela quisesse em termos de compromisso, mas ele não tinha intenção de misturar seu sangue Pretoriano com o dela.

Não era apenas o pensamento de poluí-la com seu sangue contaminado que o conturbava. Selando o vínculo de sangue significava que as chances dela engravidar eram extremamente elevadas. O pensamento o deixou enjoado. Sem filhos. Ele não iria infligir seu sangue a uma criança inocente. Não. Um vínculo de sangue entre eles estava fora de questão. Lentamente, ele virou o rosto para encará-la, um olhar para o rosto dela fez seu coração desabar. Era como se ele tivesse dado dois passos para frente, apenas para perceber que ele estava prestes a voltar três.

Capítulo 24

Phaedra estava com o coração batendo acelerado quando Lysander virou lentamente para encará-la. Ela não podia acreditar que tivesse realmente lhe dito que o amava, e muito menos lhe perguntar se ele se sentia da mesma maneira. Sua expressão era ao mesmo tempo angelical e era quase tão torcido e atormentado como demoníaca. Deus, que ela estava pensando? Se ela tivesse cometido um erro? Ela estava tão certa de que ele gostava dela, mas o que estava errado? Ela mordeu o lábio nervosamente, e cada segundo que passava ela ficava mais certa de que ele estava indo quebrar seu coração.

— Sim, — respondeu asperamente. — Eu te amo.

Ela balançava de alívio, ligeiramente enfraquecida sobre seus joelhos. Obrigada Deus. Ela estava começando a pensar que ela tinha cometido um erro terrível. Aquecida com o conhecimento que ele a amava, ela deu um passo em direção a ele. Sua boca se tornou uma linha dura, cruel, o tecido cicatrizado do rosto contraindo ligeiramente, e seu coração afundou quando ela hesitou.

— Por que eu vejo um "mas" aqui? — perguntou ela com mais uma pitada de nervosismo.

— Há algo que eu quero deixar claro, antes de irmos adiante. Se você estiver esperando uma ligação de sangue...não.

As palavras cortaram-lhe a espinha como uma espada Pretoriana dividindo-a ao meio. Por que ele diria que a amava em uma respiração e nos próximos minutos dizia que não estava disposto a comprometer-se com o um vínculo de sangue? Confusa, tudo o que podia fazer era olhar para ele, enquanto meia dúzia de perguntas dançava em volta de sua cabeça. O homem ia levá-la a loucura.

— Por quê? — Ela queria gritar a sua pergunta, mas ela manteve a voz baixa e calma.

— Eu não quero crianças. — Ele foi direto ao ponto. Não tem filhos. Ela podia lidar com isso.

— Ok, então não teremos filhos. — Ela encolheu os ombros, ignorando a pontada que sentiu com a ideia de que ela não iria nunca sentir o seu bebê crescendo dentro dela. Ela iria viver com isso se isso significava estar com ele. — Existe uma coisa chamada proteção, você sabe.

— Isso não importa. Só não vai acontecer. — Seu tom enfático fez a recuar.

— *Va bene*, não vai acontecer, — disse ela em tom sarcástico. — Feliz?

— Sim, — ele rosnou. — Você?

— Não, porque eu estou tentando entender como você pode dizer que me ama, e ainda assim você não quer vínculo de sangue comigo. — Ela jogou o cabelo para trás fora de sua testa e olhou para ele com frustração. — Eu acho que sei por que você não quer ter filhos. Você está com medo de passar algum gene terrível de Nicostratus a qualquer criança que você seja pai, mas eu? Se tomarmos precauções, por que vedar o vínculo de sangue é um problema, a menos que... ter filhos não é o que você está realmente com medo, é?

— Tome cuidado, *caríssima*. Este não é um caminho por onde desejo seguir. — Seus olhos estreitaram-se, e seu olho verde bonito foi uma pedra dura.

— E por que isso? Pode ser que você esteja preocupado que você de alguma forma vai me infectar com o sangue Pretoriano que você tem em você?

Ela viu como as suas palavras acertaram com força o alvo. Direto nele. Ele havia chegado a um acordo com o seu lado Pretoriano, e ele não queria arrastá-la ao seu inferno pessoal. Amava-a ainda por querer protegê-la, mas ela não ia deixá-lo fugir dela. Quando ele não respondeu, ela balançou a cabeça lentamente.

— A vinculação comigo não vai me mandar para o lado escuro.

— Isso não está em discussão. — Um rosnado profundo, estrondoso ecoou do seu peito enquanto ele se afastava dela e dava um passo em direção à porta. Porra, ela odiava quando ele se afastava dela quando existia um problema entre eles.

— Então não há razão para ficarmos juntos, não é? — A pergunta feita a ele chegou a um ponto morto. Seus traços ilegíveis, ele virou a cabeça para olhar por cima do ombro para ela.

— Não, se você insistir em algo que não posso dar.

A nota fria, inflexível na sua voz a fez cambalear. Seu blefe tinha falhado. Ele desistiu dela em vez de ceder na questão do vínculo de sangue. Ela engoliu em seco. Ela poderia viver com ele sem esse compromisso? Ela poderia aceitar sem se ressentir por ele não amá-la o suficiente para dar esse passo extra e superar o seu medo? O fato de ela não ter uma resposta imediata a assustava. Ela fechou os olhos, e quando ela os abriu, ele tinha ido embora.

Deus, ela queria entender o cabeça dura. Ela rapidamente trançou os cabelos em uma trança única, em seguida, se sentou na cama para tirar as botas. Terminado, ela enterrou o rosto nas mãos tentando não chorar. Ela entendeu seu medo, mas ela não sabia como ajudá-lo a superá-lo. A tortura que ele suportou nas mãos de Nicostratus tinha mudado-o de maneira que ela não tinha compreendido até agora.

Ela sempre soube o tormento emocional que aquela noite tinha feito com ele. Mas como era suposto fazê-lo aceitar que ele não era responsável pelo sangue Pretoriano em suas veias? Como ela iria fazê-lo entender que ele era a soma de todas as suas peças e não apenas de uma peça? Não era o seu lado Pretoriano que o definia.

Ele estava convencido de que seu parentesco com Nicostratus lhe fez um monstro. E ela estava convencida de que isso o aterrorizava. Bem, a única coisa que ele não ia cortar da equação era ela. Se ele pensava que ela iria desistir dos dois sem uma luta, ele estava errado. Ela tinha desistido da última vez. Ela saiu do hospital naquela noite mais de um ano atrás sem lutar por eles dois. Desta vez ela não iria desistir tão facilmente.

De alguma forma, ela o faria ver a razão. Ela gostaria de encontrar uma maneira de ajudá-lo a ver além do medo e conquistar o demônio que ele pensava que residia dentro dele. A determinação em ganhar lhe deu força, ela se levantou e saiu do quarto. A sala de estar vazia da suíte disse que ele já tinha ido ver a Atia. Ela apertou sua mandíbula com determinação. Muito em breve, Lysander Condellaire iria descobrir que seu coração *Sicari* era mais forte que o seu sangue Pretoriano.

Ela deixou a suíte e correu para baixo para o estúdio que Atia tinha feito de seu escritório temporário. Quando ela chegou, viu Lysander sentado numa das cadeiras em frente à *Prima Consul*. Sem dizer uma palavra, ela simplesmente atravessou a sala e se sentou ao lado dele. Atia estreitou o olhar sobre ela.

— Lysander me disse que vocês dois têm sonhado com Maximus e Cassiopeia.

— Sim. Nós comparamos os sonhos, e parece que vivemos..., — ela lançou um olhar para Lysander, cujo rosto permaneceu impassível, — poderíamos ter vivido como o primeiro *Senhor Sicari* e sua esposa.

Foi a primeira vez que ela se referiu a Maximus como o mais antigo *Sicari* que remete para o general romano. Ao seu lado, Lysander enrijeceu. As emoções correndo sob a sua fachada letal a fez engolir em seco. Dizendo que ele não estava feliz com o comentário dela seria um eufemismo. Atia assentiu, com um olhar pensativo no rosto.

— Lysander tem algumas dúvidas em dizer que o casal está reencarnado. — Atia arqueou as sobrancelhas para os dois. — O que você acha, Phaedra?

— Se nós não somos como podemos então explicar os sonhos? Os meus são realistas em suas imagens, e eu acredito, que os de Lysander são tão vívidos quanto.

— Há outras possibilidades. — Lysander pigarreou. Sua resposta fez Atia fazer uma careta. Ela imediatamente pegou um velho livro, com capa de couro sobre a mesa à sua direita. Cuidadosamente, ela virou as páginas do grosso volume até que encontrou o local que ela estava procurando e girou para colocar sobre a mesa na frente de Lysander.

— Às vezes, o mais improvável se torna o óbvio. Leia, — ela ordenou. Ele se inclinou para frente quando ela apontou para uma passagem no livro. Quando ele começou a ler para si mesmo, Atia o deteve. — Em voz alta, por favor.

— Quando o *Senhor Sicari* que é Marte for ao *templum* do Nazareno, a busca do Tyet de Ísis será vencida apenas se ele aceitar a verdade que Somnus mostra a ele, e para recuperar o que perdeu, ele deve estar preparado para usar a adaga de sua senhora.

Phaedra se inclinou para frente para olhar o livro, e seu braço acidentalmente esbarrou em Lysander. Um choque elétrico correu até seu braço com o toque, mas quando ela olhou para ele, não havia nada em seu rosto para revelar que ele também percebeu o ligeiro solavanco. Será que ele já começou a afastá-la? Lysander olhou para Atia intrigado com uma carranca e meneou a cabeça.

— Esta é a profecia que Atellus tem citado para os pares passados umas semanas?

— Não, — Atia disse calmamente. — Isto é algo que só uma *Prima Consul* tem acesso, mas estou certo que este é a *Prima Consul* que Julius Marchio usou para criar a sua versão da profecia do *Senhor Sicari*. Este foi escrito por Tevy. Ele deu a primeira *Prima Consul*, Antonius. Eu só mostrei por causa de quem você é.

À menção do nome do Tevy, Phaedra congelou. Tevy foi o tribuna, que havia servido sob Maximus. Se Lysander não tivesse sido convencido de que ele foi Maximus reencarnado antes, ela estava certa que isso mudaria sua mente. Ela virou a cabeça na direção dele. Suas feições eram desprovidas de cor, e ele parecia como se alguém tivesse lhe dado um golpe paralisante.

— Tevy? — ele engasgou em um sussurro áspero.

Sem pensar duas vezes, Phaedra estendeu a mão para ele com seus sentidos. Foi como bater em uma parede de escuridão. Ele sabia que ela estava chegando para ele e foi intencionalmente mantendo-a fora. Mas isso não impediu a sua capacidade de sentir o horror sombrio com que ele estava lutando. Atia olhou para ele com cuidado, pois ela assentiu.

— Ele sobreviveu a Batalha da Milvian Bridge, junto com outro oficial. Ambos serviram sob as ordens de Maximus, depois que Octavian denunciou todos os seguidores de Maximus como *Sicari*. O segundo oficial, Crispian, foi fundamental para salvar um grande número de *Sicari* da perseguição de Octavian no dias após a batalha, — respondeu Atia, a sua expressão cheia de compaixão gentil.

Em um movimento violento, Lysander estava em pé, a cadeira voando pelo ar e batendo contra a estante de livros na parede atrás dele. Medo dominava o seu perfil angelical quando ele se afastou da mesa. Era fácil ver como ele se tornou pálido, porque a parte das cicatrizes de seu rosto ainda manteve uma pequena quantidade de cor devido aos músculos rosa sob a fina camada de pele cicatrizada. Preocupada, Phaedra começou a levantar, mas Atia a conteve com um aceno de sua mão.

— Pegue a cadeira e sente-se, Lysander. — A calma, o som suave de comando de Atia ecoou pela sala em silêncio.

O silêncio na sala vibrou com a tensão, e o olhar da *Prima Consul* não vacilou diante de Lysander, enquanto ela esperava por ele a obedecê-la. Consternação substituiu o seu medo quando ele lentamente fez o que lhe tinha sido ordenado. Sentado, mais uma vez na frente da mesa, ele se inclinou para frente, os braços sobre os joelhos como ele cobriu a parte de trás de sua cabeça em suas mãos a olhar para o chão.

— Conhecendo você como eu conheço Lysander, eu tenho certeza que isso não é uma coisa fácil para você aceitar. No ano passado, você acreditava-se indigno de ser chamado *Sicari*. Mas eu sei que de forma diferente. Seu coração é *Sicari*, e tu és o *Senhor Sicari* que Tevy escreveu acerca da profecia. — Atia virou a página do livro.

Instintivamente, Phaedra estendeu a mão para tocar levemente a parte de trás da sua cabeça. Seu corpo estremeceu ao seu carinho, mas ele não tentou evitar que ela o tocasse. Após um longo momento de silêncio ele sentou-se para retribuir ao simpático olhar de Atia. Suas feições compostas com uma expressão estoíca, ele olhou para a *Prima Consul*.

— Mesmo se eu aceitar a ideia de que eu sou. . . sou Maximus. Isso... — ele passou a mão no ar sobre o livro — ...não faz qualquer sentido.

— Se você acabar com isso, faz todo o sentido, — disse Atia. — Marte era filho de Júpiter. Você é o filho de Nicostratus.

— Nicostratus não é nenhum deus. — As palavras geladas de Lysander mostravam a dura rejeição de sua explicação.

— Não, mas ele representa o *Collegium* dentro da Igreja, *templum* do Nazareno, que em muitos círculos, é representativo de um deus.

— Você não acha que é um pouco demais?

— É uma verdade que Somnus é o deus romano do sono e os sonhos são o seu domínio? Tevy diz que Somnus vai mostrar ao *Senhor Sicari* a verdade. Os sonhos que você teve e Phaedra é uma indicação clara da conexão que vocês dois têm com Maximus e Cassiopeia.

— E o punhal? Exatamente em que parte da profecia se menciona? — Na sua voz havia um fino véu entre a aceitação.

— Emma nunca te disse isso, mas enquanto ela estava na fazenda em White Cloud, ela teve uma visão de Cassiopeia quando ela segurou punhal. — Atia hesitou em seguida, continuou. — Ela viu um homem que poderia ter sido o seu gêmeo, segurando o punhal.

Se ela não tivesse sido convencida antes, ela teria sido agora. Phaedra olhou a expressão ainda estoica de Lysander. Uma admissão tranquila vibrou nele que revelou mais do que sua expressão. Ele respirou fundo.

— E o que você sugere que façamos com esta. . . informação?

— Mande buscar o punhal de Cassiopeia. Eu quero que você o carregue o tempo todo.

Lysander empalideceu de novo e sacudiu a cabeça. — Se você está esperando que eu vá usá-lo novamente, não vou.

Phaedra pensou em sua declaração enfática. Ele falou como se ele já tivesse usado o punhal no passado. Ele acreditava. Ele finalmente acreditava. Sua mão alcançou a dele, e em um instante, seus dedos estavam esmagando seus próprios. Ela não protestou. Como poderia? Ele estava lidando com tanto. Mesmo que ela estava tendo um pouco de ajuste com a realidade de que ela era Cassiopeia reencarnada.

Mas ela não tinha combatido a ideia que ele teve. Audiência confirmou ter sido um pequeno choque, mas não havia mexido com ela da maneira que tinha com Lysander. No momento em que ele ouviu o nome de Tevy tinha sido o momento que ele aceitou a verdade. Seus dedos começaram a doer, e o aperto de Lysander imediatamente foi aliviado como se ele tivesse lido sua mente, mas ele não soltou da mão dela.

— Eu acho que você pretende usar o punhal para salvar Phaedra. Então, novamente, a profecia poderia estar nos dizendo que você irá usá-lo contra Nicostratus. Quem, se eu estou correta, é Octavian reencarnado. — Desta vez, ambos olhando para a *Prima Consul* com espanto, e ela sorriu um pouco. — Você parece surpreso.

— Como você poderia saber? — Phaedra abanou a cabeça.

— É bastante lógico, na verdade. O homem está abaixo apenas do monsenhor, e Gregori está ficando velho. Nicostratus é a verdadeira força por trás do *Collegium* agora. Não faz sentido que aqueles que estavam com você no passado estão com você agora. — Um relógio cornija sobre uma das estantes marcou o quarto de hora. Atia pegou o livro e foi em direção a porta.

— Eu acredito que você tem instruções para liderar em poucos minutos, Lysander. Acho que estamos muito perto, talvez apenas algumas horas de distância, para encontrar o Tyet de Ísis. Quando Emma compartilhar suas pesquisas sobre o prato que você encontrou no Circus Maxêncio, eu acho que você vai concordar.

A *Prima Consul* desapareceu pela porta, deixando-os sozinhos. Sentaram-se em silêncio por um longo momento antes de Lysander soltar a mão dela e levantar-se. Atravessou o chão do

estúdio a olhar para o ícone *Sicari* esculpido na madeira entre duas estantes. Enquanto ela o observava, seus dedos traçaram a espada entrelaçada com o chakram.

— Você está bem? — ela sussurrou.

Quando ele não respondeu, ela foi até ele. Sem falar, ele a puxou para seus braços, o lado das cicatrizes de seu rosto enterrado em seu pescoço. A confusão que pulsava fora dele fez o seu coração doer. Ele tinha passado por tanta coisa no ano passado, e agora ele estava vindo para lidar com outra revelação chocante. Mas desta vez ela estava com ele. Ele lançou um olhar para ela, e ela acariciou sua bochecha levemente marcada. Um arrepio percorreu-lhe.

— Eu amo você, — respondeu asperamente. — Não importa o que aconteça, eu quero que você se lembre disso.

— Se você está preocupado que o passado vai se repetir, não vai.

Apesar da confiança em sua voz, um arrepio correu-lhe a espinha, e ela engoliu o caroço do medo crescente em sua garganta. Ele não concordar ou não, ele simplesmente a beijou. O calor a aqueceu e facilitou suportar o pavor que a deixou gelada.

Sua boca era firme e dura contra a dela. Não foi um beijo de desejo ou paixão. Seus sentidos se abriram para ele, e reconheceu que o beijo foi uma expressão de toda a emoção em seu coração que ele não poderia falar com ela. Quando ele levantou a cabeça, ela se agarrou a ele, de repente apavorada com o último pedaço de incógnita que ela provou em seu beijo. Ela não sabia o que ele estava planejando, mas ela estava certa de que ela não iria gostar.

— Vamos lá, ou nós vamos estar atrasados, *caríssima*. — Sem dar a ela uma chance de falar, ele agarrou a mão dela e puxou-a para a porta do estúdio. Quando ela hesitou, parou e virou a cabeça para olhá-la por cima do ombro. — Você me pediu para confiar em você, *il amore mio*. Agora, eu quero que você confie em mim.

Ela engoliu em seco. Essa coisa de confiança não era tão fácil na hora de confiar que ele não se colocará em perigo. E algo dentro dela disse que era exatamente o que ele estava planejando. Relutante, ela balançou a cabeça.

— Eu confio em você, *caro*. — Ela forçou um sorriso no rosto, apesar de seus receios e seguiu-o para fora da sala.

Capítulo 25

A sala de imprensa estava tranqüila quando Lysander empurrou gentilmente Phaetra através da entrada. A equipe ficou em silêncio na mesa, a sua forma desconfortável de dizer que apesar do apoio de Atia eles ainda não confiavam nele. Ele entendeu isso. Ares e Emma estavam sentados a esquerda de seu lugar na cabeceira da mesa, enquanto Phaetra sentou-se à sua direita ao lado de Cleo.

O fato de que seus maiores defensores estavam sentados perto dele não foi perdido com ele. Foi uma demonstração de apoio que o resto da equipe encontrou dificuldade de ignorar. Ele estava muito agitado para se sentar, então ele cruzou os braços sobre o peito e olhou à sua esquerda.

— Emma, porque você não compartilha o que você e a *Prima Consul* descobriram sobre a placa que encontramos na outra noite.

— Angelo, você se importaria de puxar para cima o mapa da cidade e para baixo o mapa da cidade antiga, por favor?

Emma olhou a tabela no historiador, ele assentiu com a cabeça e rapidamente passou a trabalhar no laptop em frente a ele. Enquanto ele trabalhava, Emma abriu o artefato em frente a ela, então, cuidadosamente ergueu-o para que todos na sala pudessem ver. A placa de bronze tinha sido cuidadosamente limpa e uma grande parte da matéria marrom dura que a cobria havia sido retirada.

— Este é o artefato que encontramos na outra noite no Circus Maxentius. Encontramos a placa em uma das pedras que constituíam a *spina*. Quem o colocou lá, cavou um buraco debaixo do mármore original que incorporava a *spina*. A placa foi colocada debaixo da fundação de pedra e então uma base de argamassa de lama foi adicionada por cima e depois terra em camadas até o topo.

Suavemente voltando à placa para o centro do pano que a tinha envolvido, Emma olhou para a tela na parede, quando os mapas apareceram. Ela se levantou para caminhar ao redor da mesa, enquanto ela continuava sua explicação.

— Com base em onde nós a encontramos, e a sua condição, eu diria que remonta ao tempo do governo de Constantino, em Roma. Fomos capazes de limpar o artefato o suficiente para fazer a tradução completa. Estava em latim, mas a *Prima Consul* o traduziu. Ele diz: *O Tyet de Ísis está a salvo de Octavian, e se seguir os sinais, ele pode ser encontrado no centro de tudo que é Sicari.*

— Então, estamos de volta onde começamos com mais uma pista adicionada à lista, — Marco disse com uma careta. O *Primus Pilus* se recostou na cadeira e suspirou com desgosto.

— Nem um pouco. — Emma abanou a cabeça. — Eu realmente acho que esta pista é a mais forte que temos. Na verdade, eu acho que é aquela que nos levará direto para o Tyet de Ísis.

— Isso é o que nós pensávamos sobre as últimas duas pistas, mas nenhuma delas foi conclusiva, — Cleo disse calmamente. Emma enviou ao amigo Lysander um simpático sorriso antes de girar para Angelo Atellus.

— Angelo, você se importaria de triangular os dois mapas aqui com os ícones que foram encontrados, por favor. — Enquanto o historiador clicava em seu teclado, Emma olhou ao redor. — Eu entendo sua frustração e seu ceticismo, mas eu estou convencida de que esta placa nos diz exatamente onde o Tyet de Ísis está realmente.

— Lá vai você, *Domina*. — O tom de Angelo era de respeito quando Emma sorriu para ele.

— Olhem todos estes lugares onde nós encontramos um ícone *Sicari*. — Com dois dedos, ela apontou para vários locais identificados no mapa, que indicavam onde os símbolos foram encontrados. — Será que ninguém notou nada de interessante sobre seus posicionamentos?

— Eles estão por toda a cidade, — disse Pasquale quando ele acenou para o mapa. — Nós encontramos uma pista, apenas para tê-lo, envie-nos fora em uma caçada para encontrar uma nova dica. É como perseguir borboletas.

— *Fotte*. — Cleo saltou sobre seus pés e se juntou a Emma na tela da parede. Seus dedos tocando uma posição atrás do outro, ela olhou para Emma. — Se você ligar os pontos, eles cercam a área do campo de Marte.

— Eles são marcadores de lugar, — Emma disse com um sorriso antes dela se virar para Angelo. — Você pode desenhar uma linha entre os ícones encontrados no Mausoléu de Augustos e o Teatro de Pompeu?

— Claro. — Angelo encolheu os ombros levemente quando ele desenhou a linha com o mouse.

— Certo, — Cleo exclamou com entusiasmo quando ela se virou de volta para o mapa. — Aqui está o ícone que encontramos no Fórum de Trajano e a Ponte de Adriano. Desenhe uma linha entre os dois. É como o X marcando o local.

— Exatamente, o Tyet de Ísis tem que estar no Panteão. Era o centro de adoração para todos os romanos que não tinham sido convertidos aos ensinamentos da Igreja. Em outras palavras, todos os *Sicari* iam ali adorar os seus Deuses. Agora só precisamos encontrar o artefato dentro do prédio.

Quando Lysander olhou para a tela, as imagens de seu último sonho voltaram para assombrá-lo, levantou-se. Maximus....ele tinha ido para a Saepta Julia para resgatar Phaedra de Octavian. O pequeno beco ele sabia tinha sido a única maneira dele ser capaz de alcançá-la. Uma ruela que tinha encontrado quando ele moveu o Tyet de Ísis e o colocou com Vesta. A voz de Emma penetrou na sua consciência.

— É no nicho que uma vez esteve uma estátua de Vesta. É entre dois ícones gravados na base das colunas que fazem fronteira com o nicho.

Naquele momento ele percebeu que tinha falado em voz alta, então já era tarde demais. A tensão repentina na sala apenas aumentou a sua própria. Os músculos do seu rosto se contraíram dolorosamente diante dos olhares de espanto e desconfiança nos rostos das pessoas na frente dele. *Fotte*. Isso não ia ser mais fácil do que a outra noite.

— Como diabos você sabe isso? — Pasquale estava olhando para ele como se ele tivesse crescido duas cabeças.

— Maximus, — disse Angelo com uma nota de admiração na voz dele.

Emma correu em volta da mesa até uma mochila ao lado de sua cadeira. Ela revirou em torno do fundo da mochila marrom por um momento. Quando ela pegou o item que ela estava procurando, Lysander reconheceu o diário de seu pai. Com um senso de urgência, ela folheou o livro, até que parou cerca de três quartos do final.

— Como disse Lysander. Existem dois ícones um na frente do outro em colunas do nicho, — Emma disse com entusiasmo enquanto ela enviou-lhe um sorriso de tranquilidade. — O centro de tudo que é *Sicari* seria o Tyet de Ísis, que está no ponto central desses dois ícones.

— Assim, exatamente como ele sabia disso? — Pasquale falou com tom beligerante. Phaedra inclinou-se para falar, mas Lysander fez um gesto para ela se calar.

— Porque ele é Maximus reencarnado.

As palavras de Atia fizeram a sala ficar em silêncio enquanto ela caminhava na direção dele. Foi uma coisa Angelo dizer que era Maximus, mas era muito diferente quando a *Prima Consul* dizia, era um assunto completamente diferente. Ele engoliu o súbito aumento do medo na garganta quando viu o delgado item, envolto em veludo que ela carregava. O Punhal de Cassiopeia. Quando ela chegou até ele, colocou o artefato na mesa.

— Angelo estava certo recentemente, quando ele sugeriu que um *Primus Pilus* de sangue misturado que iria encontrar o Tyet de Ísis. Lysander foi um *Primus Pilus* para Ares em Chicago, antes que ele assumisse o comando da corporação com o propósito de encontrar o artefato. Como

todos já sabemos, sua mãe era *Sicari*, mas seu pai Pretoriano. — Atia fez uma pausa enquanto olhava ao redor da sala. — A profecia real, transmitida de uma *Prima Consul* para outra, deixa bem claro que Lysander é Maximus.

Gentilmente, ela tirou a arma da bainha de metal e a pôs sobre o veludo ao lado da bainha. Encaixado no meio do punho tinha um rubi. Na parte superior do punho, o pomo quadrado tinha uma marca que o deixava disforme. Parecia que alguém o havia deixado cair em uma forja por alguns minutos. Surpreendentemente, a lâmina propriamente estava intacta, como no dia em que foi forjado. O pensamento o assustou, quase o fazendo recuar. Em vez disso, ele respirou fundo e virou sua cabeça para olhar para Atia.

— *Bis vivit qui bene moritur*, — ela falou em uma voz forte.

Havia confiança em seus olhos cinzentos quando ela encontrou o seu olhar. *Vive duas vezes quem morre bem*. O lema *Sicari*. Foi falado muitas vezes antes de um guerreiro entrar em uma batalha com os Pretorianos. Ele sabia que esta era a maneira de Atia dizer que ela acreditava que ele era Maximus, mas ele não tinha certeza se era capaz de viver com a reputação que a Ordem havia construído para o primeiro *Senhor Sicari* ao longo dos últimos dois mil anos. Mesmo por que suas habilidades estavam muito distantes do que Maximus poderia fazer.

O som de uma cadeira sendo arrastada para fora da mesa fez sua cabeça virar na direção do barulho. Luciano Pasquale o olhava com respeito, quando ele ofereceu-lhe a saudação romana tradicional.

— *Bis vivit qui bene moritur*.

Um por um, cada um dos membros da equipe levantou-se e ofereceu-lhe a saudação. O último membro da equipe de suporte era Ares. A saudação que ele deu foi a mais forte por causa do amor fraternal que Lysander viu nos olhos de seu amigo. Surpreso com o gesto de aceitação, ele trancou sua mandíbula contra a emoção do sinal de respeito criado por ele. Achava difícil falar, ele deu a todos um aceno de cabeça aguda e pigarreou. Punhos pressionados na mesa, ele olhou ao redor da mesa.

— Tudo bem, com todos. Nós temos um planejamento para fazer.

Nas duas horas seguintes, a equipe definiu um plano de acesso ao Panteão, no meio da noite. Quando chegou a hora de decidir quem realmente iria para a missão, ele se recostou na cadeira e fechou os olhos. Ele sabia que todo mundo queria ir, mas ele estava certo que Nicostratus estava vigiando a casa.

Qualquer sinal de que toda a equipe saiu em uma missão iria alertar o bastardo de que algo estava acontecendo. Eles seriam seguidos, e as coisas poderiam ficar mais feias do que o habitual. O que ele precisava era de um pelotão de poucos membros, e ele sabia que não seria popular quando ele anunciasse sua seleção. Seu olhar encontrou o de Atia, que se sentou em silêncio e pacientemente, no canto da sala de imprensa. De repente, ela levantou-se e fez um gesto para que ele a seguisse para o corredor. Quando eles estavam fora do raio de alcance auditivo da equipe, ela olhou-o firmemente.

— Você sabe que eu tenho o direito de escolher os membros da equipe para esta missão, mas eu gostaria de criar uma frente unida. — Havia uma nota inflexível em sua voz, e ele sabia que não adiantava argumentar com ela. Simplesmente não valia a pena, nesta fase do jogo.

— Acho que você tem alguém em mente? — ele perguntou em voz baixa.

— Eu pretendo ir com você. — Ele afastou-se dela com desânimo e com raiva, mas ela estendeu a mão para tocar em seu braço. — Eu pretendo levar Ignacio comigo. A *Prima Consul* tem o direito de ser parte de qualquer missão de um empreendimento *Sicari*. Você sabe disso. Apenas não é feito com muita frequência.

— Eu não dou a mínima sobre o seu direito de posse. Eu sou responsável por sua segurança, bem como a da minha equipe, e eu digo que você não vai.

— Você não vai querer discutir comigo sobre isso, Lysander. Eu simplesmente vou segui-lo, o que poderia facilmente comprometer a missão. Tenho a intenção de exercer o meu direito no assunto, e não há nada que você possa fazer sobre isso.

— É insano.

— É necessário. — Um flash de dor cruzou a sua fisionomia antes dela encontrar o seu olhar de novo. — Você também sabe que Phaedra deve vir.

— Não. — Ele soltou um silvo agudo do ar quando ele se opôs.

— Ela é sua melhor curandeira. Essa missão é muito crítica para que você possa deixá-la para trás. Violetta é incapaz de curar as feridas com risco de vida, e se nós enviamos nossos melhores profissionais nessa tarefa, eu quero alguém que seja capaz de salvar suas vidas.

Seu coração se afundou com o pensamento de colocar Phaedra no tipo de perigo que pode surgir esta noite. Se algo acontecesse a ela. . . ele engoliu o medo dentro dele e acenou com a cabeça fortemente.

— Emma fica aqui. Suas habilidades não são fortes o suficiente. É um milagre ela não ter tido danos no Circus Maxentius na outra noite.

— Concordo, — Atia murmurou. — Eu suponho que você quer Ares para vir.

— Sim. E Cleo. — No minuto em que ele mencionou o nome de sua filha, Atia ficou rígida e sacudiu a cabeça.

— Não. Eu não correrei o risco...

— Cleo, na falta de Ares, é o meu melhor lutador. Eu preciso dela. Sua segurança é primordial, e a Ordem vai querer a minha cabeça se algo acontecer com você, — ele rosnou. — Ela vai ou você fica.

— *Va bene.* — Com um aceno de cabeça aguda, Atia concordou.

— Então eu acho que temos tudo que nós precisamos. — No minuto em que voltaram para a sala de imprensa, todos ficaram em silêncio. Seu olhar percorreu as expressões de todos na mesa, e ele endureceu-se para os protestos.

— Após consulta com a *Prima Consul*, as seguintes pessoas estarão indo hoje à noite ao Panteão para recuperar o Tyet de Ísis. Ares, Cleo, Phaedra, eu, e a *Prima Consul* e com ela seu *Celeris*. Nós nos encontraremos aqui na sala de imprensa a meia-noite para obter instruções. Isso é tudo.

O momento em que ele terminou de falar ouviu o estalo de alguém batendo suas mãos contra o tampo da mesa. Toda a equipe girou suas cabeças em direção ao som, e todos viram Cleo ficar de pé com um salto e com um olhar de medo e raiva em seu rosto.

— Você está louca, Mãe? Há anos que você não vai a uma missão real. É muito perigoso.

— Você esquece o seu lugar, Cleo. — O tom de gelo na voz de Atia fez Cleo recuar, mas ela não desistiu.

— E você esquece o seu, mãe. Este não é um pequeno passeio para fora de um de seus sítios arqueológicos. Se você cair nas mãos do Colégio, o que aconteceu com Lysander será um piquenique comparado ao que eles vão fazer para *Prima Consul* da Ordem. — Cleo não esperou por uma resposta e saiu da sala de imprensa.

Depois de apenas alguns segundos de silêncio tenso, todos rapidamente reuniram suas coisas e saíram da sala. O momento perturbador tinha feito todos ficarem desconfortáveis, mas Lysander compreendeu a ira de sua amiga. Lysander virou a cabeça para Atia, cuja fisionomia era um bocado pálida, mas serena. Tinha que admirá-la por sua habilidade de manter a compostura sob o ataque violento da filha.

Atia tinha que saber que Cleo estava certa, o que lhe fez perguntar-se o que estava realmente por trás da sua decisão de se juntar a eles. Quanto a *Prima Consul*, Atia, ocasionalmente, assumiu riscos, mas nunca nenhum presente grave. Seus pensamentos chegaram a

uma conclusão. O *Senhor Sicari*. Ela estava indo para manter contato com Marcus. Ele não poderia descrever o alívio que surgiu nele.

Ele não era um tolo. As chances deles se encontrarem com Gabriel e Nicostratus esta noite eram altas. E eles precisariam usar toda a ajuda que conseguissem se chegassem a este ponto. Havia muita coisa acontecendo sobre o assunto. O artefato tinha de permanecer fora das mãos de Octavian, ou tudo o que os *Sicaris* prezavam seria perdido. Ele não sabia ao certo como sabia disso, ele somente sabia.

Ele se virou para Phaedra e estremeceu ao vê-la falando com o irmão. Impulsivamente, ele estendeu a mão com a sua mente para acariciar seu rosto. Ela virou a cabeça para ele no momento em que seu toque invisível tocava em sua pele e sorriu. Ele nunca tinha visto uma criatura mais bela em toda sua vida. Seu olhar se afastou de seu rosto para o punhal sobre a mesa. Seu corpo ficou tenso e esfriou quando ele olhou para ela.

Isto havia matado antes. E se ele foi forçado a fazer o mesmo novamente? Ficou pressionando a mesa, ele fechou os olhos por um breve momento com o pensamento insuportável. Uma mão quente conquistou a sua, e ele podia sentir a batida do seu coração através de seus dedos, enquanto que o seu perfume doce, amanteigado roçava suas narinas. Sem uma palavra, ele a puxou em seus braços, indiferente do que qualquer um poderia imaginar. Ela era dele, e ele faria o que fosse necessário para mantê-la segura. Não importava o custo para si.

Capítulo 26

A parede de pedra contra as costas de Phaedra estava fria, enquanto esperava que Ares desse o sinal que tinha aberto a porta detrás do Panteão. Com os nervos no limite, os três cliques no aparelho auricular a fez saltar de surpresa quando o tocou. Ao seu lado, Lysander rapidamente ordenou que Cleo atravessasse a estreita rua que era apenas um beco. Viu sua amiga desaparecer ao descer o fosso em volta das laterais traseiras do edifício.

Quando Cléo desapareceu, Lysander ordenou a Atia e Ignácio que atravessassem a rua e a seguissem. O casal mais velho não perdeu tempo e desapareceu em segundos. Uma mão quente estreitou a de Phaedra em uma mensagem silenciosa de amor e tranquilidade. No escuro, ela não conseguia ler sua expressão, mas a voz dele era quente e reconfortante.

— Eu estarei bem atrás de você, Caríssima. — Ele soltou a mão dela — Vê?

Ela não vacilou com um rápido impulso de mãos se desencostou da parede fria e atravessou a rua. Deslizou passando pelo desmoronado muro para deixar-se cair uns metros dentro do fosso que rodeava o monumento. Há vários metros de distância viu alguém deslizando pela porta do Panteão. Ela deu um passo para frente e congelou. Alguém estava perto.

— Lysander — Foi uma luta manter o pânico longe da voz.

Uma sobra escura se deixou cair na vala, e o coração se estreitou de medo no peito. Pressionando-se contra a parede exterior do monumento, tratou de controlar o pulso acelerado.

— Está bem, *cara*. — Lysander lhe agarrou a mão e puxou-a em direção a porta enquanto sua cabeça pendia para o ombro. Atia e seus companheiros estão esperando por nós.

Em questão de segundos se encontraram no edifício e Lysander fechou a pesada porta de metal detrás deles o mais silenciosamente que pode. Na completa escuridão ela estremeceu quando o poderoso individuo parecia estar mais perto a cada passo que dava. Os músculos do corpo se retesaram quando seus sentidos perceberam a força e o poder do homem.

Ela nunca havia detectado nada tão poderoso antes. Nem sequer Gabriel tinha feito seus sentidos reagirem dessa maneira. O pelo do braço se eriçou, enquanto a pele estava quente pelo sangue que corria freneticamente por suas veias. Lysander golpeou ligeiramente a lanterna e depois ordenou que o seguisse. De alguma maneira conseguiu sair do estupor que estava para fazer o que ele ordenava.

Ele não parecia ter o mínimo de preocupação apesar de estar segura de que ele sentia a pessoa que fazia seus sentidos se retorcerem como um cabo. Rapidamente atravessaram um estreito corredor e saíram detrás de um altar de um templo. Ele era alto com a abobada revestida de painéis que se elevavam até o *oculus*³², que estava aberto para o céu e seus elementos. A luz da lua derramando-se sobre o piso de mármore do templo. A beleza do edifício era impressionante.

Era uma incrível obra de arte, e apesar de seus quase mil anos de idade, não parecia haver passado todo esse tempo. As únicas coisas que faltavam eram as estátuas dos deuses. Criou-se um sentimento de perda nela, ainda que não seguisse os ensinamentos religiosos.

O que uma vez havia sido uma casa para culto dos deuses tinha se tornado uma coisa totalmente diferente. Agora era uma tumba e o lugar de culto de outra fé. Parecia quase um sacrilégio, e reconheceu o anseio em seu interior do que era. Cassiopéia havia orado aqui. O suave murmúrio de um som no canto do templo a sacudiu, lhe tirando a concentração.

A luz da lua iluminava uma grande parte do interior do templo, ainda que a maioria dos *nichos*³³ estivessem fora de alcance e escuros como a noite. Viu Atia passar em um canto escuro

³² Um Oculus ou janela circular é uma característica da arquitetura clássica, desde o século 16. Elas são muitas vezes indicadas por seu nome francês, oeil de boeuf, ou "olho de boi". Essas janelas circulares ou ovais expressar a presença de um mezanino na fachada de um edifício sem competir por atenção com a fenestração principais. Janelas circulares em conjunto dormers têm sido uma característica da arquitetura clássica francesa desde o início do século XVII. Por razões estruturais, elas também são encontradas como vigias de navios.

The Oculus (top) in the dome of the Pantheon, Rome : http://en.wikipedia.org/wiki/File:Oculus_of_the_Pantheon.jpg

³³ Um nicho na arquitetura clássica é uma exedra ou uma abside, que foi reduzido de tamanho, mantendo o meio-cúpula posição usual para uma abside. Domus Aurea de Nero (64-69 dC) foi a primeira habitação semi-privada que

da parede do edifício e Phaedra reprimiu um grito de assombro quando uma figura alta saiu à luz. O instinto o fez sacar a espada enquanto saltava à frente para proteger a *Prima Consul*. Antes de fazer qualquer coisa, Lysander foi interrompido.

— Tudo bem, ele está conosco. — Disse em voz baixa enquanto Ares e Cléo se moveram para se unir a eles.

— Quem diabos é? — Cléo sacudiu a cabeça em direção ao homem que se elevava sobre sua mãe.

— É um senhor Sicari. — Pelo som de sua voz, Ares estava claramente pasmado com o homem.

— Bom está claro que Ignácio não gosta dele.

Cléo acenou ao *Celeris*, cujo corpo estava rígido de tensão ao ver sua guarda envolvida numa conversa animada e quase acalorada com o Sr. Sicari. Naquele momento a cabeça do Sr. Sicari levantou e cravou os olhos em Cléo. Imediatamente sua amiga se agitou sob um olhar penetrante.

—*Christus*, porque *diabos* esse *bastardo* me olha assim?

Quando o Sr. Sicari se soltou de Atia e se dirigiu para os quatro viu a Lysander soltar um sussurro e murmurar uma dura maldição. Atia saiu voando atrás do Sr. Sicari, com o cenho franzido marcando seu rosto. Uma olhada para Phaedra, depois para a expressão da *Prima Consul* voltando ao homem que veio para eles levando roupas típicas que dizia que se tratava de um Sr. Sicari.

O homem estava vestido como um monge guerreiro do passado, sua capa fluía encobrendo sua roupa escura, e estava certa que as botas que usava iam até quase o joelho. Era uma forma de se vestir fora de moda, porém nele, era intimidante. Deteve-se diante do pequeno grupo para estudar seus rostos e retirar o capuz de sua cabeça para mostrar seu bonito rosto.

possuía quartos que foram dadas plantas ricamente variadas, formadas por nichos e exedras, revestida de mármore branco, brilhantemente polido, como superfícies curvas concentrada ou dispersa a luz do dia.

Havia algo familiar nele. Em algum lugar no fundo da sua mente uma recordação distante de um jovem tribuno jogando com Demetri surgiu em sua cabeça. Ficou sem respiração. Era maior, mas seguia tendo a mesma cara do homem que havia conhecido na Roma antiga. O Sr. Sicari assentiu com a cabeça para Lysander, que se inclinou ligeiramente em cortesia.

— Bom Maximus. Não é hora de que deixes de inclinar-te e me reconheça pelo que eu sou na realidade?

A pergunta do Sr. Sicari fez com que Lysander se surpreendesse quando o homem levantou a manga e estendeu o braço. Na luz da lua foi fácil ver a tênue marca de nascimento em formato de águia. A marca da legião. A mesma mancha de cor branda que Lysander tinha em seu braço. Ele se pôs rígido quando seu olhar se encontrou com a expressão divertida do Sr. Sicari. A surpresa fez com que os olhos verdes de Lysander aumentassem enquanto rapidamente dava um passo para frente e agarrava o antebraço do homem na eterna saudação romana. O sorriso em seu rosto não a surpreendeu, pela expressão atordoada de seu irmão e Cléo quase a fizeram rir.

— Tevy. É realmente você? — Disse Lysander com ar de incredulidade.

— Sempre disse que voltaria mais forte que você, só para te salvar de você mesmo. Parece que tinha razão. — O Sr. Sicari deu uma risada suave — Ainda que você tenha levado mais tempo para perceber a verdade do que a mim. Você sempre foi teimoso.

— Deveria ter te reconhecido na noite que lutei contra o *Dominus* Pretoriano. — Exclamou Lysander enquanto dava ao Sr. Sicari um grande ruidoso abraço fraternal. — Pelos deuses Tevy, é bom te ver velho amigo.

— E a ti amigo meu, mas pode ser menos confuso para todos se me chamar de Marcus.

— Confuso é um eufemismo — Lysander disse em voz irônica.

— É bom ver-te também *Domina*. — O Sr. Sicari que reconheceu como Tevy virou-se para ela e se inclinou ligeiramente. Sem saber o que dizer ela balançou a cabeça e ele

riu novamente. — É um pouco perturbador, não? Quase invejo aqueles que não conseguem lembrar-se de suas existências passadas. Há vantagens em não se lembrar de fracassos do passado.

A sua voz teve um tom mais sério e ela deu um passo para frente para lhe tocar o braço.

— Os lamentos são para o passado. O presente é o mais importante agora.

— De acordo. — Assentiu com a cabeça.

— Alguém pode me dizer que merda está acontecendo aqui. — Como sempre a linguagem florida de Cléo foi uma comoção para os que não a conheciam. E o Sr. Sicari a olhou detidamente.

— Isso levará muito mais tempo do que temos para gastar, *caríssima*. — A expressão de carinho, fez Cléo revirar os olhos para o Sr. Sicari, enquanto atrás dele, Atia e Ignácio saltaram com o que ela podia jurar que era medo. O homem não pareceu notá-lo e voltou sua cabeça para Lysander. — Creio que sabe onde está o artefato.

O homem nem sequer questionou o conhecimento de Lysander, simplesmente supôs. Com uma inclinação de cabeça Lysander se dirigiu para um dos escuros nichos. Instintivamente Phaedra supôs que havia guardado uma vez a estátua de Vesha, a deusa que Maximus sempre havia rezado. A sensação das recordações de Cassiopeia voltando à vida dentro dela era desconcertante, igual Tevy... Marcus... Havia dito. Sem mencionar a confusão.

Quando Lysander e seu antigo amigo do passado cruzaram rapidamente o solo do templo de mármore, os seguiu. Quando chegaram ao lugar, Lysander se pôs de joelhos sob um ponto central em frente o que agora era uma tumba. A luz da lanterna se moveu lentamente pelo solo de mármore com um padrão de pesquisa óbvio. Um segundo depois, a luz deixou de mover-se, e com um gesto para Marcus, Lysander silenciosamente indicou ao Sr. Sicari que mantivesse a luz.

De imediato sentiu o aumento da tensão no templo quando o punhal de Cassiopeia brilhava à luz da lua. Seu coração batia mais rápido quando Lysander olhou para ela. A dúvida no seu olhar fez com que ela lhe lançasse um sorriso encorajador. Ele viu a

garganta dela oscilar de cima a baixo com emoção antes de voltar sua atenção para a telha de mármore na frente dele.

Quando os vários graus de entusiasmo e energia nervosa do grupo lhe assaltaram os sentidos, bloqueou as emoções em um esforço natural para se proteger. Com precisão cuidadosa, Lysander atingiu a ponta da faca ao longo de uma teia de linhas que se espalham por todo o mármore branco. Ele tentou primeiro um e depois outro. O suave toque continuou até a ponta da faca deslizar abaixo da superfície.

Atia respirou profundamente, e Marcus enviou-lhe um olhar que fez Phaedra achar que havia algo mais entre eles que ninguém percebeu. O olhar de Phaedra voltou-se para Lysander. Enquanto olhava, ele moveu a ponta da arma no mármore, e ela pôde ver um pedaço de telha quebrada que lentamente ergueu-se sob pressão. Um momento depois, o segmento saiu do piso de mármore, como um simples pedaço de um quebra-cabeça.

Escondido entre as muitas teias de aranha que serpenteiam pelo chão de mármore branco, a telha quebrada havia permanecido virtualmente indetectável há séculos. Cuidadosamente colocou a peça de lado e se inclinou para frente. Com uma das mãos no chão, Lysander lentamente enfiou a mão no pequeno buraco até que o seu braço ficou fora da visão. Ele resmungou enquanto lutava por algo que parecia fora de alcance.

Com mais um som de esforço, todo o ombro dele caiu no buraco no chão para alcançar o que estava escondido sob uma telha. Um murmúrio emocionante fluía por sua cabeça, e reconheceu os seus pensamentos carinhosos.

“Está aqui, caríssima. O encontramos, encontramos o Tyet de Isis.”

“Não amado, tu o encontrasses. Tu o fizeste.”

Com um sorriso triunfante, Lysander retirou o artefato do chão e ergueu no ar com um grito embargado de emoção. Na sua mão havia uma pequena caixa do tamanho de um joia. A sensação palpável de alguém a obrigando a chegar até ao artefato a fez ficar com falta de ar,

enquanto a necessidade voraz a percorria, seu pescoço se arrepiou. A alegria que havia sentido em Lysander evaporou-se quando ele se levantou e numa fração de segundo estava ao seu lado.

— Eles estão aqui, — disse ele em tom lacônico.

O toque invisível de uma mão deslizou lentamente pelo seu braço indo para a direita do pescoço do lado do homem. O terror que percorreu suas veias virou seu estômago e um ligeiro tremor sacudiu seu corpo. Ao seu lado, Lysander rosnou enquanto seus olhares se encontraram. Não podia ver Gabriel, mas podia ler o medo, e ela sentiu a escuridão dentro dele lutando para assumir o controle.

— Não, *carino*. Eles querem que você perca o controle. Vais ficar vulnerável.

Ela não tinha certeza de como sabia disso, mas sentiu o nível de frustração crescer em Gabriel no momento que ela falou. O Pretoriano Dominus imediatamente apertou seu pescoço em um aperto brutal, e seus dedos agarraram o pescoço em uma tentativa de parar a mão invisível de sufocá-la. Como ela engasgou por ar, o Senhor Sicari virou-se para estudar a vasta extensão da nave escura.

— Você está com tanto medo de mim que achar necessário atacar uma mulher? — O tranquilo insulto trouxe alívio imediato enquanto um rosnado baixo ecoou pelo ar a partir do outro lado do templo.

— Hoje nós terminamos com isso de uma vez por todas, *bastardo*. — Resposta de Gabriel mandou uma onda de tristeza ondulando por meio dela, e ela não tinha certeza se veio do outro lado do salão ou do Senhor Sicari mesmo. No momento em que o Senhor Sicari deu um passo à frente, Lysandro estendeu a mão para parar o homem.

— Tevy - Marcus... —

— Vai ser como nos velhos tempos, meu amigo, — o Senhor Sicari disse com uma ligeira curva de seus lábios.

Ainda era difícil pensar no homem como Marcus, quando suas memórias da antiga Roma diziam diferente. O homem que tinha conhecido como Tevy há muito tempo, inclinou-se ligeiramente em sua direção antes de virar a cabeça na direção de Atia. O olhar intenso de tristeza e resignação escureceram sua expressão, igualando a dor no rosto do Prima Cônsul enquanto ele acenou com a cabeça na direção dela.

"Mea gladius non voluntas concidi, mea kara."

Phaedra puxou o ar silenciosamente em surpresa. Minha espada não falhará, minha amada. As palavras surpreendeu tanto como fizeram em Ares e Cleo, mas não houve tempo para fazer qualquer observações quando o Senhor Sicari foi em direção ao centro do templo. Fora das trevas viu Gabriel avançar a passos largos, sua capa esvoaçando, por trás dele devido ao seu ritmo acelerado. Marcus correu em direção ao Pretoriano Dominus, puxando sua espada sob seu manto. Com uma velocidade incrível, os dois homens saltaram para o ar, as espadas batendo juntos como um trovão de aço no interior da nave³⁴.

Enquanto os dois homens lutaram no centro do templo, as sombras na parede oposta deslocaram e mudaram-se para frente para ficar na borda do círculo de luz da lua que se espalhava a partir do óculo acima. Ela puxou uma respiração afiada de horror ante a visão, e as reações de todos ao seu redor encheram seus ouvidos com suas emoções batendo nela como um trem desgovernado.

— *Merda.*

— *Figlio di puttana.*

— *Stronzo".*

— Oh, nós estamos tão fodidos. — A voz de Cleo, juntamente com Lysander, Ares, e Inácio, soaram em um simultâneo som de pessimismo.

— *Il omnipotentia Christi,* — Ignácio murmurou. — Estou contando certo? Há pelo menos doze deles.

³⁴ a parte central longo de uma igreja onde as pessoas se sentam

— Treze se você contar que *testa di cazzo*, Nicostratus. *Christus*, isso não é bom. Como diabos é que vamos manter a Tyet de Ísis fora de suas mãos? — Cleo olhou para Lysander, que imediatamente entregou o artefato para Atia.

— Ares, você e Ignácio tirem a *Prima Cônsul* daqui o mais rapidamente possível.

— Eu — Atia rompeu sua resposta e acenou sob o olhar de Lysander. — Você está certo. O Tyet de Ísis não deve cair nas mãos Pretoriana. Mas Ares fica. Ignacio retornará uma vez que me deixar em segurança fora do templo.

Lysander não discutiu com ela. Em vez disso, ele olhou para os Pretorianos caminhando firmemente na direção deles, e ela estava certa de que ele tinha escolhido Nicostratus fora do grupo. Cleo fez uma careta e virou a cabeça para olhar a Prima Consul.

— Eu te amo, mãe. Ignacio, eu... cuide dela." Ela virou a cabeça para trás para ver os inimigos indo em direção a eles e puxou a espada. "Olhe para o chão. O sangue que eu estou indo derramar fará este mármore muito escorregadio.

A observação fez Ares sorrir levemente. "Eu concordo com esse ponto de vista otimista."

"Ti amo con tutta l'anima."

Lysander gentilmente tocou os pensamentos de Phaedra com o voto de adoração. Ele não apenas a amava com todo seu coração. Ele a amava com cada fibra do seu ser, e pretendia fazer o que fosse necessário para mantê-la segura esta noite. Ele olhou-a tirar a espada fora da bainha em suas costas e estendeu a mão para ela com sua mente. A ligação telepática entre eles era surpreendente forte quando ela abriu seu coração para ele. Seu amor por ele encheu sua mente, e ele tomou uma respiração rápida ante a força de seu amor e sua crença nele. Ele não deixaria ela.

— *Bis vivit qui bene moritur*, — Lysander rosnou quando sacou a espada. *Vive duas vezes quem morre bem*. O lema Sicari nunca pareceu mais adequado.

Segundos depois, os pretorianos estavam sobre eles. Aço chocando contra aço, e quando dois Pretorianos atacavam Lysander, o obrigando a ficar na defensiva. Em um movimento rápido, ele se escondeu debaixo de uma espada cortando o ar na direção do seu peito. Girando em torno de leve em seus pés, ele arrastou a própria lâmina no peito do Pretoriano em primeiro lugar e continuou a balançar o corpo ao redor em um círculo apertado até sua espada abria o estômago do segundo Pretoriano.

Foi uma ferida mortal e ele sabia disso. Com um golpe de sua mão, sua capacidade enviou o primeiro Pretoriano voando para trás no duro no chão de mármore. Um forte estalo lhe disse que o homem tinha batido a cabeça e não estaria se levantando a qualquer momento em breve. Antes que pudesse voltar para o homem perto de seus pés, mais dois Pretorianos pularam em sua direção.

Salvando suas reservas mentais para o seu inevitável encontro com Nicostratus, limpou a mente para se concentrar e deliberadamente se jogou entre os dois lutadores que se aproximavam. Sua espada levantada acima de sua cabeça, ele fintou para a esquerda e depois à direita. Os Pretorianos responderam enfrentando as oscilações e pouco antes de sua espada conectar com a deles, enviou suas espadas deslizando pelo chão, em seguida, rapidamente dobrou-se em uma bola e rolou passando os combatentes inimigos. Quando ficou de pé, os dedos envolvendo o grip de couro de sua espada quando a arma voava de volta para sua mão.

Despreparado para o seu movimento, os Pretorianos descobriram que era impossível parar o movimento de suas lâminas, cortando si próprios quase que simultaneamente. Seus gemidos de dor resultantes, puxou um sorriso sinistro em seu rosto. Sua satisfação desapareceu quando o seu olhar se arremessou para onde Phaedra estava lutando contra dois de seus próprios pretorianos. Era óbvio que eles estavam se segurando com ela, o que significava que estavam sob as ordens de simplesmente dominá-la. Ele tentou manobrar mais perto dela, mas encontrou seu caminho bloqueado por um dos Pretorianos que ele ludibriou.

— Desculpe inominável. Temos planos para a cadela.

Os palavras do Pretoriano deferiram um duro golpe em suas entranhas com o pensamento de Phaedra nas mãos destes *bastardi*. O sorriso no rosto do homem, disse que outro

lutador tinha visto seu leve deslizamento no controle. Ele reforçou seu foco e reforçou o escudo cobrindo seus pensamentos. A expressão do Pretoriano de repente virou alegre, Lysander imediatamente sentiu o *bastardo*, alcançando-o de trás. Ele abriu os sentidos um pouco mais, e apenas quando a espada de seu atacante estava prestes a cair, ele pulou para o lado e meteu a sua lâmina para cima e através da garganta do pretoriano em um golpe suave. Não se preocupando em assistir a queda do *bastardo*, ele ofereceu um sorriso ao outro lutador.

O parceiro do Pretoriano morto gritou com raiva depois saltou para a frente. Em um movimento surpreendente, o adversário de Lysander saltou bem alto no ar, e seu pé bateu na lateral do rosto marcado de Lysander. A dor explodiu dentro de sua cabeça, batendo a cabeça para trás, e ele cambaleou para o lado, em um esforço para permanecer de pé. Ele falhou. De joelhos, ele mal conseguiu bloquear a espada apontando para o pescoço, e antes que ele pudesse se recuperar, o Pretoriano habilmente mudou sua arma para o lado oposto.

No momento em que a lâmina do outro lutador cravou profundamente nos músculos de seu braço, uma dor lancinante eclipsou a latejar na cabeça. Merda. Como diabos ele deveria lutar carregando uma espada com a outra mão? Rolou, tomando uma distância do Pretoriano, tropeçou em seus pés, lutando para isolar e ignorar a dor em seu corpo. Seu braço flácido ao seu lado, ele olhou na direção de Phaedra para ver um dos seus atacantes bater uma cotovelada em sua cabeça antes de sua espada cair entre suas pernas abertas logo acima do joelho.

Ela não gritou, mas ele ouviu o grito de dor em sua mente. Uma raiva fria bateu seu caminho em suas veias e músculos. Energizando-o, bem quando o seu adversário desfilava em frente com confiança, Lysander encheu seus pensamentos com imagens de derrota para disfarçar suas verdadeiras intenções. O braço do homem voou para cima com um riso leve de triunfo. O alegre riso morreu na garganta do Pretoriano no instante que Lysander meteu a espada para cima no peito do homem. Ele quase não realizou o rito da Ordem dos Rogare Donavi. Como se ela pudesse ler suas intenções, ele sentiu o suave murmúrio de pensamentos de Phaedra derivando através em sua forma de protesto. Ele foi vencido ao seu pedido.

— Eu peço o seu perdão. Você dará isso? — A nota mecânica na voz de Lysander indicava como pouco se importava se o homem respondesse sim ou não. Mas ele esperou a resposta do homem. O Pretoriano lhe negou.

— Eu espero que você... apodreça no... inferno, inominável.

— Então eu vou te ver lá, — ele disse severamente.

Ele jogou o pé para cima para apoiar-se na coxa do Pretoriano, quando puxou sua espada para fora do corpo do homem. Não esperando para ver o homem cair, ele se virou para cobrir a pequena distância entre ele e o pretoriano pronto para atacar Phaedra por trás. A adrenalina encheu seu braço ileso com a força bruta quando impalou o homem com sua espada. O guerreiro olhou para seu peito, e Lysander não teve que ver o rosto do homem para saber o quão surpreendido o Pretoriano estava. Em câmera lenta, o homem deslizou da lâmina de Lysander e caiu no chão de mármore. Uma risada ecoou para fora da escuridão quando o Pretoriano caía no chão do sangue. O som o fez rodar para enfrentar o novo perigo.

— Muito bem, garoto. Você continua a me impressionar. — Nicostratus passeava despreocupadamente para fora das sombras para onde Lysander podia vê-lo. No momento em que o Patriarca sorriu, Lysander sabia que o escudo mental tinha escorregado e que o homem pode ver o ódio fervendo dentro dele.

— Eu não estou aqui para impressionar você, — ele rosnou quando olhou na direção de Phaedra para assegurar a ela que não precisava de ajuda com o ultimo Praetoriano que a ameaçava.

— No entanto, você faz. Eu não posso evitar, mas acredito que há mais de mim fluindo através de seu sangue do que você gostaria de admitir.

Uma névoa vermelha nublou sua mente por um instante antes que ouvisse um suave sussurro de advertência em sua cabeça. Seja qual for a conexão dele com Phaedra tinha permitido que lhe lembrasse que Nicostratus queria que ele perdesse o controle. Se ele quisesse derrotar o *bastardo*, precisava manter a calma e sereno.

Imediatamente protegendo seus pensamentos, ele enfiou a mão para fora e dirigiu um pulso de energia invisível que enviou ao Patriarca voando para trás. Nicostratus bateu no chão com um

baque forte. Era um som satisfatório. Enquanto caminhou para a frente, seu pai ficou de pé em um movimento ágil. O homem saltou para a frente, e um momento depois, suas espadas colidiram uma com a outra. Faíscas voaram quando as lâminas de aço raspavam para longe uma da outra.

Nicostratus era mais forte do que parecia, e com um braço fora de ação, seria mais difícil de derrotar o homem, mesmo com sua habilidade telecinética. Qualquer outra época teria a vantagem, mas agora o campo de jogo era bastante equilibrado entre os dois. Quando a espada escorregou da lâmina de Nicostratus, girou sobre os calcanhares para chicotear seu corpo para trás do homem. Em sua mente, ele visualizou as pernas do homem se dobrando ante a um vingativo pontapé nos joelhos. O patriarca lançou um juramento alto quando caiu para a frente.

— Você me surpreende Nicostratus. Esse tipo de linguagem é dificilmente aceitável de um homem com sua posição exaltada no Colégio.

Com um rápido giro de seu pulso, Lysander virou sua espada em um sentido descendente, a intenção de mergulhar-lo em Nicostratus. O riso zombeteiro ecoou em seus pensamentos quando o Patriarca rapidamente rolou para longe do perigo e ficou de pé.

— Há muitas coisas sobre mim que te surpreenderiam meu filho.

— Eu lhe disse antes - eu não sou seu filho.

Empurrando para frente, ele desviou o impulso de Nicostratus, e a ponta de sua lâmina raspou por toda a lâmina do Patriarca, acertando-o no ombro. Outro juramento voou para fora da boca do Pretoriano, antes dele rebater e brandiu a espada para o lado cego de Lysander tão rapidamente que não havia tempo para reagir. Fogo incendiou seu pulso quando a espada de Nicostratus cortou os tendões que controlava seu agarre. Sua mão incapaz de segurar uma arma, a espada caiu no chão. Ele ouviu os pensamentos do homem, ecoando em sua cabeça.

“Mas você não vê, Lysander? Você é tudo que eu poderia esperar de meu filho. Meu grande pesar é que eu não sabia de sua existência até que fosse tarde demais.”

Lysander não desperdiçou sua energia em responder o homem, ao invés disso estendeu a mão para bater um punho invisível na mandíbula de Nicostratus. O Pretoriano grunhiu com dor, com a cabeça estalar para trás com o duro golpe. Quando o homem se recuperou, um brilho de algo semelhante a respeito brilhava nos olhos do patriarca, e ele sacudiu a cabeça.

"Nós somos muito parecidos, Lysander. Sabemos o que é esperado de nós, e nós fazemos o que temos fazer para alcançar nosso objetivo. A pergunta é... o que estamos dispostos a desistir quando se trata de atingir nosso objetivo?"

A estranha pergunta confundiu Lysander enquanto olhava para um par de olhos verdes, semelhantes aos seus. O bastardo estava planejando algo, mas quando tentava ler os pensamentos do homem, a mente disciplinada de Nicostratus impediu-o de ver. Se o *bastardo* pensava que estava derrotado apenas porque não tinha a capacidade de manejar a espada, o filho da puta estava enganado.

Em um movimento súbito e inesperado, Nicostratus saltou para a frente, e o instinto de Lysander o salvou quando ele mergulhou sob o amplo arco de espada do homem. O instante em que se esquivou a lâmina mortal, o Patriarca abriu seus pensamentos para ele. A medida havia sido uma diversão para esconder a sua real intenção. Quando o riso zombeteiro do homem encheu sua cabeça, Lysander libertou uma mensagem de agonizante medo.

Capítulo 27

Phaedra deu um salto mortal para longe do *Pretoriano* que tentava arrancar-lhe a cabeça. A bota que o homem havia plantado violentamente em seu peito, tinha dificultado a respiração. *Merda, o Bastardo tinha conseguido arruinar um de seus pulmões com aquele chute?* Seu corpo todo doía. Ela nunca tinha curado tão rapidamente quanto aqueles a quem serviu, mas agora seria um bom momento para ter esse truque especial para dar uma caminhada.

Entre a perna doendo como o inferno e sua dificuldade em respirar, ela estava pronta para uma pequena trégua. Sem mencionar que, quando chegasse à hora de curar os outros, seus próprios ferimentos tornariam ainda mais difícil para ajudar os outros. E considerando a quantidade de sangue no chão, ela teve a sensação de seus amigos não ficaram sem a sua quota de lesões.

Ela surgiu em um agachamento de costas para seu agressor, seus sentidos bloqueando tudo em torno dela, exceto o barulho da determinação furiosa em suas veias e os movimentos do homem que estava lutando. Quando ele estava a menos de trinta centímetros dela, ela virou-se sobre os quadris e arrastou sua espada profundamente na perna do homem. O *Pretoriano* caiu no chão de mármore com um grito baixo, e em um lampejo de movimento, ela estava por cima dele, a ponta de sua espada pressionando forte contra seu coração.

— Eu peço o seu perdão. Você o dá? — O *Rogare Donavi* ecoou suavemente entre ela e o *Pretoriano*. Apesar da raiva em seus olhos, havia uma expressão resignada no rosto do homem.

— Certo.

No momento em que ele falou, sua lâmina perfurou o peito do homem e fez seu caminho para seu coração. Imediatamente, seu estômago embrulhou e bÍlis subiu em sua garganta. Deus, mesmo em autodefesa isso nunca ficava mais fácil. Só mais difícil. O som do grito repentino de Atia chamou a atenção para o centro do Panteão. Que diabos a mulher ainda estava fazendo aqui?

Ela olhou em volta, procurando algum sinal de Ignácio. Seu coração se afundou quando ela avistou o *Celeris* caído no chão perto do altar. *Christus*, eles ainda nem mesmo tinham saído do templo. Ela seguiu o olhar afetado de Atia para onde o *Senhor Sicari* e o *Pretoriano Dominus* estavam lutando.

Era fácil ver que o homem mais jovem estava ganhando, sua lâmina um flash de prata ao luar que escorria pelo oculus³⁵ do edifício. Com um aceno de sua mão, o *Dominus* atingiu o *Senhor Sicari* com um golpe invisível. O homem mais velho se dobrou como se alguém tivesse lhe espetado na barriga. Sua espada raspando pelo chão, o homem lutava para recuperar o equilíbrio. Quando ele chegou à posição vertical, o *Pretoriano Dominus* não deu ao *Senhor Sicari* a chance de levantar a sua espada.

— Isto é por me rejeitar, herege. — As palavras do *Dominus* reverberaram altamente no templo quando o ódio, raiva e dor tocaram sua mente.

Horror substituiu seu espanto, enquanto observava o homem mais jovem cruelmente balançar sua espada para cima em um talho diagonal cruzando a coxa e abdômen do *Senhor Sicari*. Atordoada, Phaedra viu o *Senhor Sicari* cair de joelhos, a mão segurando sua perna para estancar o fluxo de sangue do ferimento. Com um sorriso cruel no rosto, o *Pretoriano Dominus* levantou a espada em preparação para acabar com seu oponente.

— Gabriel, não. Ele não desistiu de você. Levaram-no de nós. *Pelo amor de Deus*, ele é seu pai. — O grito de medo e dor de Atia fez o homem parar, a espada pairando no ar sobre a cabeça de seu pai.

Prestes a lançar-se para frente, as palavras da *Prima Consul* fez Phaedra congelar de choque. O *Senhor Sicari* murmurou algo para o homem que se elevava sobre ele antes que sua espada brilhasse ao luar. Quando a lâmina fincou no peito de Gabriel, um olhar austero de surpresa varreu a face do *Pretoriano Dominus*. Seu olhar travou com o do *Senhor Sicari* por um breve momento, antes que ele caísse de costas no chão do Panteão.

³⁵ Janela circular no teto do Panteão. Comum na arquitetura do século 16. *Oculus* significa olho em latim. <http://i1.trekearth.com/photos/88293/pantheon-oculus-hdr.jpg>

Angústia torcia o rosto de Marcus quando sua arma deixou sua mão esquerda projetar-se para fora do corpo de seu filho morto. O *Senhor Sicari* tentou atirar-se para Gabriel em uma exibição evidente de tristeza sombria, mas era óbvio que sua força se foi quando seu corpo cedeu ao cansaço e dor. As lágrimas escorrendo por seu rosto, Atia correu para frente para pegá-lo em seus braços quando ele desmaiou.

As emoções turbulentas do casal mais velho manteve Phaedra refém enquanto ela olhava para o pequeno drama se desenrolando diante de seus olhos. Atrás dela, o grito de angústia de Lysander cortou por ela como um aviso vibrando em sua cabeça. Ela se virou bem a tempo de ver a espada de Nicostratus balançando em sua direção. Instintivamente, ergueu a arma para bloquear a lâmina do homem. Quando sua espada retiniu com a espada do Patriarca, a experiência lhe disse para guardar e rolar para evitar o próximo golpe do homem, que seria letal.

De repente, o ar apressou para fora de seus pulmões com um zumbido quando o corpo de Lysander bateu no dela, empurrando-a de lado quando ele pegou a espada destinada a ela. A força de sua ação a jogou no chão, e ela olhou para cima a tempo de ver Nicostratus puxar a lâmina de Lysander com um grito baixo.

O coração dela deu uma balançada doentia quando viu Lysander cair para frente para rolar de costas. *Care Deus*, o que ele fez? O sangue fluía muito do ferimento no seu lado, e ela começou a cambalear seu caminho para ele.

— Fique onde está, Phaedra. — O comando duro a fez pausar quando ele forçou-se em uma posição sentada com um cotovelo.

— O que você estava pensando, meu filho? — exclamou o Patriarca quando ele rapidamente se afastou de Lysander no que parecia ser horror real.

— Eu sou um *Sicari*. *Nunca* fui seu filho.

As palavras de Lysander eram duras com dor e desgosto quando ele puxou violentamente a cabeça na direção do Nicostratus. O *Pretoriano* imediatamente cambaleou para trás e dobrou-se com um grunhido de dor. Enquanto seu pai lutava para se recuperar do golpe invisível, Lysander

tentava colocar-se em pé. Deus, o homem era louco de pensar que ele poderia lutar. Ela começou ir para frente, e nesse instante, ela viu Cleo correndo para frente, sua espada voando em direção ao pescoço do Patriarca.

Como se estivesse preparado para o golpe, o homem simplesmente bloqueou o ataque com sua espada, em seguida, virou-se para plantar o pé diretamente no estômago de Cleo. Sua amiga saiu voando para trás pelo chão de mármore do Panteão. Afastando-se deles, o duro comando de Nicostratus para retirada ecoou pelo Panteão. Os dois *Pretorianos* ainda vivos foram interrompidos e correram enquanto Nicostratus olhou para Lysander por outro breve momento, em seguida, fugiu do edifício. Cleo e Ares começaram a segui-los.

— Deixe-os ir. Proteja o *Tyet de Ísis*, — Lysander falou irritado antes de desmoronar de volta no mármore frio abaixo dele. Ela o alcançou pouco antes que sua cabeça atingisse a superfície dura. O medo atrapalhou seus pensamentos enquanto ela freneticamente cortava sua camisa com a espada para examinar o ferimento. Lágrimas encheram seus olhos enquanto ela trabalhava.

— Seu *bacciagalupe* burro. Isso foi um feito estúpido. Eu poderia ter escapado de sua espada.

— Quantas vezes eu tenho que lhe dizer... que você não é tão boa... lutadora como eu sou?
— Seus olhos estavam fechados, mas havia um leve sorriso nos lábios.

— Cale-se e me dê suas mãos.

— Sem *Curavi*. Veja o *Senhor Sicari* primeiro. Depois, volte para mim. — Havia algo no sussurro que a apavorava.

— Porra, eu não vou deixar você se safar uma segunda vez, Lysander Condellaire. Agora me dê suas mãos.

— Phaedra. — O grito agudo de Ares a fez virar a cabeça. — Marcus precisa de você, *agora*. Eu não sei quanto tempo ele pode aguentar.

Não. O outro homem poderia esperar. Lysander vinha primeiro.

— Dê-me suas mãos agora, — disse ela asperamente.

— Ele é o *Senhor Sicari*, Phaedra. É seu dever curá-lo primeiro.

— Não, eu não vou perder você. Eu *não vou*.

Ela sabia que o oficial de maior patente era para ser curado primeiro, mas ela não estava prestes a deixar Lysander morrer. Ela não se importava quais eram as regras. Ela não se importava com o que alguém lhe ordenou fazer. Determinada a mantê-lo seguro, ela agarrou as mãos dele e tentou acalmar seus pensamentos. Ele se soltou de sua agarro para acariciar seu rosto.

— Eu vou ficar bem, é pouco mais do que um arranhão.

— Não minta para mim.

— Tudo bem, é um corte, mas pode ser facilmente costurado. — Ele enviou-lhe um olhar severo. — Vá para a Tév... Marcus. Eu ficarei bem aqui. Eu não vou a lugar nenhum.

— Por favor, Lysander. Não me faça fazer isso. Eu não posso.

— Você não tem escolha, *mea amor*. Honra e dever em primeiro lugar. — O agrado puxou uma respiração afiada dela quando os dedos dele se enrolaram em seu pescoço e ele puxou sua cabeça para beijá-la. — Como *Legatus*, eu ordeno que você vá.

Sacudindo a cabeça em sinal de protesto, ela sentiu a mão de Cleo em seu ombro. — Quanto mais cedo você curar o *Senhor Sicari*, mais cedo você pode voltar aqui. Vá.

Despedaçada pela culpa de deixá-lo, Phaedra arrastou-se pelo piso sangrento para chegar do lado de Marcus. Angústia tinha drenado a cor do rosto de Atia, e a cabeça do *Senhor Sicari* descansava em seu colo enquanto seus dedos levemente acariciavam sua testa. Rapidamente

Phaedra examinou o ferimento na perna do homem. Ela encontrou o olhar de seu irmão e fez uma careta.

A única explicação para o sangue escuro jorrando da ferida do *Senhor Sicari* era que a veia arterial tinha sido cortada. Com cada batida do seu coração, ele perdia sangue. Ele tinha uns dois minutos para viver se ela não o curasse. A *Prima Consul* roçou os dedos em sua bochecha, e os olhos do homem se abriram para encontrar o olhar de Phaedra. Era Tevy que ela viu olhando para ela.

— Maximus? — A pergunta era uma raspada suave.

— Ele está vivo. — *Por pouco*. Cheio de medo, ela sabia que quanto mais cedo ela curasse o homem, mais cedo ela poderia ajudar Lysander. Ela ofereceu as mãos para ele. — Com sua permissão, eu devo tocar-te para te curar.

— Ele está morrendo. — As palavras do *Senhor Sicari* a fez gelar. — Cure-o. Eu não sou mais importante.

— Ele não vai me deixar tocá-lo até que você esteja fora de perigo, — disse ela com os dentes cerrados. — Agora, pare de desperdiçar meu tempo e o *dele*, e aceite o *Curavi*.

— Ele sempre foi um homem obstinado, — Tevy murmurou. — Você tem a minha... permissão.

No momento em que ele falava, ela agarrou as mãos e lutou para se concentrar em seu paciente. O calor fluindo através de suas mãos fez sua pele formigar. Apesar de sua concentração, seu coração desejava retornar para Lysander. Dor cortou pela sua perna quando o ferimento do *Senhor Sicari* apareceu na dela. O perigo de curar uma ferida arterial não foi perdido por ela. Sua cura estava atada à cura da ferida de Tevy. Se ela não se concentrasse na visualização do fechamento de ferida de Tevy, ela poderia acabar morrendo junto com o *Senhor Sicari*.

Sangue negro jorrou de sua perna, e uma onda de náuseas se propagou por ela. Desesperadamente, ela empurrou a dor. Foco. Ela precisava se concentrar para tirar Tevy do

perigo, então ela poderia ir para Maximus. Náuseas riscaram por ela novamente, e dessa vez ela teve de soltar mãos do *Senhor Sicari*. Fraca pela sua própria perda de sangue, ela olhou para baixo e viu a ferida de Tevy começando a desaparecer da sua perna, embora o corte acima do joelho permanecesse escuro e feio.

— Ele precisa de você, *agora*, — Tevy disse irritado.

Ela assentiu com a cabeça quando náuseas iam de encontro a ela novamente. A intensidade disso indicava que ela tinha chegado ao fim de suas habilidades de cura. *Care Deus*, Lysander. Ela tentou se levantar, mas estava muito fraca. Uma mão forte a colocou de pé, e Ares quase a carregou para o lado de Lysander. As lágrimas escorrendo por seu rosto, ela caiu no chão ao lado dele. O calor do seu amor inundou sua mente, e isso a fez chorar mais forte quando ela chegou até ele.

— Dê-me suas mãos, — ela engasgou.

— É tarde demais *Carissima*. — Ele fracamente evitou seu agarro e ofereceu-lhe um pequeno sorriso quando ela olhou para ele. — Eu não tenho arrependimentos.

— Não faça isso, Lysander. Dê-me as suas mãos. Deixe-me curar você.

— Nós dois sabemos que você não tem nada para me dar, *mea amor*.

Seus olhos se fecharam, e ela agarrou sua mão. Tão frio. *Care Deus*, de novo não. Ela não podia perdê-lo novamente. De frente para ela, Cleo a olhava com uma expressão triste no rosto quando seus olhos se encheram de lágrimas. Atrás dela, Ares tocou seu ombro. Ela sacudiu o contato com uma virada perversa de seu corpo.

Desesperada por uma maneira de salvá-lo, ela olhava em volta freneticamente por algum tipo de inspiração. Algo que o manteria com ela. Sua mão estava ficando gelada agora, e seu estômago revirou enquanto o sofrimento a atormentava. Com os olhos marejados, ela pegou um brilho de cor perto da perna de Lysander. Sua cabeça ergueu e olhou ao redor do templo. Na penumbra, viu o altar que eles tinham passado ao entrar no templo. Ela olhou para Cleo.

— A sua camisa está limpa?

— O quê?

— A sua camisa está limpa?

— Não, — Cleo sacudiu a cabeça. — Mas meu corpete está.

— Umedeça-o na fonte batismal *agora!* — Quando Cleo hesitou, ela inclinou-se sobre Lysander. — Faça-o. *Depressa.*

— Que diabos você está fazendo? — a voz de Ares ecoou por cima do seu ombro.

— Estou salvando a vida dele.

— *Il Christi omnipotentia*, você não sabe se você pode. Você já está tão fraca quanto um recém-nascido.

— Não agora, Ares.

Ela encolheu os ombros para tirar a mão do irmão e esperou Cleo retornar. Cleo levou quase trinta segundos para retornar com o material encharcado de água, mas pareceu uma eternidade. Ela pegou o material fino para esfregar a sua mão e depois a de Lysander. Seus olhos se abriram para olhá-la. O horror em seu olhar dizia que tinha lido sua mente. Com a respiração ofegante, ele tentou falar.

— Não.

— Você não tem escolha. Agora, diga as palavras. Minha vida por sua vida.

Ele se encolheu. — Não.

— Droga, diga as palavras. Minha vida por sua vida.

Ela esperou sua resposta vaguear pela sua cabeça. Quando ele se recusou, ela pegou a adaga na bota dele. Com um golpe rápido, ela fez um corte profundo na palma da mão.

— Meu coração pelo seu coração, — ela murmurou enquanto ignorava o arfar de Ares e Cleo. Quando ela pegou a mão dele, ele tentou resistir, mas não tinha força. A adaga cortou a palma de Lysander. Enquanto sua palma da mão ficava vermelha de sangue, ela olhou para baixo em seu olhar de olhos verdes.

— Diga as palavras, — disse ela com voz rouca.

“*Não. Eu não posso deixar você fazer isso, mea amor.*” Sua voz era mais forte na cabeça dela, mas ela poderia dizer o quão fraco ele estava pelo esforço óbvio que teve de se concentrar.

— Porra, diga as palavras, — ela falou irritada. — Meu sangue pelo seu sangue. Diga desgraçado.

— Não faça isso, Phaedra. Você precisa me deixar ir, *dolce cuore*. — Suas palavras sussurravam em sua cabeça enquanto dedos invisíveis tocavam seu rosto.

— Você confia em mim, Lysander? — Seu olhar focado no dela, desfocando levemente, e no fundo da cabeça dela ela o ouviu sussurrar que sim. Foi o suficiente para ela, e ela pressionou a palma sangrando na sua, seus sangues misturando-se. — Então, se você não vai dizer isso, eu *vou*. Meu sangue pelo seu sangue. Nosso sangue e coração são um só.

Seu coração batia freneticamente enquanto ela podia senti-lo escapulindo dela. Em resposta, ela apertou a mão mais forte em torno da dele. Olhos fechados, ela rezou com todo seu coração que a realização do vínculo de sangue desse a ele o que ele precisava. A única coisa que lhe restava era sua capacidade de curar a si mesma. Mas se ele recebesse o suficiente de seu sangue, talvez fosse suficiente. Com cada batida do seu coração, ela desejou que ele lutasse... para ficar com ela.

Fraca e exausta, a primeira dor quando veio a surpreendeu e lhe fez abrir os olhos. Ela sugou uma respiração afiada, que só veio agravar a dor em seu lado. Olhando para baixo, ela viu o sangue se espalhando por todo o abdômen. Atrás dela, Ares proferiu uma maldição leve.

— *Il Christi omnipotentia*, são os rins dele. Phae, você precisa soltar. Agora.

— Não. — Ela mal reconheceu o som de sua voz. Estava fraca e rouca. Ela focou seu olhar em direção a Lysander. Seria possível que sua cor estivesse retornando? Tonta, ela vacilava contra a vertigem que tomava conta dela.

A náusea voltou, e ela piscou quando as feições de Lysander ficaram borradas. Confusa, ela lutou para manter a mão curvada na dele quando a primeira onda de tontura após outra passou por ela. Como se à distância, ela ouviu as pessoas gritando seu nome, mas ela não podia responder. Então ouviu Lysander sussurrando em seus pensamentos. Quando ela tentou tocar seus pensamentos com os dela, uma repentina lufada ecoou em seus ouvidos e isso fez sentir como se estivesse voando para trás.

Momentos depois, a sensação terminou tão repentinamente quanto começou. Era como se alguém tivesse lhe puxado para uma parada brusca, e a primeira coisa que percebeu era que seu corpo parecia estar pegando fogo. Um rugido surdo ecoou em seus ouvidos, e quando ela abriu os olhos, ela reconheceu a *Piazza Saepta Julia*³⁶. Mas não a *Piazza Saepta Julia* de hoje. *Il Christi omnipotentia*, ela estava na Roma antiga. *Care Deus*, ela estava no corpo de Cassiopeia em sua execução. As chamas lambiam contra seus pés, até que ela podia ver bolhas se formando sobre sua pele. A dor era agonizante, e o terror corria por ela quando percebeu que iria morrer uma morte horrível.

— *Cass, mea amor, estou aqui. Concentre-se em meus pensamentos*, Carissima. — Alívio cresceu dentro dela. Ele estava aqui. Ele encontraria uma maneira de salvá-la. O calor das chamas diminuiu e, embora a dor fosse terrível, ela poderia tolerá-la. A única explicação que podia pensar para o alívio era que ele estava de alguma forma protegendo-a com sua habilidade.

— *Maximus*.

³⁶ Praça da Roma Antiga na qual os cidadãos se reuniam para votar.

— *É isso, Carissima. Olhe para mim, mea cara.*

Seus pensamentos mostraram a ela para onde olhar, e ela virou o olhar em direção ao pódio, onde ela o viu cambalear para ficar em pé. A visão do ferimento horrível em seu rosto a fez sua apertar a corda que a amarrava à estaca.

— *Mea Deus, o que fizeram com você?*

— *Eu vou sobreviver.*

Havia uma amargura atormentada no pensamento que a fez perceber que ele não podia alcançá-la. O medo cresceu nela novamente quando viu a distância entre eles, a multidão furiosa que o mantinha longe dela. Ele sobreviveria, mas ela não. Ela tossiu devido às nuvens de fumaça que enchiam o ar ao seu redor. Ele era forte, mas não forte o suficiente para manter as chamas longe dela por muito tempo.

— *Dulcis Vesta.*

— *Você confia em mim, Cass?* — Sua presença calma em sua cabeça a acalmou.

— *Sim,* — ela disse quando encontrou seu olhar por cima da multidão. E ela acreditava. Ela confiava nele para fazer o que fosse necessário para mantê-la segura. — *Eu te amo, Maximus.*

— *E eu a ti, mea amor. Feche seus olhos, Cass. A dor vai desaparecer em um instante.*

Ela fez como ele lhe ordenou, com lágrimas escorrendo pelo rosto. Houve uma ponta afiada de dor no peito e depois acabou. A dor foi embora. Em algum lugar nos recônditos profundos de sua mente, ela ouviu Maximus... ou era Lysander? Gritando seu nome. Ele chamava por ela, mas ela não podia responder.

Capítulo 28

Maximus caiu de joelhos quando viu Cass inclinada contra a estaca, o punhal saindo de seu coração. Chamas subiram aos céus, e sobre os gritos da multidão, ele ouviu o som de um animal selvagem gritando em agonia. Os gritos eram dele. A mão rude agarrou-o pelo braço, mas ele encolheu os ombros com uma torção violenta de seu corpo.

— Ela se foi, Maximus. Ela não está mais sofrendo.

A voz de Tevy era um rugido distante em seu ouvido quando ele chorou copiosamente. Nem mesmo seu coração sendo arrancado de seu peito poderia ser tão doloroso. Ele a matou. Ela e seu filho não nascido. A agonia o fez rasgar o manto como um louco. Seu sangue estava sobre suas mãos, e ele nunca iria perdoar a si mesmo por abandoná-la.

— Pelo amor de Vesta, Maximus. Olhe do que você a salvou. — Seu amigo forçou sua cabeça fortemente para cima e fez olhar para as chamas atirando para cima. A visão do corpo de Cass engolfado na fogueira puxou o ar de seus pulmões até que ele não achava que pudesse respirar novamente.

— Você fez o que tinha de fazer. Você a salvou de uma duradoura e terrível morte. — A mão de Tevy bateu no seu ombro, e voz rouca de emoção de seu amigo. — Ela não iria querer que você ficasse aqui. Um dos homens de Octavian tem o canalha em segurança. Ele vai ter essa multidão no minuto que ele perceber o que você fez. Eles vão querer sua cabeça também.

— Não importa o que façam para mim agora, — respondeu asperamente. — Ela se foi. Tudo o que eu amava se foi.

— Não, — o amigo exclamou com urgência. — Demetri pode estar vivo. Posca é um homem cheio de recursos, e ele daria sua vida por seu filho.

— *Deixe-me, Tevy. — Ele se afastou das mãos de seu amigo e afundou em frente. Tevy estava certo. No momento em que a multidão percebesse que ele tinha salvado a mulher da dor, eles teriam sua cabeça. Ele congratulou-se por isso, porque não havia ninguém que pudesse fazer nada para ele agora que iria coincidir com a agonia que estava naquele momento preciso no tempo. Sua bela mulher, seu doce amor se foi. Assassinada por suas próprias mãos.*

— *Perdoe-me, Maximus. — A voz Tevy foi ríspida, e na sua dor, Maximus não considerou o que as palavras de seu amigo quisessem dizer até que um pesado golpe atingisse a traseira de sua cabeça. A última coisa que viu foram chamas amarelas consumindo o corpo de sua amada e o punhal que a matou.*

Lysander levantou rígido com um grito assustado. Ele piscou os olhos enquanto olhava ao redor da sala. Era de manhã.

Ainda desorientado, percebeu que estava segurando o corrimão de metal frio de uma cama de hospital. Phaedra. Seu olhar empurrou para a cama. Desesperado para tranquilizar-se que ela era real e não fruto da sua imaginação, ele capturou sua mão.

O calor de seus dedos contra os seus aliviou a dor por dentro e o horror. Aos poucos, o sonho declinava. Isso era o passado. Maximus e Cassiopeia estavam mortos há muito tempo. Ele fez uma careta. Isso não era exatamente verdade. Mesmo que acreditasse agora, ele ainda tinha problemas para compreender o fato de que já viveu como Maximus, na Roma antiga, com Phaedra como sua esposa Cassiopeia.

Ele olhou para ela. Ela parecia estar dormindo. Quando eles trouxeram a instalação privada da Ordem médica aqui em Genova, ele tinha estado convencido que ela acordaria, em questão de horas. Mas tinha sido um mês desde aquela noite no Pantheon, sem qualquer alteração em seu estado. Os médicos ainda não poderiam explicar porque ela estava em coma, e com cada dia que passava, parecia menos otimistas sobre sua recuperação.

Ele passava as noites dormindo em uma cadeira dobrável ao lado de sua cama, tomando banho em seu banheiro privativo, e sentando segurando a mão dela, lendo para ela, conversando

com ela na esperança que acordasse. Ao contrário dos médicos, ele se recusou a ceder ao pessimismo que o resto da equipe médica havia começado a exibir. Phaedra era forte. Ela lutou muito arduamente para os dois ficarem juntos. Ele não podia acreditar que ela desistiria agora.

O constante sinal do monitorar de seu coração encheu a sala, enquanto ouvia os primeiros sons do hospital agitando a vida para além da porta fechada do quarto. Por um breve instante, ele lançou a mão para baixo da grade. Cotovelos apoiados no colchão, ele levantou a mão para pressionar a boca na cicatriz da palma da mão.

O vínculo de sangue entre eles havia trabalhado como ela esperava, obviamente. Sua capacidade de se curar tinha sido transferida para ele, ajudando-o a voltar da porta da morte. No processo, ela foi para onde ele tinha estado— na borda da porta da morte, — só que ela não tinha voltado. Seu corpo estremeceu com a dor antes que ele arrastasse uma respiração profunda.

— Por favor, *inamorata*, eu não aguento viver sem você, como eu fiz na antiga Roma.

Os quentes dedos fechados na mão se flexionaram, de repente seu coração bateu mais forte. Ele ergueu a cabeça, esperando que fosse vê-la olhando para ele, mas seus olhos permaneceram fechados. *Christus*, o artefato valera a pena em perder a mulher que amava duas vezes em duas vidas? A porta aberta sussurrou atrás dele, e ele virou a cabeça para ver Ares, seguido por Emma, entrar na sala. Voltou-se para Phaedra.

— Ares e Emma estão aqui, *mea amor*.

Ele orou para seus dedos agitarem contra ele de novo, mas eles não fizeram. Uma mão forte veio descansar em seu ombro, e ele olhou para cima para ver a expressão resignada de Ares.

— Alguma coisa?

A questão o fez sacudir a cabeça quando se virou de volta para Phaedra. Não tinha havido nada de novo para relatar desde que ela chegou aqui em Genova. Ocasionalmente, os dedos se movem como no minuto atrás. Então havia os momentos em que alguém falava com ela e uma ligeira careta torcia suas feições. Ele ainda não tinha sido capaz de ler sua mente e ajudar a

orientá-la de volta para a terra dos vivos no crepúsculo que ocupava. Toda vez que seus pensamentos se estendiam para ela, ele encontrava uma barreira entre eles. Algo que o mantinha fora.

— O médico me disse que eles querem colocar um tubo de alimentação.

As palavras de Ares sugaram o ar para fora do peito de Lysander e os rugidos de desesperança através dele o fizeram querer rasgar algo.

— O que você disse a ele?

— Eu disse a ele para lhe perguntar. O vínculo de sangue lhe dá o direito de tomar essa decisão.

— Não, — ele disse ferozmente com a angústia escorregando seu caminho através dele, como um martelo batendo em cada centímetro do seu corpo. — Nós não fizemos o vínculo de sangue. Recusei-me a dizer as palavras. Eu falhei com ela.

O monitor cardíaco na sala buzinou erraticamente enquanto ele falava, e os dedos de Phaedra sacudiram em sua mão. Ele estava de pé em um instante, inclinando-se sobre ela, pressionando sua boca contra a sua testa e depois na bochecha.

— Eu sei que você pode me ouvir, *Caríssima*. Volte para mim. Eu preciso de você, *dolce cuore*.

Ela foi outra vez, e o bip do monitor diminuiu para o seu ritmo habitual constante. Seu coração se afundou, exatamente como fazia toda vez que ela se mexia. Ele caiu de volta na cadeira. Era angustiante vê-la dessa forma. Ele precisava ouvir sua voz...ver o calor no seu sorriso quando ela olhou para ele...sentir o toque dela sobre a cicatriz que cobria seu corpo e seu coração. Necessitava segurá-la...amá-la. Desesperado por ignorar a dor dentro dele, ele virou a cabeça em direção a Ares.

— Atia e Tevy... Marcus... decifraram o conteúdo do *Tyet de Ísis*?

— Ainda não. Vai levar algum tempo. O pergaminho é frágil, e está caindo aos pedaços. Poderia ser meses antes que elas sejam capazes de remendá-lo junto. Eles saíram ontem com o artefato. Eles estão levando-o para a propriedade White Cloud para segurança e análise. — Ares cruzou o chão para se sentar numa das cadeiras do hospital para os visitantes.

— Nenhum deles acha que a fortaleza de Genova pode resistir a um ataque total de *Pretorianos* porque é tão isolada e perto de Roma. Nicostratus não vai deixar o *Tyet de Ísis* ir tão facilmente, agora que ele sabe que o temos.

Lysander vacilou com o som do nome do pai *Pretoriano*. Talvez ele estivesse errado em manter Ares e Cleo de ir atrás do Bastardo. Não. Nicostratus era sua responsabilidade e de mais ninguém. O patriarca era um negócio inacabado que teria que aguardar o momento. Logo, a vida do homem seria perdida por toda a dor que ele causou. Não só pela perda dos pais de Phaedra ou por que sua mãe tinha sofrido, mas por Atia e Marcus pela perda de seu filho, e Ares também. Mesmo Gabriel tinha pago um preço por ser raptado quando criança.

— Eu vou lidar com Nicostratus em breve, — ele colocou para fora. — E sobre Marcus? Ele já se recuperou totalmente?

— Sim. — Ares tinha um olhar triste no seu rosto quando inclinou a cabeça em um ligeiro aceno. — Se Atia não tivesse desobedecido sua ordem e voltado ao templo com Ignacio junto, não tenho dúvida de que Gabriel o teria matado.

— As mulheres, elas nunca ouvem, — ele sussurrou.

Phaedra tinha salvado sua vida, porque ela não tinha escutado-o. Em troca, ela ofereceu sua vida pela sua. Ele automaticamente estendeu a mão enquanto sua mente tentava romper a barreira mental entre eles. Foi como bater em uma parede de aço que não cedia um centímetro. *Christus*, porque não podia alcançá-la? A possibilidade de que ela nunca poderia responder, encheu-o com um desespero sombrio. Foi a mesma sensação que ele tinha experimentado a noite que Nicostratus lhe tinha dito que ele era meio *Pretoriano*.

— Talvez quando não ouvimos é porque os nossos instintos nos dizem para fazer o contrário. — Emma repreendeu gentilmente o que o fez olhar para ela, e ela ofereceu-lhe um sorriso simpático. — Ela salvou sua vida, porque te ama, e porque acredita que vocês dois são Maximus e Cassiopeia.

Pela segunda vez, o monitor cardíaco acelerou rapidamente, e os dedos de Phaedra flexionaram na mão quando suas feições se contorceram numa careta que ele podia jurar que era frustração. Ele apertou os dedos e puxou seu assento para mais perto de onde seu cabelo escuro se espalhava no travesseiro. Cabelo que ele escovava todas as manhãs após o banho de esponja.

— Ela faz isso com frequência? — Havia uma nota estranha na voz de Emma, e ele enviou-lhe um olhar intrigado.

— Só de vez em quando. Mas é a segunda vez na última hora, que é um pouco incomum. Embora os médicos dizem que isso pode acontecer com bastante frequência.

— Quando ela se move, você se lembra o que disse ou fez quando isso aconteceu?

— Não. — Ele franziu a testa por um momento quando encontrou o olhar de sua amiga sobre a cama. — Porquê?

— Bem, isso parece para mim, que ela ouviu cada palavra que você disse e estava tentando responder. — Emma se inclinou para acariciar a testa da cunhada, escovando para trás vários cabelos dispersos.

— Talvez, mas eu não tenho mais tanta certeza, — ele disse com um sentimento de derrota.

A sala ficou em silêncio novamente, e ele não se preocupou em olhar para Emma ou Ares para ver sua reação. A única coisa impedindo-o de aceitar o diagnóstico dos médicos foi a noção de viver sem ela. Esse pensamento era ainda mais angustiante do que a perspectiva de ficar aqui sentado pensando que ela poderia nunca mais acordar.

— Você teve mais algum sonho ultimamente? — A calma pergunta de Emma o fez saltar.

— Nada de significativo. — Ele apertou sua mandíbula. O que ele sonhava há pouco tempo tinha sido um pesadelo. Foda-se, o seu direito de existência inteira agora era um pesadelo. — Porquê?

— Nenhuma razão. — Emma deu de ombros. — Atia perguntou se você tinha mencionado algum. Ela disse algo sobre uma profecia que tinha compartilhado com você e Phae.

— Eu fiz o que era esperado de mim. Achei o *Tyet de Ísis*, e olha o que me custou. — Ele sacudiu a cabeça na direção de Phaedra, recusando-se a esconder a sua raiva ou amargura. A droga da profecia de Atia tinha tirado a única coisa que faltava de sua honra, que ele se importava.

— Atia não parece pensar que você terminou a tarefa.

— O que mais ela quer que eu faça? — Ele olhou para Emma, que não se mexeu quando enfiou a mão na bolsa e tirou um objeto de aspecto familiar.

— Ela disse que você saberia o que fazer com isso. — Sua amiga colocou a arma de veludo na cama.

— A adaga de Cassiopeia? — Ele retrucou.

Que porra é essa que ele deveria fazer com essa porcaria? O pensamento mal filtrou através de sua cabeça quando o monitor do coração de Phaedra ficou louco. Imediatamente, ele se inclinou para frente, seu olhar procurando no rosto, esperança que pudesse ver algum sinal de que ela estava tentando voltar para ele. Uma enfermeira surgiu no quarto e rapidamente fez seu caminho em torno de Emma para verificar os equipamentos e analisar o soro. Num minuto a enfermeira apertou o botão de chamada em cima da cama, seu coração caiu como uma pedra na boca do estômago. Dentro de sua mão, os dedos de Phaedra se flexionavam, e ele se inclinou para ela.

— Eu estou aqui, *inamorata*.. Se você pode me ouvir, aperte minha mão.

A única resposta foi o som do monitor soando mais rápido com seu batimento cardíaco acelerado. *Christus*, o que diabos estava acontecendo com ela? Outra enfermeira entrou para a sala e mandou que todos saíssem. Ares e Emma tentaram puxá-lo para fora da sala, mas ele se recusou a ceder. Mais duas pessoas correram para o quarto, um deles, obviamente, um médico quando estalou uma ordem e uma das enfermeiras correu para fora da sala.

Um momento depois, o monitor com os batimentos de Phaedra explodiu com o som. Com uma forma acentuada para que ele se movesse, uma enfermeira empurrou-o da cama, e ele cambaleou para trás. Chocado com o que estava acontecendo, viu a cena na frente dele como se fosse um pesadelo em câmera lenta. Alguém rolou um carrinho* no quarto até o lado da cama. A visão enviou bile correndo para sua boca e seu coração apertou quando o médico alcançou as pás.

*Aqueles carinhos de emergência, com o equipamento de ressuscitação.

Descrença bateu o seu caminho através de seu corpo enquanto ele olhava os choques dados em seu coração. Seu corpo violentamente arqueou para cima pelo choque elétrico, e ele sufocou um grito de medo. Que diabos estava acontecendo? Como no inferno ela poderia ir de estar em coma para uma parada cardíaca? O traço suave de um sussurro tocou a traseira de sua mente. Ele imediatamente estendeu a mão para ele, procurando a sua fonte.

“Lisander, eu preciso de você. Não me deixe aqui.”

O apelo foi tão suave que não tinha certeza se tinha ouvido. *Deus*, isso não poderia estar acontecendo. Um minuto Emma tinha colocado a adaga de Cassiopeia sobre a cama, e no seguinte Phaedra estava em perigo. O sussurro veio novamente, e desta vez sua voz era fraca, mas distinta. Desesperado, ele estendeu os seus pensamentos, na tentativa de alcançá-la.

"Diga-me como chegar até você, mea amore. Diga-me o que tenho a fazer."

"Lysander, por favor. Ele ... Você me salvou ... Não me deixe morrer ... novamente."

Seus pensamentos eram tão distantes que ele não estava certo de que ela pudesse ouvi-lo, quanto mais responder. *Christus*, ela parecia tão sozinha, tão apavorada. Raiva e desespero bateram em seu peito enquanto ele observava o pessoal médico trabalhar na mulher que ele

amava. De repente, ela convulsionou na cama, e a respiração muito próxima, ela estava com falta de ar, a frequência cardíaca caindo drasticamente.

A visão de sua luta para viver chupou cada pedacinho de ar de seus pulmões. Ele podia dizer pela nota frenética na voz do médico que eles estavam a perdendo e não sabiam como ou por quê. Outro choque do desfibrilador a fez convulsionar novamente, e a adaga de Cassiopeia, escapando de sua bainha de veludo, caindo no chão com um estrépito.

Ele olhou para ela por um segundo. O que foi que ela disse? Não me deixe morrer. Ele não pensou, ele simplesmente reagiu e pulou para a frente para agarrar a lâmina do chão. Ele não teve a menor idéia se isso era o que ele precisava fazer, mas se houvesse alguma chance no Tártaro que pudesse salvá-la, ele ia fazer isso agora ou mais tarde. Empurrou uma das enfermeiras para o lado, cortou a palma da mão aberta, o punhal reabriu o corte que Phaedra tinha feito na palma da mão, naquela noite no Pantheon.

— Minha vida pela sua vida, — disse ele ferozmente. — O meu coração pelo seu coração.

Com um traçado rápido da lâmina, ele cortou sua palma aberta, ignorando os gritos de protesto da equipe médica. — Meu sangue pelo seu sangue.

— Diga isso, *inamorata* .. Meu sangue pela seu sangue, — ele ordenou.

"*Meu sangue...pelo...seu sangue.*" Era um sussurro, ainda que claro, irregular em sua cabeça enquanto ele apertou a mão dela na sua até sangrarem juntos.

— Nosso sangue e corações são um só. — Ele apertou a mão dela, ignorando o barulho descontroladamente errático do monitor cardíaco.

"*Nosso sangue e corações são um só.*" Suas palavras soaram mais forte em sua cabeça, e ele agarrou-lhe a mão como se sua vida dependesse disso.

— Non posso vivere senza voi, caríssima. *Não me faça viver sem você de novo.*

"*Lysander.*" Era um suspiro suave em sua cabeça, e ele fechou os olhos, estendendo a mão com a sua mente ao toque dela.

Desta vez não havia nada que impedia o seu pensamento de tocá-la. Quando ele estendeu a mão para ela, os sons do quarto do hospital lentamente desapareceram. Quando ele a sentiu, a força de seu amor e de sua fé nele, foi esmagadora. Isso o humilhou. De repente, as imagens da Roma antiga e os seus últimos momentos juntos, quando Cassiopeia e Maximus apareceram em sua cabeça. As lembranças eram dolorosas para ele, mas na dela gerava um sentimento de pânico e histeria que o alarmou. Delicadamente, ele tocou sua mente para tranquilizá-la.

"*É o passado, Phaedra. Vesta nos deu uma segunda chance, mea amore. Venha para mim, eu estou aqui.*"

"*Eu não sei como.*" Era um grito de desespero, e ele podia senti-la escapulindo.

"*Sim, você sabe. Você pode fazer isso. Confie em mim, como eu estou confiando em você. Eu prometo que não vou deixá-la ir.*"

Ele abraçou seus pensamentos, puxando-a para ele quando visualizou o quarto do hospital. De repente, ele podia sentir outra vez, seus pensamentos e emoções se agarrando a ele quando ele lutava para se concentrar no presente. Foi uma sensação gradual, mas o presente filtrava lentamente seu caminho em sua consciência. O monitor cardíaco foi o primeiro som que ouviu, e ele apitou um ritmo forte e constante.

"*Ti amo con tutta l'anima, Lysander.*" Foi o mais belo pensamento que já fluiu através de sua cabeça.

"*Eu te amo com todo meu coração, também, Caríssima*", disse ele em voz alta quando o quarto do hospital entrou plenamente em foco. Seus dedos flexionados firmemente ao redor dele.

— Por que você demorou tanto tempo...para vir... para mim, você *bacciagalupe*?

Sua voz era um sussurro rouco, mas foi o som mais bonito que ele já tinha ouvido. Seu olhar empurrou em direção a seu rosto e seus olhos se abriram. Pareceu que levara um momento para se concentrar antes de seu olhar encontrar o dele, e seu sorriso era pouco mais que um toque dos lábios. O médico gentilmente tocou em seu braço, mas ele balançou a cabeça.

— Eu não vou embora.

— É ... tudo bem ... *mea amor*. — Phaedra apertou a mão dele. — Só ...cansada.

— É completamente normal para ela estar com sono, *il mio signore*. — Lysander sacudiu a cabeça, mas o médico sorriu para ele pacientemente. — Vamos ficar de olho nela.

Ele olhou para Phaedra e viu-a fechar os olhos, mas o sorriso leve no rosto aliviou seus medos. Quando seus pensamentos se fundiram com a dele, ele percebeu, pela primeira vez estava certo sobre sua capacidade intuitiva. Suas habilidades telepáticas tinham melhorado o seu próprio poder.

"O que significa que você já não é capaz de manter segredos para mim, caro." Seu pensamento estava cheio de maldade, e ele sorriu quando ergueu a mão para a boca.

"*Nunca Caríssima. Nunca mais.*"

"*Eu te amo, Lysander.*" Foi o último pensamento que ela enviou sussurrando em sua cabeça antes que ela estivesse dormindo.

Lentamente, ele lançou mão dela enquanto a enfermeira delicadamente o puxou para longe da cama. Quando ele voltou, uma mão forte agarrou seu braço, e ele se virou para ver Ares olhando para ele com um sincero olhar de emoção. Seu amigo não disse uma palavra. Ele simplesmente puxou Lysander em um abraço de urso. Seu olhar encontrou Emma sobre o ombro de Ares. Ela estava sorrindo para ele enquanto escovava as lágrimas dos seus olhos. Quando Ares o libertou, Emma se aproximou para abraçá-lo também. Ele estava se sentindo um pouco sufocado quando Emma afastou-se dele, e estava grato que o médico escolheu esse momento para abordá-lo.

— Ela está dormindo agora, *il mio signore*. Mas vamos acompanhar a sua resposta a estímulos ao longo das próximas 24 horas. — O médico olhou-o severamente.

— Quanto a você, você vai dormir esta noite em uma cama de verdade. Você tem feito tudo o que pode. Vamos assumir a partir daqui.

— Não se preocupe, doc. Vamos cuidar disso, — Ares disse com uma nota de aço em sua voz. — Como o meu *Primus pilus*, ele sabe que não deve ir contra as minhas ordens.

Enquanto seus amigos o guiaram em direção a porta do quarto do hospital, ele olhou para Phaedra. Ela o amava, e ela ia voltar para ele. Ele não poderia pedir nada mais que isso.

O sol já tinha caído abaixo das árvores, e em cima no céu, as primeiras alfinetadas da luz das estrelas tentaram furar o céu azulado roxo. A pequena fogueira que Lysander tinha feito para afastar o frio à noite estava queimando suavemente no ar de Michigan. Além do farfalhar do vento nas árvores e uma coruja piando nas proximidades, o único som era o fogo.

Phaedra olhou para as chamas, hipnotizada. A dor física dos últimos momentos de Cassiopeia tinha sido excruciante. Ela estremeceu. Lysander imediatamente envolveu um sueter que tinha trazido com ela em seus ombros. Ela sorriu para ele, e ele beijou a ponta do seu nariz.

— Melhor?

— Sim, — ela disse ao vê-lo agachar em frente ao fogo para segurar uma vara de metal com dois marshmallows gordurosos sobre as chamas. — Essa ideia de piquenique ao pôr do sol em seu país foi uma boa.

— Fico contente em agradecer, — ele disse quando ele jogou-lhe um sorriso por cima do ombro.

Ela olhou para o saco-cama extra-grande sentado ao lado da enorme cesta de piquenique que ele tinha trazido a este local calmo na propriedade White Cloud. Mesmo que fosse relativamente segura, ela notou que ele não tinha esquecido de trazer sua espada.

— Você está pensando em me manter aqui a noite toda?

— Talvez. Depende do que minha mulher acha da ideia.

— Oh, eu não acho que ela se incomodará.

As chamas lhe chamaram a atenção mais uma vez, e enquanto olhava para o fogo, uma imagem de Nicostratus queimando apareceu em sua cabeça. Na antiga Roma, o Patriarca tinha sido responsável pela morte dela, e se o *bastardo* tivesse uma oportunidade, ele faria isso de novo. Ela sabia que Lysander estava determinado a destruir o homem, mas ela estava aterrorizada que Nicostratus o venceria nesta vida, tal como tinha na antiga Roma.

— Você está pensando sobre isso novamente, não é? — Ele manteve os olhos um pouco acima das chamas.

— Ouvindo em meus pensamentos de novo? — ela brincou, sabendo que ele não faria uma coisa dessas sem a sua permissão. Ele atirou-lhe um olhar rápido antes que voltasse sua atenção para os marshmallows gratinando.

— Não, eu estou apenas começando a reconhecer aquele olhar que você começa quando pensa sobre os últimos momentos... — Sua voz foi sumindo, e ela franziu a testa.

— Eu tento, mas há algo sobre os últimos momentos que me fazem perceber o quão terrivelmente sortudos somos por ter nos encontrado uma outra vez.

Ele puxou o marshmallows longe das chamas e se apressou para se sentar ao lado dela novamente. Ele ofereceu-lhe o primeiro. Ela arrancou-o e mordeu o pedaço açucarado. Lambendo os dedos, ela o viu colocar o segundo marshmallow em sua boca.

— Eu conversei com Atia hoje. Aparentemente, a única coisa que o *Tyet de Ísis* continha era um mapa do tesouro.

— O quê? — ela ofegou. — Depois de tudo que passamos, não é nada mais do que um

mapa do tesouro?

— Ela e Tevy... caramba, eu acho que nunca vou ser capaz de chamá-lo de Marcus... eles acham que leva a poção que deu a Guarda *Pretoriana* suas habilidades especiais.

— Se isso se trata de voltar a Roma, você dirá para ela que não, — ela disse ferozmente.

— Você sabe que eu não posso fazer isso, *inamorata*. — Estendeu a mão para passar seu dedo indicador para baixo em sua bochecha.

— Sim, pode. Mesmo se você matar o *bastardo*, haverá alguém tão ruim para tomar seu lugar.

— Esse não é o ponto. Nicostratus tem um interesse pessoal em nós. Isso o torna ainda mais perigoso. E eu não vou deixá-lo prejudicar você ou os nossos filhos.

— Nós não - que você disse? — Ela estava de joelhos e se virou para encará-lo. Havia um olhar hesitante no seu rosto que acelerou o seu coração.

— Eu disse que Nicostratus era perigoso.

— Não. A parte sobre as crianças.

— Filhos? Eu disse alguma coisa sobre as crianças? — Lysander deitou no cobertor xadrez, os braços cruzados atrás da cabeça. Um pequeno sorriso inclinado nos cantos da sua boca.

— Você está dizendo... quer dizer... você quer ter filhos?

— Sim, — ele disse suavemente. — Eu quero ver você crescer redonda com uma criança, tal com o fez em Roma. Você é linda agora, mas quando você estiver grávida, você vai ser exuberante.

Ele estendeu a mão para correr as pontas dos dedos para baixo pela sua garganta para o

primeiro botão da blusa. O botão abriu contra o seu toque. Um lento zumbido fez seu caminho através de sua pele, aquecendo seu sangue. Quando ele tinha mudado de ideia? Ele tinha sido tão enfático sobre não ter filhos, ela não tinha abordado o assunto com ele, desde então. Agora, de repente, ele mudou de ideia?

— Eu não entendo. Você disse...Mas... — Ela não sabia o que perguntar em primeiro lugar. Confusa, ela colocou seu rosto na palma da sua mão enquanto ele pegava sua bochecha.

— Eu disse que não queria ter filhos. — Ele fez uma careta. — Eu estive pensando muito sobre isso desde que voltou da Itália. Quando eu disse que não queria filhos, eu não tinha aceito plenamente que eu era Maximus. Isso ainda me deixa um pouco desconfortável, mas eu fico voltando nesses últimos momentos em que Max...você e eu estávamos dizendo adeus.

— Você sabia. — Tragou uma respiração afiada. — Você sabia sobre o bebê.

— Não até mais tarde. Não até que... você estava morta. — A memória daquele momento enviou náuseas através de seu estômago. O terror é uma emoção poderosa que pode bloquear praticamente tudo, exceto o perigo que você está enfrentando.

— Não havia nada que pudesse fazer, *amor mea*. Agora acabou, e nós nos encontramos outra vez. E nada, nem Nicostratus ou qualquer outra pessoa não vai mudar isso.

Ela abaixou a cabeça e roçou a boca sobre a sua em um leve toque antes de aprofundar o beijo. No momento em que seus lábios se tocaram, uma tempestade de fogo saiu de seu corpo. Ansioso para prová-la, ele separou os lábios e sua língua acasalou com a dela em um beijo cheio de amor, mas quente, com paixão.

Suas mãos alcançaram, até desfazer a trança que ela usava e libertou seus cabelos para que eles pudesse cair para baixo sobre ele. Quando sua boca deixou a sua, para vagar ao lado de sua garganta, ele inalou uma respiração rápida quando ela lentamente desabotoou a camisa de brim que vestia.

O ritmo lento com que ela explorou o peito com os lábios o fez subir pelas paredes. *Deus*, ele a queria. Sua boca conquistou seu mamilo e ela gentilmente cutucou-o com os dentes. Ele fez sugar um silvo agudo do ar. *Christus*, ele adorava quando ela fazia isso. No momento em que sua mão chegou ao cócs da calça jeans, ele virou e ficou por cima dela.

— Eu acho que deveríamos pegar o saco de dormir, — respondeu asperamente.

— Por quê? Você não está quente o suficiente? — ela disse com um brilho malicioso em seus olhos.

Lindos olhos castanhos que sempre o fizeram esquecer de como respirar. Quando ela colocou os braços ao redor de seu pescoço, ele enviou-lhe um sorriso perverso.

— Oh, eu estou muito quente, *Caríssima*.

— Então por que não vamos para o negócio de fazer um bebê, — ela murmurou quando puxou sua cabeça para baixo.

— Com muito prazer, *inamorata*.

Ele deixou que ela o puxasse em seu calor, sua boca procurando a dela em um beijo projetado para mostrar a ela que teria seu coração, agora e sempre. Um sussurro de um pensamento derivou por sua cabeça. Ela o tocava de uma forma que ninguém nunca tinha feito antes. Enquanto suas mãos aqueciam sua pele, ele fundiu seu pensamento com o dela, puxando-a profundamente no seu coração e alma. Com cada beijo de carinho, e cada pensamento entrelaçado, o tempo parou. E enquanto ela o empurava para a borda, ele percebeu que dois mil anos mais ainda não seria tempo suficiente para amá-la.

Fim!!

GLOSSÁRIO

A língua Sicari é uma mistura de Italiano e Latin, mesclados entre si para formar um dialeto que não é nem italiano nem Latim que estudamos hoje em dia. O dialeto tem evoluído nos últimos dois mil anos, como qualquer idioma.

Como o Latim é uma língua morta, é razoável supor que mesma língua Sicari evoluiu com mudanças no uso de palavras, dialetos, ortografia e outros usos gramaticais porque os Sicari combinavam o uso do latim com outros dialetos italianos ao longo dos séculos.

Aqueles que estão familiarizado com o latim e italiano podem encontrar a leitura do idioma Siacari irritante devido à licença poética utilizada na criação da língua Sicari.

A seguir se encontra um glossário de termos para os interessados na língua utilizada nos livros. Tendo em conta que diferentes palavras tem o mesmo significado, isto se deve as mudanças no dialeto ao longo dos séculos. Além do Italiano e Latim utilizados.

Absconditus – Comunidade dos Senhores Sicari

Amici – Amigo, companheiro

Amore mia– *amor meu*

Bambola – Punho

Bastardi – Bastardos (plural)

Bastardo – Bastardo

Bis vivit qui bene moritur: A frase está em latim, significa "Morre bem quem vivi duas vezes".

Bonum fortunium et longa vita Good – Boa fortuna e longo vida

Cak – Merda

Canicula – Zoar alguém sem escrúpulos

Capicse – Entendido

Cara – Querida (femenino)

Carino – Carinho (masculino)

Carissima – Carinho(femenino)

Caro – Querido (masculino)

Care Deus – Querido Deus

Celeris – Guarda – costas / acessor da Cónsul Prima

Coglioni – Bolas

Colei – Bolas

Come lei desidera – Como quiser

Condottiero – era um senhor feudal que controlava uma milícia (ou mercenários), sobre a qual tinha comando ilimitado, e estabelecia contratos com qualquer Estado interessado em seus serviços entre os séculos XIV e XVI. Nesse caso refere-se à arma normalmente usada por eles.

Condottiere (condottiero no singular)– foram os mercenários, soldados líderes (ou os senhores da guerra)

Cuore mio. meu coração

Curavi – É o ritual de cura de uma curadora empática de la Orden de los Sicari

Damno id. expressão em latim que significa droga, perda de tempo. Inferno.

Destinatus diabolus -Destino Diabólico

Desponsatio. Noivado em Latim

Deus – Deus

Dolce cuore – doce coração

Dolce mia – meu doce

Dolcezza -doçura

Dominus – Mestre / Mestres, referindo-se aos Lordes Praetorianos

Exsilium – Exílio da irmandade Pretoriana e da Igreja

Fanculo – Foder

Figlio di puttana – Filho de puta

Fotte – Foder

Gratias Deus – Graças a Deus

il christi omnipotentia – Cristo todo poderoso

il mio signore – meu senhor e soberano (um título de alto escalão)

il mia signora – minha senhora e soberana (um título de alto escalão)

Inamorata, amor

Indictio – Castigo

l'amor Deus – Por amor de Deus

Lei stupido inganna, Traduzido literalmente do italiano seria, “ela engana os estúpidos”.

Longior vivere ordinis Sicari – Larga Vida a Ordem dos Sicari

Mater Dei, Meu deus ou Mãe de deus

Mea amor – Meu amor

Mea cor – Meu corazón

Mea delicia – Minha delicia

Mea dulcis – Meu doce

Mea gladius non voluntas concidi – Minha espada não falhará

Mea kara – Minha amada

Mea karus – Meu amado

Mea mellis – Meu doce

Merda di toro – Mierda de toro

Molto bene. Muito bem

Monsignor. Monsenhor, do francês Dom. Título honorífico dado a um padre.

Ob amor Deus – Pelo amor de Deus

Piccola mia. Meu bebê

Porco – Cerdo

Potior – Droga Pretoriana para suprimir as habilidades dos Sicari

Praetorian Dominus – Equivalente aos Senhores Sicari

Pueri – chico

Stonza – Merda

Testa di Cazzo – Gilipollas

Tironis – Principiante/novatos; rango dentro de la Orden

Va bene – Bien

Vecchio amico – Viejo amigo

Vecchio idiota – Viejo idiota/tonto

Vigilavi – Gente que sirve o trabaja con los Sicari

Cleópatra

O nome Cleópatra significa "glória do pai", Thea significa "deusa" e Filopator "amada por seu pai".

É uma das mulheres mais conhecidas da história da humanidade e um dos governantes mais famosos do Egito, tendo ficado conhecida somente como Cleópatra, de facto co-governou sempre com um homem ao seu lado: o seu pai, o seu irmão (com quem casaria mais tarde) e, depois, com o seu filho. Contudo, em todos estes casos, os seus companheiros eram apenas reis titularmente, mantendo ela a autoridade de facto.

Cleópatra foi uma grande negociante, estrategista militar, falava seis idiomas e conhecia filosofia, literatura e arte gregas.

Ptolomeu I

Tomou o título de rei a partir de 305 a.C., instituindo então o culto dinástico do rei-salvador (Sóter), de acordo com a tradição dos Faraós egípcios. Fundou um império poderoso que, sem conquistas territoriais, manteve um reconhecido esplendor econômico e cultural, firmado em novas e eficazes formas administrativas. Instituiu a capital de sua dinastia em Alexandria, hoje a segunda maior cidade do Egito e uma das cinco maiores cidades da África, cidade fundada por seu predecessor, Alexandre. Nos últimos anos do seu reinado, exerceu co-regência com o filho, seu herdeiro real. Implantou o culto de Serápis e fundou a cidade de Ptolemaida, no Alto Egito.

Constantino I

Também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande,, foi um imperador romano, proclamado augusto pelas suas tropas em 25 de julho de 306 e governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte.

Caio Júlio César

Foi um patrício, líder militar e político romano. Desempenhou um papel crítico na transformação da República Romana no Império Romano.

As suas conquistas na Gália estenderam o domínio romano até o oceano Atlântico: um feito de consequências dramáticas na história da Europa. No fim da vida, lutou numa guerra civil com a facção conservadora do senado romano, cujo líder era Pompeu. Depois da derrota dos optimates, tornou-se ditador (no conceito romano do termo) vitalício e iniciou uma série de reformas administrativas e econômicas em Roma.

Alexandre III da Macedônia,

Dito o Grande ou Magno foi um príncipe e rei da Macedônia, e um dos três filhos do rei Filipe II e de Olímpia do Épiro – uma fiel mística e ardente do deus grego Dioniso. Alexandre foi o mais célebre conquistador do mundo antigo. Em sua juventude, teve como preceptor o filósofo Aristóteles. Tornou-se o rei aos vinte anos, na sequência do assassinato do seu pai.

Agradecimentos

Disponibilização em Espanhol:



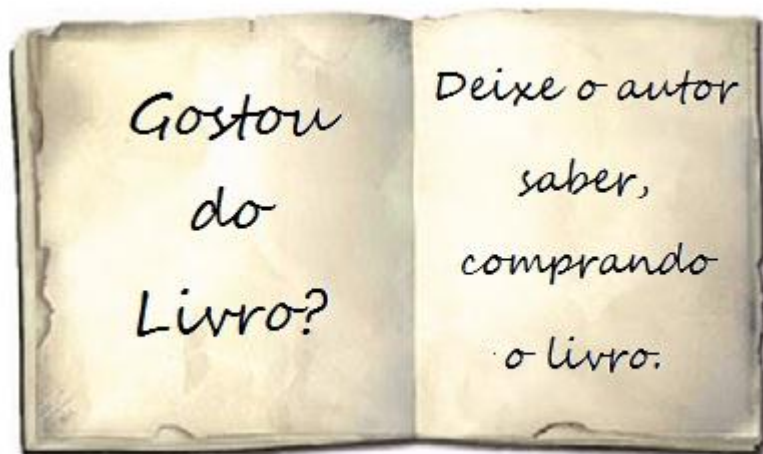
Em especial, o nosso mais profundo agradecimento a toda equipe de Tradução e Revisão envolvida neste projeto, pessoas sem as quais nada disto seria possível.

About Monica

seu primeiro romance na idade de nove anos quando ela escolheu o pseudônimo que usa hoje. A partir do dia quando ela escondia suas histórias de suas irmãs para seu primeiro manuscrito completo e concluída, ela sempre acreditou em seu sonho, apesar das rejeições e contratempos. Uma mulher workaholic, mãe e esposa, Mônica acredita que é possível para o bom rapaz ganhar se trabalhar duro o suficiente.

Monica é um sobrevivente, e é um assunto que ela se tornou perita. Uma sobrevivente de estupro em 19 anos de idade, escrevendo romance erótico tem ajudado no processo de cura em sua longa vid. Sua escrita a ajudou a recuperar alguma de sua auto-estima.

Monica fez sua primeira venda em 2004. Ela é membro da Romance Writers of America (RWA) e foi em 2005 Finalista do RWA Golden Heart, bem como o vencedor do EPPIE 2009 para Melhor Romance erótico histórico. Ela sempre teve altas críticas do BookReviews RT e outros revisores.



AFTER DARK

Esta obra foi traduzida pela **Comunidade After Dark**, que tem como objetivo a tradução de livros ainda **não** lançados no Brasil. É uma tradução sem fins lucrativos. Portanto a venda ou troca deste e-book é totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode tê-lo em seus arquivos pessoais, mas pedimos que, **por favor, não hospede este e-book em nenhum outro lugar**. Caso queira tê-lo sendo disponibilizado em arquivo público, entre em contato com a Equipe Responsável pela Comunidade através do e-mail: tadsuporte@gmail.com.

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=100455503>



☺ All Creatures of the night get together After dark ☺